

J. CAPISTRANO DE ABREU

O  
DESCOBRIMENTO  
DO BRASIL

EDIÇÃO  
DA  
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU  
1929

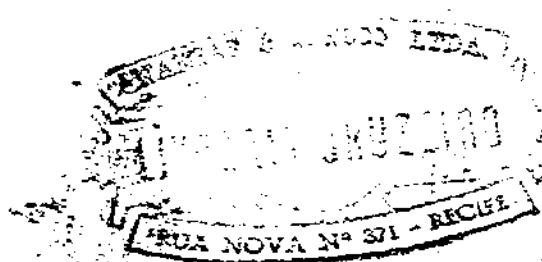
PUBLICAÇÕES

DA

SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

Recife, 13-6-1944.

Tadeu Rocha



1039

O DESCOBRIMENTO  
DO BRASIL

1039

PUBLICAÇÕES DA  
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

Capítulos de História Colonial (1500-1800) — Typ. Leuzinger — 1928  
O Descobrimento do Brasil — Typ. do "Anuário do Brasil" — 1929.

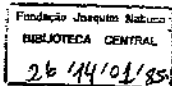
J. CAPISTRANO DE ABREU



O  
DESCOBRIMENTO  
DO BRASIL

EDIÇÃO  
DA  
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU  
ANUÁRIO DO BRASIL  
1929

Edição de dois mil exemplares numerados,  
em papel comum e — de cento e vinte e  
cinco em papel apergaminhado, autenticados  
pela Secretaria e destinados aos mem-  
bros da Sociedade Copistrano de Abreu.



B60033/251

## INDICE

### DESCOBRIMENTO DO BRASIL — SEU DESENVOLVI- MENTO NO SÉCULO XVI

|                                   |    |
|-----------------------------------|----|
| I — Pretensões francezas.....     | 11 |
| II — Pretensões espanholas.....   | 29 |
| III — Pretensões portuguesas..... | 47 |
| IV — Conclusão.....               | 63 |

|   |           |
|---|-----------|
| <i>Desenvolvimento do Brasil no Século XVI.....</i> | <i>65</i> |
| I — O Littoral.....                                 | 66        |
| II — O Sertão.....                                  | 97        |
| III — Povoamento e População.....                   | 117       |
| IV — A Evolução.....                                | 124       |
| Conclusão.....                                      | 133       |
| Proposições.....                                    | 135       |

### O DESCOBRIMENTO DO BRASIL PELOS POR- TUGUEZES

|                                      |     |
|--------------------------------------|-----|
| I — A viagem.....                    | 139 |
| II — Questões connexas.....          | 157 |
| III — Duas correntes historicas..... | 173 |

### O DESCOBRIMENTO DO BRASIL — POVOA- MENTO DO SOLO — EVOLUÇÃO SOCIAL

|  |     |
|--|-----|
| 1 — A Índia e os descobrimentos dos Portuguezes:<br>D. Henrique e Bartolomeu Dias..... | 191 |
| 2 — A China, Marco Polo e Toscanelli.....  | 204 |

|  |     |
|--|-----|
| 3—Christovão Colombo e o descobrimento da America,<br>Vicente Pinzon e o descobrimento do Brasil pelos<br>Espanhoes..... | 216 |
| 4—O tratado de Tordesilhas. O descobrimento do<br>Brasil pelos Portuguezes: Cabral, Caminha.....                         | 226 |
| 5—Os Brasis.....   | 240 |
| 6—Explorações da costa.....  | 254 |
| 7—A terra descoberta.....  | 272 |

|                                 |     |
|---------------------------------|-----|
| VAZ DE CAMINHA E SUA CARTA..... | 289 |
|---------------------------------|-----|

## HISTORIA PATRIA

|          |     |
|----------|-----|
| I—.....  | 311 |
| II—..... | 325 |

## DESCOBRIMENTO DO BRASIL

SEU DESENVOLVIMENTO NO SECULO XVI

## DESCOBRIMENTO DO BRASIL

Tres nações da Europa disputam-se a gloria de ter descoberto o Brasil: a França, a Espanha e Portugal.

Vejamos em que assentam estas pretensões.

### I

#### PRETENSÕES FRANCEZAS

**Fontes.** — Desmarquets, *Mémoires chronologiques pour servir à l'histoire de Dieppe et de la navigation française, Paris — Dieppe, 1780, 2 vols. 11<sup>o</sup>*, transcritos textualmente por Joaquim Cactano da Silva, *L'Océan et l'Amérique*, Paris, 1861, 2 vols. 8<sup>vo</sup> (número 10337 do Catálogo da *Exposition de Histoire e géographie de Braxil*), na parte que interessa ao Brazil.

**Audubert.** — Gaffarel, *Jean Cabot ou la découverte de l'Amérique* (Paris, 1878), apud *Revue Politique et Littéraire*, vol. VII (2<sup>a</sup> Série) p. 1023 e seguintes.

**Idem.** *Histoire du Brésil Française au système Suédois*, Paris, 1878, 8<sup>vo</sup> (n.º 6721 do Cat. da Exp. de Hist. e géog. do Brazil).

**Ramus Gavio.** — O novo livro de Sr. Paulo Gaffarel, na *Revista Brasileira*, I, pgs. 95-99.

**Gabriel Guvier.** — *Examen critique de l'histoire du Brésil Française ou système suédois*, Paris, 1878, 8<sup>vo</sup> (n.º 5722 do Cat. da Exp. de Hist. e géog. do Brazil).

**Idem.** — *Les Normands sur la route des Indes*, Rouen, 1880, 8<sup>vo</sup>.

I. Segundo Desmarquets nas *Mémoires chronologiques pour servir à l'histoire de Dieppe*, mercadores de grosso trato desta cidade fizeram em 1488

uma especulação commercial e propuseram a Jean Cousin que por sua conta partisse em viagem de exploração.

Jean Cousin, marinheiro portu, bravo soldado e negociante, primeiro conferenciou com seu mestre o padre Descalera, que fundára em Dieppe uma escola onde ensinava a theoria da navegação, e além disso era, segundo Asseburg (1), excellent cartographo.

«Descalera deu instruções muito extensas ao seu discipulo, amargem Gaffarel, recomendo-lhe que aproveitasse os ventos do largo e que não deixasse o littoral, para evitar as tempestades sempre frequentes naquellas paragens e não naufragar em algum dos bancos de areia e recifes, tão numerosos na costa.

«Cousin obedeceu a estes sabios conselhos. Chegando á altura dos Açores foi arrastado para Oeste por uma corrente maritima e aportou a uma terra desconhecida, perto da embocadura de um rio immenso. Tinha posse desta continente; porém, como não tinha nem equipagem bastante numerosa, nem recursos materiais sufficientes para fundar um estabelecimento, tornou a embarcar.

«Em lugar de voltar para Dieppe e dar conta da sua descoberta, elle dirigiu-se na direcção de sueste, isto é, da Africa Austral, descobriu o

(1) Apud Gaffarel, *Unes Français*, p. 6. O nome de Descalera era também usado de outros nomes: Des Calera, Des Calera, Descalera ou Descalera, etc.

largo, que depois ficou sendo chamado cabo das Agulhas, tomou nota dos lugares e da sua posição, subiu para o norte percorrendo Congo e Gambia, onde percorreu suas margens, e voltou a Dieppe em 1482 (2).

Este país desconhecido achado por Cousin é o Brasil, o rio immenso é o Amazonas, segundo os Francesez, que assim, de simples golpes, quasi ao acaso, achado do caminho do Oriente, que mais tarde devia ser percorrido por Vasco da Gama, ao mesmo tempo que precediam Christovam Colombo no descobrimento do Novo Mundo.

Mais ainda o immediato de Cousin era um castellano de nome Pinzon, que durante a viagem se incomprehendia com o clero, foi causa de contínuas divergencias, e uma vez, na Africa, com sua obstinidade para com os indigenas deu motivo aos Europeus serem atacados e quasi se abortiu a expedição. Por esta razão, seguindo a Dieppe, Cousin conseguiu que elle fosse declarado impróprio para servir na marinha dieppense, e então Pinzon retirou-se para Genova e depois para Castella.

Orn, diz Gaffarel, tudo leva a crer que este Pinzon é Martin Alonso Pinzon (3), o mestre n

(2) *Revue Nautique*, VI, p. 1034. O cargo de *Revue* é um cargo differente do reputo correspondente da *Revue Française*, em que o papel de Descalera era muito menos importante. Foi traduzido quasi automaticamente por Francisco Pinheiro na *R. T. do Inst. Hist.* XXXVI, II, p. 71 e segs.

(3) *Revue Française*, p. 13 e segs. O nome de Pinzon é o mesmo que era Vasco Pinzon e não Martin Alonso.



que em Colombo chegou nem anos mais tarde o conhecimento de um dos tres vases da quadrilha em que descebia o Novo Mundo. De sorte que não só foi Costa quem descobriu o novo continente, como foi graças a uma sua companhia, que Colombo chegou depois a gloria de sanhaio dozeo brasileiro.

3. Exposta a este a pretensão dos Franceses, voltemos agora a que fica em pé.

Segundo Gaffarel a viagem é possível geographica e historicamente.

Historicamente, porque os Diogenes eram navegadores osados, que tinham se estendido muito pelo Oceano e em algumas partes penetrado os Portuguezes e Castellezes.

Geographicamente, porque as tradições diogenes falava de uma corrente a favor da qual navegava Jean Cousin e esta corrente existe e o *golf stream* (4).

Tudo isto é muito certo, e si possível o mais forte de todos os argumentos. A causação ficou encerrada, indistinctamente as tradições diogenes foram pela primeira vez divulgadas em 1785, dois seculos quasi depois do facto que commemoramos. Para saber-se então da existência das correntes oceânicas não era necessario nos Costa ter-se feito a viagem que lhe attribuem. Se a viagem de Jean Cousin que deu o conhecimento das correntes, seria o reconhecimento das correntes que deu origem á tradição

(4) *Brasil Francês*, pp. 10 e 11.

de a viagem de Jean Cousin é impossivel responder de modo satisfatorio.

A ultima hypothese affigura-se, porém, a mais provavel.

É grande a semelhança entre a viagem de Cousin e a de Cabral, viagem austral, concluida desde o tempo em que se registou. A semelhança é tão grande, que sem parecer ter sido o molde por que se criou aquella (5).

Uma outra circumstancia muito ainda contra a realidade da viagem de Cousin.

Até mesmo tempo que descobriu a America, o velho Diogenes percorreu quasi toda a região da India. Não está ali visível o orgulho nacional, que ao mesmo tempo quer a gloria a gloria dos Espanhoes e a gloria dos Portuguezes?

3. E Pierre? diz Gaffarel.

O caracter do immediato de Cousin é igual ao do companheiro de Colombo; em ambas as expedicoes foi identico o proceder de ambos, é mais provavel que os dois fossem uma só e mesma pessoa, do que ao mesmo tempo, com o mesmo nome, com a mesma pretensão, dois o mesmo caracter existirem dois homens differentes (6).

Esta probabilidade, segundo o mesmo autor.

(5) O prompto Gaffarel reconhece a semelhança das duas viagens, *Brasil Francês*, p. 6. Base para um exemplo curioso de uma viagem exacta pelo molde de outra. A carta de Nicolas Baud, pp. 373-382, e em certos pontos reproduzida literalmente em uma narrativa de viagem, que se figura *Brasil* (Paris em 1785, no. 48) e segue.

(6) *Brasil Francês*, p. 12.

turna-se quasi certeza si consultarmos o *Diario de Colombo* e a biographia escripta por D. Fernando. Ah! vê-se que muitas vezes Colombo conferenciou com Martin Alonso e que foram suas indicações que muitas vezes o determinaram a seguir este ou aquelle rumo. Dir-se-ia que Colombo se dirigia menos á sciencia do que ás reminiscencias de Pinzon.<sup>(7)</sup>

Esta argumentação apparenta uma força que não possui realmente. Na verdade, é mais provavel que o Pinzon de Cousin e o de Colombo fossem o mesmo homem, do que fossem dois homens diferentes. Mas houve Cousin e Pinzon? É isto exactamente que está em questão.

Quanto ás relações entre Colombo e Pinzon, concedido que fossem quaes as pinta o autor do *Brésil Français*, (não foram) ellas dão muito que pensar. Não o dão, porém, menos o interesse e vileza de Colombo, cujo caracter até hoje tem sido acatado, e que até se tem querido canonizar; a generosidade inverosímil, a discreção heroica, a modestia pyramidal de Pinzon, cujo caracter tão pouco se condunava com estas qualidades<sup>(8)</sup> e, sobretudo, a ingenuidade refractaria da companhia, que nunca suspectou ou surprehendeu coisa alguma, ou, si a suspectou ou surprehendeu, nunca a articulou de modo a cahir no dominio publico.

(7) *Brésil Français*, p. 14.

(8) Gaffarel descreve de seguinte modo o caracter do Pinzon: *haut, emporté, duplicité, mais aussi fermeté et persévérance*, p. 16. Cf. Ramiz Galvão na *Revista Brasileira* 1, 66.

A pecha que resultaria deste conjunto de circumstancias para o caracter de Colombo, e a ingenuidade boçal da companhia, Gaffarel não julgou necessario explicar. O mesmo, porém, não fez quando ao desinteresse de Pinzon.

«Talvez se objecte, diz elle, que, si realmente Pinzon tivesse descoberto a America antes de Colombo, elle teria reivindicado para si esta honra por occasião do processo que se instaurou quando morreu o Almirante. Mas Pinzon fôra despedido ignominiosamente de Dieppe, não queria sem duvida avivar um negocio de que se sahira mal e expôr-se á affronta de ser publicamente desmentido pelos Dieppenses, si reclamasse para si a gloria de ter primeiro avistado a terra nova.»<sup>(9)</sup>

Estes reparos teriam força incontestavel, si o proprio autor não se desse ao trabalho de refuta-los.

«Existiam então, diz elle, relações frequentes entre Castelhanos e Dieppenses... Não havia navio dieppense ou castelhana que, fazendo-se ao mar, não levasse a bordo um interprete ou um piloto castelhana ou dieppense.»<sup>(10)</sup>

Si isto é exacto, turna-se evidente que não só o silencio de Pinzon não era bastante para que não fosse devassado o seu passado, como era inteiramente inutil e inefficaz. De que servia o silencio, si a cada instante chegavam a Castella pilotos e interpretes de Dicppe; de que servia, si a cada ins-

(9) *Brésil Français*, p. 16-17.

(10) *Brésil Français*, p. 13.

tanto iam a Dieppe interpretes e pilotos de Castella?

Gaffarel comprehendeu que este motivo não era sufficiente e apresenta outro. Pinzon temia que os Dieppenses o desmentissem publicamente, si recia masse para si a gloria do primeiro ter descoberto a terra nova (11).

Dando de barato que tal receio pudesse actuar sobre o homem firme, explosivo e altaneiro que o autor descreve, vejamos si existia tal perigo.

Ainda uma vez é Gaffarel quem responde a Gaffarel.

Desde 1500, Cabral declarou que havia chegado ao Brasil, e o mesmo fizeram Vicente Yañez Pinzon e Diego de Lepe. Por que não protestaram e não os desmentiram publicamente os Dieppenses? «Porque, como os Phenícios na antiguidade, responde o nosso autor, guardavam cuidadosamente o segredo de seus descobertos e temiam a concorrência.» (12)

Si assim era, que perigo havia para Pinzon de ser publicamente desmentido? fariam os Dieppenses, por causa d'elle, uma excepção ao systema adoptado?

4. Ainda outro argumento adduzido por Gaffarel e que se prende a Pinzon.

Em 1499 um Pinzon, Vicente Yañez, sahio a

(11) *Brasil Français*, p. 16.

(12) *Brasil Français*, p. 9. Em nota o autor cita o seguinte trecho de Desmarquets: *Les armateurs de cette ville craignent pour leur intérêt de garder le secret des découvertes qui seroient leurs navires; ils cachèrent celle que Cousin venoit de faire du bout de l'Afrique. Ils craient être les seuls qui pourroient, à ce moyen, pénétrer jusqu'aux Indes, et en tirer un parti immense.*

descobrir terra e foi dar exactamente no Amazonas, isto é, no ponto do Brasil visitado por Cousin e seu immediato Pinzon, segundo Desmarquets.

No mesmo anno sahio de Palos, isto é, da cidade dos Pinzon, Diego de Lepe, cuja viagem é quasi identica á de Vicente Yañez.

Logo, conclue o autor da *Histoire du Brésil Français*, havia em Palos, na familia e na roda dos Pinzon uma tradição, cuja origem ascendia ao immediato de Jean Cousin (13).

É bem possível, mas onde está a prova?

O simples facto das duas viagens não a fornece. Desde que em sua terceira expedição, Colombo chegou á terra firme, a tendencia dos navegantes foi procurarem a America do Sul.

Colombo descobriu de Paria para diante. Houda, que se lhe seguiu, descobriu do Oyapok até Paria. Vicente Yañez descobriu do cabo de Santo Agostinho ao Oyapok. Diego de Lepe descobriu do cabo de Santo Agostinho para o Sul.

Vê-se, portanto, que a simples ambição de encontrar logares ainda não percorridos basta para explicar a contiguidade e a coincidência dos descobrimentos.

5. Passemos a outros pontos.

Segundo Desmarquets, Jean Cousin, o predecessor de Colombo e precursor de Vasco da Gama,

(13) *Brasil Français*, p. 17. Pedro Martyr dá uma explicação muito mais simples quando diz dos habitantes de Palos: *set epidemioneu, nullo excepto, rebus marinis studi, cotinuisque nauigantibus infecti*. De rebus oceanicis, doc. I, lib. IX, p. 95.

era discípulo do padre Descaliers, notavel cartographo, nascido em 1440. Deste Descaliers existem cartas e portulanos datados de 1550 e 1553, isto é, de quando elle já devia ter de 110 a 113 annos.

É plausivel que em tal idade um homem possa entregar-se a trabalhos desta ordem?

Para sahir-se da difficuldade, Gaiffarel imaginou diversos expedientes.

Primeiro: que havia dois Descaliers, — suggestão que Major refutou de modo tão cabal <sup>(14)</sup> que elle a abandonou.

Segundo: que os portulanos de 1550 e 1553 eram copia de portulanos mais antigos, suggestão que tambem abandonou á vista das observações de Malte-Brun <sup>(15)</sup>.

Tercceiro e ultimo: que Descaliers era, não mestre de Jean Cousin, como o affirma Desmarquets, mas simplesmente seu contemporaneo e da mesma idade que elle, como se deduz de Asseline.

Esta ultima opinião é a que sustenta na *Histoire du Brésil Français*.

Vejamos o seu valor.

Si Descaliers tinha approximadamente a mesma idade que Cousin, é preciso começar por inquirir qual a idade de Jean Cousin.

A este respeito quanto diz Gaiffarel é extremamente vago: Cousin estava na flor dos annos e no ardor das esperanças <sup>(16)</sup> — eis tudo.

(14) MAISON, *Vida do Infante D. Henrique* p. 455.

(15) *Brésil Français* p. 8.

(16) *Brésil Français* p. 2.

Veizmente, ahi mesmo elle affirma que desde sua mocidade o nauta dieppense se entregara á navegação; que ora fôra soldado, ora negociante, que se distinguira em um combate contra os Ingleses; dera prova de si nas costas da Africa e em diferentes viagens de longo curso, — tudo isto antes de 1488 <sup>(17)</sup>.

Para um homem ter feito diferentes viagens de longo curso, ter-se distinguido em um combate como commandante de navio, possuir ao mesmo tempo bastante prestigio para que negociantes de grosso trato lhe confiasssem uma empresa tão importante como uma viagem de exploração por mares e terras desconhecidas, trinta annos são antes de menos que de mais.

Supponhamos, porém, que Cousin tivesse nascido em 1460 e contasse então só vinte e oito annos. Si o padre Descaliers era approximadamente da mesma idade que elle, deveria ter nascido neste anno, pouco mais ou menos.

Sendo assim, o padre Descaliers teria desenhado os portulanos de 1550 e 1553 com perto de cem annos, — noventa em um caso, noventa e tres em outro, o que diminui, mas não faz desaparecer a difficuldade apontada por Major.

6. Resta examinar o ultimo argumento de Gaiffarel.

É certo, reconhece elle, que nem um documento coevo attesta a viagem de Cousin; que Desmarquets

(17) *Brésil Français* p. 2.

não é digno de grande confiança; mas Desmarquets escreveu á vista de documentos officiaes, rotatórios, etc. Si taes documentos não existem, é porque em 1694, quando Dieppe foi bombardeada pelos Ingleses, queimaram-se com todos os outros que estavam no archivo do almirantado (18).

Abstrahido do juizo sobre Desmarquets, ora pelo autor considerado uma autoridade de peso, que pecca antes pelos pormenores que pelo fundo (19), ora como escriptor que mistura a verdade com a mentira, confunde as epochas e os homens (20), é impossível não reparar na exqu coastice de documentos consumidos em 1694 serem consultados por um homem que escrevia em 1785. É um caso de longevidade quasi tão notavel como o de Descaliers, na hypothese dos documentos serem os mesmos.

Si, porém, não foram os mesmos, ainda é mais digno de reparo que, havendo entre a expedição de Cousin (1488) e o incendio dos archivos de Dieppe (1696) mais de dois seculos de permeco, ninguém se lembrasse de consultá-los. Ou a tradição já existia e, si ninguém consultou os documentos, é porque ella não inspirava confiança nem merecia credito; ou não existia, e dá-se aqui o mesmo que já se suggeriu a respeito das correntes oceanicas: foi depois do incendio, que impossibilitava refutação e demonstração; foi por causa do incendio que a tra-

(18) *Brasil Français* p. 4.

(19) *Brasil Français* p. 4.

(20) *Brasil Français* p. 8.

dição appareceu, si é que Desmarquets não a inventou inteiriga.

7. Dois annos depois do livro de Caffarel, appareceu em Rouen um opusculo de Gabriel Gravier defendendo idéas semelhantes (21).

Gravier não pugna por esta ou aquella expedição. Embora a viagem de Cousin afigure-se-lhe possível, elle não se alista entre os campeões. Suas proposições são genericas e podem reduzir-se a esta: antes dos Portuguezes e Espanhóes terem vindo ao Brasil já este paiz fóra visitado pelos Francezes.

Os argumentos que apresenta são dois: um trecho da *Copia der Newen Zeytung auss Presillig Landt*: e um trecho de Conneville, francez que em 1504 esteve em differentes logares do nosso territorio.

O trecho da *Zeytung* diz pouco mais ou menos que os naturaes do Brasil disseram a navegantes portuguezes que de tempos em tempos iam áquellas paragens em navios homens brancos, vestidos, de barba geralmente ruiva, que os portuguezes julgavam francezes (22).

(21) *Les Normands sur la route des Indes*.

(22) Eis o trecho como o traduz Humboldt: "Les habitants de cette côte ont raconté que de temps en temps ils y voient arriver d'autres vaisseaux dont l'équipage porte des habits semblables aux nôtres et qui ont presque tous la barbe rouge (blonde). Les Portugais croient d'après ces signes qu'ils sont des Français. *Examen critique de l'histoire de la géographie du nouveau continent*, Paris, V, p. 244. Cf. *Les Normands sur la route des Indes*, p. 40.

Referindo-se a este trecho, diz com muita razão Harttgen: We are inclined to think that the early date of the visits of the French navi-

O valor desta informação não é grande, mas Gravier procura e, até certo ponto, consegue dar-lhe força. Eis como:

A *Zeytung* não traz data.

Humboldt, que primeiro a conheceu, graças a Falkenstein, fixou a viagem nella descripta entre 1521 e 1540 <sup>(23)</sup>, reconhecendo porém que a solução que apresentava offercia graves difficuldades. Varnhagen fixou-a primeiro em 1508 (viagem de Solis e Pinzon), depois, talvez por suggestões de Joaquim Castano da Silva, em 1506 (narrativa da viagem de Gonçalo Coelho).

Gravier é de opinião que a viagem nelle referida é a de 1501, em que veio Vespucci como piloto, e serviu de chefe D. Nuno Manuel, segundo Varnhagen, ou André Gonçalves, segundo Candido Mendes.

Para prova-lo, Gravier procura estabelecer um paralelo entre a expedição tal qual a narram as cartas de Vespucci e a expedição narrada pela *Zeytung* <sup>(24)</sup>.

Esta comparação é feita com muito cuidado,

---

gators to Brazil exist in better authorities." *Bibliotheca Americana Vetustissima*, New-York, 1886, 8.<sup>va</sup>, p. 173.

(23) *Examen critique*, V, p. 219. Si houvesse necessidade de novos argumentos para provar que Humboldt não tinha razão, bastaria citar a edição descripta por Harris, sob o n.º 100 da *Bibliotheca Americana Vetustissima*, edição que, como ali se demonstra, não pôde ser posterior a 1516, anno em que deixou de imprimir o editor Oeglin. Cf. Varnhagen, *Examen de quelques points de l'histoire géographique du Brésil*, p. 51.

(24) *Les Normands sur la route des Indes*, p. 45-48.

e. diz o autor, mereceu a approvação de autoridade tão eminente como D'Avezac <sup>(25)</sup>.

Todavia não convence, pois, apesar de serem muitos e grandes os pontos de contacto entre as duas viagens, as divergencias ainda são maiores. Basta que nos lembremos:

1.º que os navegantes da *Zeytung*, depois de terem chegado aos quaranta graus sul, tornaram outra vez para o Brasil <sup>(26)</sup>, ao passo que Vespucci seguiu directamente para a Europa;

2.º que na *Zeytung* se afirma que já estavam conhecidas 600 a 700 leguas de terra, ao passo que Vespucci veio na primeira expedição exploradora, quando o territorio era de todo desconhecido;

3.º que na *Zeytung* se fala em naturas que vestiam pelles, circumstancia que com certeza não teria escapado a Vespucci, si della tivesse tido conhecimento;

4.º que, enfim, da *Zeytung* se deduz que o fim principal da expedição era a viagem para a Malacca, <sup>(27)</sup> ao passo que das cartas de Vespucci este objecto não transparece na primeira viagem.

Parece, portanto, que não podem identificar-se

---

(25) *Les Normands sur la route des Indes*, p. 48.

(26) *Tenstaen Company, Archives des voyages*, Paris 6. d. 2 vols. 8.<sup>va</sup>, II p. 306-309. Cf. *Brésil Français*, p. 75-76.

(27) A carta de Vespucci, contemporânea da primeira viagem, em que se fala da passagem para Malacca, é apocrypha, no sentido de Varnhagen. Entretanto, mesmo admitindo sua autenticidade, a melhor prova de que na primeira expedição não se tratou da passagem para Malacca, é que a segunda expedição veio exclusivamente tratar deste objecto.

as duas viagens, e portanto o testemunho dos indígenas só pôde referir-se a uma época posterior a 1501.

Supponhamos um instante que Gravier tenha razão, que a *Zeytung* seja effectivamente a narrativa da expedição de 1501. O que se pôde dahi concluir é unicamente que os Portuguezes suspeitavam que os Francezes tinham chegado ao sul do Brasil. Uma suspeita não é prova.

O trecho de Gonneville não parece mais concludente.

De alguns annos a esta parte, diz elle, os Francezes têm ido ao Brasil <sup>(28)</sup>. Estes alguns annos de quando se deve contar? De 1503, em que a 24 de Junho partiram de Honfleur? De 19 de Junho de 1505 em que Gonneville fez esta declaração?

Na ultima hypothese, incontestavelmente a mais provavel, é preciso estar muito prevenido para enxergar nas palavras do marinheiro de Honfleur a affirmação do descobrimento do Brasil pelos Francezes.

Na segunda, a que Gravier <sup>(29)</sup> admite, ha mais verossemelhança incontestavelmente; mas que valor tem esta affirmação vaga, em que não se

(28) Eis textualmente o que diz Gonneville: "temps aucuns années en ça les Dieppois et les Malouinois et autres Normands et Bretons vont quérir du bois à teindre en rouge, coton, guanois et perroquets, et autres denrées. D'Avizor. *Voyage de Gonneville*, p. 104.

(29) *Les Normands sur la route des Indes*, p. 41. Cf. D'Arvieux. *Voyage de Gonneville*, p. 6.

declinam nomes, em que não se especificam factos, em que se não determinam logares?

8. Em resumo:

A viagem de Jean Cousin é possível geographica e historicamente; mas, á luz dos documentos conhecidos e dos argumentos dos que a defendem, não está provada.

A intervenção de Descaliers é difficuldade insolúvel; porque, ou fosse mais velho que Cousin ou da mesma idade que elle, não podia normalmente traçar cartas geographicas em 1553 e entre tanto elle traçou-as e taes cartas existem.

A intervenção de Pinzon dá lugar á dupla difficuldade: ou se tem de admitir dois homens com o mesmo nome, com o mesmo character, com a mesma profissão, no mesmo tempo; ou se tem de admitir um só a representar papel que destoa de todos os seus precedentes, dos precedentes de Colombo, de todas as regras de verossemelhança.

A identidade entre parte da viagem de Cabral e parte da de Cousin; a quasi identidade entre parte da viagem deste e parte da viagem de Vasco da Gama, são novas difficuldades; patenteiam o orgulho nacional a esforçar-se por encobrir ao mesmo tempo a gloria de duas nações rivaes.

A falta de documentos coevos, as contradicções dos que defendem a tradição dieppense, que para admitir a viagem têm que socorrer-se a Desmarquets, unico que a attesta, e para defende-la têm que o atacar e modificar suas affirmações, são novas difficuldades.

E ainda ha outras e outras.

Portanto, por ora, é impossivel reconhecer que o descobrimento do Brasil é devido a Francezes.

## II

## PRETENÇÕES ESPANHOLAS

*Fontes.* — *Probenzas hechas por el fisco del Rey en lo pleito que siguió contra el Almirante de Indias D. Diego Colón, pergunbas 3.ª, 7.ª e 8.ª ap. Navarrete, Colección de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los Españoles desde fines del siglo IV, Madrid, 1825-1837, 5 vol. 4.ª*

JUAN DE LA COSE, *Mappa mundi*, ap. Ternard, *Les monuments de la géographie*, Paris, s. d. fol.

*Novus orbis regionum ac insularum veteribus incognitarum.* Basilus, 1532, fol. (n.º 788 do Cat. da Exp.).

P. MARTY DE ANGERA, *De rebus oceanicis et novo orbe decedens itea*, Colonia, 1574, in-8.º.

AMERIGO VESPUTIO... *See scrifs...* par F. A. de Varnhagen. Lima, 1855, folio (n.º 836 do C. da Exp.).

*Auxiliares.* — HUMBOLDT, *Examen critique de l'histoire de la géographie du nouveau continent et des progrès de l'astronomie nautique au quinzième et seizième siècle*, Paris, 1833-1838, 5 vols. in-8.º.

VARNHAGEN, *História geral do Brasil*, 1.ª edição. Madrid, 1824-1827, 2 vol. in-8.º, e 2.ª. Vienna, 1874 (nos 5396 e 5398 do Cat. da Exp.).

Idem, *Essai sur quelques points de l'histoire géographique du Brésil*, Paris, 1858, in-8.º (n.º 5393 do Cat. da Exp.).

D'ANGEAC, *Considérations géographiques sur l'histoire du Brésil*, Paris, 1857, in-8.º, (n.º 5397 do Cat.).

Idem, *Les voyages d'Amérique Vesputi au compte de l'Espagne*, Paris, 1855, in-8.º, (n.º 539 do Cat.).

SLM, *L'Oyapoc et l'Amazona*, Paris, 1862, 2 vol. in-8.º.

FISCHER, *Geschichte des Zeitalers der Entdeckungen*, Stuttgart, 1877, 8.º.

9. Aqui pisa-se terreno mais solido e passa-se do dominio de tradições vagas, incoherentes, quicá inventadas, para factos precisos e textos autenticos.



Desde o século XVI os Espanhoes reclamaram como seu o descobrimento do Brasil, e ninguém ainda lho contestou com vantagem. Duvidas e pontos obscuros existem, — não ha nega-lo, — mas versam antes sobre minucias do que sobre o facto fundamental.

Entretanto, é preciso desde o principio fazer uma distincção. Ha pretensões espanholas de duas ordens: umas que foram manifestadas desde o século XVI e têm sido defendidas sem solução de continuidade; outras que appareceram pela primeira vez em nosso tempo, ha menos de trinta annos. As primeiras grupam-se á roda de Vicente Yañez Pinzon e Diego de Lepe; as segundas grupam-se á roda de Alonso de Hojeda e de Amerigo Vespucci. Estas não têm a mesma origem, a mesma antiguidade que aquellas, nem o mesmo valor.

Vejamos.

10. Vicente Yañez Pinzon, segundo Pedro Martyr, partiu de Palos com quatro caravellas nos principios de Dezembro de 1499 <sup>(1)</sup> e pelas Canárias foi ao Cabo Verde, á ilha de Santiago. Dahi seguiu a 13 de Janeiro <sup>(2)</sup> com vento de sudoeste pela prôa e, navegadas trezentas leguas, passou a linha. Com o mesmo rumo seguiu mais duzentas e quarenta leguas e por fim, depois de 14 dias de viagem desde

(1) *Circa calendis Decembris*, diz Pedro Martyr p. 95; e *Palos oppido soluturi XVIII Novembris*, diz Grinnus, *Novae orbis*, p. 119.

(2) *Idibus Januarii*, Pedro Martyr, *De rebus oceanicis*, p. 95.

Santiago <sup>(3)</sup>, no dia 26 de Janeiro chegou a um cabo, a que deu o nome de *Santa Maria de la Consolacion*. Daqui foram boirando a costa e, depois de diversos incidentes, chegaram ao Haity.

A viagem de Pinzon é de autenticidade incontestada; em 1500, Juan de la Cosa e o governo espanhol; em 1501 Pedro Martyr; em 1504 Angelo Trevizano, e desde então muitos outros, todos os historiadores, têm dado testemunho della.

As duvidas versam apenas sobre tres incidentes: o ponto de partida entre Palos e Santa Maria de la Consolacion; o ponto de chegada; e o ponto até onde beirou o litoral americano.

11. Sobre o primeiro incidente calou-se Pinzon no depoimento que fez a 21 de Março de 1513, e discordam dois de seus companheiros. Um, Pedro Ramirez, diz que o ponto de partida foi das ilhas de Anton, que Navarrete conjectura serem umas situadas quarenta leguas ao norte do Cabo Verde; outro, Diego Hernandez Colmenero, diz que foi da ilha do Fogo.

Qual dos dois tem razão? D'Avezac pensa que Colmenero, porque o seu testemunho é apenas explicitamente contestado por Pedro Ramirez, ao passo que o deste, explicitamente condemnado por Diego Hernandez Colmenero, é condemnado implicitamente por Antonio Hernandez Colmenero e Manuel

(3) *Navarrete, Viages III, 550. Septima calendis Februarii*, diz Pedro Martyr, p. 96.

de Valdovinos, que dão accordes como ponto de partida as ilhas de Cabo Verde.

Não parece entretanto que qualquer das duas opiniões possa prevalecer; primeiro, porque a discordancia que patenteiam enfraquece a ambas; segundo, porque foram exprimidas de 1513 a 1515, muitos annos depois do acontecimento a que se referem, quando já não devia estar fresca a lembrança que delle guardavam.

A opinião que parece mais provavel é a de Pedro Martyr, que dá como ponto de partida a ilha de Santiago <sup>(4)</sup>. É certo que Pedro Martyr não fez parte da viagem, mas, além de ter interrogado os marinheiros <sup>(5)</sup> e o proprio Pinzon, a parte de suas «Decadas» que trata do assumpto foi escripta em 1501, e por consequente offerece maiores garantias.

12. Qual o primeiro ponto do Brasil a que chegou Vicente Yañez Pinzon?

Interrogado a este respeito, declarou elle em Sevilha que fôra o cabo de Santo Agostinho, e o mesmo attestaram Garcia Hernandez (de Huelva) e Manuel de Valdovinos. Entretanto, Varnhagen é de opinião que foi o porto do Mucuripe <sup>(6)</sup>.

Eis as razões que apresenta:

1.º Sabendo das ilhas do Cabo Verde em rumo de su-sudoeste, não se pôde chegar ao cabo de Santo

(4) *De rebus Oceanicis*, p. 95.

(5) *Interrogali e me moles*, diz a outro proposito, p. 95. Cf. J. Cartano da Silva, *L'Guyane et l'Amazonie*, § 2546.

(6) *Historia geral*, t. pp. 78 e 79.

Agostinho; entretanto, inferre-se do depoimento dos companheiros de Pinzon que foi este o rumo seguido.

2.º A costa um pouco ao norte do cabo de Santo Agostinho pende para leste; entretanto a costa que Pinzon diz ter beirado corria a leste quarta a noroeste.

3.º A distancia do littoral descoberto por Pinzon foi officilmente computada em seiscentas leguas; entretanto, a distancia computada da costa de Santo Agostinho não confere.

Estas objecções podem ser respondidas em poucas palavras.

(1). Admittido que partindo de Cabo Verde, em rumo de S. S. O., Pinzon não chegaria a Santo Agostinho, podem tirar-se dahi duas conclusões:

Ou que Pinzon não chegou realmente ao cabo de Santo Agostinho;

Ou que não seguiu o rumo de S. S. O.

Varnhagen aceita a primeira, mas a segunda é a mais provavel (admittido que no rumo de S. S. O. não se possa vir de Santiago a S. Agostinho) <sup>(7)</sup>.

(7) Um illustrado official de marinha a quem consultei sobre o assumpto, escreve-me o seguinte:

"Partindo de Santiago em rumo de S. S. O. verdadeiro (22°30') passasse umos trinta leguas ao mar do cabo de S. Agostinho.

"Para chegar a S. Agostinho, precisava-se de fazer o rumo de 25° a 26° S. O. verdadeiro.

"Para chegar ao Mucuripe, é preciso fazer o rumo de 40° S. O.

"Sabendo que 22°30' é S. S. O. verdadeiro, o mais ligeiro exame patenteia que 25° a 26° S. O. approxima-o mais delle do que 40° S. O." Veja-se sobre o assumpto D'Aréaz, *America Vesputi*, pp. 112-113.

Em primeiro lugar Pinzon e seus companheiros declararam explicitamente que Santa Maria de la Consolacion é o mesmo cabo a que os Portuguezes deram o nome de Santo Agostinho.

Em segundo lugar, ha desacordo sobre o rumo: Pinzon e seus companheiros João de Umbria ou Ungria e Diego Hernandez de Colmenero não declaram rumo; Antonio Hernandez Colmenero diz sudeste entre meias do sul; Pedro Ramirez e Manuel de Valdovinos dizem S. S. O., tudo de 1513 a 1515; Pedro Martyr diz SO. pela prôa (\*) em 1501; Trevisano diz que navegaram com ventos de leste, em 1504 (9). Quem pôde decidir no meio de tantas afirmações contradictórias?

Acresce que Pinzon em 1509 esteve outra vez no cabo de S. Agostinho (10) e que por conseguinte refrescou suas reminiscencias; que a primeira viagem que fizera, realizando-se com mau tempo, a agulha não lhe podia dar indicações muito precisas; que as correntes não eram então conhecidas, etc.

2). Quanto á direcção da costa, não parece que o argumento seja mais forte. Si a costa corre de um modo e Pinzon diz que ella corre de outro,

(8) *De rebus Occidentis*: *Atricum*, quem *suduestum* appellant, qui *medius* inter *Austrum* est ac *Zephyrum*, capiunt in *proam*, p. 95. Veja-se a pag. seguinte.

(9) Quo vento (*Apeliote*) *navigarunt*. Apud *Crinæus*, *Novus orbis*, p. 119.

(10) *NAVARRRE, Viajes y descubrimientos*, III, p. 47. Ahí é citado Herrera, Decada I, liv. VIII, cap. I e IX. Varnhagen contesta esta viagem, geralmente admittida, nas *Nouvelles recherches sur les derniers voyages du navigateur florentin*, pp. 16 e 52.

por que dizer que Pinzon não correu esta costa, antes que dizer que elle não soube descrever a costa que correu?

Entretanto, esta é a opinião mais provavel; porque so passo que não ha desacôrdo quanto á synonymia entre Consolacion e S. Agostinho, ha desacordo entre os companheiros de Pinzon quanto á arrumação do littoral. Pinzon dá *oeste quarta a noroeste*; de seus companheiros, Juan de Umbria dá *noroeste-sueste*; Antonio Hernandez de Colmenero, *nordeste*; o physico Garcia Hernandez, *noroeste*. Prova de quanto uma viagem cursiva, narrada tantos annos depois de feita, é insufficiente para della tirarem-se conclusões rigorosas.

3). E o computo *official* das leguas?

Este computo, felizmente publicado por Navarrete (11), pôde ser examinado; mas quem quer que se dê a este trabalho pôde reconhecer tudo nelle, menos character official.

Na provisão real adduzida por Varnhagen, trata-se simplesmente de um requerimento de Arias Perez e Diego Ferrandez, que na parte que tem importancia para este ponto diz o seguinte:

*«Sepades que Arias Perez, é Diego Ferrandez, sobrinos de Vicente Yañez Pinzon, por ellos, e en nombre del dicho su tio su ficieron relacion por su peticion, diciendo: que el dicho su tio é ellos, con nuestra licencia, puede haber un año poco mas o menos, que armaron quatro carabelas para des-*

(11) *Viajes y descubrimientos*, III, 82.

*cobrir en las partes de las Indias, con las cuales siguieron su viaje en nuestro serzifo, en que descubrieron seiscientas leguas de tierra firme en ultra mar, etc.*

Isto é computo official? É computo simplesmente de Arias Perez e Diego Ferrandez: como tal tem tanto valor quanto o de Juan de Umbrin, cujo calculo é de 800 leguas; e o do physico Garcia Hernandez, que calculava em 750 as leguas percorridas até Paria.

Supponhamos, porem, que fosse official; em que assentava? houvera nova expedição que verificasse a distancia? que garantia nos offerece?

Varnhagen apresenta ainda outros argumentos a favor do Mucuripe como primeiro porto a que chegou Vicente Yañez Pinzon (12).

Juan de la Cosa em 1500 situa o cabo descoberto por Pinzon muito a *leste* da terra descoberta por Portuguezes; entretanto o cabo S. Agostinho fica bastante a *leste* desta terra.

Diego Ribero em 1529 indicou o descobrimento de Pinzon para *leste* do cabo de S. Roque e não para o *sul*.

É exacto.

Deve-se, porém, notar que o mappa de Juan de la Cosa foi desenhado em Outubro de 1500 (13), antes de haver sido explorado o sul do Brasil, e portanto não pôde neste ponto ter a importancia

e o peso que lhe é reconhecido para a costa do norte.

Quanto ao mappa de Diego Ribero, este prova simplesmente uma coisa: que em 1529 elle commetteu um erro que muitos annos antes fôra evitado. Com effeito, na *Charta marina Portugalensium*, desenhada, segundo a opinião de Peschel (14), entre 1501 e 1504, ao sul do cabo de S. Roque está situado o cabo de Santa Cruz. Ora, que cabo de Santa Cruz e cabo de S. Agostinho são um e o mesmo lugar, depuzeram Garcia Hernandez o physico, Garcia Hernandez (de Huelva) e Manuel de Valdovinos.

Attinente ao primeiro ponto do Brasil a que aportou Pinzon, temos ainda uma questão a estudar.

Santa Maria de la Consolacion e Rostro Hermoso são um e o mesmo lugar? Affirmam no Garcia Hernandez, o physico, Pedro Ramirez, Diego Hernandez Colmenero, e Manuel de Valdovinos.

Humboldt implicitamente é desta opinião, e Peschel diz muito claramente: O primeiro ponto da costa que chamaram Rostro Hermoso ou cabo de la Consolacion recebeu mais tarde dos Portuguezes o nome de cabo de Santa Cruz ou de Santo Agostinho (15).

Apesar de comprovada por tantos testemunhos contemporaneos, reforçados por autoridades como Humboldt e Peschel, esta opinião não é verdadeira.

(12) *Historia geral*, p. 79.

(13) *L'Oyenne et l'Amazone*, II, § 2564.

(14) *Geschichte der Zeitalters der Entdeckungen*, p. 253, nota 7.

(15) *Geschichte des Zeitalters der Entdeckungen*, p. 255.

Prova-o a capitulação que os reis de Espanha assentaram em Granada com Vicente Yañez, a 5 de Setembro de 1501.

Ahi se lê:

«Tenemos que en quanto nuestra merced e voluntad fuere... vos el dicho Vicente Yañez... escades» nuestro Capitan e Gobernador de las dichas tierras de suso nombradas desde la dicha punta de Santa Maria de la Consolacion segulendo la costa hasta Rostro Hermoso, é de alli toda la costa que se corre al Norueste hasta el dicho Rio que vos persistes nombre Santa Maria de la Mar-dulce» (16).

Este documento serve tambem para provar que é de Rostro Hermoso e não de Santa Maria de la Consolacion que a costa corre para Noroeste, e que por conseguinte os argumentos tirados por Varnhagen, da arrumação da costa, não têm o valor que elle lhes attribuiu.

13. Qual o termo dos descobrimentos de Pinzon na viagem de 1499-1500?

As opiniões variam; mas, depois que Joaquim Caetano da Silva examinou tão magistralmente o assumpto, não pôde haver mais duvida: foi o cabo de Orange, primitivamente conhecido pelo nome de cabo de S. Vicente, e o rio de Oyapok, ha tanto tempo conhecido pelo nome de rio de Vicente Pinzon.

Para prova-lo, o illustre brasileiro accumulou tantos documentos e tão ligados, que se torna difficil

(16) Revista do Instituto, XXII, p. 446. Cf. VARNHAGEN, *Examen de quelques points*, § 42.

expô-los. Basta dizer que Pinzon deu como ultimo descobrimento seu a provincia de Paricura, nome tirado de indios que habitavam o cabo de Orange e suas immedições; que os nomes antigos daquellas terras (terra de S. Ambrosio e cabo de S. Vicente) estão de accordo com o nome dos santos commemorados pela igreja no tempo em que deve ter sido a viagem; que o nome de Vicente Pinzon, dado ao Oyapok desde tempos immemoriaes, é uma tradição viva de sua passagem por lá.

14. Passemos agora a Diego de Lepe.

Deste sabe-se apenas que, partindo de Cadiz ou Palos (17) pouco depois de Pinzon, encaminhou-se á ilha do Fogo no Cabo Verde. Dahi seguiu em rumo approximadamente de sudoeste, chegou ao cabo de S. Agostinho, que dobrou até certa distancia. D'Avezac é de opinião que elle chegou até o rio de Contas (18), mas em falta de documentos, tal opinião não pôde ser sustentada nem combatida.

Do ponto extremo a que chegou ao sul de S. Agostinho, — *bahia de S. Julia*, segundo seu companheiro Alonso Rodriguez de la Calva, *rio de S. Julian*, segundo Christobal Garcia — voltou para o norte, e, depois de incidentes sabidos, encaminhou-se para as colonias espanholas.

15. Menos conhecida ainda que a viagem de Diego de Lepe é a de Velez de Mendoza, cuja li-

(17) Cf. D'AVEZAC, *Americ Vesputie* p. 107. VARNHAGEN, *Examen de quelques points de l'histoire géographique du Brésil*, § 51.

(18) *Considérations géographiques*, p. 77.

conça para descobrir terras é de 18 de Agosto de 1500.

Segundo uns, foi apenas um dos companheiros de Diego de Lepe.

Segundo outros, elle fez effectivamente a viagem e dobrou o cabo de S. Agostinho para o sul.

Actualmente é impossível ter opinião fundada sobre o assumpto (19).

16. Passemos agora ás pretensões espanholas, quaes as manifestou o nosso eminente compatriota Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, na primeira edição de sua *Historia geral* em 1854 (20).

Diz elle que dez mezes antes de Pinzon, em Junho de 1499, Alonso Hojeda, navegando em companhia de Juan de la Cosa e Amerigo Vespucci, aportou ao delta do Assú, no Rio Grande do Norte.

Expor os seus argumentos e toma-los na consideração que merecem é trabalho que exigiria largos desenvolvimentos. O proprio Varnhagen empregou neste afan muitos annos de sua vida, argumentando, desenvolvendo, rectificando. Entretanto, algumas considerações bastarão para mostrar que não

(19) Sobre a viagem do Vozes de Mendoza, v. NAVARRE: *Viajes y descubrimientos*, III, pags. 555 e 584; D'ARZAS, *Considérations géographiques*, nota 5, p. 226-228; PASCHL, *Geschichte der Entdeckungen*, pags. 256-259.

(20) *Historia geral*, I, p. 24-25. Estas idéas foram depois sustentadas pelo mesmo autor em quasi todos os trabalhos que desde então deu á luz.

se pôde incluir Vespucci e Hojeda entre os descobridores do Brasil.

Si Vespucci affirma que chegou aos 5 graus de latitude sul, Hojeda affirma que chegou apenas a 200 leguas de Paria, isto é, aos 4½ graus de latitude norte, segundo o calculo de Joaquim Caetano da Silva (21). Os dois testemunhos contradizem-se, anulam-se por consequente, e nem se pôde combater o de Hojeda em nome de Vespucci, nem o de Vespucci em nome de Hojeda. O que se deve fazer é procurar testemunhos complementares, que façam inclinar a balança a favor de um ou de outro.

Felizmente abundam.

Na mesma viagem em que foram Hojeda e Vespucci ia Juan de la Cosa, cujo testemunho é portanto igual ao delles em valor.

Vejamos, pois, o que diz a este respeito Juan de la Cosa.

«Em sua carta, diz Silva, 200 leguas de littoral, contadas da base da península de Paria para o sueste, vem dar em uma bahia, em cujo limite occidental está escripto *motes*, isto é, *môtes*, e cujo limite oriental é formado por uma longa ponta, situada na latitude septentrional de *quatro grãos e meio* e tendo ao sul o nome de *tierra de S. ambrasio*.

«Esta bahia é a do Oyapok.

«A latitude de sua ponta oriental prova-o claramente: — quatro grãos e meio.

«E esta indicação é confirmada pela de *môtes*

(21) *L'Oyapok et l'Amazon*, II, § 208.

ao outro lado da bahia, isto é, por essas montanhas características do Oyapok, que deviam na viagem que fizeram do sul para o norte, necessariamente ter chamado a atenção de Vicente Pinzon e Lopo, pelos quaes regulou-se Juan de la Cosa quanto á parte meridional de sua charta» (22).

Por consequente, Juan de la Cosa está de accôrdo com Hojeda: isto é, como este diz que não navegaram até a linha e que nem chegaram aos limites septentrionaes do Brasil, quanto mais aos cinco graus de latitude sul.

Passemos agora de Hojeda e seus companheiros Juan de la Cosa e Amerigo Vespucci, aos companheiros de Pinzon.

Vejamos si estes dizem alguma coisa a tal respeito.

Dizem:

Juan de Umbria declara que *«nunca antes que esta tierra descobriessen no habia ido por alli el dicho Almirante (Colombo) ni otra persona de estos reinos»*; Garcia Hernandez, physico, que ia na viagem por escriptão del-rei, declara que *«antes nunca habia sido descubierta aquella tierra ni hombre la habia descubierto»*; Diego Hernandez Colmenero declara que *«la dicha tierra no estava descubierta antes»*; Garcia Hernandez (de Huelva) declara que *«aquella costa nunca la descubrió otra persona ninguna salvo el dicho Vicente-añes»*. Os outros companheiros não se explicam a tal respeito; porém

(22) *L'Oyapok et l'Amazone*, II § 2563 e 2566.

usando da palavra *descubrir*, implicitamente estão de accôrdo.

Quanto a Pinzon, este tambem não diverge.

«Vicente Pinzon, diz Silva (23), qualifica de descoberto seu reconhecimento do cabo de Consolacion — *descubrió*; emprega a mesma expressão para a costa comprehendida entre este cabo e o Amazonas — *descubrió*; a mesma expressão para o Amazonas, — *descubrió*; a mesma expressão para a provincia dos Paricuras — *descubrió*. Mas quanto á costa comprehendida entre a provincia dos Paricuras e a boca septentrional do golfo de Paria, elle limita-se a dizer que a perlongou — *corrió de laengo*.

«Por que esta differença?

«É que nestas ultimas paragens, Vicente Pinzon fóra precedido por Christovam Colombo em 1498 e por Alonso de Hojeda em 1499».

Assim, temos, de um lado o testemunho isolado de Vespucci, dizendo que veio ao Brasil em 1499 com Hojeda e Juan de la Cosa, segundo Varnhagen; — temos de outro lado o testemunho destes, dizendo que não passaram de duzentas leguas ao sul de Paria, aos 4½ de latitude norte; temos o testemunho de Juan de Umbria, de Garcia Hernandez, o physico, de Diego Hernandez Colmenero, de Garcia Hernandez (de Huelva), de Pinzon, que todos affirmam a prioridade do descobrimento de Pinzon.

Si passarmos dos contemporaneos immediatos de Vespucci e Hojeda, a concordancia é a mesma:

(23) *L'Oyapok et l'Amazone*, II § 2558.

Las Casas (24) não diz que Vespucci e Hojeda tivessem passado a linha; Herrera (25) diz positivamente que Pinzon foi o primeiro espanhol que a passou.

17. Diante de tantos testemunhos, não é permitido hesitar.

Por que, entretanto, Varnhagen não só hesitou como declarou única verdadeira a narrativa de Vespucci?

É difícil dizê-lo em poucas palavras. Basta, porém, saber-se que Vespucci assegura ter feito duas viagens por conta do governo espanhol antes do ano 1501, em que passou ao serviço de Portugal.

Desde que Humboldt na sua obra monumental sobre a Geographia do Novo Mundo estudou a questão intrincadíssima do navegador florentino, ficou geralmente admitido que a primeira viagem teve lugar em 1499, sob as ordens de Hojeda.

Quanto á segunda, as opiniões não estão ainda accordes: Humboldt, depois de hesitar entre a viagem de Pinzon e a de Lepe, decidiu-se pela primeira (26); D'Avezar opta pela segunda (27); Peschel parece de opinião que Vespucci não fez tal viagem.

Foi por esse tempo que appareceu o livro do

(24) *Historia de las Indias*, cap. 146, vol. II, p. 397.

(25) ... i buriendo navegado setecientas Leguas, por el Norte i paso la linea equinocial, siendo el primer subdito de la Corona de Castilla; i de Leon que lo atraveso, *Dezenda I*, lib. IV, cap. VI.

(26) *Examen critique*, IV, p. 200-213, 253-301.

(27) *Americ Vesputi*, p. 106-110.

Visconde de Porto Seguro, em que este procurou provar que a primeira viagem de Vespucci não tivera lugar em 1499, mas em 1497; não na America meridional, mas na America do Norte, pelas costas de Yucatan, Florida e oriente dos Estados-Unidos, até além do rio S. Lourenço.

Fazendo isto, é bem claro que na segunda viagem, quer ella tivesse lugar com Hojeda, como sustenta Varnhagen, quer fosse com Pinzon, como propõe Humboldt; quer com Diego de Lepe, como opina d'Avezar; é bem claro que Vespucci esteve no Brasil.

Isto, porém, não é uma novidade e Humboldt já tinha chegado a esta conclusão em 1836.

O que, porém, dahi não pôde deixar de concluir-se é:

1.º, quão pouca confiança merecem, isolados, os escriptos de Vespucci, pois nas mãos de Humboldt dão-nos uma viagem á America do Sul; nas mãos de Varnhagen dão-nos uma viagem á America do Norte;

2.º, que sendo a primeira viagem de Vespucci em companhia de Hojeda e Juan de la Cosa, como o demonstrou Humboldt e Varnhagen não o destruiu; o melhor argumento de que Hojeda não veio ao Brasil, é tê-la Varnhagen empurrado tanto para o Norte que quasi roçou pela terras polares.

18. Em resumo:

Está provado que, sahindo de Palos a 18 de Novembro de 1499 com quatro caravellas, Vicente



Yañez Pinzon foi pelas Canárias ao archipelago de Cabo Verde;

que de umas das ilhas deste archipelago, a de Santiago—partindo ao rumo do S. S. O., depois de 540 leguas, elle chegou a uma terra ao sul do Equador, a 26 de Janeiro de 1500;

que esta terra é o Brasil e que o cabo a que elle deu o nome de *Santa Maria da Conceição* é o de Santo Agostinho;

que dahi seguiu para o norte batizando a costa e descobriu o rio mais largo chamado das Amazonas, e que deu o nome de *Mor-da-seca*;

que dahi perlongando a costa, chegou até o cabo de Orange, a que deu o nome de S. Vicente, e ao rio Oyapoc, que se ficou chamando Vicente Pinzon;

que este ponto foi o limite do Brasil em que ficou.

Quanto a Diego de Lope, está provado que, sahindo de Palos ou Cadiz em Dezembro de 1499, foi ter á ilha do Fogo, no Cabo Verde;

que partindo dahi, em rumo que deve ser proximoamente o mesmo que o de Pinzon, chegou ao cabo de S. Agostinho;

que o dobrou e seguiu para o sul durante algum tempo;

que depois tomou para o norte e seguiu o mesmo rumo da Figueira e quasi na sua estroia

## PRETENSÕES POR INQUEZAS

Yañez Pinzon. — *Via de Camões, Carta a D. Manuel, do Almirante Francisco do Instituto Histórico, Volume XI, p. 11, pag. 3, (a. 1498 do C. de F. e.)*

Ismael Barboza, *Carta a D. Manuel, em 1498, (a. 1498 do C. de F. e.)*

D. Manuel, *Carta a D. Manuel sobre o viaje do Pedro Alvarado, em 1498, (a. 1498 do C. de F. e.)*

Yañez Pinzon, *Carta a D. Manuel, (a. 1498 do C. de F. e.)*

Américo Vesputio. — *Via de Camões, Carta a D. Manuel, do Almirante Francisco do Instituto Histórico, Volume XI, p. 11, pag. 3, (a. 1498 do C. de F. e.)*

D. Manuel, *Carta a D. Manuel, (a. 1498 do C. de F. e.)*

Yañez Pinzon, *Carta a D. Manuel, (a. 1498 do C. de F. e.)*

Yañez Pinzon, *Carta a D. Manuel, (a. 1498 do C. de F. e.)*

Yañez Pinzon, *Carta a D. Manuel, (a. 1498 do C. de F. e.)*

Yañez Pinzon, *Carta a D. Manuel, (a. 1498 do C. de F. e.)*

Yañez Pinzon, *Carta a D. Manuel, (a. 1498 do C. de F. e.)*

Yañez Pinzon, *Carta a D. Manuel, (a. 1498 do C. de F. e.)*

Yañez Pinzon, *Carta a D. Manuel, (a. 1498 do C. de F. e.)*

Yañez Pinzon, *Carta a D. Manuel, (a. 1498 do C. de F. e.)*

Yañez Pinzon, *Carta a D. Manuel, (a. 1498 do C. de F. e.)*

Yañez Pinzon, *Carta a D. Manuel, (a. 1498 do C. de F. e.)*

Yañez Pinzon, *Carta a D. Manuel, (a. 1498 do C. de F. e.)*

Yañez Pinzon, *Carta a D. Manuel, (a. 1498 do C. de F. e.)*

Yañez Pinzon, *Carta a D. Manuel, (a. 1498 do C. de F. e.)*

Yañez Pinzon, *Carta a D. Manuel, (a. 1498 do C. de F. e.)*

Yañez Pinzon, *Carta a D. Manuel, (a. 1498 do C. de F. e.)*

distinção. Ha pretensões portuguezas manifestadas desde o seculo XVI; ha pretensões portuguezas só apresentadas ulteriormente. As primeiras associam-se ao nome de Pedralvares Cabral e seus compa-  
nheiros; as segundas estão vinculadas a João Ramalho.

Em um escripto datado de 3 de Julho de 1784, affirmou o seguinte frei Gaspar da Madre de Deus:

«Eu tenho uma cópia do testamento original de João Ramalho, escripto nas notas da villa de S. Paulo pelo tabellião Lourenço Vaz, aos 3 de Maio de 1580.

«A factura do dito testamento, além do referido Tabellião, assistirão o juiz ordinario Pedro Dias e quatro testemunhas, os quaes todos ouvirão as disposições do testador. Elle duas vezes repetio que tinha alguns noventa annos de assistencia nesta terra, sem que algum dos circumstantes lhe advertisse que se enganava, o que certamente farião si o velho por caduco crasse a conta...

«Si pois na era de 1580 contava João Ramalho alguns 90 annos de residencia no Brazil, segue-se que aqui entrou em 1490, pouco mais ou menos; e como a America pela parte do Norte foi descoberta em 1492, resulta que no Brazil assistirão Portuguezes 8 annos (sic) pouco mais ou menos, antes de se saber na Europa que existia o mundo novo: (1).

*Mutatis mutandis*, o intuito de frei Gaspar da

(1) Revista do Inst. Hist., II, pp. 426-427.

Madre de Deus é identico ao de Desmarqueis. Ha apenas uma ligeira differença. Não houve um Estancelin ou um Gaffarel que elaborasse as affirmações brancas do escriptor paulistano, e lhes desse consistencia e apparencia de força. Pelo contrario, Candido Mendes dissecou-as, e de tal modo nos trua a nubilidade dellas, que nada mais deixou a fazer-se.

20. Vejamos, com um pouco de cuidado o que valem as palavras de frei Gaspar, e admittamos que o testamento seja autentico.

A falta de protesto das testemunhas nada prova. Ellas vieram para atestar que João Ramalho fizera taes e tales declarações, não que taes e tales declarações feitas por elle eram verdadeiras.

De mais, como poderiam saber si o eram? Só vindo com elle, só tendo por conseguinte uns 110 annos pelo menos. Esta reunião de centenarios não é circumstancia tão commum que sirva para provar um facto duvidoso.

Si, porém, não tinham vindo com elle, as testemunhas nada sabiam com certeza, e a sua adhesão, ou antes o seu silencio, nada significa.

Mas que diz em summa o testamento? Que João Ramalho tinha uns noventa annos de assistencia no Brazil. Ora, *alguns noventa annos* quer dizer menos de noventa, — portanto este computo não comprova, prima facie, a asserção de frei Gaspar.

Nem o comprova igualmente a seguinte affirmação de Taques Paes Leme, escriptor mais antigo, mais critico e mais consciencioso: «Antonio Rodri-

gues, genro de Pequiroyby, veio com Ramalho a S. Paulo 30 annos quasi antes de chegar em 1531: Martin Affonso de Souza a S. Vicente» (2).

Trinta annos antes no mesmo tempo que nos leva a 1502, data que Candido Mendes já demonstrou ser a verdadeira (3), mostra que alguns noventa annos eram simples approximação, e que nem chegavam a oitenta.

Argumentamos na supposição do testamento, adduzido por frei Gaspar, ser verdadeiro: se-lo-á, porém, realmente?

Todas as probabilidades são que não o é.

Em primeiro lugar, é quasi certo que João Ramalho morreu nas proximidades de 1558 (4).

(2) *Nobiliarchia Paulistana na Revista do Instituto Histórico*, vol. XXXIV, parte I, p. 3.

(3) *Revista do Instituto*, vol. XI, parte II, pp. 163-247.

(4) *Revista do Instituto Histórico*, XL, parte II, p. 356. *Arquivo Marinho nos Apontamentos históricos da provincia de S. Paulo*, Rio, 1879, 2 vols. 4.<sup>to</sup>, s. v. *João Ramalho* apresenta documentos que mostram o pouco valor da affirmação de frei Gaspar, mas ao mesmo tempo mostram que João Ramalho se morreu depois de 1562. Varnhagen cita na *História geral*, p. 609, outro documento em que João Ramalho ainda é dado como vivo a 22 de Abril de 1600.

A questão de João Ramalho é uma das mais embastalhadas da história primitiva do Brasil.

Ainda ninguém tornou bem claro que nos primeiros tempos de S. Paulo houve pelo menos dois João Ramalho. Um é o bacharel de Cananda, deixado em 1503 pela primeira expedição exploradora, por dez maultolucum, inimigo dos jesuitas. Outro, sogro de Jorge Ferreira, é um cavalleiro portuguez, que veio para o Brasil muito mais tarde, com Martin Affonso ou logo depois.

Taques Paes Leme, que no trecho acima citado dá noticia do primeiro e torna assim bem clara a distincção, em outros lugares perdese de vista.

Em segundo lugar, a assistencia de testemunhas prova de mais.

Em terceiro lugar, nem frei Gaspar viu o original do testamento, nem o publico, nem diz como houve a cópia de que se serviu.

Em quarto lugar, nem Pedro Taques, um dos mais profundos investigadores da historia patria que têm havido, nem qualquer outro chronista, dão noticia de documento de tal importancia.

Por estes motivos pôde-se concluir:

Ou o testamento não é autentico, e não pôde portanto servir de base a qualquer affirmação;

Ou é autentico e estudado conscienciosamente não contém implicita ou explicitamente a affirmação da chegada de João Ramalho ao Brasil, antes de Pinzon e Lepe, e muito menos antes de ter a America sido descoberta por Christovam Colombo (5).

21. A viagem de Cabral é muito conhecida,

Candido Mendes, o homem que melhor estudou o assumpto, tambem não faz a distincção, e por isso é um pouco injusto com Taques.

Além d'esses dois, cuja existencia não pôde ser posta em duvida, julgo que ainda ha terceiro, provavelmente filho do primeiro. E este que supponho ter sido eleito a 24 de Maio de 1562 para capitão de guerra contra os Indios do Parahyba (*Arquivo Marques*, II, 215).

O primeiro, que a 15 de Fevereiro de 1564 allegava a sua idade para não aceitar o cargo de vireador (*Arquivo Marques*, II, 27), não parece o mais proprio para o commando de expedição guerreira.

Em todo caso, não ha prova de simples supposição, a que o tempo se encarregará de tirar o devido valor.

(5) Varnhagen, que debalde procurou o original do testamento em S. Paulo, suggerer que o testamento deve ter sido feito a 3 de Maio de 1570 e não de 1560, e que nos annos da assistencia se escreveu ou se fez, trocou-se em vez de assenta. *História geral*, p. 605.

Sahindo do Tejo, segunda-feira 9 de Março de 1500, com treze navios, a 14 passou entre as Canárias e houve a 22 vista da ilha de S. Nicolau, uma das do Cabo Verde. Ahi desgarrou-se a nau de Vasco de Athayde que, apesar das diligencias que empregou o Capitão-mór, não se pôde encontrar mais.

Do Cabo Verde, fazendo rumo approximaadamente de sudoeste, a 21 de Abril a armada descobriu signaes de terra em uma grande quantidade de hervas compridas, a que os mareantes chamam *butelho* e *rabo de asno*.

No dia seguinte, quarta-feira 22 de Abril, pela manhã, acharam avcs chamadas *jura-buehos*, e á tarde um grande monte redondo e muito alto, com outras serras mais ao sul, e terra coberta de grande arvoredo. O Capitão-mór deu ao monte o nome de Monte Paschoal e á terra o de Vera Cruz.

Nesta noite ancoraram obra de seis leguas de terra.

Ao outro dia approximaram-se até a distancia de meia legua, lançando ancora em direitura á boca de um rio (6). Foi a examina-lo Nicolau Coelho, companheiro de Vasco da Gama na viagem á India, e o primeiro portuguez conhecido que pison em territorio brasileiro.

Á noite ventou tão rijo de sueste que fez garrar as naus, pelo que sexta-feira, ás 8 horas da manhã,

(6) Este rio, segundo o Sr. general Beaurepaire Rohan, é o Cahy. O primitivo e actual Porto Seguro, p. 15-16.

a armada fez-se de vela ao longo da costa, á procura de um surgidouro, que foi encontrado dahi a dez leguas.

Sabbado, 25 de Abril, a armada, que na vesperta surgira cerca de uma legua do Recife que protegia o ancoradouro, entrou no porto, que por sua excellencia foi chamado Porto Seguro.

Domingo, 26 de Abril, armou-se um esparavel num ilhéu da bahia, e nelle cantou-se missa e houve sermão. No mesmo dia foi decidido em conselho mandar-se a el-rei noticia da descoberta pelo navio de mantimentos.

Segunda-feira, 27 de Abril, foram á terra mestre Johanes Emenelaus, o piloto do Capitão-mór e o de Sancho de Toar, e tomando a altura do sol ao meio-dia, acharam a latitude meridional de dezeseite graus.

Terça-feira os carpinteiros começaram a fazer uma grande cruz, padrão que devia attestar aos que viessem posteriormente que a terra já fôra descoberta por el-rei de Portugal.

No dia 1.º de Maio desembarcou a gente da armada, a procurar o melhor logar para ser plantada a cruz. Escolhido o local, enquanto uns preparavam a cova, foram outros, á maneira de procissão, buscar a cruz, que plantaram, depois de pregadas as armas e divisas reais.

No dia 2 sahiu para a India Pedr'alvares Cabral e para o reino o emissario que devia levar a noticia.

Na terra ficaram dois degradados, dos vinte que

iera na armada, além de dois grumetes que fugiram, segundo nos diz Caminha.

Tal é, nos traços gerais, a navegação de Alvares Cabral. De seu roteiro e da correspondência com a corte, não ha memoria; mas da estadia no Brasil e dos incidentes que aqui se deram, temos uma chronica minuciosa e encantadora de Pero Vaz de Caminha, em alguns pontos completada pela carta do mestre Johannes Emenclaus e pela historia da navegação, feita por um piloto da expedição.

Seria facil com estes documentos multiplicar pormenores; é, porém, preferivel discutir os pontos controversos.

22. O primeiro a estudar é si o Brasil foi ou não descoberto por acaso.

Em uma memoria que tem sido merecidamente elogiada, o Sr. Joaquim Norberto é de parecer que o descobrimento não foi casual.

O principal fundamento de sua opinião é um trecho da carta escripta de Porto Seguro a D. Manuel por mestre Johannes Emenclaus. Diz o mestre que em um antigo mappa mundi, pertencente a Pero Vaz Bisagudo, poderá el-rei ver o sítio da terra. O mappa-mundi, que tambem representa a Mina, não certifica si a terra é habitada ou não.

Este trecho, que abaixo vai fielmente transcripto (7), é de uma obscuridade desesperadora.

(7) Quanto menor al sítio desta terra mande vossa alteza traer um mappa mundi que tyene pero vaz bisagudo e por ay podrá ver

Si já houvesse suspeita de que a descoberta do Brasil não fôra casual, poder-se-ia até certo ponto considerá-lo como um indicio favoravel; mas Gonçalves Dias já demonstrou que, pelo contrario, todos os testemunhos, a começar pelo de D. Manuel, são accordes em declarar o descobrimento como inesperado e fortuito.

E não é só isto: Johannes Emenclaus assegura ter visto o mappa-mundi; mas el-rei tanto não o viu, que o mestre lhe diz: *mande vossa alteza traer*. E quem nos assegura que o tivessem visto Pedralvares Cabral e seus companheiros? Entretanto, esta circumstancia é indispensavel para a proposição do Sr. Norberto ser admitida.

O descobrimento do Brasil explica-se muito mais facilmente pela viagem de Vasco da Gama, pelas instrucções que redigiu e pelo meio social.

Como observa Peschel (8), Vasco da Gama, em sua primeira viagem para a India, passára por algum tempo ao longo das costas do Brasil, sem as reconhecer, pois, sahindo do Cabo Verde a 3 de Agosto de 1497, no dia 22 achava-se a 800 leguas da costa africana, isto é, a 45° ao Occidente do Sul da Africa.

Si então não descobriu o Brasil, deve-se talvez a circumstancias insignificantes, a menos que não

vossa alteza al sítio desta terra e por a qual mapamundi non certifica esta terra ser habitada e no es mapamundi antiguo e ally hallara vossa alteza escripta tambyen la nayna. Varnhagen, *Historia geral*, I, 423.

(8) *Geschichte des Zeitalters der Entdeckungen*, p. 203.

o seja a resolução firme em que estava o grande nauta de não se divertir em outras empresas antes de dar conta da missão de que fora incumbido (9).

No trecho do *Roteiro* de Vasco da Gama está notada uma circunstância, cujo alcance escapou a Peschel, mas que é preciso pôr em evidência: as aves que á noite tiravam contra sudoeste, tão rijas como aves que iam para terra. Os Portuguezes, diz-nos o filho de Christovam Colombo (10), fizeram a maior parte de suas descobertas regulando-se pelo vôo das aves; o descobridor da America muitas vezes regulou por ellas o seu rumo. E, pois, fóra de duvida que Vasco da Gama teve não suspiciã, como nos assegura Camões, mas certeza de uma terra ainda não conhecida.

Nas longas entrevistas que teve com Pedralvares

(9) Eis o trecho do *Roteiro* de Vasco da Gama:

E hueru qoyata feita que cravi tres dias d'agosto partimos em fese (de Santiago), e hindo num dia com sull quibros a verga do Capitam mori, e foy em XVIII dias d' agosto, e terla isto CC leguas da illa de Santiago, e pairamos com o traquete e o papatigo duas dias e humma noite, e em XXII do dito mês hindo na volta do mar ao sull e a quarta do sudoeste, achamos muitas aves feitas como garçoeas, e quando veo a noite tiravam contra o sudoeste muito rijas como aves que hiam para terra, e neste mesmo dia vimos humma buela, e isto havi pytoessatã leguas em mar. *Roteiro da viagem de Vasco da Gama*, Lisboa, 1891, 8.º, p. 3.

(10) Eis o trecho no que interessa á questão: "diciendo (Christovam Colombo) qui si metaba camino lo hacia porque no era muy destinte del suo principal, i seguir la razón, i experiencia de los Portuguezes que havian descubierto la mayor parte de sus islas por el vuelo, i buelo de semejantes Pajeros." *La Historia de D. Fernando Colón*, cap. XX, apud Bares, *Historiadores primitivos de las Indias Occidentales*, Madrid, 1749, 3 vols., fol. 1, p. 19. Vejam-se também os capítulos XVIII e XIX.

é natural que o ousado marinheiro mais de uma vez lhe falasse no problema que presentira, sem conseguir dar-lhe solução. Talvez este intuito até certo ponto haja influido sobre as instrucções que formulou.

«Estas instrucções, interpreta d'Avezac, si attendemos á direcção conhecida dos ventos aliseos do hemispherio austral, equivalem a uma recommendação expressa de tomar a partir do encontro delles, a bordada de sudoeste para correr com amuras a bombardeo, emquanto o vento escasseasse, fazendo bom caminho para ganhar a região ulterior, em que o vento permitisse governar direito a lésse para dobrar o Cabo» (11).

Nestas instrucções já está implicito o descobrimento do Brasil e a melhor prova é a frequencia com que aqui vieram ter os que as seguiram, a começar de Cabral em 1500 e de João da Nova em 1501.

Além dos signacs de terra entrevistos por Vasco da Gama em sua primeira viagem, e das instrucções que formulou, concorreu eficazmente para o descobrimento do Brasil o estado então vigente dos espiritos: «a intensa curiosidade movida pelos recentes descobrimentos no Novo Mundo e a nobre emulação que taes descobrimentos, feitos em serviço de uma nação competidora, haviam de excitar

(11) *Cosmographiques géographiques*, nota D, p. 159. Cf. GASPARE CONNAR, *Lebens des Indiz*, t. p. 149. ВАРНАКОВ, *История Гера*, t. p. 13, 322; e D'AVEZAC, *Relation authentique du voyage du Capitaine de Gonville*, p. 65.

no animo de homens que, seguindo outro rumo, certos leões tinham ganhado na caçada das empereiras marítimas (15).

Pesando nesses factos, da Majar que podemos facilmente devidar si este rumo para o-Coza não foi empreendido por Cabral na esperança de ir dar a alguma terra do novo mundo occidental.

22. Outro ponto controvertido é o motivo por que Cabral deu à terra que descobriu o nome de Vera Cruz.

Segundo Casanheida (16) foi por causa da Cruz que ali tinham plantar a 1 de Maio.

Caspar Corrêa (17) diz que porque a ella chamaram a 3 de Maio.

Ambas estas affirmações são lógicas, porém, com reserva, porque Cabral pôz o nome à terra, segundo se vê da Voz de Casanheida, no mesmo dia em que pôz o nome de Monte Paschoal: isto é, a 22 de Abril.

Casasnovas nos dá o verdadeiro motivo da nomeação: «...prêgar (foi Henrique) uma solemnidade e provelha pregação da historia do Evangelho e em fim della trouxe da nossa vida e do achamento desta terra, confermando-se com o signal da Cruz, sob cuja obediencia vivamos».

O nome de Vera Cruz imposto por Cabral, como é sabido, durou muito pouco tempo. Em 1501, nas

(15) *Vida do Infante D. Henrique de Portugal*, p. 461. Varnhagen tinha n'esta expressão lúbrica semelhança.

(16) *Descobrimento e conquista do Brasil*, livro I, cap. 31.

(17) *Leões do mar*, I, p. 352.

instruções a João da Nova, é transformada na de Ilha da Cruz, na carta enviada por D. Manuel (18) aos seus capitães a 29 de Julho do mesmo anno tem o nome de Santa Cruz; no roteiro de Gonçaves (1493-1503) já tem o nome de Brasil (19), que naturalmente lhe foi communicado por Diogo da Costa e Sebastião de Mouro, portuguezes da equipagem; em 1511 apparece já este nome em documento official (20).

23. Outro ponto controvertido é si o actual Porto Seguro é o Porto Seguro de Cabral. Varnhagen diz que (21), e Desauvagine Rolin diz não (22).

Esta ultima opinião é a verdadeira: o lugar que Cabral chamou Porto Seguro em pouco tempo começou a chamar-se Santa Cruz, por causa da Cruz ali deixada a 1 de Maio de 1500.

Os argumentos de que Varnhagen nunca mais quebra-se todos chamam destes dois factos: o primeiro é a união attestada por Gonçaves, Gabriel Soares, Anchieta, Cardim e outros antigos e segundo é que o Porto Seguro actual não corresponde à descripção da Caminha, por mais que se queira fazer de um Recife um Ilhéu.

24. Resta ainda um ponto a examinar: quem

(18) *Apud Nacimento, Viagem*, III, p. 92.

(19) Este nome já figura em Enxofre (1503).

(20) *Roteiro do São Brás*.

(21) *Notas dozeis de Porto São foi na Costa Vermeilha na estrada de Santa Cruz que Cabral primeiro desembarcou e ali que fez dizer a grande cruz*, R. do Inst. Hist. XC, p. 11, pag. 87-2.

(22) *O primeiro e o actual Porto Seguro*.

levar a El-Rei de Portugal o nome do descobridor do Brasil.

Os historiadores Castanheda, Barros e Damião de Góes dizem contesias que foi Gaspar de Lemos. Gaspar Corrêa diz que foi André Gonçalves, antigo mestre do navio em que fôra Vasco da Gama para a Índia. A primeira opinião é clássica, e ainda em todos os livros. A segunda só ha muito poucos annos foi apresentada e defendida por Candido Motaes.

*Prima facie*, o accordo de Castanheda, João de Barros e Damião de Góes, comparado com o testemunho de Gaspar Corrêa é forte presumpção contra este. Mas é só presumpção; basta ler com cuidado os tres historiadôres concordar, para ver-se que têm uma fonte commum, e assim os tres reduzem-se a um.

Comparando-se esse *triple consensus* com a conta a que se accorreu Gaspar Corrêa o ultimo teve grande vantagem. Gaspar Corrêa tem incontestavelmente erros chronologicos e alguns bem graves, sobre a partida da frota do Tejo e a chegada ao Brasil; porém, quanto ao mais é verídico; é mais minucioso que os outros, está de accordo com Vas de Caminha, e serve até para explicar certos pontos sobre que o essayo primeiro chronico não se extendeu.

Dormida, Gaspar Corrêa está de accordo com Caribba e o piloto anônimo que escreveu a navegação de Cabral, pois ambos dizem que foi mandado ao reino o navio dos mantimentos e o commandante deste navio era, segundo o autor das *Lendas da Índia*, André Gonçalves.

Emfim, ao passo que se sabe pela carta de D. Manuel aos reis Catholicos, escripta aos 29-de Julho de 1500, que eram hêre os navios, pela conta de Castanheda, Barros e Góes apenas temos dois commandantes, pois Pedralvares Cabral não commandava um navio determinado, porém toda a armada. Faltamos, pois, um commandante e a affirmação de Gaspar Corrêa, de que este era André Gonçalves, acha-se confirmada por um manuscrito antigo, em que vem a lista das expedições e armadas mandadas por Portugal.

Com o livro de Gaspar Corrêa se conseguiu, felizmente, solver um outro problema da historia do Brasil, que resistia a todos os esforços da critica: o conhecer-se quem fôra o commandante da primeira armada exploradora de nossas costas. Foi André Gonçalves, o mesmo que levára á Europa a noticia do descobrimento.



#### IV

#### CONCLUSÃO

25. Todos os esforços até hoje feitos para recuar o descobrimento do Brasil para antes de 1500 não têm resistido á critica.

A tradição franceza da viagem de Cousin, que fixa o descobrimento do Brasil no anno de 1488, não está comprovada e tropeça em difficuldades insuperaveis.

A viagem de João Rannalho em 1490 ou é uma invenção de frei Gaspar da Madre de Deus, ou não passa de uma mystificação em que elle cahiu.

A interpretação da viagem de Hojeda em 1499, que Varnhagen dá baseando-se nas cartas de Vespucci, tem contra si o testemunho de Hojeda, de Juan de la Cosa, dos companheiros de Pinzon, do proprio Pinzon, e todos os resultados apurados no estudo dos textos e na critica dos factos.

É, portanto, com os documentos de que dispomos, incontestavel que o descobrimento do Brasil foi em 1500.

E foram os Espanhoes que o descobriram, porque Cabral viu terra mais de meado Abril; Pinzon viu-a em Fevereiro, e Lepe, quando Cabral ainda

nem percebêra signaes de terra, já dobrára o cabo de S. Agostinho para o sul e tornava para o norte.

Esta é a solução chronologica.

A solução sociologica é differente; nada devemos aos Espanhoes, nada influiram sobre nossa vida primitiva; prendem-se muito menos á nossa historia do que os Francezes.

Sociologicamente falando, os descobridores do Brasil foram os Portuguezes.

Nelles inicia-se a nossa historia; por elles se continúa por seculos; a elles se devem principalmente os esforços que produziram uma nação moderna e civilizada em territorio antes povoado e percorrido por broncas tribus nomadas.

## DESENVOLVIMENTO DO BRASIL NO SEculo XVI

Si, por um caso de longevidade extraordinária, fosse dado a Pedralvares Cabral percorrer detidamente em 1600 o paiz de que apenas avistára as costas no ultimo anno do seculo anterior, elle teria diante dos olhos um espectáculo novo e interessante.

Veria, a começar do norte, a fortaleza do Tres Reis Magos, ultima vedeta da civilização, impondo respeito aos Potiguares. Em Natal agglomerava-se aos poucos a população, que em breve devia estender-se ao Ceará e dahi por diante até o Amazonas.

Veria a Parahiba com o seu forte do Cabedello, com as casas que já se alongavam pelo morro pittoresco, com os engenhos que irradiavam pelas varzeas ubertosas.

Veria Itamaracá, a ilha encantadora, coberta de plantações.

Veria Igaracú, a antiga; Olinda, a orgulhosa; Recife, simples morada de pescadores, que não tardaria a eclipsar a todas.

Veria Porto Calvo, tão celebre depois nas lutas hollandezas; S. Christovam acalentado pelos murmurejos do Coringuiaba; a cidade do Salvador com

o seu reuoncavo, em que prosperavam numerosos engenhos e vicejavam por leguas e leguas os canaviaes verdejantes; com os seus campos, em que o gado pascia ás manadas, aos milheiros.

Veria Ilhéos, Santa Cruz, a primeira terra selada com o cunho portuguez; Porto Seguro, seminario de ousadas bandeiras; Espirito Santo a penetrar até as esmeraldas encantadas, verdes como os sonhos que sorriam aos seus habitantes.

Veria o Rio de Janeiro, assentado no meio de um amphitheatro immenso, de que se debreçam as gerações idas, á espera de feitos dignos do scenario; com as suas ilhas feiticeiras; com a sua bahia sem par, onde vagam as sombras de Amerigo Vesputci, que legou o nome a um continente que não descobriu; de Gonçalo Coelho, o navegante pertinaz; de Magalhães, o primeiro que circumnavegou o globo; de Nobrega, de Anchieta, de Men de Sá, de Villegaignon, o cavalleiro romanesco e batalhador.

Veria S. Vicente, a obra de Martin Affonso; Santos, obra de Braz Cubas; Itanhaen, mais tarde ephemera cabeça da capitania; Cananéa, semente de João Ramalho, porta franca para os campos da Curitiba, do Viamão e da Vaccaria.

A dez leguas do Oceano, veria a villa de S. Paulo, obra dos jesuitas. Debalde estes a haviam assentado na aba da montanha, como que para conserva-la agriilhoada ao ceppo: a população estuava, transbordava, investia e começava a inundar toda America.

E nestes povoados dispersos veria mais o des-

cobridor do Brasil industrias desconhecidas, raças novas, instituições que se decompunham e insituições que germinavam; riquezas que projectavam seu brilho aos olhos dos habitantes; escolas, mosteiros, confrarias, odios, affinidades, intelligencias que se abriam á luz; terras que não resistiam aos esforços dos habitantes para arrancar-lhe o segredo; em summa, num vaso colossal uma elaboração immensa.

Tudo isto era a obra de um seculo.  
Vejamo-la por menor.

I

O LITORAL

FONTES. — VERRUCCI, *Costas*, edição Varnhagen (n.º 835 do Cat. da Exp.)

GONNAYVILLE, *Relation authentique du voyage aux nouvelles terres des Indes*, edição d'Avizac (n.º 845 do Cat. da Exp.)

*Nouvelles du pays du Brésil*, ap. Ternaux-Compans, *Archives de voyages*, Paris, t. II, 2 vol. 8.ºs (n.º 846 do Cat. da Exp.)

*Livro da nave horta que vai para a terra do Brazil*, apud Varnhagen, *História* (n.º 845 do Cat. da Exp.)

*Descoberta d'un gran captaño de mara Francesa*, ap. Ramusio, *Voyage* (n.º 860 do Cat.)

PERO LOPES DE SOUSA, *Diário*, ed. Varnhagen (n.º 853 do Cat.).

AUXILIARES. — VARNHAGEN, *As primeiras negociações diplomáticas realizadas no Brasil*, ap. *Memória do Instituto Histórico*, Rio, 1830, 4.º

CANDIDO MENDES DE ALMEIDA, *Quem era o descobridor do Canaã?* Ad. Rev. do Inst. Hist. XL, p. II (n.º 3450 do Cat.)

Idem. *Porque razão os indígenas do nosso litoral chamavam aos Franceses Maiké e aos Portuguezes Però*, ap. Rev. do Inst. Hist. XL, p. II, (n.º 3582 do Cat.)

GAFFAREL, *História da França*, 1.º

RAMUSIO GALVÃO, *O novo livro do Sr. Paulo Gaffarel*, (2.º artigo), na *Revista Brasileira*, I

PERNANDO PÁLMA, *A carta de marear de João Angelo*, Lisboa, 1882, 4.º

Portugal tomou desde logo conta da terra descoberta por Cabral. Menos de dez annos lhe bastaram para contornar a vasta extensão das costas do paiz.

A começar do norte, encontrámos em primeiro lugar a expedição exploradora de João Coelho, infelizmente quasi desconhecida.

A data em que se realizou ainda está por determinar. Fêdes em 1514 dava-lhe vinte annos de antecedencia, exaggeração evidente, que todavia serve para nos mostrar quanto foi antiga.

Talvez não se arrede muito da verdade quem suppozzer que João Coelho foi ao norte ao mesmo tempo que André Gonçalves ia ao sul. E esta supposição assume visos de provavel si reflectirmos que João Coelho é nome desconhecido; que talvez seja engano, em vez de Gonçalo Coelho; que este em 1503 já estava em Portugal. Ao mesmo tempo, temos assim explicação do motivo por que neste anno foi elle escolhido para commandar a segunda armada portugueza que veio ao Brasil.

Em todo caso, mesmo que fosse João Coelho e não Gonçalo, ha razão para crer que não veio muito posteriormente a 1502.

Neste anno foi reconhecida a posição das terras ao norte do cabo de S. Agostinho. Por que seria o sul exclusivamente explorado, quando esta parte do norte estava dentro da demarcação de Tordesillas?

Pouco mais ou menos por esse tempo, temos noticia de outra viagem ao norte de S. Agostinho: a de Fernando de Noronha, que descobriu a ilha de seu nome provavelmente a 34 de Junho de 1503.

Ha ainda tradição de uma viagem exploradora ao norte empreendida com licença regia por Affonso Ribeiro, a quem os naturaes da terra mataram. Fêdes, que della nos dá noticia e que se lhe incorporou, nada adianta sobre os descobrimentos que fez. Si é a mesma de que fala Herrera, sahio do cabo de

S. Agostinho, contornou a terra firme até Darien e foi dar á ilha de S. João, isto entre 1512 e 1513.

A partir do cabo de S. Agostinho para o sul as explorações estão melhor conhecidas.

Logo, em 1500 houve, a partir de Porto Seguro para o norte até provavelmente o cabo descoberto por Pinzon, a exploração de André Gonçalves attestada por Gaspar Corrêa. Deve ter sido muito curiosa, porque André Gonçalves partindo a 1 de Maio de Santa Cruz já estava na Europa antes de Outubro. A prova é que no mappa de Juan de la Cosa, feito neste mez, já figura a terra descoberta pelos Portuguezes, de que elle não podia ter conhecimento, sinão por André Gonçalves ou seus companheiros.

Foi em 1501 que veio a primeira expedição verdadeiramente exploradora ao sul. Commandava-a o mesmo André Gonçalves e vinha nella por piloto ou cosmographo o celebre florentino Vespucci.

É opinião geral que surgiu no cabo de S. Roque. Candido Mendes affirma, porém, que foi nos Marcos, ao norte da bahia da Traição:

1.<sup>o</sup> porque o nome de Marcos commemora os padrões que Vespucci diz terem sido assentados;

2.<sup>o</sup> porque, si fôra o cabo de S. Roque, é certo que se perderiam nos baixos que correm delle para o norte;

3.<sup>o</sup> porque Vespucci se refere a uma terra e não a um cabo, como declara quando trata do de S. Agostinho (1).

(1) *Revista do Inst. Hist.*, XL, parte II, p. 108.

Estas razões, por mais fortes que sejam, não parece que destruam a opinião geral.

Basta lembrar que os marcos plantados entre a bahia Formosa e a da Traição eram, não padrões do descobrimento e posse da terra, mas simples divisas entre a capitania de Pero Lopes e a de João de Barros, para que perca todo o valor o primeiro argumento.

Levado pelos outros dois, algum tempo julguei que fosse não os Marcos, porém a bahia da Traição, o primeiro ponto avistado por André Gonçalves, pois além de estar de accordo com as duas condições deduzidas por Candido Mendes das cartas de Vespucci, o nome da bahia de Traição é muito antigo e commemora factos semelhantes aos que se deram entre os naturaes e os Portuguezes no primeiro desembarque destes.

Entretanto, nem esta nem a opinião de Candido Mendes resistem ao seguinte facto: que desde 1503 o cabo de S. Roque está figurado nas cartas como o ponto inicial de uma exploração que terminou em Cananéa.

Do ponto a que primeiro chegou, a armada foi seguindo para o sul, beirando a costa, plantando padrões, fazendo sondagens, traçando cartas e roteiros, baptizando os logares encontrados, em geral com os nomes de santos, o que se explica pelo costume da epocha e pela presença de padres a bordo.

Até que ponto da costa brasileira chegaram os exploradores, é questão ainda hoje controversa.

Segundo Varnhagen chegaram ao rio da Prata (2), segundo Candido Mendes não passaram de Cananéa (3).

E esta ultima opinião parece mais certa:

1.º porque a descripção dada por Vespucci se applica mal ás costas aridas do sul;

2.º porque até 1513, pelo menos, as cartas geographicas conhecidas só figuram o Brasil de S. Roque até Cananéa ou Cananor, com está escripto este nome em algumas;

3.º porque Gonville, que em 1504 esteve entre os Carijós, fronteiros de Cananéa, não encontrou lá vestigios de europeus, ao passo que os encontrou e indicou ao norte, entre os Tupinambás;

4.º porque Vespucci puzia invariavelmente os naturaes da terra como nós, ao passo que desde S. Francisco do Sul elles já começam a vestir-se, como se vê em Gonville e na *Zeytung*;

5.º porque o rio da Prata é muito notavel para que chegando até lá Vespucci não o tivesse visto, e tendo-o visto não é provavel que o não mencionasse (4).

(2) *Historia geral*, p. 53.

(3) *Revist. do Inst. Hist.* XI, p. II, pag. 195 e segg.

(4) Na viagem de Vespucci, ha um lado astronomico que, a pedido meu, o Sr. Dr. M. Pereira Reis teve a bondade de estudar. Eis a opinião do eminente astronomico:

"A descripção da costa dada por Vespucci nada adianta em relação á maior latitude em que elle se achou.

Na carta a Medici (*Revist. do Inst.*, XI, parte 1, 27) quando elle diz que "entre as estrellas que giram a redor do polo antarctico em breves orbiitas, tres têm a figura de triangulo rectangulo" si se refere

A impressão geral que da terra levaram André Gonçalves e seus companheiros, só muito confusamente se pôde deduzir das cartas de Vespucci. Este em alguns lugares abunda em elogios, em outros diz que nada mais ha de valor além do pau brasil, da canafistula e da arvore da myrrina.

Estas contradicções explicam-se talvez pelo duplo sentimento que o dominava: de um lado a sua impressão real e a de seus companheiros; do outro o desejo de exaltar a terra em cujo descobrimento se attribuia tão grande papel. O certo é que os primeiros nomes dados á terra — Terra dos Papaguaios, terra do Brasil — mostram bem o pouco apreço em que a tinham e a pouca utilidade que lhe reconheciam. Ainda em 1503, Empoli dizia: desta terra se tira grande quantidade de canafistula e de pau-brasil e não achamos mais coisa de valor (5).

Este valor veio-lhe, de logo, por circumstancias extrinsecas e fortuitas: a chegada de João da Nova com as noticias das riquezas de Malacca; o desejo

no Triangulo Austral como quer o Visconde de Porto Seguro, por esta circumstancia apenas pouco desveia-se que elle se achava no sul de 21 graus mais ou menos.

Na carta a Secarini (*Ibid.*, p. 11), onde diz que tinham perdido de tudo a Ursa maior e a maior escava tão baixa que apenas apparecia no fim do horizonte, si se refere á toda a constellação, pode-se affirmar que estava bastante do norte de trinta e oito graus e dez minutos.

É provavel que elle se referia a toda a constellação e não a algumas estrellas da Ursa maior, aliás seriam outras as suas expressões. Onde se vê que não devia ter ido muito além de S. Vicente ou Cananã.

(5) Apud Roxas, *Navigations et Voyages*, t. fol. 148.

de procurar pelo sul do Brasil uma passagem para logar de tantas riquezas.

Com este fim, foi mandada ao Brasil uma nova armada em 1503. Era mais poderosa que a primeira, pois esta constava de tres navios e aquella constava de seis. Não se destinava mais á exploração da terra avistada por Pedralvares. Tinha por capitão-mór Gonçalo Coelho, e commandava um dos navios Amerigo Vespucci.

Desde o principio da viagem, houve conflictos entre Gonçalo Coelho e Vespucci, que foram mais e mais se azedando. Nas proximidades da ilha de Fernando de Noronha naufragou a capitanea, e o capitão-mór mandou o navegante florentino explorar um porto em que pudessem abrigar-se. Amerigo foi, mas tanto demorou que Gonçalo Coelho seguiu pelo mar fóra.

Voltando no fim de oito dias, por vêr uma das naus em distancia, Vespucci com ella de conserva seguiu para a bahia de Todos os Santos, que fóra marcada para ponto de reunião no regimento dado á armada. Ahi se demorou mais de dois mezes, e encaminhando-se depois para o sul, fundou uma feitoria, a primeira que houve no Brasil. Candido Mendes pensa que o logar desta feitoria é Caravellas, opinião já apresentada com certas reservas por Navarrete (6); mas um documento encontrado por Varnhagen (7) evidencia que foi o Cabo Frio.

(6) *Revista do Inst.*, XL, p. II, pag. 215-216.

(7) *Nouvelles recherches*, p. 10.

Dahi depois de feitos a que teremos de nos referir depois, seguiu Amerigo para Portugal, chegando a Lisboa em 18 de Junho de 1504.

Gonçalo Coelho seguiu igualmente para o sul. As cartas antigas traziam na posição approximadamente do Rio de Janeiro uma legenda indecifrável, que, com aquella perspicacia assombrosa e aquelle tino admirável que o constituem talvez o primeiro interprete dos antigos documentos geographicos em nosso seculo, Joaquim Caetano da Silva mostrou significar G.<sup>o</sup> Coelho detentio, o lugar em que se deteve Gonçalo Coelho (\*).

Foi aqui que, quem sabe quanto tempo? elle esperou pelo companheiro desleal, e viu-se por fim constrangido a abrir mão de uma empresa que al guns annos mais tarde deveria cobrir de glorias o grande Magalhães.

Depois da viagem de Coelho, considerações desenvolvidas em um trabalho já publicado, levam a admitir a armada que, em falta de melhor nome, póde chamar-se de D. Nuno Manuel (?).

Segundo a relação confusa e obscura que della nos resta, combinada com as conjecturas luminosas de Varnhagen, os navegantes passaram das seiscentas a setecentas leguas já conhecidas e foram ter á bahia de S. Mathias. Dahi o mau tempo obrigou-os

(8) *Petero Suetio, Nouvelles recherches*, p. 11.

(9) D. Nuno Manuel em 1504 estava em Portugal, onde era capitão das guardas de el-rei. *Gaspar Correa, Lendas da India*, I, p. 338.

a retroceder. Vicram descobrindo rios, entre os quaes o da Prata, onde tiveram as primeiras noticias das riquezas e da civilização do Perú, presa que em breve deveria cair nas mãos ávidas dos Espanhoes. Ha motivos para crer que nesta viagem tomaram parte João de Lisboa e Vasco Gallego, de quem um manuscripto de Alexandre de Gusmão noticia uma viagem ao rio da Prata em 1506 (10).

Parece que esta armada não tinha por fim uma exploração da terra, mas simplesmente a procura da passagem do sul, que Gonçalo Coelho não pôde achar, para Malacca. Entretanto, não podendo realizar o seu intento, ella fez explorações de S. Mathias para o norte. Ligadas assim as observações realizadas por André Gonçalves e talvez por Gonçalo Coelho, resultou uma noção bastante completa do contorno oriental do Sul da nossa patria desde 8° até 40°, em menos de dez annos depois do seu descobrimento.

Para o norte este resultado já fôra obtido antes, pois mesmo deixando de parte a exploração de Coelho, sobre a qual tanto se ignora, temos as explorações de Vicente Yañez Pinzon e a de Diego de Lepe logo no primeiro anno do seculo, que vão de 8° sul a 5° norte, approximadamente.

Ao mesmo tempo das primeiras expedições e logo em seguida, começaram a ser frequentadas as costas do Brasil. Vinham aqui ter as naus da carreira da

(10) *VARNHAGEN, Examen de quelques points*, § 97. Cf. *Diario de Pero Lopes* p. 87.



Índia, umas simplesmente trazidas pelo roteiro de Gama, outras pela necessidade de fazer aguada e lenha.

Contam-se entre estes navegantes João da Nova e Vasco da Gama, na segunda expedição, segundo Gaspar Corrêa (11); Affonso de Albuquerque, segundo Erapoli (12), que o acompanhou; Tristão da Cunha, D. Francisco de Almeida, etc.

Pouco a pouco foram, porém, se desviando as naus da Índia, por um motivo que Gaspar Corrêa declara: a modificação nos roteiros introduzida pelo judeu Zacuto (13), mudança de que infelizmente aqui possuímos a menção.

Outro motivo que também concorreu para desviar do Brasil as mesmas armadas foi a conquista de Malacca por Affonso de Albuquerque, conquista que tornou dispensáveis a procura e o empenho pela passagem ao sul.

Poderosas como eram as armadas da Índia, alterosas como eram as naus de que constavam, deixaram menor sulco na historia da nossa patria do que as humildes caravelas e insignificantes flotilhas que desde logo começaram a vir ao Brasil, umas clandestinamente, outras mandadas pelos contratadores da preciosa madeira.

Foi por ellas que as communicações se tornaram frequentes e as relações quasi regulares com a

(11) *Lendas da Índia*, I, pp. 235, 271.

(12) *Ramuso, Viaggi*, I, fol. 155.

(13) *Lendas da Índia*, I, p. 375.

Europa; que se desenvolveu desde o principio um commercio relativamente importante; que nunca foi de todo descurada a terra achada por Cabral.

Não possuímos muitos documentos para determinar a importancia do nosso primitivo commercio e descrever-lhe o desenvolvimento. Parece, porém, que aqui se confirma ainda uma vez a lei da evolução do simples para o complexo. Para reconhecer-lo, basta examinar o que poderemos chamar manifestos de dois navios, — um de 1511, outro de 1532, na primeira data a nau *Bretoa*, na segunda *La Pélerine*.

A nau *Bretoa* levou do Cabo Frio em 1511, cinco mil e nove toros de pau-brasil, trinta e seis escravos, vinte e tres toins, dezesseis gados, dezesseis saguins, quinze papagaios e tres macacos.

O carregamento da *Pélerine* era de cinco mil quinquas de pau-brasil, trezentos quinquas de algodão; trinta quintaes de pimenta; seiscentos papagaios que já falavam francez; tres mil pelles de leopardos e outros animaes, trezentos macacos, oitos medicamentos, etc.

O arrazoado relativo a *La Pélerine*, publicado como o *Diario da nau Bretoa* por Vanhagen; que os descobriu, dá-nos informações curiosas quanto ao preço por que eram então vendidos na França os generos importados do Brasil. O pau-brasil valia oito ducados o quintal; o algodão, dez ducados o quintal; a pimenta tres ducados o quintal; os papagaios seis ducados cada um; as pelles tres ducados cada uma; os macacos seis ducados cada um.

Segundo o Barão de Saint-Blancard, a carga de *La Pelérine* ascendia a sessenta e dois mil e trezentos ducados.

Sobre o commercio de escravos não temos informações muito minuciosas. Herrera fala de uma caravela aprisionada em Cadiz com 20 indios, em 1514 (14). Em 1526, o bacharel de Cananã contrahou com Diogo Garcia a condução e a venda de 300 escravos. Eis tudo quanto se sabe.

O governo, por sua parte, favoreceu bastante este commercio infante, isentando de impostos os escravos introduzidos até certo numero.

No commercio dos escravos, sabemos que tiveram grande parte os Portuguezes e Espanhoes: os Francezes parece que não, pelo menos não se pôde prová-lo com os documentos actualmente conhecidos.

Em troca dos objectos que obtinham dos naturaes, os que então com elles commerciavam offereciam-lhes carapuças, avelorios, espelhos, machados e coisas de pouco valor.

Provavelmente os que primeiro mais lucros auferiram foram os degradados, que ficavam longo tempo na terra, aprendiam a lingua, podiam fazer os negocios mais pausadamente e descobriam novas mercadorias, cujo valor sabiam mais prezado pelos seus compatriotas.

Seria isto o que determinou muitos dos tripulantes que vieram nos primeiros navios a desertarem

(14) *Decada I, Liv. X, cap. XVI.*

e fixarem aqui residencia? É bem possível. O que, porém, é certo é que estas deserções, que começaram com a armada do Cabral, foram cada dia se accentuando e augmentaram tanto, que o Regimento da nau *Bretoa* tem um artigo especial para o caso.

Estes primeiros habitantes — desertores e degradados — têm uma importância especial na historia de nossa patria que ainda não foi bem apontada. Para comprehendê-la basta lembrar que, quando começaram as tentativas seguidas de colonização, estes homens já se tinham adaptado á terra; que eram por conseguinte um modelo; que este modelo foi imitado, nem podia deixar de sê-lo, pois elles já tinham chegado ao ponto a que os outros deviam tender.

Como no commercio de 1501 a 1532 está quasi todo o commercio brasileiro do século XVI, assim nestes povoadores acha-se em estado diffuso quasi toda a sociedade posterior.

Tomemos um desses homens, Fróes, por exemplo, que, pelas explicações embuçadas e lamentosas de sua carta a D. Manuel, parece ter sido nada mais nada menos que um vulgar desertor.

No meio dos Brasís, elle não podia deixar de alimentar-se como elles, pois nem encontrava trigo que lhe desse pão, nem encontrava uva que lhe desse vinho, nem encontrava nem uma das commodidades a que se acostumára na velha Europa.

E não só tinha de adaptar-se á alimentação dos Brasís, como tinha de se adaptar aos processos empregados para obtê-la; tinha de empregar os mesmos

processos de caça, tinha de adoptar os mesmos processos de pesca, tinha de recorrer aos mesmos processos de agricultura, apenas facilitados pelos conhecimentos e uso dos metais.

Além disto, elle tinha de se adaptar mais ou menos á mentalidade e á moralidade ambientes: as lendas que lhe contavam os nativos, as visões que os hallucinavam, as abusos ou antes, as formulas propiciatorias, que tinham em tão grande numero, tudo isto devia pouco a pouco ir-lhe minando o cerebro e produzindo revoluções mais ou menos profundas.

Tambem por seu lado, elle devia influir sobre os Brasis, e ensinar-lhes muitas coisas que antes não sabiam.

Si reflectirmos, porém, que a sociedade offerece uma força de resistencia maior que o individuo, impõe-se a conclusão de que Fróes, ou outro qualquer, foi mais influenciado pelos Brasis do que estes o foram por elle.

Para resumir tudo em uma palavra: dentro de poucos annos um homem nestas condições ficava moralmente um mestiço. É claro que nesta mestiçagem moral devia haver diferentes gradações.

Havia primeiro o homem que não reagia absolutamente, que tomava todos os hábitos dos Brasis: exemplo o Castelhano de que nos fala Gabriel Soares, encontrado por Diogo Paes, de Pernambuco, com os bellos brados como os Portuguezes entre os quaes andava havia muito tempo (15); ou os interpretes normandos que, segundo Lery, commet-

tiam todas as abominações e desceiam até a antropophagia (16).

Havia o homem voluntarioso e indomavel, que se impunha, dominava, tornava-se verdadeiro regulo, como aquelle bacharel de Camandá, que uma vez vendeu oitocentos escravos a Diogo Garcia (17).

Havia, enfim, o homem mediocre, que nem desceia ao batoque nem se alçava ao poderio, natureza indolente, desannuviada de preoccupações, que conseguia viver bem com o natural da terra e com o europeu; que influa pouco, que soffria por seu lado pouca influencia: exemplo Diogo Alvares, tão celebre com o nome de Caramurú (18).

Nos primeiros tempos, os tres typos coexistiram, mas quem quer que conheça as leis naturais prevê desde logo que o primeiro, uma anomalia, um verdadeiro monstro, não poderia continuar.

O segundo, typo de transição, deveria durar mais tempo, generalizar-se mais. Não podia, entretanto, ir muito adiante, nem foi, apesar dos esforços que neste sentido empregaram os Jesuitas.

Era ao terceiro que cabia a sobrevivencia, desde que os Portuguezes, considerando sua a terra descoberta, declaravam intrusos os seus povoadores.

(15) *Relatório do Brasil*, p. 26.

(16) Apud Garraza, *Brasil Français*, p. 73.

(17) *Revista do Instituto*, XV p. 3.

(18) A distincção entre João Ramalho e Caramurú foi feita de modo admirável por Cândido Mendes, *Revista do Instituto*, XL, parte II, pp. 240 e segs.

Houve uma circumstancia toda extrinseca, que depressa deu vigor ao typo representado pelo bacharel de Cananã e concorreu para que desde logo elle predominasse: a presença dos Francezes.

Já vimos que estes pretendem ter descoberto o Brasil e que as suas pretensões, á luz dos documentos que possuímos, não resistem á critica. E, porém, certo que a presença delles data dos primeiros tempos do descobrimento.

Póde-se até dizer que um dos maiores progressos que tem feito o estudo de nossa historia no seculo dezeséis consistiu em recuar a epoca de sua chegada. Com effeito, os primeiros historiadores só davam noticia della em 1555 com a expedição de Villegaignon. O *Roteiro* de Pero Lopes reportou-a a 1531. Os documentos relativos reportaram-na a Christovam Jacques, isto é, antes de 1526. Outros documentos publicados posteriormente denunciavam-na em 1504.

Existe, publicada pelo eminente geographo D'Avezac, a relação de uma viagem feita ao Brasil por esse tempo. Executou-a P. de Gonneville, que sahindo de Honfleur foi pelo Cabo Verde á altura das ilhas mais tarde chamadas de Tristão da Cunha, e enfim veio ao Brasil, onde esteve em S. Francisco do Sul, e ao norte do Cabo Frio, segundo Varnhagen; entre os Tupinambás da Bahia, segundo D'Avezac.

No mesmo anno, é tradição que veio Denis de Honfleur, e depois vieram muitos outros, de que

a historia apenas menciona o nome, e ás vezes nem isto.

Os Francezes souberam portar-se para com os naturaes do modo a captar-lhes a amizade e a firmar uma alliança que atravessou mais de um seculo, sem intermitencia.

Ser francez era tan como salvo-conducto entre certas tribas. O allemão Hans Staden mais de uma vez escapou á anthropophagia, porque os que o detinham duvidavam que elle fosse portuguez. No fim do mesmo seculo, em brenhas desconhecidas de Minas Geraes, por onde se internára, o inglez Knivet declarando-se francez, não só foi poupado como se tornou uma especie de chefe, a quem obedecia uma horda numerosa, que elle guiou em suas migrações.

Os dois nomes que os Brasis davam aos Francezes são ambos característicos da impressão que estes lhes causaram. Um foi o de *Mair*, isto é, creador, transformador, segundo Thievet, pelos objectos que traziam, pelos instrumentos que permutavam, pelos officios e artes que iam ensinando. O outro foi *Ayurujoba*, papagaio amarello, pela effusão, pela congerialidade, e aquelle *habil* que são tão característicos dos filhos da Gallia.

Para mostrar a differença que existe entre o proceder de Francezes e Portuguezes, basta comparar dois factos. Gonneville, não podendo mandar á sua terra o indio Essomerig, que daqui levava, casou-o com uma parenta e deu-lhe seu nome. Jeronymo de Albuquerque, salvo da morte por uma mulher que por sua causa tudo abandonára, depois

de ter tido diferentes filhos della, deixou-a para casar com uma europá.

Apesar de accommodarem-se tão bem com os Brasileis, talvez mesmo que por este motivo, os Francezes não puderam conservar paz com os Portuguezes.

A differença de nacionalidades cavou entre as duas nações um abysmo; a identidade de insulto e a contiguidade do campo de exploração aprofundaram-no. Houve lutas e odios terríveis; quebra de juramentos feitos sobre a hostia consagrada; prisioneiros entregues aos cannibales para que estes os deverassem; homens enterrados até o pescoço para servirem de alvo aos atiradores; horrores, crueldades e crimes, sobre que a historia misericordiosa extendeu a amnistia de sua penumbra.

Este estado de coisas por sua natureza não podia durar: o vario successo dos encontros, a derrota de hoje seguida pela victoria de amanhã, eram um palliamento, não eram a solução. Entretanto, esta solução urgia: o aniquillamento ou o triumpho definitivo não podia mais ser adiado.

Foram os Portuguezes que venceram, e assim organizaram o povo a que pertencemos.

Os meios a que se soccorreram podem resumir-se a tres.

Foi o primeiro as armadas de guarda-costa, que perseguiram os Francezes e fizeram-lhe um mal extraordinario. Si estes fossem mandados pelo governo, teriam provavelmente resistido ao embate; mas representavam armadores particulares, que tinham di-

nhheiro empregado na especulação, que precisavam de lucros rapidos e directos. Não podiam resistir.

Dentre os chefes das armadas de guarda-costa conhecemos o nome e os feitos de alguns: Christovam Jacques, que mais de uma vez foi do cabo de S. Agostinho ao rio da Prata, e fez uma guerra de exterminio aos Francezes; Antonio Ribeiro, seu successor, de quem muito pouco se sabe; Martim Affonso de Sousa, o futuro vico-roi, que proseguiu na senda de Christovam Jacques e teve de mais a gloria de fundar S. Vicente e Piratininga.

As armadas de guarda costa, é bem facil de comprehender que, além de dispendiosas, eram até certo ponto improficuas. Como se poderia guardar uma costa tão extensa e conservá-la bloqueada, de modo a não deixar que entrassem entrelopas? O mais que se poderia obter é que mudassem de lugar.

Foi então imaginado o segundo meio: as negociações diplomaticas.

Pois que o povo francez, por sua multiplicidade e pela rapidez com que substituiam empresas novas a novas empresas, não podia ser subjugado, era preciso assegurar-se o governo francez.

Para este fim, mandou D. João III diferentes pessoas que pouco conseguiram, e por fim o conde de Castanheira. Estão hoje impressos, graças ao Sr. Fernando Palha, as instrucções que levou o Conde, instrucções entortilhadas, byzantinas, malhosas, em que tudo está previsto, em que o procedimento do embaixador está prescripto de antemão, em que o imprevisto quasi que está annullado.

Com estas instruções; com o dinheiro dado a funcionarios importantes, porém poucos escrupulosos; com a intervenção provável de D. Leonor que, principalmente noiva de D. João III infante ainda, teve de casar com D. Manuel, porque este a desejou, e, viúva, convolveu as novas nupcias com Francisco I, porque assim o quiz Carlos V; com o concurso de outros factores, que talvez ainda venhamos a conhecer, o conde de Castanheira obteve quanto quiz.

Porém isto era muito menos do que se suppunha. Depois do rei ter impedido as navegações para o Brasil, que segurança havia de que tal determinação não seria revogada por elle mesmo? que segurança de que o seu successor não a revogaria? e como numa grande extensão da costa, como é a França, banhada a um lado pelo Atlantico e ao outro pelo Mediterraneo, conseguir que de todos os portos não saísse nau para o Brasil?

Era preciso descobrir novo meio, que foi o terceiro.

Não era necessario grande prosperidade para attinar com elle. Empyricamente até já existia em embrião: era o povoamento.

Amerigo Vesputeci, como vimos, fundou uma feitoria no Cabo Frio. Parece que Gonçalo Coelho fundou outra no Rio de Janeiro. Em Pernambuco antes de 1536 existia outra. Segundo todas as probabilidades Christovam Jacques fundou ainda uma em Itamaracá.

Toda a questão se reduzia a fazer conscien-

mente o que até então se fizera inconscientemente.

Foi Gouvea quem chegou a esta idéa por uma serie de raciocínios cerrados, que ainda hoje conservam o seu valor.

Qual a causa por que os Francezes vão ao Brasil? inquiriu elle.

A causa é o Brasil, o algodão e as mercadorias que elles vão buscar.

Ora, si fizermos desaparecer esta causa — isto é, si impossibilitarmos este commercio —, desaparecerá o effeito, a presença dos Francezes naquella terra.

O meio é simples. Fundem-se dez ou doze feitorias. Estas não deixarão que os intrusos communique com os naturaes. Assim não terão elles mercadorias a transportar. Não as tendo, deixarão de ir lá, porque não hão de querer voltar com os navios descarragados.

Estas ponderações calaram no espirito de D. João III, que aliás já as eutrevira vagamente quando mandou Martin Affonso ao Brasil.

Foi então que lhe veio a idéa das donatarias, que, começando em 1534, abrem um novo período em nossa historia.

Desde esta epocha, estava perdida a causa dos Francezes.

Expulsos do Rio de Janeiro, abrigaram-se em Sergipe; expulsos de Sergipe, abrigaram-se na Parahiba; expulsos da Parahiba, abrigaram-se no Rio Grande do Norte; expulsos do Rio Grande do Norte, abrigaram-se no Ceará e Maranhão; expulsos do

Maranhão e Ceará, abrigaram-se na Guayana. Si dahi não foram expulsos, como planejou Philippe III quando concedeu a Capitania do Cabo do Norte a Bento Maciel, deve-se á independencia de Portugal, á guerra hollandesa e a factos supervenientes.

\* \* \*

Publico o seguinte documento, em primeiro lugar, porque ainda está inédito, em segundo, porque encerra curiosas noticias das primeiras explorações ao norte.

Varnhagen, *Historias*, p. 99, affirma, com muita razão, que a viagem narrada aqui é a que fizeram certos portuguezes, que partindo do Brasil foram por Darien á ilha de S. João, onde os prenderam e mandaram para S. Domingos. (Cf. Herrera, dec. I, liv. X, cap. XVI, e dec. II, liv. I, cap. XII.)

São estes provavelmente os onze portuguezes depois trocados por sete castelhanos aprisionados na bahia dos Innocentes, e não os que os companheiros de Solis aprisionaram no cabo de S. Agostinho, pois não consta que elles fizessem tal proeza. (Cf. Herrera, dec. II, liv. I, cap. VII e liv. II, cap. VIII.)

Na publicação foi escrupulosamente seguida a orthographia do original, de que o Instituto Historico possui uma cópia autentica.

«Senhor — eu escrevi a vosa alteza destas yndyas onde estou preso como vosa alteza sabe / e assy senhor tyvi qua maneyra que fyz treladar ho processo que contra nos fizeram e ho mandey a vosa alteza pera que fosse conformado do que se dysza contra nos / e depois dela senhor ser ho processo ho que se mays ao dyante fez nelle / Asy he que sayo ho alquayde mayor marcos dagylar com hum desembargo que ante de todas as cousas mandava que mize francisco Corso e pero Corso / ho que qua avya estado fossem metydos a tormento nam predyjuçando ao provado contra nos per ho promotor da justyça / do qual mandado e desembargo nos apellamos per a relaçam de sua alteza os quaes senhor confirmaram a sentença do alquayde mayor / ho

quall os meos a tormento d'agua e cordes e lhe  
perguntavam no dito tormento se vihamos de por-  
tugal com entengam de entrarmos em terras de  
elrey de castela / os quies sempre dyxeram que nam  
e que vyntam a descobrir terras novas de vosa al-  
teza / como ho lymham dyto em seus dytos a mais  
nam dyxeram e sobretudo ysto senhor nos nam que-  
rem despachar / nem nos quizeram receber a prova  
do que alegavamos como vosa alteza pusshya estas  
terras a vinte anos e maye e que ja joam Coelho  
ho da porta da cruz visynho da cydade de lynboa  
viéra ter por omde nós outros vyntamos a desco-  
bryr e que vosa alteza estava em pose destas terras  
por muitos tempos e que ho que se usava e prati-  
cava entre os lymytes asy hera que da lynha  
canumeyall pera o sull hera de vosa alteza e que  
da mesma lynha pera o norte hera delrey padre  
de vosa alteza e que nos que nam pasaramos a lynha  
canumeyall nem chegaramos a ella com cento e cym-  
coenta legoas e quanto maye que os testygos que  
contra nós heram dados nos heram todos sospeytos  
e a quausa da sospeitam / asy hera que que todos  
heram castelhanos e que segundto a regra e ley de  
direito asy hera que sobre / caso de propriydade dan-  
tre humm Reyno a outro nam se aviam de receber  
dos autores testygos / dos naturaes do Reyno / quanto  
maye senhor que todos estes testygos que contra  
nós deram heram todos os que nos prejudicavam  
dos naturaes de palos de moget que heram homes  
que nos queryam mal / por quausa de humm dygo  
de lepe que vosa alteza mandou enforçar por que

foy tomado nas partes de gyre com certos negros  
que levava furtados / nos quies testygos amdamam  
dyzendo por toda esta cydade que nos enforcassem  
a todos sobre suas almas que nam lhe faltava nada  
de os apropriar aos judeus quando dysyam ho seu  
sange venha sobre nos e sobre nossos filhos e et  
cetra. / dysto senhor e doutras cousas maye por  
ymteyro fizemos artygos / sem a nenhuum nos que-  
rerem receber a prova. Agora nam sey senhor ho que  
quereram fazer / ho feyto esta concruza sobre ho tor-  
mento nam sey ho que sera nós senhor nam temos  
quem por nos faça senam ho bacharel pero moreno /  
ho quall tentos por noso lterado e alem de avogar  
por nos nos ajuda em todas las outras necycydades  
por sermos naturaes do reyno de vosa alteza / e nos  
diz que por sermos naturaes do reyno de vosa al-  
teza / e nos diz que por sermos vasalos de vosa  
alteza tira todo ho que nelle for como de eyto se-  
nhor ho faz / sopryco a vosa alteza que nam nos  
desempare e que nos proveja de maneyra que nam  
pereamos como culpados poys que o nam somos /  
e que em quanto que nos fosemos culpados em fy-  
car omde fycamos se ho tera delrey de castela / nos  
nam fycamos na dyta tera como em tera delrey de  
castela / senam como em tera de vosa alteza / e por  
que nella nos quyseram matar os ymdyos e humm  
pero galego como vosa alteza sabe nos acolhemos  
a estas partes por nam termos outra maye perio  
omde nosa caravela podoso traser / por que estava  
todo comesta do busano / e brama e fasya muyta  
agua e maye traziamos ho leme comesto e que-



brado e muerem. Como vosa alteza mays largamente  
sabe o volo eu senhor tenho espyras / portanto se-  
nhor soprycamos a vosa alteza que nos lyvre deste  
canyeyro em que estamos / e nam consyenta vosa  
alteza que pois dyogo de lepe paguei como cull-  
pado / que nos pagemos / a justyça que se nelle  
faz sendo ynnocentes do peccado que nos poem  
por que asaz abasta ter nos vay em huum anno  
presos como nos tem / sem quausa e tomada toda  
nosa fazenda / so por nos vyrmos acolher em sua  
terra poer nos ho que nos nam fazemos nem pen-  
samos / que he bem cruto senhor que a hobra que  
elles recebem nas yllhas dos açores de vosa alteza /  
nam he esta com que nos elles receberam que quan-  
tos nanyos de qua vam todos vam toquar em quada  
huuma dessas yllhas onde os vasallos de vosa alteza  
lhe fazem muyta onrra / e nam nos prendem nem  
atormcutam como elles nos fizeram / nam me culpe  
vosa alteza de ho eu asy dyzer e esprever / porque  
senhor si for em culpa ou sospayta ouvira em mym  
do que nos poem eu senhor soffera tudo com muyta  
pacyemeyra / poram senhor esta Reyna que elles se-  
nhor tem connosco nam he nova senam muyto velha  
que lhe ficou dos nosos antecessores dalferro-  
beyra / e com ella am dyr a cova / soprico a vosa  
alteza que me queyra remedyar com justyça espre-  
vendo a elrey vosa padre senhor que oulho nosa  
ynnocemeyra e quanta ynyjustiça nos fazem em nos  
terem presos vay em huum anno sem causa / em  
ho que alem de vosa alteza amynistrar justyça nos  
fara muyta merce / e Rogamos a deus por vosa

Recall estado com acrecuntamento de muyta vyda /  
e posto que vosa alteza me nam conhece como a  
cryado / eu senhor na vontade e de coragão ho sam  
de vosa alteza por que senhor se ficara no Ryo onde  
fiquy nam foy com entencam senam de saber ho  
que nanyo na terra pera de tudo dar conta a vosa  
alteza / como espero em deus de dar / segundo achey  
em huum alvará que vosa alteza tinha dado a dyogo  
Rybeyro arauto de vosa alteza em que vosa alteza  
lhe emcargava que oulhase bem pelas cousas da  
terra / ho quall cargo eu senhor torneý polo elle  
matarem os yndyos como vosa alteza sabe / byjo  
as mãos de vosa alteza / desta cydade de Santo  
domyngo aos XXX dias do mes de julho de quynhen-  
tos e quatorze anos / das ymdyas delrey de Castilla =  
do cryado / e servyçor de vosa alteza = estavam  
froz.

## II

### O SERTÃO

**Fontes.** — GABRIEL SOARES DE SAUSA, *Relatório descriptivo do Brasil em 1847*, Rio de Janeiro, 1851, 4.º (n.º 10 do Cat.)

KNIGHT, *The admirable adventures and strange fortunes, ap. Purchas his pilgrimes*, London, 1625-1626, t. vol.º fol. (n.º 804 do Cat.)

FRED VICENTE DO SALGADO, *História do Brasil...*, excerpção na Bahia a 30 de Dezembro de 1627 (n.º 19335 do Cat.)

JAQUES DE ALMEIDA DASS LEITE, *Nobiliarchia panathena*, ap. Roy, de Instituto, XXXIII-XXXV (n.º 16623 do Cat.)

Blern, *Informações sobre as minas de S. Paulo e dos certões da sua capitania desde o anno de 1587...* (n.º 2337 do Cat.)

**Audiliures.** — ALBERTO MATEUS, *Apontamentos historicos, geographicos, topographicos, ethnographicos e noticiosos da provincia de São Paulo*, Rio de Janeiro, 1872, 2 vols., 4.º (n.º 5694 do Cat.)

Logo que os Europeus chegaram ao Brasil colheram de envolta com muitas informações verdadeiras os lincamientos de uma geographia phantastica.

Falavam-lhes em montanhas tão altas que as aves não podiam transpô-las; em rios que, de cho-fre, desapareciam para surgir muitas leguas além; em lagoas abundantes em perolas; em um lago immenso de que manavam o Amazonas, o S. Francisco e o Prata.

O effeito destas informações não se fez esperar: as internações começaram desde logo, ao mesmo tempo quasi que as explorações costeiras, e medra-

ram e desenvolveram-se tanto que, antes de transcorrido o século, tínhamos o phenomeno consideravel dos Bandeirantes.

A primeira entrada de que ha noticia deu-se em 1504, anno em que Vespucci, acompanhado de uns trinta homens, penetrou umas quarenta leguas pelo sertão de Cabo Frio, provavelmente para os lados do rio S. João ou de qualquer dos seus affluentes.

Gonçalo Coelho é bem possivel que no tempo que demorou no Rio de Janeiro houvesse tentado empresa semelhante; não está, porém, isto provado.

Da pequena colonia que se agrupou á roda de João Ramalho na capitania de S. Vicente, corre como certo que partiu uma expedição para o interior; é até citado Alciso Garcia como tendo ido ao Paraguay e ao Perú. Todavia nada se sabe quanto ao rumo seguido, nem quanto ao anno em que se deu o facto, que em todo caso deve ter sido anterior a 1530, quiçá anterior a 1526.

Em 1531, Martin Affonso de Sousa mandou do Rio de Janeiro quatro homens pela terra dentro, que tornaram passados dois meses, tendo caminhado cento e quinze leguas, das quaes sessenta e cinco por grandes montanhas e cincuenta por um vasto campo. Estas montanhas são as serras dos Orgãos e provavelmente os campos a que chegaram foram os dos Cuytacazes.

A 1 de Setembro de 1531, de Cananéia mandou o mesmo Martin Affonso uma tropa de quarenta braseiros e quarenta espingardeiros, de Pero Lobo,

a descobrir pela terra dentro. Levou-o a dar este passo Francisco de Chaves, companheiro de João Ramalho, que se obrigou a tornar dentro de dez mezes com quatrocentos escravos carregados de prata e ouro. Tudo quanto se sabe do destino ulterior desta bandeira é que foi completamente destroçada pelos Carijós. (1)

Em 1552 approximadamente, o capitão de Porto Seguro mandou ao sertão doze christãos, acompanhados de índios, aos quaes se incorporou o padre João de Aspilcueta. Da narração confusa que este nos deixou apenas se colhe que chegaram ás serranias donde marcam os affluentes do lado direito do S. Francisco. Provavelmente é esta uma das entradas de Sebastião Fernandes Tourinho, de que dá relação Gabriel Soares. (2)

Sebastião Tourinho, partindo de Porto Seguro, metteu-se tanto pela terra dentro, que se achou em direito do Rio de Janeiro. Dahi retrocedeu e veio ter ao Jequitinhonha, que desceu em canoas, chegando ao mar depois de vinte e quatro dias de navegação.

Sebastião Tourinho fez outra entrada pelo rio Doce, que subiu até grande distancia, descobrindo então as esmeraldas. (3)

Esta viagem foi anterior ao governo de Luis de Brito e Almeida.

(1) PERO LOPES, *Diário da Navegação*, p. 32, 36. Cf. FINE GANPAR DA MARE DE DEUS, *Memorias da Capitania de S. Vicente*, pp. 85, 93.

(2) VARNHAGEN, *História geral*, pp. 460-462.

(3) *Roteiro*, pp. 60-61, 68-70.

Luis de Brito e Almeida, á vista das informações de Tourinho, mandou ás esmeraladas uma bandeira commandada por Antonio Dias Adorno, que subiu pelo rio das Caravellas e chegou provavelmente ás proximidades do rio Doce. Dahi dividiu-se a tropa, descendo uns pelo Jequitinhonha, outros vindo por terra ao Jequiriçá. (1)

Gabriel Soares dá ainda noticia de duas entradas feitas proximaemente no mesmo tempo: uma de Bastião Alvares, de Porto Seguro, que a mandado de Luis de Brito e Almeida foi explorar o S. Francisco, e trabalhou por descobrir quanto pôde no que gastou quatro annos e um grande pedaço da fazenda de el-rei; outra de João Coelho de Sousa, que subiu mais de cem leguas além de um sumidouro, que provavelmente é a cachoeira de Paulo Afonso. (2)

Das palavras do chronista, parece deduzir-se que, ao contrario de Bastião Alvares que subiu contra a corrente, João Coelho de Sousa desceu a favor della, provavelmente por ter chegado ao rio S. Francisco pelo Paraguaçu ou Gussiape.

Gabriel Soares que, segundo parece, era irmão de João Coelho (3), tambem passa como um dos grandes bandeirantes do século.

(1) *Roteiro*, pp. 60, 67, 71. Frei Vicente do Salvador conta a historia de modo differente (*Historia do Brasil* III, X, fol. 96-97.)

(2) *Roteiro*, p. 42. Cf. sobre Bastião Alvares, Frei Vicente do Salvador, III, Cap. IX, f. 57.

(3) É o que se deduz do seguinte trecho de Frei Vicente do Salvador: este teve um irmão que andou pelo sertão da Bahia tres annos,

Em uma das copias manuscriptas do seu *Roteiro*, elle diz que passou muitos dos dezeseite annos que residiu no Brasil a percorrer o interior. Na obra de Simão Estação da Silveira, (4) publicada em 1624, diz-se que elle foi ao descobrimento do Maranhão por terra, chegando ás cabeceiras do S. Francisco e á serra Verde, perto da governação esparheola de Charcas. Pelo livro do Frei Vicente do Salvador, sabemos que em 1591 ou 1592 elle chegou até as cabeceiras do Paraguaçu onde infelizmente morreu (5).

A obra de Frei Vicente do Salvador nos dá relação de uma entrada feita pouco mais ou menos neste tempo por Luis Alvares d'Espinha que, par-

donde trouxe algumas amostras de ouro, prata, e pedras preciosas, com que não chegou por morrer á tornada com leguas, desta Bahia. *Rev. do Inst.* XXII, p. 468. Cf. Varnhagen, ib. 457.

(4) *Relação summaria das cousas do Maranhão*, em Candido Mendes, *Memorias para a historia do extincto estado do Maranhão*, II, p. 5.

(5) *Revista do Inst.* XXII, p. 466. Rocha Pitta (II, § 80) fallava em um Roberto Dias, de quem com um escriptor se encontra antes menção.

É possível que haja nisto simples imaginação do historiadór pouco consciencioso, privádo pelo desejo de dar á Bahia a honra do descobrimento das minas. Parece-me, porém, não menos provavel que o Roberto Dias, de Rocha Pitta, é nada mais nada menos que Gabriel Soares da historia.

Ambos fizeram a viagem a Europa; ambos reclamaram muitas honras que, por serem consideradas excessivas, não foram outorgadas; ambos fizeram a entrada em tempo de D. Francisco de Sousa; ambos morreram antes de ver coronados os seus esforços.

Mas na criação de Roberto Dias não ha só transmutação, ha tambem amalgama. Houve na Bahia, um tempo que ainda não está bem determinado, mas que Accioli, *Memorias*, V, pp. 18, 66, 68, 140,

tindo dos Ilhéos a pretexto de vingar-se de umas aldeias que mataram uns christãos, e que distavam trinta leguas, aprisionou-as, e passou adiante captivando muita gente.

De Pernambuco, o mesmo autor faz menção de muitas entradas.

A primeira teve logar no governo de Duarte de Albuquerque Coelho (1560-1573) contra os indios do cabo de S. Agostinho. Segundo as palavras do chronista que parecem exaggeradas, iam além de vinte mil indios, sete companhias, em que entraram a gente de Iguaçu commandada por Fernão Lourenço; a do Paraty (9) por Gonçalo Mendes Leitão, irmão do bispo D. Pedro Leitão; a da varzea do Capibaribe pelo fidalgo allemão Christovam Lins; a de Olinda commandada por diferentes chefes, segundo a sua procedencia, sendo os Viannenses por João Paes; os Portuenses por Bento Dias de Santiago; os Lisboetas por Gonçalo Mendes d'Elvas;

Julga-se ser nos fins do seculo XVII, um Belchior Dias Moribeca, sergista destemido, cujos roteiros, hoje desconhecidos, gozaram de grande nomeada. Foi, portanto, com o nome de Dias Moribeca e com as ações de Gabriel Soares que se formou o typo de Roberio.

Taques, na sua *Nobiliaria Paulistana*, exprime uma opinião pouco differente da que ahí fica externada. Elle tambem identifica a bandeira de Gabriel Soares com a de Roberio Dias, mas não nega a existencia d'este: considera-o apenas como guia da exploração. (*Nobiliaria Paulistana na Revista do Inst. XXXIV p. II, pp. 151-152*).

Esta opinião, que é até certo ponto aceitavel, tem entretanto contra si duas objecções: a primeira é que Frei Vicente do Salvador dá como guia o indio Guaracy; a segunda é que elle não faz menção de nem um Roberio Dias.

(9) *História do Brasil*, liv. III, cap. XV, pg. 83, 84.

a de Itamaracá por Pero Lobo, que desistiu da honra e preferiu ser simples soldado no batalhão dos aventureiros. O successo foi completo, ficando desde então o cabo de S. Agostinho em poder dos Portuguezes.

A segunda bandeira foi contra os naturaes do Serunhaen, sendo os que iam por terra commandados por Jeronymo de Albuquerque e os de mar por Felippe Cavalcanti. Tambem o successo desta não foi menos feliz. (10)

A terceira que sahio em 1578 era commandada por Francisco Barbosa da Silva com destino ao S. Francisco, indo por terra um tropo de setenta homens, ao mando de Diogo de Crasto, lingua que já tornára parte nas entradas anteriormente mandadas da Bahia. Esta bandeira internou-se pelo lado direito do S. Francisco, indo chegar destrojada ao Cotinguiba.

A quarta logo depois desta dirigiu-se ao S. Francisco, e era mandada por Francisco Caldas e Gaspar de Athaide, auxiliado por Braço de Peixe, um dos chefes tobajáras. Pela deslealdade de que usaram com este, foi inteiro o mallogro. (11)

Depois da conquista de Sergipe por Christovam de Barros foram ao sertão duas tropas commandadas por Christovam da Rocha e Rodrigo Martins, que não tiveram melhor successo. (12)

(10) *Frei Vicente do Salv.*, liv. III, cap. XV, p. 84.

(11) *Frei Vicente do Salv.*, liv. III, cap. XX, p. 93, 94.

(12) *Frei Vicente do Salv.*, liv. IV, cap. XXI, fol. 142, 143, 144.

Do Espírito Santo ha certeza que Domingos Martins Cão <sup>(13)</sup> fez uma entrada a procura das esmeraldas por ordem de D. Francisco de Sousa, quando este ainda estava na Bahia, isto é, antes de 1598.

Ha ainda noticia de uma entrada feita no mesmo ou no seguinte anno por ordem de D. Francisco de Sousa. <sup>(14)</sup>

Provavelmente é esta a de Azevedo Coutinho, que, como se sabe, é posterior á de Domingos Martins Cão.

Do Rio de Janeiro temos noticias preciosas transmitidas por Knivet de entradas feitas ás cabeceiras do Parahiba e aos sertões de Minas Geraes, entre 1592 e 1600.

De S. Paulo, as bandeiras são numerosas.

Diz o epitaphio <sup>(15)</sup> de Brás Cubas que este descobriu ouro no anno de 1560.

Em 1562 sabemos que João Ramalho foi por capitão das guerras contra os Indios do Parahiba. <sup>(16)</sup>

Afonso Sardinha é sabido que na ultima decada do seculo, descobriu as minas de Sorocaba. <sup>(17)</sup>

Jorge Corrêa em 1594 foi para o sul fazer guerra aos Carijós. <sup>(18)</sup>

(13) FERR VICONTE *JO SALV.*, liv. IV, cap. XXXVI, pag. 162, 163.

(14) *Ibidem*.

(15) VARELLA *GEN. Historia*, I, 353. cf. Cat. da Exp. n.º 882.

(16) AZEVEDO MARQUES, *Apostolamentus*, s. v.

(17) TAQUES, *Nobiliarquia*. Revista do Inst., XXXIII, parte I, p. 98; *Informação das Minas*, p. 4.

Para resumir, os nomes de sertanistas e bandeirantes paulistas de que ha memoria são em numero extraordinario. Só o padre Simão de Vasconcellos, que apenas trata do assumpto incidentalmente, nomea João de Sousa Pereira, Francisco Corrêa, Domingos Luis Grou, Manuel Veloso de Espinha, José Adorno, Ascenso Ribeiro, João Gago, Jeronymo da Veiga, etc. <sup>(19)</sup>

Com o livro de Taques e o de Azevedo Marques poder-se-ia elevar este numero ao decuplo.

De todas estas entradas bem poucos são os roteiros que se conservam. Gabriel Soares dá-nos alguns, porém confusamente. Frei Vicente do Salvador dá outros, mais circumstanciados quanto á parte aneddotica, porém inteiramente deficientes até quanto á geographia. Knivet dá-nos alguns, porem muito deficientes tambem quanto ás indicações. Maregrav só, dá um que é o mais completo e o mais lucido que possuímos, tanto que por elle se pôde facilmente reconhecer o caminho procurado.

Felizmente, comparando-se os roteiros que ainda nos restam daquelle tempo com os que ha de tempos posteriores pode-se fazer um roteiro theorico, que servirá para encadear e systematizar os descobrimentos e os rumos dos bandeirantes.

Para traçar este roteiro theorico, é preciso attender ao seguinte:

(18) TAQUES, *Nobiliarquia paulistana*, na Rev. do Inst. XXXIII, p. II, p. 82.

(19) VIDA DE ANCHIETA, p. 129, 150, 152, 154, 166, 161, 196, 197, 198 e 207.

As montanhas foram sempre a balisa, o pharol que tiveram á vista aquelles homens empreheendedores.

Os rios foram os caminhos que seguiram de preferencia.

Não é preciso explicar o motivo por que as montanhas figuraram de modo tão importante nas primitivas explorações do interior: a sua fixidez invariavel, a sua visibilidade a grande distancia são factos patentes. Além disso uma montanha domina grande parte do paiz, e della pôde fazer-se um reconhecimento previo do espaço a percorrer, uma recapitulação rapida do espaço percorrido.

Quanto aos rios, as vantagens são talvez maiores.

Margeando um rio não ha meio de uma pessoa se perder. O rio garante a agua, condição indispensavel de vida, facilita a alimentação, directamente pelo peixe que contém, indirectamente pela caça que vem beber no seu leito. Em paiz habitado por inimigos, é um fosso, que de um lado difficulta muito os ataques. Emfim, si subir contra a corrente não é facil e exige grande esforço muscular, é certo que na direcção da corrente a viagem é facilissima e quasi dispensa esforço.

Na realidade tal é a importancia dos rios nesta parte da nossa historia que as bandeiras devem classificar-se não pelo ponto donde partiram, mas pelos rios que margearam ou navegaram.

Todos os rios do Brasil representaram papel mais ou menos consideravel no devassamento do interior; ha, porém, alguns que excedem a todos: o Tietê, o

Parahiba, o S. Francisco e o Amazonas. Como este só começa a apparecer no seculo seguinte, deixa-lo-mos de parte.

A preponderancia do Tietê é tamanha que geralmente são considerados synonymos paulista e bandeirante. Isto é, porém, uma injustiça. Si o característico de taes expedições é a insignia sob que marchavam, então os Paulistas são provavelmente os unicos bandeirantes, pois não consta que alhures usassem de bandeira. Si o que ha de fundamental é o fim e o resultado, — o fim, isto é a captura de indios e a procura de objectos de valor; o resultado, isto é, a exploração inconsciente do territorio, então quasi todas as provincias têm bandeirantes. Basta lembrar os nomes de Pedro Teixeira, Costa Favelle, Palheta, Dias d'Avila, Domingos Affonso Certo, Tourinho, etc.

Todavia, mesmo extendendo o nome de bandeiras ás expedições de outras provincias, o Tietê ainda fica em posição excepcional que apenas he pôde disputar com alguma vantagem o S. Francisco. Si o Tietê foi o caminho de Minas Geraes, do Paraná, de Santa Catharina, do Rio Grande do Sul, de Goyaz e Mato Grosso, — o S. Francisco foi o caminho para parte de Goyaz, do Piauhay, do Ceará, de Minas Geraes e Rio de Janeiro.

O Tietê possuia condições naturaes que o destinavam a este papel. Uma era a sua proximidade do mar, que foi motivo para os Portuguezes virem logo estabelecer-se em suas margens, e toma-lo por ponto de partida. Outra era a direcção de sua cor-

rente, pois os colonizadores não tinham de subi-lo, mas de desce-lo, o que era muito mais facil. Outra era o systema de suas vertentes, que o punha em contacto com o Parahiba, o Mogyguaçú, o Paranapanema, e, depois de confluir com o Paraná, punha-o ainda em contacto com os affluentes do Paraguay.

Os Paulistas começaram a descer o Tietê desde os primeiros tempos, provavelmente antes do meado do século XVI. Uns foram subindo pelos seus affluentes, Juquiry, Jundiaby, Piracicaba, Sorocaba. Outros foram até o Paraná.

Aqui encontraram circumstancias, á primeira vista insignificantes, que exerceram grande influencia sobre a direcção das bandeiras e sobre a formação territorial do Brasil. Acima da confluencia do Tietê, o Paraná tem um salto que é impossivel transpor: o de Urubupungá; abaixo elle tem o das Sete Quedas, ainda mais difficil de ser passado. A consequencia foi que as bandeiras tinham, ou de tomar, acto de que não eram capazes aquelles homens destemidos, ou de internar-se pelos affluentes do lado direito e do lado esquerdo do Paraná.

Foi o que fizeram.

Parece que os affluentes do lado direito do Paraná foram explorados antes dos affluentes do lado esquerdo, pois sabemos que em 1531 já houvera viagens ao Perú, e só por este modo é que se podem explicar. Sabe-se pelos mappas antigos que dois destes rios foram logo praticados: em primeiro lugar o Ivinheima com o Mbotetchu que com elle contraverte; em segundo lugar o Pardo com o Ca-

mapuan, Coxim e Taquary, que lhe correspondem.

Os affluentes do lado esquerdo do Paraná, foram explorados, a partir da foz, mais tarde, nos começos do século XVII. Foi então que se deram as lutas terriveis com os Jesuitas nas margens do Paranapanema.

As bandeiras que preferiram subir pelos affluentes do Tietê, seguiram rumos differentes. Uns foram dar ao Mogyguaçú e Pardo, e pelo Parahiba foram a Goyaz, exemplo Sebastião Marinho, que, é tradição, descobriu primeiro aquellas minas em 1593; outros subiram para Minas Geraes; outros passaram ao trecho medio do Paranapanema; outros pelo Sorocaba foram dar ao Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

O Parahiba foi atacado successivamente por tres pontos diversos.

Primeiro pelos seus affluentes proximos do Tietê, como se vê no roteiro de Glimmer. Este caminho, durou pouco tempo, e desapareceu logo que foram fundados Taubaté, Pindamonhangaba e os outros povoados.

Quasi ao mesmo tempo, sabe-se pela viagem de Knivet, foi atacado pela serra do mar, nas proximidades de Paraty, por onde foi quasi dois seculos o caminho por terra entre Rio de Janeiro e S. Paulo.

Mais tarde foi tambem pela serra dos Orgãos, seguindo o Iguaçu e o Inhomirim.

Um dos seus affluentes mais insignificantes, o Embahú, foi o ponto de ligação com Minas Geraes



e com o trecho superior do Paraná e, indirectamente, com o S. Francisco.

O S. Francisco não estava em condições tão favoráveis como o Tietê, pois era preciso subi-lo contra a corrente e logo a pequena distancia do mar encontrava-se a cachoeira, ou sumidouro, como então chamavam, de Paulo Affonso.

Mas estas desvantagens eram mais que amplamente compensadas pela posição da sua bacia, a oeste ligada pelo Paracatú, Preto, Ururuia, Carinhanha, Corrente, Rio Grande e Sapão á bacia do Paranhíba e Tocantins; ao norte ligada ao Itapicurú, Paranhíba e outros rios menos importantes; a léste ligado ao Real, Itapicurú, Paraguaçu, Contas, e outros menos importantes historicamente.

O S. Francisco ainda teve uma circumstancia muito favorável: a vegetação da seu sertão, em geral de carrasco, catinga, e mato ralo, que não oppunha ás intimações os mesmos embaraços que a matta virgem.

Os pontos de ataque do S. Francisco podem reduzir-se a tres.

O primeiro foi pela foz; embora estorvadas, logo no principio pelo immenso sumidouro que tanto preoccupou os primeiros bandeirantes, as entradas commetidas nesta direcção tiveram grande importancia, pois pelo Moxotó, Paguehú, Terra Nova, riacho da Brigida, levaram ao Jaguaribe, ao Cariri, e posteriormente ao Piahy e ao Maranhão; pelo Porto de Folhas, Propriá, Betume, levaram ao centro de Sergipe e da Bahia.

O segundo foi pelo Itapicurú, Paraguaçu e seus afluentes, pelo trecho medio do rio de Contas; de importancia ainda maior para a colonização e exploração da Bahia, de Minas Geraes, de Goyaz, de Piahy, pela contiguidade em que estavam com os rios Salitre, Verde de Baixo, Paramirim, Santo Onofre, Rans, e estes com os afluentes da margem esquerda do S. Francisco.

O terceiro foi pelas cabeceiras, principalmente pelo rio das Velhas, nos sertões de Sabaraboçu. Chegava-se ahí das margens do Parahiba, transpondo a serra da Mantiqueira, e depois a bacia do Rio Grande, ou Paraná.

Na obra de Piso e Marcgrav, onde se acha perdido, poucas pessoas irão procurar este roteiro. Por isso publico-o. É o primeiro, que me consta, de viagem a Minas Geraes, e presta-se a uma comparação muito curiosa com a que um seculo depois nos dá Antonil na *Cultura e opulencia do Brasil*.

Varnhagen conhecia-o e refere-se a elle na *Histórias*, p. 460. Levado, porém, pela identidade do nome de Glimmer, que figura no livro de Marcgrav e figura na carta de Walbeeck, elle commetteu um erro inexplicavel: identificou as duas viagens.

Entretanto, a differença entre ellas é fundamental.

Uma teve logar depois que D. Francisco de Sousa sahio da Bahia para S. Paulo, isto é entre 1598 a 1602; outra teve logar depois da tomada da Bahia, depois de 1624. Uma partiu de S. Paulo, outra parti da Bahia. Uma foi a Sabará, em Minas Geraes, outra ás minas de Salitre, na Bahia. Numa apparecem Francisco Dias d'Avila, Calabar e Glimmer; em outra só apparece Glimmer.

Pelo roteiro junto, traça-se facilmente o terreno percorrido: de S. Paulo foram ao Parahiba, provavelmente pelo Araraquara ou Jaguary; desceram o Parahiba até immediações do Cruzeiro ou Cachoeira; beirando o Embahú transpozeram a Mantiqueira, descendo pelo Capivary e Rio Verde.

Este caminho até certo ponto corresponde com o traçado da via ferrea do Rio Verde.

«Opera pretium autem putavi hic inferere Itinerarium quod à Wilhelmo Glimmerio nostrate accepi. Is narrat eo tempore quo ipse in Præfectura S. Vincentii degeret, venisse ad illas partes à Præfectura Bahiæ Franciscum de Sousa; acceperat enim à quodam Brasiliiano metallum quoddam, è montibus *Sabaraoson*, ut ferebat, erutum, coloris cyanci sive caelestis, arenulis quibusdam aurei coloris interstinctum, quod cum à miserariis esset probatum, in quintali (triginta marcas pari argenti continere deprehensum fuit. Hac illeccora provocatus Gubernator montes hosce & montalla diligentius investiganda putans, septuaginta aut octaginta qua Lusitanos, qua Brasilienses, lo mittere in animum induxit. Cum his Glimmerius noster profectus, itineris rationem ita describit.

«Ab oppido S. Pauli, in præfectura S. Vincentii, profecti primum ad municipium S. Michaelis pervenimus, (quod distat à superiori versus ortum quinque aut sex leucas) & ad ripam fluvii *Anhembi*, atque ibidem commeatu paratos invenimus, quos barbari humeris erant portaturi. Deinde fluvium illud trajecimus, & quatuor aut quinque dierum pedestri itinere per densas Silvas promovimus versus Arcum, ad fluviolum qui oritur à montibus Cuarumunis aut Marumiminis, ubi auri sunt metalla. Hic canois aliquot è corticibus arborum conjunctis, secundo hoc amniculo descendimus quinque aut sex diebus, inci-

dimusque in majorem fluvium ab Occidentali plaga descendente. Prior ille fluviolus labitur per humiles & irriguos campos & amantissime spectabiles. Secundum hunc majorem cum biduo descendissimus, incidimus in fluvium adhuc longe majorem, qui à montis *Paranapiacabæ* Arcteo latere oritur (sicuti Anhembi ex Australi ejusdem latere) & primum secundum montium ductum versus occasum dilabens, dein cubito flexus, aliquandiu fertur versus Arcum, & tandem, ut vulgo creditur, illabitur in Oceanum inter Promontorium Frio & Præfecturam Spiritus Sancti, piscibus tam majoribus quam minoribus egregie festus: vocant fluvium de *Sorobis*. Hunc quoque quindecim aut sedecim diebus descendentes pervenimus ad Cataracten, ubi fluvius ab editis montibus constrictus, præceps ruit versus Ortum: quapropter hic canoas nostras depressimus & rursus pedestre iter aggressi, iusta & per alium ananem, qui ab occasu advenit & navigiorum non est patiens; quinque aut sex diebus pervenimus ad altissimum montem, quo superato descendimus in parentissimos campos, lucis quoque hac illac opacos, in quibus pulcherrimæ pini visuntur, quæ fructus ferunt mole capitis humani, cujus aures medium digitum crassæ, cortice reguntur instar castaneæ, & optimi sunt saporis & nutrimenti: (*vix dubito, illam loqui de Zaburao arbore*) ejusmodi arbores per multa milliaria in mediterraneis reperiuntur. Deinceps triduo pervenimus ad fluvium qui ab ortu descendit, quem transeuntes quatuordecim diebus proximius versus Corum, per patentes campos &

colles arboribus nudos, ad alium fluvium navigiorum patientem, & venientem ad Aquilonem, hunc ratiibus, quas *langadas* vocant, trajecimus; & quatuor aut quinque leucarum intervallo alium fluvium offendimus, pene ab Arcto allabentem & navigiorum patientem. Credo autem tres hosce fluvios tandem in unum alveum confluere, & ferri in *Paraguayum*, eo argumento, quod versus Africum aut occasum se proripiant. Porro toto illo itinere quod hactenus descripsimus, nihil culti vidimus, nullos mortales, hic illic tantum ruinas pagorum, nihil vicini opportunum præter gramen & aliquot fructus silvestres; observavimus tamen notumquam summum ascendentem, vagantur enim per has solitudines barbari quidam cum conjugibus & liberis, incertis sedibus, qui obviis utuntur, nulla sementis cura. Ad postremum hunc fluvium demum pagum indigenarum invenimus, & annonæ copiam, tempestive admodum, siquidem omnis quam nobiscum tuleramus, jam erat consumpta, & jam aliquandiu silvestribus fructibus aut herbis campestribus famem expleveramus.

« Mensem pene integrum hic morati, & annona parata, denuo iter promovimus versus Corum, & mense uno absoluto, nullis fluvii obviis pervenimus ad viam latam & tritam, & duos amnes diversæ molis, qui ab Africo allabentes inter montana *Sabaraosa* eluctantur versus Boream; atque hos esse fontes seu capita fluvii S. Francisci ophior. A pago supradicto ad hos amnes nullos mortales vidimus, sed accepimus ultra montes nationem barbaram admodum populosam agere; qui de Europæorum horum

adventu (nescio quo pacto) curtoris facti, unum suorum dimiserunt, ut nos specularetur. Ille cum in nostros incidisset metu horum barbarorum atque annonae inopia, nondum explorato metallo, cujus causa missi eramus, repedare iuravimus, & pene fame enecti rediimus ad pagum illum barbarorum. Ubi viribus recuperatis & annona parata, eodem itinere quo veneramus, ad fluvium illum ubi canoas depresseramus, sumus reversi; atque his relecti flumini nos commisimus, eoque adverso proraptavimus usque ad illius fontes; atque ita novem mensibus in hanc expeditionem impensis, primo Mogomimiu, dein ad oppidum S. Pauli rediimus.»

## III

## POVOAMENTO E POPULAÇÃO

Fontes. — ANCHET, *Enfermeiro do Brasil e de suas capitães* (n.º 3746 do Cat.)

Idem, *Enfermeiro de la provincia del Brasil para nuestro padre.*

Auxilius. — MARTINS, *Como se deve escrever a historia do Brasil*, ap. *Revista do Inst. VI*, (n.º 5339 do Cat.)

VARRIAUX, *Historia geral.*

RODRIGUES PEDREIRA, *Notas etnológicas sobre os Brasileiros*, Rio de Janeiro, 1882, 4.ª ed.

O povoamento do Brasil começou do modo seguido em 1534, quando o território foi repartido em quinze pedaços e doado a doze donatários.

Ficou-se apreciado de modos diversos este plano de D. João III, e alguns têm censurado os poderes quasi ilimitados concedidos aos capitães-mores e a grande extensão das capitães.

Estas censuras não têm grande valor. O poder ilimitado dos donatários era uma necessidade, não tanto para que podessem dominar os colonos, como porque em sociedades rudimentares como as que então se fundavam a divisão de poderes era impossível. Ora todo o poderio dos donatários consistia em accumularem o poder executivo, o poder judicial e o poder legislativo.

Quanto a grande extensão das capitanias e á consequente distância em que ficaram uns das outras na metrópole da Índia, não é justo collocar-se do ponto de vista moderno para julgar providências e factos do século XVII. O que tinha em vista o governo português era assegurar-se a maior extensão possível do litoral e fôr de morte as tentativas invasoras dos Franceses. Ambas as res. Cuidos foram conseguidos. Si a expulsão dos Franceses exigiu quasi um século de esforço, imaginase o que seria si não existessem donatários.

Alguns destes foram desde o primeiro batido os seus contrários: como foi João da Matta, Fernando Alvares da Andrade, Ayres da Cunha, Antonio Cardoso da Cunha, Coutos, depois de uma vellezão, deram em completo descalabro, exemplo Paulo de Góes e sobretudo Francisco Pereira Guedes, victima dos barbaes capitães. Coutos, porém, foram felizes, e lançaram os fundamentos do que se pôde chamar a colónia secundaria de nova população.

Deves lembrar que dos Constaes procedem Ilheus, Olinda, Villos, Porto Seguro, Santa Cruz, Espirito Santo, S. Vicente, S. André, para reconhecer que a sua influencia foi secundaria e que a elles deve muito o povo brasileiro.

Ainda mais e melhor na fidei reconhecendo isto, si repararmos que estes povoados não todos no litoral, onde os donatarios não tinham de grande interesse como no interior. De facto, no interior era indeterminado o terreno que lhes cou a, no contrario

do litoral, onde a extensão de suas capitanias accidia entre elles e com legens. O, a elles concernia não mais para o desenvolvimento do sertão attestando diferentes razões: a prohibição de virgens entre as capitanias pelo interior, promulgada desde 1548; a fundação de S. Paulo, de Mogy das Cruzes, da Parahyba, logo no século XVI, as extensões do século XVII, o grande numero de bandeiras procedentes das capitanias, etc.

Era, porém, necessario ainda, tambem da costa, ao mesmo tempo estabelecer de donatarios a doutrina em principio superior que elles necessitam, em principio que comprometter as quendas e impensas que conf. dos do litoral degerassem em conf. fias a mão armada. Foi o que se fez em 1548 com a criação da 1.ª g. e na geral, de que tomou posse Thomé de Sousa, em Março de 1549.

E a esta instituição que se deve grande parte da extensão do nosso país á berra-mar, — pôde mesmo dizer-se todo o norte e parte do litoral.

Logo ao governo de Mar de S. fundou-se e Rio de Janeiro, em que os Franceses, apenas com um intervalla de pouco tempo, haviam conseguido conservar-se durante o espaço de doze annos.

No governo de Luis de Brito e Almeida e Antonio de Sales, foram expulsos os Franceses e domados os naturaes do rio Real e do Cabo Frio.

No governo de Manuel Teijles Barreto foi definitivamente conquistado e começou a ser colonizada a Parahyba.

No governo interino de Christovam de Barros

dominou-se a parte de Sergipe que ainda resistia e fundou-se S. Christovam.

No governo de D. Francisco de Sousa conquistou-se e colonizou-se o Rio Grande do Norte.

Menos de vinte annos depois deste facto, o Brasil já attingira ao Norte os limites que depois nunca mais ultrapassou por aquelle lado.

Em resumo:

A tendencia dos donatarios deveria ser alongarem-se pelo interior, onde o seu dominio era illimitado.

A tendencia dos governadores regios deveria ser alongarem-se pelo exterior, onde havia maior perigo de estrangeiros e mais instabilidade na posse.

E elles alongaram-se principalmente pelas costas do norte, porque, estando desde 1580 Portugal sob o dominio da Espanha, não havia urgencia em colonizar o sul que não era tão procurado pelos estrangeiros, e até certo ponto estava garantido pelos estabelecimentos platinos.

Só depois da separação de Portugal da Espanha é que o problema da colonização do sul devia agitar-se, e com effeito só então é que o foi.

— — —

Agora que está imperfeitamente traçado o rumo que tomou o povoamento, vejamos como se formou a população.

Logo que os Europeus chegaram a estas plagas, encontraram-nas povoadas por differentes tribas.

Umaz falavam lingua que pela grande extensão em que dominava, mereceu o nome de geral. Outras falavam linguas geralmente pouco conhecidas e de area circumscripta, linguas que foram chamadas travadas. Os primeiros, segundo Frei Vicente do Salvador chamavam a si *Apuabetos* (=Apiabeté, segundo Baptista Cactano); aos segundos davam os nomes de *Tapuias*, isto é, de inimigos.

Os modernos estudos craneologicos têm distinguido entre os Tapuias e Apuabetos pelo menos tres raças: primeiro a dos Tupis, a mais numerosa, a mais importante, a menos barbara, geralmente localizada no littoral e nas margens dos rios, e que parece ter vindo do norte, dos Galibis e Caraibas; segundo a dos Botocudos ou Aymorés, terror das capitarias que hoje formam a provincia da Bahia, ainda agora encanionados em Espirito Santo e Minas, raça proveniente do Oeste, segundo Baptista Cactano, e que mostra vestigios patentes de cruzamento com o homem fossil da Lagoa Santa, descoberto por Lund; terceiro a dos Bugres, localizados entre o Uruguay e o Parapanema, continuação evidentemente dos homens dos sambaquis.

A estes elementos primitivos desde logo vieram juntar-se os Portuguezes, que começando em 1500 pelos dois degradados e dois desertores que ficaram em Porto Seguro; continuando com os que ficaram por sua livre vontade ou vieram degradados desde este anno até 1534; de então por diante vieram em maior numero, em mil de uma vez em 1549.

Não tardou muito que destes e dos naturaes se

originares uma nova raça, a de mestiços ou mamulões, que tanto influíram sobre a nossa história, principalmente em S. Paulo.

Além destes havia ainda os Franceses que na Paraíba e Rio Grande do Norte defuraram larga geração, como afirma Vieira; os Espanhóis que em S. Paulo se uniram às principais famílias, e Ingleses, Holandeses e Allemaes avulsos, que depois causaram muito mal pelas informações que forneceram aos Holandeses e outros que por mais de uma vez assaltaram a colônia.

Desde o tempo dos donatários, começou a importação de africanos em pequena escala (1). Com a criação do governo geral, a importação augmentou e foi cada dia se desenvolvendo.

Segundo Domingos de Abreu de Brito, de 1571 a 4 de Março de 1591 foram exportados para o Brasil 6 Indios de Castella 52.253 escravos, que vendados á fazenda real 156.158 (2). Em 1584, José de Anchieta em um escripto infelizmente ainda inédito, calcula em dez mil os escravos africanos de Pernambuco, em tres mil os da Bahia (3).

Com esta diversidade de raças, deu-se aqui um cruzamento em grau consideravel, e estabeleceram-se muitas classes na população: o europeu de sangue puro, o mazzombo, filho de pais europeus; o mulato,

filho de pai europeu e mãe africana; a crioula, filho de africanos nascido no Brasil; o caribou, ou caboulo, filho de indio e africano (4).

Numericamente considerados, eram os Brasis a mais importante das tres raças de que se formou o povo brasileiro. Entretanto, pouco a pouco foram diminuindo: uns começaram novas migrações, de que dão testemunho Kuitas no século XVI e Acuña no século seguinte; outros em numero diffiçil de calcular, succumbiram a epidemias terríveis que appareciam como que fatalmente sempre que se achavam em contacto com os Europeus.

Seguiram-se-lhes os Africanos, que mais tarde, principalmente com o descobrimento das minas, chegaram a predominar.

Ultimam, enfim, os Europeus, fracção numerica do todo.

Si calcularmos em sessenta mil a população do Brasil civilizando em 1600, os Brasis eram representados por trinta e trinta e cinco mil, os Africanos e Filhos de africanos por vinte mil, os Europeus e os mazzombos por menos de dez mil.

Entretanto foram estes que venceram, pelo principio superior que representavam, pela cohesão, pela organização, por muitos outros motivos que fôrta logo enumerar.

Essa victoria não foi, porém, completa: na fahenda, na industria, na religião, no governo, na literatura, Africanos e Brasis exerceram uma influencia,

(1) Na entre os manuscritos do Instituto Histórico ha uma provação sobre escravos africanos introduzidos no Brasil sem a licença do governo geral. Cf. *Historia geral*, p. 219.

(2) *Summary e description do reino de Angola*.

(3) *Informacion del Brasil*.

(4) *Relações*, liv. VIII, cap. IV.

difficil de perceber hoje, que quasi tres seculos a antecuraram e disfarçaram, porém muito sensivel no seculo XVI.

Martius indicou esta verdade de modo profundo, quando disse que o estudo das raças do Brasil é um caso de parallelogrammo das forças.

----

O estudo actual da anthropologia brasileira não nos permite ainda tirar conclusões rigorosas sobre as differentes raças que aqui viviam antes da chegada dos Europeus. Só ultimamente é que esse estudo tem entrado em uma via fecunda de resultados positivos; mesmo assim o material de que dispõem os nossos anthropologistas é tão míngua e o escasso que elles se têm limitado antes ao improprio trabalho de analyse, do que ao de constituir doutrinas para a filiação e distribuição dos nossos Brasis.

O appello dirigido ultimamente ao paiz, por occasião da Exposição Anthropologica, fez reunir no Museu Nacional mais alguns crâneos e esqueletos, e é sobre esse material ainda insufficiente que os especialistas nesse assumpto aventam algumas idéas syntheticas, que vamos expôr, sem assumir a responsabilidade dellas.

É assim que se acredita na existencia de um typo fossil, contemporaneo da epocha da renna, e cujos vestigios foram descobertos pelo subto Lund, nas cavernas calcareas da Lagoa Santa, na vizinhança

nhança do rio S. Francisco. O seu caracteristico principal é uma extrema dolicocephalia unida a uma não menos notavel hypstenoccephalia. Esse typo, que parece constituir o homem primitivo do Brasil emquanto novas pesquisas paleontologicas não demonstrarem o contrario, atravessando os seculos propagou-se até nós, pois encontram-se vestigios della no actual Botocudo.

Este, porém, já não é um representante puro: apresenta caracteres de differenciação que se deve antes attribuir ao cruzamento, do que considerar como resultado da selecção ou da acção do meio. Assim é que o Botocudo, sendo dolicocephalo e hypstenoccephalo, o é, no entanto, muito menos que o homem da Lagoa Santa, e o diametro vertical do craneo tende a abaixar-se e o transverso a ampliar-se (?). Outros caracteres craneometricos ainda existem que accentuam a differença: são porém estes os mais notaveis.

Além disso, affirma o doutor Rodrigues Peixoto que o estudo attento da serie de crâneos botocudos revela logo ao observador affeito a estas investigações, que se trata ali de dois typos que umas vezes se cruzam, outras vezes se contrapõem e isolam pela lei do atavismo. Ora é o typo de Lund, mais ou menos dissimulado; ora é um craneo maior, de paredes muito espessas, de aspecto muito mais grosseiro e caracterizado por um prognathismo ainda

(5) Dr. J. R. Peixoto, *Novos Estudos craneologicos sobre os Botocudos*.



uma considerável do que o das negros da África ocidental (2).

Temos então tipos que caracterizam o homem por e demarcam os limites dos *Seminipals* nas terras prováveis mencionadas, se devida de um modo geral do tipo de Lancel e do *Betanculo*, dos dois grupos precedentes. Este é sub-dolicocephalo, com tendência até a brachycephalia, prova de que já naquele tempo constituía uma raça mista. O seu índice cranial, porém, de uma extrema uniformidade, o coloca entre os indivíduos os mais leptocéfalos do grupo. Assim, pois, a physiognomia essencial e fixa de este grupo grosso e chocante leva-o a constituir um tipo à parte. É muito provável que o seu cruzamento com o da Lagoa Santa dêse origem ao *Betanculo* actual.

Por último, o último dos tipos craniológicos do Brasil, que abunda no Amazonas e encontra-se ao mesmo tempo aqui e aliá em todo o Brasil, e do qual há até vestígios nos *Seminipals*, o tipo *lago*, é constituído por um crânio pequeno, curto, baixo, muito menos prognatha e eurygatha, de contornos mais brandos e linhas mais suaves, mesocephalo, com tendência à brachycephalia, de orbitas mesoparasais e nariz platinhio. Este tipo, relativamente moderno, pela grande área que occupa e ainda occupa, deveria representar um grande papel na nossa história. Foi o que os Europeus encontraram na costa quando acharam o Brasil, e depois,

(2) Dr. Pinheiro Neto, *ibid.*

mesclado, entremalhado, remigram para o Amazonas, onde parece ter sido o seu ponto de partida antes de se extravasarem para o sul.

Os seus caracteres craniológicos, ethnographicos e linguísticos os prendem aos Caribbas das Antilhas, parecendo constituir uma e mesma raça.

Eis, pois, os resumos dos quatro tipos que a craniologia brasileira tem conseguido até agora isolar dos diferentes specimens de crânios que se têm podido examinar. É de esperar que novos estudos feitos sobre novos materiais dêem maior extensão e investigações exactadas sobre uma base verdadeiramente científica. Muito resta ainda a fazer, pois só se conhecem alguns crânios da costa e do Baixo-Amazonas. Há ainda todo o sertão interior e o vasto estário do grande rio, uma é, quasi todo o Brasil.

#### IV

### A EVOLUÇÃO

- FONSECA. — FUNÇÃO CASIMIR — *Narrativa epistolar de uma viagem e missão científica...* ed. Varenhagen, Lisboa, 1947. 8vo (n.º 9152 do Cat. da UCP).
- ALVES DA SILVA, Humberto — *Descrição do reino da Angola... e da grandiosa dos capitães do Brasil...* Anno de 1692 (n.º 19229 do Cat.)
- AUXILIAR. — SUTTON, *Historia do Brasil*, trad. do dr. Luis de Castro, Rio, 1962, 6 vols. 8vo (n.º 5355 do Cat.)
- ALVES, *Memórias históricas e políticas da provincia da Bahia*. Bahia, 1845-1852, 6 vols. 4to (n.º 8508 do Cat.)

Exposto como o Brasil foi descoberto, como se explorou o littoral, como se devassou o sertão, que rumo tomou o povoamento e como se constituiu a população, resta ver a sociedade qual existia no fim do século XVI.

Póde-se defini-la: a sociedade portugueza mais o elemento tupi e o elemento africano, mais a acção mesologica.

Qualquer função social comparada com a função que lhe correspondia na sociedade metropolitana, apresentava desde logo divergencias que saltavam á vista.

1. Começando pela familia, é de notar que os homens de origem européa vieram primeiro e um maior numero que as mulheres da mesma origem.

Dahí relações irregulares que ainda mais facilitou o costume vigente entre os nativos de offerecerem mulheres aos hospedes.

Mais tarde, principalmente desde 1550, vieram mulheres européas, mas não vieram em numero sufficiente: a prova é que Nobrega, escrevendo para o Reino, assegurava que mesmo as de vida errada encontrariam com quem casassem.

As relações irregulares são, portanto, o característico da primitiva familia brasileira.

É a evolução que se operou nesta função do organismo social consistiu no maior numero de relações regulares, na paridade crescente de racas e educação entre os conjuges, por consequente na maior intimidade e unisonidade de sentimentos.

2. Na religião temos primeiro padres desmoralizados que não se preocupavam com a doutrina, que escandalizavam pelo exemplo, que viviam na simonia.

A evolução consistiu na moralização do clero, principalmente devida aos jesuitas, no desenvolvimento do culto externo, na criação de confrarias, na importancia que o elemento religioso começou a exercer sobre a vida.

Ao mesmo tempo a religião soffreu um desvio: para que Africanos e Brasis pudessem comprehendê-la e adoptá-la, a parte dogmatica ficou atrophada, e festas, novenas, confissões, jejuns, disciplinamentos e penitencias cresceram de modo anormal.

3. Na industria encontramos primeiro apenas a

extração de pau-brasil, de canafistula, a colheita de ambar, etc. Depois apparecem a industria saccharina e outras congêneres, a criação de gados, etc. No primeiro estagio, apenas o fornecimento de materias primas; no segundo, o fornecimento de materias mais ou menos elaboradas.

A evolução consistiu na produção de generos mais variados á medida que o seculo se adiantou — foi a evolução qualitativa: na produção dos generos em maior somma, á medida que a população cresceu, que a procura das mercadorias se tornou normal, que a sua necessidade se tornou sensivel, — foi a evolução quantitativa.

A evolução, além disto, consistiu no aperfeiçoamento dos processos empregados. Assim, no tempo de Gabriel Soares, sabe-se que a mandioca era raspada com uma concha, depois feita massa numa pedra ou num ralo, seccada em tipiti, convertida em farinha numa panela. Mais tarde apparece a faca para a raspagem, inventa-se a cevadeira, a prensa e o forno.

Facto semelhante se deu no fabrico de assucar.

4. Primitivamente havia apenas uma profissão — a de brasileiro, negociante de pau-brasil.

Depois appareceu a de pedreiros, carpinteiros, mestres de assucar.

Depois appareceram outras profissões e outros officios.

E muitas profissões eram ás vezes exercidas pelo mesmo individuo.

A evolução consistiu na variedade crescente das profissões.

A evolução consistiu ainda na especialização das profissões em cada individuo.

5. Os generos primitivamente eram transportados a hombro; os passageiros, quando não iam a pé, eram também transportados a hombro, em redes.

A evolução consistiu em substituir quadrúpedes aos homens como força locomotora; em desenvolver o fabrico de carros, barcos e outros meios de transporte.

6. As vias de comunicação terrestre eram primeiramente pela beira do mar e pelas margens dos rios.

A evolução consistiu em abrir caminhos; em torná-los mais curtos, e mais numerosos.

7. No tempo dos donatarios o representante do governo era ao mesmo tempo um industrial. Na organização do governo geral ainda se vê esta confusão do systema productivo e regulador, pois vieram como empregados publicos, pedreiros, carpinteiros, marceneiros, etc.

A evolução consistiu na especialização progressiva do governo, na perda de funções que não lhe eram proprias. Ao mesmo tempo a sua acção tornou-se mais efficaz, a sua organização complicou-se.

8. Na literatura temos com os jesuitas o auto sacro e a comedia, literatura para quem não sabia ler, literatura além disso identificada com a religião.

A evolução consistiu na eliminação do elemento religioso; no apparecimento de uma forma literaria para os que sabiam ler.

E como estes eram poucos, e a sociedade não encerrava uma fonte commum de inspiração que os irmanasse, a tendencia era para a subtileza, para o conceito, para a imitação. E o epigramma e a rima força e inverosimil e a copia, ás vezes servil, foram a maneira favorita.

## CONCLUSÃO

Frei Vicente do Salvador conta a historia de um bispo de Tucuman que esteve algum tempo no Brasil.

Este bispo via que mandando buscar qualquer genero ao mercado, voltava o criado sem obtê-lo; si porém mandava busca-lo a casas particulares, remetiam-no sem nada cobrar.

Verdadeiramente, disse o bispo, que nesta terra andam as coisas trocadas, porque ella toda não é republica, sendo-o cada casa.

Isto, em outros termos, é o que a historia tem a dizer sobre o seculo XVI.

Organismo de pouca massa, de estrutura rudimentar, em que cada orgão representava mais de uma função, em que não havia um orgão especial para cada função: faltava-lhe o consensus profundo, a interdependencia fundamental, a acção incorporada o que a tornara uma republica, na phrase do bispo, um estado, na phrase moderna.

No século XIX, temos uma população mais numerosa, maior divisão de trabalho, melhor exercício dos órgãos, funções mais especializadas, uma acção incorporada, mais forte e mais extensa.

O progresso é incontestável.

Não menos incontestável é que o que ha feito não passa de uma parcella do muito que ainda resta fazer.

## PROPOSIÇÕES

Antes da occupação do Rio de Janeiro pelos Francezes houvera aqui um estabelecimento portuguez.

Provavelmente foi gente delle que plantou as canas de assucar encontradas por Pigaffeta e Magalhães, em 1519.

Foi no século XVII que as municipalidades exerceram entre nós maior influencia.

As primeiras lutas entre Brasileiros e Portuguezes tiveram um caracter municipal pronunciado.

Os Holandezes influiram consideravelmente para a exploração dos sertões do Norte.

No espirito de resistencia que elles despertaram, está uma das causas das revoluções que houve posteriormente em Pernambuco.

As constituições ecclesiasticas formuladas por D. Sebastião Monteiro da Vide, foram precedidas por outras no século XVI.

Depois de politicamente independente de Portugal, parte do Brasil continuou ainda algum tempo dependente delle ecclesiasticamente.

Uma das causas das lutas com os Espanhóes foram os bandeirantes.

Só no século XVIII começou a haver solidariedade entre a politica das metropoles e das suas respectivas colonias.

---

O Brasil exportou escravos antes de importa-los. A importação de Africanos é posterior á creação das donatarias e anterior á creação do governo geral.

---

No século XVIII começou a generalizar-se no povo brasileiro a consciencia de sua superioridade ao povo portuguez.

O indianismo é a fórma litteraria desta consciencia.

---

A presenca da familia real demorou a época da nossa independencia politica.

A D. João VI deve-se a decomposição quasi completa do systema colonial.

---

A revolução rio-grandense não teve primitivamente caracter separatista.

Este caracter só lhe appareceu depois do combate de Fânha.

## O DESCOBRIMENTO DO BRASIL PELOS PORTUGUEZES

Reprodução ampliada pelo autor de seu artigo apparecido no "*Jornal do Commercio*" de 3 de Maio de 1900, publicada em opusculo de 72 paginas e datada de 4 de Maio de 1900. (Lsaemert & Cia., rua do Ouvidor, 66, Rio de Janeiro).

Traz a seguinte dedicatória:

"*A Domicio da Gama, secretario da Missão Rio-Branco junto ao Governo Suíço.*

"Não lhe soffreu o coração, alma gentil, quedar-se  
"longe da patria, seguir só de espirito, platonica-  
"mente, a commemoração do quarto centenario do des-  
"cobrimento do Brasil.

"Respondo como posso a esses intimos sentimen-  
"tos, enfeitando sob seu nome, ligeiramente espans-  
"das, estas folhas seccas.

"Dispersava-as o *Jornal do Commercio* hon-  
"tem, ás mesmas horas de sua acolhida passageira  
"no ninho natal."

Ad flumen *Genabara* — 4-V-00.

## I

### A VIAGEM

A 8 de Março de 1500 notava-se grande al-  
voroço no Tejo. Era domingo. Estava a zarpar uma  
armada, a maior até então sahida de portos portu-  
gueses, com destino á India. El-Rei quizera revestir  
o acto de toda solemnidade, e o povo associava-se  
unanime ao pensamento do seu Soberano.

Oito mezes antes chegára Vasco da Gama, dois  
annos, um mez e um dia depois da partida, trazendo  
pimenta, canella, gengibre, todas as especiarías do  
Oriente, tão famosas, tão procuradas, tão raras, re-  
cebidas até ali só por meio de navios italianos,  
que iam busca-las ao leque do Nilo, aos portos da  
Syria ou á costa do mar Negro e as revendiam  
aos consumidores europeus. Agora dispensavam-se  
Venezianos, Genovezes e Catalães, os grandes po-  
vos navegadores do Mediterraneo; desprezava-se o  
poderio incontrastavel do Soldão do Cairo, senhor  
do Egypto e da Syria; eliminavam-se os enormes  
trajectos, as multiplas baldeações através de mares,  
desertos e serranias asiaticas. Os generos embarca-  
dos fariam toda a viagem exclusivamente por mar  
e levava-os a seu destino a mesma embarcação que

os romára na sua origem: uma éra nova de esperança e confiança alvorecia nos espiritos.

A primeira expedição fizera-se em tres navios fortes, expressamente construidos para resistir ás ondas inclementes do cabo da Boa Esperança, porém pequenos; fôra antes viagem de reconhecimento, tentativa de exploração. Agora ia uma esquadra de doze navios possantes (afóra um de mantimentos), preparados para a paz, levando dinheiro para fazer compras, generos diversos para instituir permuta, preparados para a guerra, com mil e duzentos a mil e quinhentos soldados, armamentos aperfeiçoados, artilharia superior a qualquer da época. A armada partia sob o signo da paz, mas levava todos os elementos para não recuar ante a guerra.

Por capitão-mór ia Pedr'alvares Cabral ou de Gouvêa, como apparece nomeado em sua carta de poderes (1), filho de antiga e illustre familia, distincta por serviços prestados em descobrimentos e combates. Entre os capitães de navios estavam Bartholomeu Dias, o domador do cabo da Boa Esperança, e Nicolau Coelho, o companheiro de D. Vasco na viagem anterior; entre os passageiros: Duarte Pacheco, descobridor de terras africanas e americanas, varão bravo e sabio; oito frades, um

(1) A carta de poderes foi passada em Lisboa a 15 de Fevereiro. Por ella lhe eram dados todo o inteiro poder e alçada de que poderia usar inteiramente sem dos juizes e mandados haver appellação nem aggravo até morte, excepto para os capitães de navios e fidalgos. O documento está publicado em *AVES DE SÁ, Frei Gonçalo Velho, 283-285, Lisboa, 1899.*

delles frei Henrique (?), depois bispo de Ceuta, inquisidor que queimou em Olivença o primeiro Judeu; Vaz de Caminha, simples escrivão de uma feitoria a estabelecer, perdido anonymamente na multidão brilhante, de que depois avultou com destaque sem par. Iam pilotos da India, e os melhores então existentes de Portugal, formados na escola de Guiné e do Cabo.

A 8 de Março, conclusos todos os aprestos, houve missa de pontifical. Junto ao altar esteve uma bandeira da Ordem de Christo. Depois da missa prégou D. Diogo de Ortiz, bispo de Ceuta, exaltando a empresa que se ia commetter, e os felizes, tão notaveis por feitos anteriores ou pelas excellencias de sua prosapia, chamados a realizarem a grande obra.

Durante a missa e sermão, teve El-Rei sempre a seu lado, sob a cortina, a Pedr'alvares. Consagrada a bandeira, entregou-lha; confiou-lhe um barrete bento pelo Papa, e dando-lhe a ilharga acompanhou-o com toda a corte até o ponto de embarque, onde os expedicionarios lhe beijaram as mãos e se despediram. Não corria favoravel o vento: a partida

(2) Frei Henrique largara a toge de desembargador da casa da Supplicação em Lisboa e entrou novico no convento de Alemquer. Foi confessor de D. Manuel, depois bispo de Ceuta e inquisidor. Seus companheiros foram: frei Gaspar, frei Francisco da Cruz, frei Simão de Guimarães, frei Luis de Salvador, todos quatro pregadores e excellentes letrados, frei Maffeu, Sacerdote e organista, frei Pedro Netto, chorista de ordens sacras, frei João de Victoria, é pelo menos o que diz Fr. ASSUNTO DE FARALHA na *Chronica da Arrabida*.



foi adiada, e a festa popular, passeios pelo rio, toques de instrumentos, prolongaram-se o dia inteiro.

A 9 de Março saiu a esquadra do Restello, já chamado Belém, como ainda hoje; sabbado 14, de oito ás nove horas, achava-se entre as Canárias, mais perto da Gran-Canaria, á vista della tres ou quatro leguas, todo o dia em calma; domingo 22, avistaram S. Nicolau, do grupo de Cabo Verde; á noite seguinte para segunda-feira, perdeu-se da frota a nau de Vasco de Athayde, «sem hi haver tempo forte nem contrairo pera poder ser».

O rumo fôra até ahí SSW., SW. 1/4 S., S. 1/4 SE., approximadamente como se costumava ao ser escripto o *Esmeraldo de situ orbis* de Duarte Pacheco. Do archipelago para diante mudou. «D. Vasco da Gama, escreve Gaspar Corrêa, fez conselho com os mestres e pilotos da navegação que fariam pera encurtar o caminho, que em partir polo mar largo, tomando largos os ventos do mar, que corriam pera terra, com muito resguardo por dobrar o cabo da Boa Esperança, e de dentro delle fossem haver vista de terra, que bem conhecião os pilotos Mouros de Melinde (3).

O Capitão-mór diligenciou pela nau esgarrada a umas e outras partes, e não a achando seguiu seu caminho por aquelle mar de longo (4).

(3) Lendas da Índia I, 149, Lisboa, 1858.

(4) A navegação de longo, usada desde Cabral, é assim descripta por Duarte Pacheco: Todo o navio que estiver no Cabo Verde e houver de ir pera a Índia, si lho vento servir a seu prazer deve

A 21 de Abril, terça-feira de oitavas de Paschoa, avistaram hervas compridas chamadas botelho e rabo d'asno pelos mareantes; quarta-feira, avés chamadas fura-buchos ainda mais denunciaram a imminencia da terra, que appareceu neste mesmo

fazer o caminho do sul seiscentas leguas, no fim das quaes, si verdadeiramente se tiver andadas, será em dezoito grãos de latitude do circulo equinocial contra o polo antarctico; e haverá da tal nau ao cabo da Boa Esperança oitocentas e cinquenta leguas. Do qual lugar onde a tal nau estiver deve fazer o caminho de Leisante por esta via irão fora do dito cabo quarenta leguas em mar delfo, em termo das quaes estará em trinta e sete grãos de latitude da mesma equinocial contra o polo antarctico, e entrão lhe demorará o cabo da Boa Esperança ao Nordeste a quarta do Norte, pelo qual rumo se deve ir buscar. E o piloto que a tal nau mandar não deve fazer este caminho de Nordeste a quarta do Norte menos de ser nos ditos trinta e sete grãos, como dito é, porque si em menos grãos estiver e fizer o dito caminho tornará atrás pera a costa de Guiné, salvo se for em trinta e cinco grãos da dita latitude contra o polo antarctico, e também lhe demorará o dito cabo da Boa Esperança em Leão, e será tanto avante como elle. Mas como for no lugar acima dito, cumpre que faça o caminho do Nordeste da quarta do Norte e havendo visto do dito cabo correrá a costa de longo, caminho do rio do Infante (Great Fish river, 30° 12 S). . . e si quizerem alargar da terra quinze ou vinte leguas em mar bem o podem fazer, mas todo o que dito é se diz com cautela, servindo o vento á prazer dos mareantes, e quando for contrario á razão, o sizo e a pratica lhe ensinará o que se deve fazer.

«E na travessa deste galfim de Caboverde por diante se deve ter grande aviso e vigia de dia e de noite, porque nelle ha muito grandes trovoadas que trazem consigo maravilhosa força de vento, e cumpre que na hora em que virem algum relampago de fuzil ou bulcão negro, amainem suas velas até passar a força do tal vento, porque, si isto não fizerem, cousa é que pode acontecer a nau em que topar se perder como já por mau recado se perderam outros. *Esmeraldo de situ orbis*, 102/103, Lisboa, 1892.

As duas phrases grifadas não estão assim no original. Encontrem allusões claras á primeira viagem de Vasco da Gama e á de Cabral.

dia a horas de vespuras: primeiramente um grande monte, muito alto e redondo, depois outras terras mais baixas ao Sul delle e terra chan com grandes arvoredos. Chamou-se Paschoal ao monte, em honra das festividades correntes.

«O monte Paschoal, escreve Hermenegildo Barbosa de Almeida, é um dos mais altos morros da provincia da Bahia; com bom tempo se distingue a mais de 60 milhas distante da costa; não era menor de 54 milhas a distancia em que me achava delle, demorando por 82 SW., e representava a configuração da ilha Redonda da barra do Rio de Janeiro, solitaria no horizonte; approximando-se mais 10 milhas descobrem-se outros morros ao Sul, porém mais pequenos e todos separados uns dos outros.»

A sonda accusou fundo de 25 braças. Ao sol posto ancoraram em 19 braças, distancia de 6 leguas da costa. No dia seguinte approximaram-se, indo adiante, sondando, os navios pequenos; lançaram ancora a distancia de meia legua, em direito á boca de um rio, hoje chamado do Frade, em lembrança de um que se afogou ao passá-lo, nos primeiros annos da colonia: seriam 10 horas da manhã (5).

Dos navios lançaram os bateis e esquifes fóra e

(5) As opiniões não concordam sobre qual seja este rio. Uns julgam-no o Cahy, outros o Caralva-Mimuan, outros o do Frade. Por esta ultima opinião manifesta-se Vidal de Oliveira Freitas em uma erudita memoria publicada recentemente na *Revista Maritima Brasileira*.

vieram todos os commandantes e capitanea. A terra podia ser da India, e foi mandado a examina-la Nicolau Coelho, companheiro de Vasco da Gama, naturalmente com o judeu Gaspar, que sabia a lingua arabiga e alguma da costa de Malabar, donde viera. Sahiram-lhe muito rijos ao encontro uns dezoito homens pardos, nus, armados de arco e flechas. A um signal de Nicolau Coelho, depuzeram as armas. Não poudes com elles haver falas nem entendimento, por arrebrantar muito o mar.

Coelho deu-lhes um barrete vermelho, uma capuça de linho, que levava na cabeça, e um sombreiro preto. Em troca, um presenteou-o com um sombreiro, de pennas compridas de ave, com uma copesinha pequena de pennas vermelhas e pardas como de papagaio, outro com um ramal de continhas brancas, miudax, como de aljaveira.

Ventou á noite. Por conselho dos pilotos a armada levantou ancora e fez vela ás 8 horas da manhã de sexta, 24. Estavam juntos no rio uns sessenta ou setenta homens da terra: é sabido como entre a gente inculta, onde os generos não circulam, as noticias propagam-se com incrível rapidez. Viagou-se para o Norte, os navios pequenos mais chegados á terra, os maiores seguindo de longo; tratava-se de achar alguma abrigada e bom pouso, onde podessem tomar agua e lenha. O Capitão-mór ordenou aos navios pequenos amainassem em achando pouso seguro. A dez leguas do rio deixado pela manhã encontrou-se um arrecife, com porto dentro muito bom e muito seguro. Entraram por

elle os navios pequenos. Amainaram as naus ao rol posto, obra de uma legua do Recife.

Affonso Lopes, piloto do Capitão-mór, foi em um esquite sondar o porto. Dali levou, já noite, dois mancebos de bons corpos que andavam pescando em canôa. Um trazia arco e seis ou sete flechas. A bordo poderam os navegantes examina-los de perto: pardos, quasi avermelhados, bem feitos, de bons rostos e bons narizes, nós, beiços furados, trazendo inseridos ossos, cabellos corridos, tosquoados mais alto que escovinha, rapados até acima das orelhas. Um delles trazia atraz da fontainha, de fonte a fonte para detraz, uma maneira de cabelleira de pennas de ave muito basta e redonda, pegada nos cabellos penna por penna com uma confecção branda como cêra, de um covado de comprimento, que cobria o touthço e as orelhas.

A impressão causada pelos indigenas foi maior que a por estes recebida. Não fizeram menção de cortezia nem de falar a ninguém; das comidas apresentadas provaram apenas, nem vinho nem agua lhes souberam; interessaram-nos objectos de ouro e prata e contas; reconheceram um papagaio e estranharam uma gallinha; deitaram-se de costas em uma alcatafa para dormir, e accommodaram-se bem com os coxins e mantos que lhes puzeram por cima.

Sabbado 2; pela manhã, demandou-se a entrada muito larga, alta de seis a sete braças de ancoragem grande, formosa e segura, de capacidade para mais de duzentos navios e naus.

Os commandantes dos navios se encaminharam

para bordo da capitanea. Com seus arcos e setas, camisas novas, carapuças vermelhas, rosarios de contas brancas de osso, cascaveis e campainhas, foram entregues os dois indigenas a Bartholomeu Dias, o conhecedor da costa da Africa e Nicolau Coelho, o navegador da India, para os levarem á terra. Apenas desembarcaram, os dois indigenas não pararam nem esperaram um pelo outro, cada qual corria mais; atravessaram um rio e foram a algumas moitas de palmas, onde estavam outros; mais tarde voltaram, já nós e sem carapuças.

Com Bartholomeu Dias e Nicolau Coelho desembarcaram Pero Vaz de Caminha, o perspicuo narrador destes feitos, e um degradado. Recceberam a todos obra de duzentos homens armados, que a um signal depuzeram as armas. Começou-se a fazer aguada. Dos indigenas alguns traziam cheias cabças, outros tomavam barris e os enchiam. Nicolau Coelho distribuiu-lhes cascaveis e manilhas. Permutaram-se arcos e flechas por sombreiros, carapuças de linho e coisas de menor valia. Ali não houve mais fala nem entendimento, por ninguém os entender nem ouvir.

Dos homens que andavam na praia quasi todos traziam bicos de ossos nos beiços e alguns tres, um no meio, dois nos cantos; outros preferiam espelhos de pau, como de borracha. Estavam nós; estes metade do corpo tinham da propria côr, metade tinto de preto, quasi azulado, outros pintavam-se em xadrez; usavam carapuças de pennas amarellas ou verdes. Um, já de idade, andava todo en-

feitado e pegado de pennas como São Sebastião. Algumas moças ao meio da multidão, em cabelo, andavam igualmente nuas.

A tarde sahio o Capitão-mór em seu batel; imitaram-no os outros capitães; folgou-se bastante pela bahia ao longo da praia; desembarcaram em um ilhéu grande; brincou-se, pescou-se; ninguém foi á terra, onde aliás não se via gente.

Domingo 26, armou-se um esparavel na ilhota, levantou-se altar, cantou missa frei Henrique: a missa foi de diacão e sub-diacão, informa Damião de Góes, officiada com todos os frades, capellães de nauts e sacerdotes que iam na armada e outras pessoas que entendiam de canto. Ali assistiu o Capitão-mór com a bandeira com que sahio de Belém, a qual esteve sempre á parte do Evangelho. Terminada a missa, assentou-se a gente pela areia e frei Henrique prégou uma solenne e proveitosa préguação da historia do Evangelho, «e em fim della tratou da nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o signal da Cruz, sob cuja obediencia vimos.» Desta préguação deve datar-se o nome de Vera-Cruz, mais tarde Santa Cruz, que o Brasil teve algum tempo nos documentos officiaes.

Depois da missa, passou-se pela bahia, com a bandeira desfraldada, ao longo da terra, por onde estavam seus naturaes, antes de tornar para bordo. Mais tarde houve conselho do Capitão-mór e outros capitães; accordou-se mandar ao reino com a noticia o navio de mantimentos; provavelmente devia ficar a meio caminho, como antes ficara o de Duarte Pa-

checo na viagem de Bartholomeu Dias e o de Bartholomeu Dias na viagem de Vasco da Gama. O piloto de Cabral nem o conta na armada e só se refere a elle quando trata de sua partida para Portugal (6).

Depois do conselho foram á praia ver o rio, hoje identificado com o Mutary, ribeirão unico a desaguar no mar, desde a ponta de Santo Antonio em Santa-Cruz até o Buranhem em Porto-Seguro. Acharam-no de muitas aguas, debruado de palmeiras productoras de excellentes palmitos, pouco fundo, facilmente passavel por quem não tinha medo de molhar os pés; o Capitão-mór fez-se tomar ao collo de dois homens e passou-o. Andavam misturados alienigenas e indigenas, estes sempre esquivos, disparando a cada instante: «homem não lhes ouzã de falar riço por se não esquivarem e todo se passa como elles querem polos bem amansar».

Continuou o escambo de contas, arcs e flechas por sombreiros, carapuças, qualquer coisa. Diogo Dias, que os vira folgando e dansando uns deante dos outros sem se tomarem as mãos, buscou um tocador de gaita, ensinou-os a dansarem tomando-se as mãos, deu depois, com grande gaudio de todos, muitas voltas e saltos reaes. Um degradado, afastando-se, viu suas casas, choupaninhas de ramos verdes e de feto muito grandes, como as de entre Douro e Minho. Carninha notou que não tinham

(6) *Racconta Colombiana*, p. 3.<sup>a</sup>, I, 83, 85, Roma 1892.

senhor, não entendiam a preeminência do Capitão-mór, nem disto tornavam conhecimento.

Este dia passado quasi todo no convívio entre as duas raças influíu no inimitável narrador entusiasmo pelo homem da natureza, de que teve ali intuição nítida. Notando sua esquivança, que roçava pela ingratidão (os dois homens tão bem tratados pelo Capitão-mór não lhe appareceram mais) conclue: «de que tiro ser gente bestial e de pouco saber e por isso são assi esquivos; elles, porém, contudo andam muito bem curados e muito limpos, e naquillo me parece ainda mais que são como aves ou alimarias montezes que lhes faz o ar melhor penna e melhor cabello que ás mansas; porque os corpos seus são tão limpos, e tão gordos e tão frescos que não pôde mais ser, e isto me faz presumir que não tem casas nem moradas em que se acolham e o ar a que se criam os faz taes».

Tornaram para as naus a dormir já quasi noite, e, parece, Pero Vaz de Caminha começou a escrever a D. Manuel a carta que o immortalizou.

Segunda-feira 27, proseguiu o escambo, arcos, flechas, carapuças de pennas, araras vermelhas muito grandes e formosas, papagaios verdes menores, um panno de pennas de muitas cores. Viram uns ouriços de urucú semelhando castanhos, cheios de grãos pequenos de que se extrahia a tinta vermelha para pintar os corpos, tinta tanto mais vermelha quanto mais se molhava. Diogo Dias e dois degradados foram a uma aldeia distante legua e meia, e examinaram o povoado, composto de nove a dez casas

palhaças iguaes em tamanho á nau capitanea, falhas de qualquer divisão interna, balizadas de esteios, de esteio a esteio redes altas de dormir, por baixo de cada rede fogo para aquecer. Em cada casa moravam trinta a quarenta pessoas, e tinham duas portas pequenas, uma em cada cabo: os alienigenas comeram das viandas dos naturaes da terra: carás, aipim, milho, etc. Cortou-se o pau para uma cruz que se pretendia erigir.

Decidido mandar-se um emissario ao reino, desembarcaram Affonso Lopes, piloto do capitão-mór, Pero Escolar, piloto de Sancho de Toar, mestre Johannes bacharel, physico e cirurgião de S. A., para tomar a altura: encontraram 17º de latitude Sul, o que é approximadamente exacto. Sobre longitude não chegaram a accordo, nem ninguem se entendia então a tal respeito. Referindo-se aos graus de longitude, que se contam de Oeste para Este e não têm ponto fixo e firme como os polos para os graus de latitude, Duarte Pacheco cinco ou seis annos mais tarde terminava seccamente: «nom curo de nisto mais falar».

Terça-feira 28, novo desembarque para fazer lenha e lavar roupa. Carpinteiros começaram a preparar a cruz e os indigenas tiveram pela primeira vez a visão da idade de ferro, os forasteiros o da idade de pedra em que aquelles estavam ainda: «corram sua madeira e paus, informa Caminha, com pedras feitas como cunhas metidas em um pão, entre duas talas mui bem atadas».

Quarta-feira, 29, passou-se no despejo do navio.

de mantimentos e distribuição da carga pelos outros. Foram á terra Sancho de Toar, Diogo Dias, homem gracioso e de prazer, dois degradados. Dois dos naturaes da terra dormiram a bordo do navio de Sancho de Toar, que os mandou muito bem pensar e curar; comeram toda vianda que lhes deram, dormiram em camas de lençóis que lhes mandou fazer.

Quinta-feira, último de Abril, ao desembarque do Capitão-mór estavam na praia quatrocentos e quatrocentos e cincoenta indigenas, naturalmente alguns das aldeias vizinhas, até onde a noticia já alastrara com a rapidez característica dos povos naturaes; ajudaram a carregar lenha, bailaram e dançaram ao som dum tamboril; comeram e beberam do que lhes deram; de esquivos tornaram-se mettidos. O Capitão-mór e companheiros ajoelhados beijaram a cruz para lhes mostrar o acatamento de que era digna; mandaram-lhes por signaes que fizessem o mesmo e obedeceram.

Caminha resume em poucas palavras todo o cabedal espiritual e material desta gente, com uma penetração maravilhosa: «não tem nem entendem em nem uma crença... Elles não lavram, nem criam, nem ha aqui boi, nem vacca nem cabra, nem ovelha, nem gallinha, nem outra nem uma alimaria que costumada seja ao viver dos homens; nem comem sinão deste inhame que aqui ha muito e desta semente e fructos, que a terra e as arvores de si lançam; e com isto andam taes, e tão rijos e tão nédios

que o não somos nós tanto com quanto urgo e legumes comemos.»

Sexta-feira, 1.º de Maio, sahio a gente com a bandeira de Christo. O Capitão-mór indicou o logar em que o cruzeiro devia ser chantado. Enquanto se apromptava, foram buscar a cruz em baixo do rio e trouxeram-na á maneira de procissão, com os frades e religiosos adeante cantando: devia ser enorme, pois alguns dos indigenas metteram-se por baixo para ajudar a carregá-la. Pregadas as armas reaes, chantou-se em logar bem visível. Ao lado armou-se altar; frei Henrique celebrou missa; houve communhão. Os indigenas imitaram todos os movimentos dos Portuguezes.

Depois da missa, frei Henrique prégou. Era dia dos dois Apostolos Santiago e São Phelippe, e todo o sermão devia volver sobre o que foram os Apostolos, a missão a elles confiada: *docete omnes gentes*, o mundo que encontraram adverso e contra elles não prevaleceu, o triumphar do Evangelho. Um anheio ardente de proselytismo exhala a carta de Caminha e acalora suas ultimas phrases. «Segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhe fallece outra cousa pera ser toda christã que entenderem-nos, por que assi tomavam aquillo que nos viam fazer como nós mesmos, por onde parêceu a todos que nem uma idolatria nem adoraçom tem: e bem creio que si Vossa Alteza aqui mandar quem mais antre elles de vagar ande, que logo serão todos tornados ao desejo de Vossa Alteza. E pera isso se alguém vier, não leixe logo de vir clérigo pera

os baptisar... A innocencia desta gente é tal que a de Adão não seria mais quanta em vergonha. Ora veja Vossa Alteza quem em tal innocencia vive ensinando-lhe o que pera sua salvação pertence, si se converterão ou não.»

Depois do sermão, frei Henrique sentou-se ao pé do cruzeiro e começou a distribuir cruzes de estanho, restantes das que Nicolau Coelho levava na primeira viagem á India. A cada indigena frei Henrique lançava a sua, atada em um fio ao pescoço, fazendo-lha beijar e levantar as mãos. Despedidos do cruzeiro que alli ficava para attestar a passagem dos navegantes e posse da terra tomada em nome de el-rei de Portugal, tornaram para bordo.

À noite, encerrando sua epistola a D. Manuel, exprime-se assim Vaz de Caminha:

«Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o Sul vimos até outra ponta que contra o Norte vem, de que nos deste porto houvessem vista, será tamanha que haverá nella vinte ou vinte e cinco leguas per costa; traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, dellas vermelhas e dellas brancas, e a terra per cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos; de ponta a ponta, é toda praia parva, muito chã e muito fremonosa; pelo sertão nos pareceu do mar muito grande, porque a estender olhos não podíamos ver sinão terras e arvoredos, que nos parecia mui longa terra. Nella até agora não podemos saber que haja ouro nem prata, nem nem-uma cousa de metal, nem de ferro, nem lho vimos; pero a terra em si é de muito

bons ares, assi frios e temperados como os de antre Douro e Minho, porque neste tempo de agora assi os achavamos como os de lá; aguas são muitas, mufindas; em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-a nella tudo per bem das aguas que tem; pero o melhor fructo que nella se pôde fazer me parece que será salvar esta gente, e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ella deve lançar; e que hi não houvesse mais que ter aqui esta pousada pera esta navegação de Calecut abastara; quanto mais disposição para nella cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber: accrescentamento da nossa Santa Fé.»

A 2 de Maio levantaram ancoras, a esquadra para Calecut, o navio de mantimentos para o reino. Desertaram dois grumetes da capitanea, talvez alguns dos outros navios. Foram deixados dois degredados, que ficaram chorando.

## QUESTÕES CONNEXAS

Enquanto Pedr'alvares prosegue seu caminho de longo, ligeiramente ventilemos algumas questões connexas á historia do descobrimento.

Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros e Danião de Góes dão commandado por Luis Pires o navio que desgarrou á altura do Cabo-verde; Gaspar Corrêa chama a Pero de Figueiró o commandante. Nem uma das duas opiniões serve. Caminha vinha na armada; em Porto-Seguro mais de uma vez foram os capitães a bordo da capitanea onde elle ia embarcado; com os capitães se achou entre outras occasiões na missa a 26 de Abril, celebrada no ilhéu da bahia; nem uma opinião pôde contrabalançar a sua affirmação; por conseguinte o navio desgarrado foi o de Vasco de Athayde.

Encaminha-nos isto á lista dos commandantes. Os tres primeiros historiadores apresentam nomes que não combinam com os do quarto. O erro inicial commum aos quatro vicia o testemunho de todos. Até que ponto? Impossivel decidir com os documentos agora conhecidos. E não se pôde considerar tal



uma estampa com treze navios reproduzida na bella edição *princeps* do *Esmeraldo* de Duarte Pacheco, publicada em 1892 pelo crudito Raphael Eduardo de Azevedo Basto. Aos conhecedores de historia da construcção naval golpeiam logo os anachronismos do velame e da mastreação; aos conhecedores dos processos da critica historica, o nome de Luis Pires em vez de Vasco de Athayde revela desde logo a contaminação de Castanheda, Barros e Damião de Góes. E uma nota á pag. VIII do prologo de Raphael Basto confirma a conclusão: a estampa foi tirada de um livro das armadas que alcança até 1566; não tem, pois, nada com Duarte Pacheco, nem com 1500; julguemo-nos felizes si fôr exacta na representação das naus de 1560.

Ha annos o Instituto Historico poz em discussão a these: si o descobrimento de nossa patria fôra ou não devido a mero acaso. Um socio concluiu pela negativa, e cobrou foros de extravagante e chuveram-lhe em cima as refutações. Hoje a idéa de Joaquim Norberto avassalla triumphantemente a maioria.

O illustre editor do *Esmeraldo* encontra provas da intencionalidade do acto nas seguintes palavras de Caminha escriptas a proposito do desaparecimento da nau de Vasco de Athayde: e *assi seguimos nesse caminho por este mar de longo*. A estas palavras bem poderíamos oppôr outras do mesmo Caminha, quando adopta a idéa de Fr. Henrique de que o descobrimento foi milagre da bandeira de Belem, isto é: o que se pôde imaginar de mais fortuito, por ser obra, não da humana, mas da di-

vina vontade (1). Mas voltando ás palavras citadas pelo crudito editor: si Cabral não ficou parado, si não tinha terra á vista, si não era elle só a navegar, de que outro modo podia exprimir-se Caminha sinão: e *assi seguimos nosso caminho por este mar de longo?*

A questão do acaso ou não acaso do descobrimento ficará mais clara formulada nos seguintes termos: si Cabral em vez das condições favoraveis de ventos e correntes, comprovadas pela rapidez da viagem, encontrasse ventos e correntes contrarios, insistiria na derrota que o trouxe á vista do monte Paschoal? Vasco da Gama insistiu na primeira viagem á India; Christovam Colombo insistiu na ultima á America. Cabral teria insistido?

A resposta nem é possível, nem seria interessante; e afinal do descobrimento do Brasil o acaso ou não acaso é apenas um lado de outra questão mais vasta: como entre os Portuguezes de 1500 se imaginava a distribuição das terras e dos mares? O *Esmeraldo* de Duarte Pacheco, illustre compañheiro de Pedralvares, apresenta a este respeito indicações preciosas e idéas precisas, que não eram sós delle, mas de Toscanelli, de Colombo, de Vespucci, de todos os sabios, antes de descoberto o oceano Pacifico por Balboa, circumnavegado o globo por Magalhães e seus continuadores, e perlongada a costa occidental da Sul-America desde o estreito de

(1) Vejam-se as partes do carta de Caminha relativas a domingo 26 e quinta 30 de Abril.

Magalhães até Tehuantepec por Santiago de Guayana.

Sobre todos esses espiritos exerceram extraordinária pressão as seguintes palavras de Esdras, livro IV, cap. 6:

«No terceiro dia mandastes as aguas ajuntar na sétima parte da terra, verdadeiramente as seis partes seccastes».

«A agua, diz Duarte Pacheco, é posta na sétima parte da terra, e as seis partes della são descobertas para vida da natureza humana e dos outros animais... O mar oceano não cerca a terra como Homero e outros autores disseram, mas antes a terra deve cercar o mar, pois jaz dentro na sua concavidade e centro, pelo qual conhecido que o mar oceano não é outra coisa sinon uma muito grande alagoa mettida dentro na concavidade da terra, e a mesma terra e o mar ambos juntamente fazem uma redondeza de cujo meio sahem muitos braços que entram pelas terras que meados terranos são chamados.

«A terra, insiste Duarte Pacheco, tem agua dentro em si, o mar não cerca a terra, como Homero e outros autores disseram, mas antes a terra por sua grandeza tem cercadas e incultas todalas aguas dentro na sua concavidade e centro. E além do que dito é, a experiencia que é madre das cousas nos desengana e de toda duvida nos tira e, portanto, bem aventurado Principe, (dirigia-se a D. Manuel) temos sabido e visto como no terceiro anno do vosso reinado do anno de N. S. de 1498, donde

nos V. A. mandou descobrir a parte occidental, passando além a grandeza do mar oceano, onde é achada e navegada uma tão grande terra firme com muitas e grandes ilhas adjacentes a ella que se estende a setenta grãos de latitude (?) da linha equinocial contra o polo arctico e posto que seja assas fria (?) é grandemente povoada...»

Este trecho, do qual apparece que Duarte Pacheco acompanhou talvez os Cortereas, é menos importante que o seguinte, relativo ao descobrimento da costa do Brasil, em geral da America do Sul. Faz-se aqui esta observação banal para destaca-lo do precedente como deve ser: unidos, tornam confusas as idéas do sabio.

«E do mesmo circulo equinocial, prosegue o autor do *Esmeraldo*, torna outra vez (a terra) e vai além em vinte e oito grãos e meio de latitude contra o polo antartico e tanto se dilata sua grandeza e corre com muita longura que de uma parte nem da outra nem foi visto nem sabido o fim e cabo della, pelo qual, segundo a ordem que leva, é certo que vai em cercoito por toda a redondeza.»

Resumindo: no globo terraqueo, o oceano é apenas um setimo, a terra a quasi totalidade. Cabral, encontrando ventos favoraveis, podia entregar-se a elles sem receio; por toda parte encontraria terra encastando os mares; por toda parte estaria no caminho da India, por SW como por SE. Nada offerceria de imprevisto o descobrimento que realizou; nada conteria de inexplicavel a insistencia, si insistencia houvesse em procurar regiões apparente-

mente estranhas ás regiões que ia encarregado de buscar. Foi fortuito ou não o descobrimento? Não é questão histórica; deve relegar-se para as minúcias da biographia conjectural.

Resta agora estudar qual o ponto exacto, o porto seguro em que pojeu a armada de Cabral.

O porto, qualquer que seja, tem de satisfazer ás seguintes condições tiradas da carta de Caminha: 1º, recife na entrada; 2º, entrada muito larga, de seis a sete braças de fundo; 3º, ancoragem capaz de duzentos navios e naus, de cinco e seis braças; 4º, rio de agua doce, passavel com agua pela braga, corrente ao carão, isto é, fronteiro e paralelo, da praia algum espaço antes de desembocar, mas formando depois uma curva tão pronunciada que, na quinta-feira, 30 de Abril, tendo-se mettido pelo arvoredado o Capitão-mór e companheiros e encontrado um rio, não tiveram certeza si era o mesmo da praia («foi o capitão com alguns de nós um pedaço por este arvoredado até uma ribeira grande e de muita agua, que a *nosso parecer* era esta mesma que vem ter á praia em que nós tomámos agua», escreve Caminha); 5º, ilhéu grande, de muita areia e cascalho, que espraia muito a agua e de baixa-mar fica muito vazio; 6º, praia apaulada, com uma lagoa de agua doce.

Essas condições melhor que alhures se encontram reunidas na bahia Cabralia, no ilhéu da Corôa Vermelha e no riacho Mutary ou Itacumirim.

De estudos modernamente realizados por ordem do governo da Bahia pôde apurar-se o seguinte:

Em 16º 15' S. abre-se uma bahia, limitada ao Norte pela ponta de Santo Antonio, ao Sul pela Corôa-Vermelha. Tem de comprimento 12.964 metros, de largura 5.556 metros. Fecham-na a Este cinco recifes, formando cinco entradas; excepto a mais septentrional, dão todas passagem a navios das maiores dimensões. Ayres do Casa, o primeiro que revelou a carta de Pero Vaz de Caminha o pôde coteja-la com as localidades, chamou-lhe bahia Cabralia, em 1817, denominação que tem sido respeitada, e é a unica a lembrar aqui o nome do descobridor: antes chamava-se enseada de Corôa-Vermelha.

Em um dos recifes da barra, sobre uma rocha calcarea de cento e trinta e cinco metros de comprimento, está a Corôa Vermelha, ilhota de 55 x 19 m., formada de areia grossa de côr amarella escura, sempre visível na prea-mar.

Desde a ponta de Santo Antonio ao Norte até o rio Buranhem ao Sul, no actual Porto-Seguro, o ribeirão Mutary, chamado tambem Itacumirim, é o unico a desembocar no mar. Tem largura média de cerca de cinco metros, corre em leito alto, no qual a aguada commodamente pôde fazer-se, porque a acção da maré cessa a pouca distancia da praia. A direcção é primeiramente SW, em suas cabeceiras, passa a Este, onde fica o Oceano, salta depois a Sueste e corre 719 metros paralelo ao mar, ao carão da praia. A fox compassa pelos quadrantes a inclinação para NE ou SW. A distancia que o separa do mar é em média de 25 metros e a ribeira con-

stituida de cômodos de areia. O cruzeiro chantado por Cabral deve ficar num pequeno morro, onde o rio Mutary bruscamente muda de direcção (2).

Não ha entretanto lagoa de agua doce; ha só tres lagoas de agua salgada ás vezes em communição com o mar. Isto, porém, não estranhará quem sabe que das formas terrestres são lagos e lagoas as menos permanentes.

Desde que Ayres do Casal a publicou em 1817, a carta de Pero Vaz de Caminha tem sido considerada a base de toda a historia do descobrimento de Pedralvares. O documento original existe, aos que o viram nem uma suspeita acudiu quanto ás circumstancias extrinsecas: letra e papel são ambos do tempo. Ultimamente, porém, levantaram-se algumas duvidas a respeito de sua autenticidade. Duvidas aereas.

Si o documento fosse forjado, devia se-lo antes de 1508, data da publicação de Montabuco e Madriano, em que é narrada a viagem de Cabral por um piloto portuguez.

Si fosse forjado depois, o falsario teria para data do descobrimento 24 e não 22 de Abril, no intuito de pôr-se de accôrdo com o piloto; não teria esquecido um peixe de que fala o piloto «do tamanho de um tonel, mas mais comprido e todo redondo, a sua cabeça do feito da de um porco, os olhos pequenos, sem dentes, com as orelhas com-

(2) SALVADOR PIZES. Estudos sobre a bahia Cabralia e Vera-Cruz, Bahia, 1898.

pridas, pela parte inferior do corpo tinha varios butacos, e a sua cauda era do tamanho de um braço; não tinha pés, a pelle era da grossura de um dedo, e a sua carne gorda e branca como a de um porco.» O unico peixe de que fala Caminha, é um modesto tubarão.

A carta devia ser, pois, forjada de 1500 a 1508. Que interesse podia offerecer a falsificação? por que attribuir a carta a Vaz de Caminha, funcionario de segunda ordem, antes que a um commandante de navio ou ao Capitão-mór? Si é por ter Caminha sido morto em Calcut, e assim não poder protestar, com a mesma razão podiam te-la subscripto com o nome de Bartholomeu Dias ou qualquer dos outros capitães que a 24 de Maio foram tragados pelo Oceano indemente.

Um escriptor argentino, cujo nome não occorre agora, duvida da autenticidade da carta á vista dos conhecimentos revelados a respeito dos Indios, que não podiam ter sido colhidos em tão poucos dias. Não tem razão.

A 26 de Abril resolveu-se em conselho mandar ao reino o navio de mantimentos: só então Caminha podia começar a carta, certo de ter portador. O que até ahi diz dos Indios refere-se á nudez, ás pinturas, aos beiços perfurados, ás armas, aos adereços. Tudo isso exigia apenas algumas horas de attenção.

Segunda-feira elle fala nas casas e nas redes, porque Affonso Ribeiro e Diogo Dias foram bem uma legua e meia a uma povoação de casas, e

viram sua forma e as rodas e o fogo que as aquecia.

Terça-feira fala nos machados de pedra, por informação dos homens que na véspera foram às casas dos indígenas.

Quarta-feira conclue que não têm animais domesticos, porque lhos não viram; e pelo mesmo motivo conclue ser a terra uma ilha. Attento ao modo por que se portaram, concluiu que não tinham noção de hierarchia, nem deviam ter qualquer culto. Note-se, porém, que os Portuguezes daquelle tempo, familiarizados com as singularidades da costa d'Africa, já iniciados na observação da costa de Malabar, conhecedores dos Indios encontrados por Colombo e Cortes-real, deviam gozar de uma acuidade ethnographica rara, exactamente por que as differenças golpeavam logo ao primeiro encontro. Admittir a falsificação da carta de Caminha, é presuppôr um falsario genial, um ethnographo de primeira força, que descobriu os methodos e teve a intuição prophetica dos problemas que haviam de occupar a sciencia nos fins do seculo XIX.

A carta de Caminha será melhor comprehendida si inquirirmos o motivo que a dictou. O misivista evidentemente conhecia el-rei de Portugal, devia até certo ponto ser admittido entre seus familiares, pois de outro modo não se occuparia de certas minucias naturalistas e não as extenuaria em linguagem nada castigada.

O motivo que o levou a dirigir-se a S. A. salta das ultimas linhas. Um genro de Osorio,

estava degradado em S. Thomé; Caminha escreve para pedir seu perdão, e para dar mais força ao pedido enche a carta de todas as informações que, sabia, agradariam ao espirito real. «E pois que, Senhor, é certo que assi neste cargo que levo, como em outra qualquer cousa que de vosso serviço for, Vossa Alteza ha de ser de mim muito bem servida, a ella peço que por me fazer singular mercê mande vir da ilha de São Thomé a Jorge de Osorio meu genro, o que della receberei em muita mercê.»

Para terminar: como se deve escrever o nome do paiz descoberto por Cabral?

No seculo XVI não houve duvidas a tal respeito: em todos os livros impressos em Portugal, que foi possível examinar, escreveram invariavelmente Brasil. Brasil escrevia-se tambem nas outras linguas da Europa.

Em nosso seculo os amantes da cacographia, tomaram um regabofe escrevendo Brazil.

Allegou-se para isto que Brasil vinha de *verzino*, nome italiano do pau-brasil, — o que é falso, porque *verzino* é que vem de *brasil* ou *bracir*, como poderá facilmente verificar quem se quizer dar a este trabalho. Mesmo si fosse verdade, isto só fecharia a questão para os Italianos, e os Italianos tão pouco escrupulos têm de escrever *Brasile*, que *Brazile* é que não escrevem.

Allegou-se que Brasil vem de *brasa* e *brasa*, deve escrever-se com Z.

Que brasa deve escrever-se com S, demonstrou-nos cabalmente o saudoso Alonso Adjuto, lente de grego do Gymnasio Nacional (3); que *brasa* se escrevia correntemente pôde ver quem gosta de ler os livros nas edições originaes; que só depois de ser implantada a cacographia se começou a escrever communmente *brazo*, é o que difficilmente padecerá duvida.

Ha quem enxerte sua cacographia no grego *brazita*, *ferver* (4).

Qual a analogia entre *fervura* e brasa? Bondosamente responde, consultado, um illustre amigo, emerito professor de physica e chimica, Alvaro Joaquim de Oliveira:

«*Fervura* é o estado de ebulição de agua, de um liquido qualquer; isto é, o estado em que se acha um liquido quando passa tumultuariamente ao estado de vapor, com formação de bolhas gazosas na massa do liquido.

«E' um phenomeno puramente physico, dependente da temperatura, tendo para a mesma pressão uma temperatura constante.

«*Brasa* — é o carvão incandescente, isto é, tornado luminoso pelo aquecimento. Significa tambem

(3) O consciencioso Manuel Said Ali, professor de allemão no Gymnasio Nacional e na Escola Militar, está preparando um dictionario orthographico de nossa lingua. A meu pedido examinou muito detidamente o ponto e resumiu-o: deve escrever-se *brasa*, *bresa*, *prosa*, *blusa*.

(4) Veja BERTHOUD, *Vocabulario*, II, 185/187. BERTHOUD escreve *brazo*, mas Brasil para o nome de região, de madeira e da cor.

o proprio estado de incandescencia: é assim que se diz — ferro em brasa, para exprimir o estado do ferro aquecido até se tornar incandescente.

«O phenomeno, nos casos indicados, é chimico; porque o carvão e o ferro passam ao estado de oxydos combinando-se com o oxygenio do ar.

«Ora, que têm de commum esses phenomenos *fervura* e *brasa*?

«Scientificamente, só isto: Elles são manifestações, physica ou chimica, da energia calorifica, acompanhados ambos de elevação de temperatura, incomparavelmente maior no segundo do que no primeiro caso.»

Não são de maior força os argumentos historicos.

As moedas brasileiras conservaram a graphia historica e legitima até introduzir-se o nickel. As estampilhas e sellos só ficaram gafados *ne varietur* depois de 1878. As cedulas antigas não tinham como hoje cacographia fixa. As leis antigas geralmente escreviam ... Brasil ... na edição original, ao contrario das reimpressões e das leis modernas; isto a simples arbitrio dos revisores da Imprensa Nacional. Os autographos da Constituição de 24 de Fevereiro estão immunes, graças a dois constituintes guyanos, Leopoldo de Bulhões e Guimarães Natal, encarregados da revisão typographica definitiva, e educados na escola viril de S. Thomé.

Nem mais fundada é a allegação de uma ilha *Braull*, figurada em mapps medievais.

Konrad Kretschmer encontrou-a sob as seguin-

res variantes de 1351 a 1508: *Brasi*, *Bracir*, *Brasil*, *Brasili*, *Brazil*, *Brazile*, *Branill*, *Bracil*, *Bracil*, *Bracill*, *Bersill*, *Braxil*, *Brasili*, *Braxill*, *Braxyll*, *Bresilge*.

«Já a diversidade de nomes, observa, patentea o vago do conceito da ilha; e ainda mais o confirma o facto de muitas das cartas trazerem: não uma só ilha deste nome, mas ás vezes duas e ás mais das vezes tres. Chama tambem reparo não se ter formado um typo particular para esta ilha, como se fez para Antilla e Santanaxio: ao contrario, ora é representada na forma de um circulo perfeitamente regular, o que nas cartas medievas exprime sempre a acção hypothetica de uma ilha; ora em forma de meia lua. Apparece tambem como duas ilhas, separada a ilha circular por um canal no meio e dividida em dois segmentos semi-circulares.

«Já na carta de Pizigano (1367) encontramos tres ilhas *Bracir*, e desde então podemos observar a triplice inserção dellas tambem na maioria das cartas marinimas. A posição das mesmas é regularmente a seguinte: a mais meridional das ilhas encontramos assignalada no grupo dos Açores, approximadamente na latitude do cabo de São Vicente; a segunda demora a N W. do cabo de Finisterra, na latitude da Bretanha; a terceira a W e não muito longe da costa da Irlanda<sup>(5)</sup>».

(5) K. KERNER, *Die Entdeckung Amerikas in ihrer Bedeutung fuer die Geschichte des Weltbildes*, 214/221. Berlin, 1892.

No bello livro do mesmo autor póde seguir-se a historia da ilha, cuja existencia foi primeiramente posta em duvida no Atlas de Jeffery em 1776. Della restam o monte do Brasil, junto á cidade de Angra, na Ilha Terceira, e Brasil Rock, baixio pelas cartas do almirantado inglez figurado seis graus a W. da ponta meridional da Irlanda. Relações entre a ilha, una, dupla ou triplice e a terra do Brasil é o que não se logrará provar.

Desta longa excursão póde, pois, concluir-se que Brasil é a verdadeira graphia para quem consultar os documentos originaes e attender aos factos historicos e acatar o genio da lingua. Os que nada disto levam á conta continuarão a escrever a seu arbitrio.

E' o caso de imitar S. Paulo, dizendo:  
*Oportet et cecographos esse.*

## DUAS CORRENTES HISTÓRICAS

A 2 de Maio, Pedr'alvares Cabral levantou ancora e foi beirando a costa, espaço de duas mil milhas (1), isto é, quinhentas leguas, além de Porto Seguro, sem chegar a ver-lhe fim «pelo que, segundo a ordem que a terra leva, — poderia dizer, na phrase de Duarte Pacheco, — é certo que vai em cercoito por toda a redondeza». Do ponto extremo alcançado, que não existem meios de determinar, fez rumo de SE., para o cabo da Boa Esperança. Subito, illuminou o céu muitas noites um cometa admiravel de longa cauda; succedeu-lhe um bulcão (2) que tudo enlutou, rebentou uma tempestade que dispersou a frota, subverteu quatro navios (o de Bartholomeu Dias, entre outros), extraviou um, e reduziu a seis a orgulhosa esquadra.

Com elles proseguiu Cabral no seu caminho por aquelle mar de longo. De Moçambique,

---

(1) DOMENICO PISANI, Carta escripta de Lisboa em 27 de Julho de 1501, apud *Raccolta Colombiana*, parte 3.<sup>a</sup>, t. 43/45, Roma, 1892.

(2) Vid. ps. 142-143, nota á referencia de Duarte Pacheco a este bulcão.



primeiro ponto da Africa, em que tocou, foi por Kilwa, Melinde e Anjedivas a Calecut, onde chegou a 13 de Setembro. Recebeu-o bem o Samorim, deu-lhe licença para estabelecer feitoria e carregar as naus. Tudo, porém, não passou de palavras. Os mercadores arabes atravessavam-se a quaesquer transacções, no intuito de deter os occidentaes até chegarem as poderosas naus do mar Vermelho, que esmagariam no nascedouro estes concurrentes temíveis; ao mesmo tempo espalhavam mil historias e calumnias, envenenavam o espirito da multidão. Resultado: o saque da feitoria, em 16 de Dezembro, com a morte de trinta e ferimento de vinte portuguezes. Entre os feridos contava-se frei Henrique; entre os mortos certamente Caminha, escrivão da feitoria.

Cabral não obteve nem uma explicação, nem uma satisfação do Samorim. Tomou-as pelas proprias mãos. Dez navios arabes fundeados apprehendeu, despojou, queimou; dois dias a fio bombardeou Calecut. Depois em Cochim e Cananor, a convite dos respectivos Rajahs, abarrotou as naus de carga. A 16 de Janeiro de 1501 partiu de Cananor, em viagem de volta. Proximo a Melinde deu nuns baixos a nau de Sancho de Toar e foi incendiada; a artilharia aproveitou um regulo africano, e serviu depois contra seus antigos donos.

Dobrou o cabo da Boa Esperança em Paschoa Florida, 19 de Abril. Tomou cabo Verde; em Bezequiche encontrou uma esquadilha de tres navios, mandada a explorar a terra descoberta por elle.

Em um dos navios eslava Amerigo Vespucci, florentino, a principio mercador, depois, impellido pelo enthusiasmo dos descobrimentos, navegador e cosmographo.

Nem um ponto do globo reunia tantos conhecimentos das terras occidentaes como aquelle obscuro porto africano neste encontro. Os Portuguezes, nos dias que as froas fraternizaram, podiam informar desde 70° (?) de latitude Norte sobre as regiões frias, povoadas, inçadas de ilhas, prolongando-se para o Cancer. Os Espanhoes, representados em Vespucci, formado em sua escola, podiam contar desde o cabo de Santa Maria de la Consolacion em 8° S., passando pelas praias arenosas de N. E. até um rio sem par, capaz de adoçar as aguas oceanicas, seguindo a cortar a Equinocial por costas alagadas, cobertas de mangues, e defrontando ilhas, ilhas, ilhas sem conta até o fim das terras tropicaes. Cuba seria uma ilha? Colombo fizera jurar-la continente, sob graves castigos, mas quem sabe? Ao Norte de Porto Seguro, informaram novamente os Portuguezes, já instruidos pelo emissario que Pedralvares mandara ao reino com a noticia do descoberto, extendia-se a costa, arenosa aqui, malhada além de barricras vermelhas, até o cabo de Santa Maria de la Consolacion. Ao Sul de Porto Seguro, rematava Cabral, insurgiam-se costas altas roçagantes de verdura, recortando caprichosas, banhando-se no mar; duas mil milhas não exgotavam a variedade de suas formas e a riqueza de seus perfis.

Que concluir de tantas informações, agora aproximadas pela primeira vez? A contiguidade das terras Árticas, das Antilhas espanholas, da terra dos Papagaios — assim quiseram primeiro chamar á que finalmente se chama Brasil. Esta idéa já era vulgar em Lisboa, por Outubro, e Humboldt considera-a uma adivinhação surpreendente (?).

E para Oeste destas regiões que haveria? Terras, sempre terras, o complemento dos seis séculos de Esdras. De que outro modo poderia explicar-se a formação de rios tão possantes como o que desalgava o mar junto ao Equador, como o rio de cujas margens Colombo julgou vizinho o paraíso terreal?

Achavam-se em frente dois homens, um que devia dar o nome a este mesmo continente, de periphéria agora gizada pela primeira vez, não descoberto por elle; outro commandante da mais poderosa armada já-mais sahida de sua patria, embaixador de um rei, senhor de vida e morte de seus subordinarios, descobridor de uma terra que seculos passou esquecida de acatar sua memoria. Encarnavam ambos duas correntes historicas diversas, que agora trataremos de circumscrever a breves linhas.

Os Portuguezes, simples pescadores até o seculo XIII, começaram a constituir marinha mercante no

(3) *Papier Paservano*, carta á senhoria de Veneza, descoberta por Leopoldo von Ranke, noticiada por Humboldt, *Examen critique de l'histoire de la géographie du nouveau continent*, IV, 282, só publicada em *Hannover, Les Courtes-Reals*, 209/210, Paris, 1883.

seculo XIV, tendo por mestros Genovezes, o grande povo navegador do mar Tyrrheno. A marinha cresceu sadia e mostrou seu valor brilhantemente em 1413, na tomada de Ceuta, sob o reinado de D. João I. Seu filho, o infante D. Henrique, teve a intuição de que o futuro da patria estava nos mares, e com o prestigio que lhe dava a gerarchia, com os recursos abundantes da ordem de Christo de seu mestrado, para o oceano desconhecido volveu todas as cuidações.

Em 1420 foram descobertas, ou antes redescobertas as ilhas da Madeira e Porto Santo, — tão difficil era então um como outro. Em 1422 começou o infante a preoccupar-se com o continente vizinho, onde fôra tingir suas esporas de cavalleiro no sangue maldito dos crentes de Islão, os inimigos hereditarios da Christandade. Até onde alastrava a sciza malvada de Maomé? além da testada litoranea haveria povos não contagiados, alliados possiveis contra elles? até onde alcançavam aquellas terras? era habitavel a zona torrida? Os problemas enxameavam; o anno de 1422 marca o principio da luta contra elles.

Doze annos passaram estereis; mas em 1434 Gil Eannes dobrou o cabo Bojador (4) e fuzilou o

(4) Este cabo de Bojador é muito perigoso por causa de uma muito grande restinga de pedra que delle sae ao mar mais de quatro ou cinco leguas, na qual se já perderam alguns navios por mau aviso, e este cabo é muito baixo e todo coberto de areia e tem o fundo tão apachado que está homem em dez braças e non vê a terra pela sua baixeza, e a costa que vem do cabo de Nam para o Bojador toda

primeiro clarão sobre os mysterios do mar Tenebroso. Remaneta um crepusculo de onze annos; subito rompe a aurora em 1445, com o descobrimento do cabo Verde, por Diniz Dias e Lancarote de Freytas. Verdura na zona torrida, vida, gente numerosa, proximo dos Tropicos, exactamente onde os philosophos affirmam ser maior o calor, por menor o praso entre a passagem do sol do Norte para o hemispherio Sul? Então os antigos podem errar? ha coisas a elles ignotas? o cyclo do saber não está fechado a sete sellos? Todas estas sensações novas e rejuvenescentes vibram adoravelmente arrogantes nas paginas de Diogo Gomes e Duarte Pacheco.

«A experiencia nos faz viver sem engano das abusões e infúlhas que alguns dos antigos cosmographos escreveram acerca da descripção da terra e do mar, os quaes disseram que toda a terra que jaz debaixo do circulo da equinocial era inhabitavel

é muito baixa e precia ao longo do mar, e quasi deserta, e o cabo do Bojador se aparta em ladeza do circulo equinocial contra o polo arctico 27." 10'; e certamente coisa é para reprehender os cavalheiros criados do infante D. Henrique, que elle mandou por capitães de seus navios descobrir este cabo do Bojador, e assim os maritantes que com elles iam não osusaram passar além, porque doze annos continuamente foram enviados cada anno pelo infante a este descobrimento e como uram acerca do Bojador e achavam o fundo baixo que em tres branças d'augm estavara uma legua de terra, e espantando-se das grandes correntes num um oitava de se alargar ao mar e passarem além deste prael, e então se tornavam a costa de Barberia e de Graada, onde andavam d'arruada pera tomarem algumas prezas com que fozassem a despesa da armação. DUARTE PACHECO, *Esmeraldo de situ orbis*, 38/39.

pola grande quentura do sol e isto achamos falso e pelo contrario porque adiante do rio do Guabon... é achado um promontorio baixo e delgado a que em nossa lingua o cabo de Lopo Gonçalves chamamos... e este cabo de Lopo Gonçalves pontualmente jaz debaixo do circulo da Equinocial e nesta terra ha muita habitação de gente, os quaes sem negros que em nem uma parte do mundo pode mais haver.

«... Eu digo que, com quanto elles (escriptores antigos) souberom daquellas partes, que a melhor parte do saber de tantas regiões e provincias ficou para nós e nós lhe levamos a virgindade; porque em todo o Universal da Ethiopia, de Guiné e India muito particularmente souberom e sabemos quasi todas as suas cousas... e nestas cousas a nossa nação dos Portuguezes precedeu a todos os antigos e modernos em tanta cantidade que sem repessão podemos dizer que elles em nosso respeito não souberom nada (5).

Antes do cabo Verde, um grande rio, o Senegal, evidentemente um braço do Nilo (6), refina as idéas informes do infante: si pôde chegar-se ao

(5) *Esmeraldo de situ orbis*, 77, 78, 82. Cf. 99.

(6) Este rio mandou descobrir o virtuoso infante D. Henrique por Deniz Dias, cavalheiro criado do rei D. João seu padre, e por Lancarote de Freytas, seus envolveiros e capitães, e quando este rio de Canagá foi descoberto e novamente subido disse o infante que este era o braço do Nilo que torria pela Ethiopia contra Occidente, e disse verdade. *Esmeraldo*, 45.

Nilo por este braço, pôde chegar-se ao Egypto pelo Nilo, e pôde chegar-se á India pelo Egypto.

A India, desde a victoria do hellenismo, expedia seus productos peregrinos e preciosos aos povos do Mediterraneo, pelo golfo Arabico e Nilo, pelo golfo Persico e Euphrates-Tigre. As chaves deste commercio, o mais importante da época, andaram pelas mãos dos Seleucidas e dos Lagidas, duas dynastias hellenicis do Egypto e da Syria, até apossarem-se dellas os Romanos que tudo absorveram e abarcaram. Com a divisão do imperio romano, passaram ao imperio grego: a appareição do Islão desencadeou entre Christãos e Sarracenos luta continua e tremenda, não acirrada menos pelo insaciavel da avidez e dos interesses que pelo inconciliavel dos dogmas e ritos.

As cruzadas simularam triumpho passageiro da Christandade, mas o Crescente venceu; o Egypto organizou-se pujante, conquistou a Syria; Venezianos, Genovezes, Catalães tinham de curvar-se a todas as suas exigencias, e o Egypto tornou-se o poder mais terrivel do tempo. Chamar a si o commercio da India era sangrar de morte o Islão; conduzir esta nova cruzada fundia todas as aspirações christãs do Infante com seus instinctos mercantis.

Pelo Senegal não se chegou ao Nilo, mas as expedições exploradoras não foram sustadas. Ao morrer, em 1460, D. Henrique deixou revelada a Africa até a serra Leôa; no reinado de D. Affonso V cruzou-se o Equador para o Sul; ao esforço de D. João II foi depois cortado o tropico antarctico. Em

1487, Bartholomeu Dias trouxe a nova de ter alcançado o extremo do continente e ter visto além o lito arrumar-se para Norte e Nordeste. Um cabo então descoberto, Bartholomeu Dias baptisou Tormentoso, D. João II christou da Boa Esperança.

«Não sem muita razão se poz nome a este promontorio cabo da Boa Esperança porque Bartholomeu Dias, que o descobrio por mandado de el-rei D. João... vendo que esta costa e ribeira do mar voltava dali em diante ao Norte e ao Nordeste, cuja rota fazia caminho da Ethiopia sob Egypto e dali para o sino arabico, onde se mostrava e se esperava haver-se de descobrir a India, por esta causa lhe poz nome cabo de Boa Esperança» (?).

O descobrimento do caminho maritimo da India pediu, porém, mais tempo: só em 1497 foi mandado Vasco da Gama 2 tenta-lo, e chegara em 1499 desempenhando estrondosamente a commissão. Cabral voltava agora de repêlta. No meio da viagem, seduzido pelos feitiços do céu e pelos afagos do vento, dera em terras por que não esperava. Até ali deitara a primeira corrente.

A segunda corrente historica vinha tambem de longe.

Desde a antiguidade classica considerava-se um só os mares que rodeavam a terra habitada, a Oikumene; julgava-se pequena a distancia maritima entre a Europa occidental e a Asia oriental, e este espaço pequeno encurtava-se ainda mais inserindo

(?) DUARTE PACHECO, *Esmeralda*, 90.

ilhas como estações intermediárias; prolongava-se extraordinariamente para Este a Asia, até quasi ás costas da California de nossas cartas actuaes.

Seres chamavara aos moradores do extremo Oriente, productores de um estofo precioso, a seda, que por caminhos desviados chegava ás gentes do Mediterraneo. Este commercio fazia-se irregularmente por intermediarios multiplos, através de montanhas e desertos, no meio de nomades avidos e insubmissos. Contra os nomades do Norte, os Hiung-nu, ergueram os productores da seda grande muralha, uma das maravilhas do mundo, rematada ha mais de dois mil annos; contra os nomades do Poente fizeram guerras que de conquista em conquista os levaram ás margens do lago Caspio. Chegavam ao mesmo tempo as conquistas romanas á Mesopotamia: um instante entraram em contacto os portadores da civilização do extremo Oriente e do extremo Occidente, e o commercio se regularizou. Ptolemeu transmittiu-nos o itinerario de um mercador macedonio que foi á Sera metropolis.

Os acontecimentos da Europa obrigaram os Romanos a retirar-se da Asia; os Seres tiveram de abrigar-se por traz de suas muralhas; conquistaram-nos os Khitai, tribu dos Hiung-nu, e a terra ficou chamando-se Cathayo, nome ainda hoje empregado na Russia para designa-la.

Interrompeu-se o trafego continental; a seda e congêneres só alcançaram o Occidente por via marítima, em navios gregos, arabes, chinezes. Por via marítima propagou-se tambem o nome Sina ou

Thina, donde procede China. O primeiro a demonstrar a identidade de China e Cathayo (\*) foi um jesuita portuguez, Bento de Góes, em principios do seculo XVII.

No seculo XIII os Mongóes fundaram um imperio que conquistou Cathayo e pela Europa alastrou até o Vistula. A unidade do dominio em tão vasta extensão facilitou as viagens de um a outro extremo; a politica tolerante dos Kaans tartaros favoreceu-as, o interesse commercial, o desejo de ver novas terras amudaram-nas. Dos viajantes o mais notavel, Marco Polo, Veneto, ditou um livro narrativo de suas peregrinações, das culturas e opulencia daquellas gentes, de Cathayo e Cypango, que se espalhou rapido e foi traduzido em todas as linguas da Europa. Pegolotti escreveu um itinerario para quem quizesse ir do Don a Pekim. Este trato cessou bruscamente com a queda da dynastia dos Dgeanghis-Kaanidas.

«Desde a antiguidade até a era moderna — escreve o genial Peschel —, o commercio asiatico promoveu uma corrente de metaes preciosos do Poente para o Nascente. As terras orientaes offerciam ás do Occidente magnificos productos naturaes; especiarias, incenso, drogas, madeiras de luxo, perolas e pedras preciosas, sem que entre os habitantes dos tropicos se externasse qualquer cobiça mais viva

(\*) Diz-se ao Centro, continuador de João de Barros, ainda punha em duvida a identificação entre Cathayo e China. *Decada* XII, livro V, cap. VII. Diego de Couto morreu em Goa a 10 de Dezembro de 1615.

pelos artefactos da Europa. Assim fechado o balanço ficava sempre o Occidente em debito, obrigado a remessas incessantes de ouro e prata para a India, remessa tanto mais pesada quanto os generos orientaes, graças aos fretes elevados, ás vendas e revendas multiplas, graças, sobretudo, aos direitos elevados pagos no Egypto, encareciam extraordinariamente: em Alexandria as especiarias da India pagavam-se o triplo de Calcut, o incenso o quintuplo do preço corrente em Mekka. Estes percalços commerciaes eram bem conhecidos no Occidente, e tão pouco faltava a comprehensão de que em trato immediato as boas cousas do Oriente por pouco se grangeariam.

«A somma consideravel que nestas condições passava annualmente da Europa á Alexandria, só em parte muito pequena podia ser reparada pela mineração indigena dos seculos XIV e XV, e assim, anno por anno em nosso continente o stock monetario ia baixando além do nivel dos seculos anteriores. O sugamento de metaes preciosos na Europa annuncia-se no seculo XV pela rapida desvalorização de todos os generos indigenas levados ás feiras ou expostos no mercado, de modo que a necessidade de ligações directas com o Oriente foi avultando cada anno, e a invenção de novos caminhos para ali tornou-se problema mercantil, cuja solução não admittia mais delongas» (9).

(9) *Peschke, Geschichte des Zeitalter der Entdeckungen*, 21/23.

A primeira tentativa de achar novos caminhos para o Oriente apparece em Genova com Tedisio d'Oria, Guido e Hugolino de Vivaldi, em 1291. Passam-se tempos sem noticia de outras, até os Portuguezes entrarem em campo, a partir de 1420.

No reinado de D. Affonso V debateu-se si, muito mais conveniente que andar tateando pela costa africana, acaso não seria cortar de longo pelo golfo a Cathay. Duarte Pacheco explica-nos o motivo de não ser preferido este plano, de cujos fundamentos e efficacia aliás ninguém duvidava.

Ouçamos ainda mais uma vez o autor do *Esmeraldo*: «muitas opiniões houve nestes Reinos de Portugal nos tempos passados antre alguns letrados acerca do descobrimento das Ethiopias, de Guiné e das Indias, porque uns diziam que nom curassem de descobrir ao longo da costa do mar, e que melhor seria irem pelo pego, atravessando o golfo até topar em alguma terra da India ou vizinha della e por esta via se encurtaria o caminho; outros disserom que melhor seria descobrir ao longo da terra, sabendo pouco e pouco o que nella ia, e assi suas rotas e conhecenças, e cada provincia de que gente era pera verdadeiramente saberem o lugar em que estavam, por onde podiam ser certos da terra que iam buscar, porque de outra guisa nom podiam saber a região em que estavam.»

Assi entré a procura da India ao longo da costa, e a procura pelo golfo de longo, decidiram

considerações de conveniência, e, acrescentemos, principalmente a aperfeiçoação no methodo de determinar longitudes ou longuras. A sciencia do tempo era antes a favor da navegação *do longo*, e desde a antiguidade se reputava empresa facil esta, por um mesmo mar julgar-se o que banha a Europa e a Africa a Oeste e a Asia a Este. Ao contrario no caminho escolhido *ao longo* da costa, os Portuguezes tropeçavam na idéa de Ptoleme: que extendia a Africa até o polo antarctico para asferrolhar bem o mar das Indias, tropeçavam na doutrina das zonas, venerando legado da sciencia antiga, que proclamava inhabitavel a zona torrida.

O genovez Christovam Colombo, convencido das vantagens da travessia directa e desenganado de encontrar apoio em Portugal, passou á Espanha e soube ganhar á sua causa protectores poderosos. Em 1492 conseguiu uma armada de tres navios e fazendo rumo de Oeste chegou a ilhas, — terras de Cathay, ilhas de Cypango —, acreditou até morrer. Em 1493, fez nova viagem, mais ao Sul que a primeira, outra em 1498 ainda mais ao Sul que a segunda, e descobriu o continente e o Orenoco, e o paraíso terrestre, e o ponto mais elevado da terra, não esphera, como até ali se reputara, mas uma péra.

Depois da terceira viagem de Colombo a corôa espanhola deu licença a particulares para descobrir terras, e, caso notavel, Niño, Bastidas, Hojeda, Pinzon, Diego de Lepe, procuraram todos o Sul: o cabo de Santo Agostinho marcava o ponto de

parada dos descobrimentos meridionaes dos espanhóis no anno de 1501.

Nas praticas de Cabral e Vespucci occorria naturalmente a interrogação: onde termina o continente ao Sul e a Oeste? Chegar ás terras do Sul procuravam os Portuguezes por meio daquella mesma armada de tres navios que estava pojada em Bereguiche. No anno de 1505 já sabiam que o finis terræ demorava além do  $28^{\circ} \frac{1}{2}$ . Em 1513/1514 uma armada de D. Nuno Manuel, que descobriu o rio da Prata, julgou encontra-lo nas terras das pelles aos  $40^{\circ}$ . Em 1520 encontrou-o effectivamente Magalhães além dos  $50^{\circ}$ , no estreito que leva seu nome. Ainda vivia Cabral, já não se contava entre os vivos Amerigo Vespucci.

Do véo que encobria o continente a Oeste levantou a ponta Vasco Nunes de Balboa, quando em 1513 descobriu o mar do Sul, o oceano Pacifico. Em 1526 Santiago de Guevara, companheiro de frei Garcia de Loaisa, atravessou o estreito de Magalhães, e desde sua boca occidental foi de longo a Tehuantepec: verificou-se então que o continente não se extendia para o Occidente tanto quanto se esperava.

Continente que não era nem Europa, nem Asia, nem Africa devia tambem ter nome differente. Obscuro geographo allemão, estabelecido em recanto escondido do Wasgau, propoz denominarem-no America ou Amerige, porque Amerigo Vespucci o descobrira, o que é falso, e porque este nome seria

feminino, como os de Europa, Asia, o que é galante (10).

Falsidade e galanteria favoreceu a imprensa, e propagou-as e perpetuou-as. Por força dellas, temos o nome de Americanos.

(10) Talvez a interpretação dada acima não seja de todo exacta. Talvez o pensamento melhor ficasse declarado dizendo: Europa, Asia e Africa, tres partes do mundo, têm nome de mulheres; vamos dar agora á quarta o nome de um homem.

Na duvida aqui vai o trecho extrahido do exemplar da Bibliotheca Nacional:

Nunc vero et hec partes sunt latius illustratz & alla quarta pars per Americum Vesputium (ut in sequentibus audietur) inuenta est quâ non video cur quis iure vetet ab Americo inuentore sagacis ingenii viro Amerigen quasi Americi terrâ pîus Americam dicendâ: cum & Europa & Asia a mulieribus suo sortita sint nomina.

## O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

POVOAMENTO DO SOLO — EVOLUÇÃO SOCIAL.



Memoria inserta no Livro do Centenario (1500-1900) publicado pela Associação do Quarto Centenario do Descobrimento do Brasil (Volume I — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1900).

1. A Índia e os descobridores dos Portuguezes: D. Henrique e Bartholomeu Dias. 2. A China: Marco Polo e Toscanelli. 3. Christovam Colombo e o descobrimento da America. Vicente Pinzon e o descobrimento do Brasil pelos Espanhoes. 4. O tratado de Tordesilhas. O descobrimento do Brasil pelos Portuguezes: Cabral, Caminha. 5. Os Brasile. 6. Explorações da costa. 7. A terra descoberta.

1. Seu nome deve a nossa patria a um pau, materia prima de certa substancia vermelha, empregada nas tinturarias medievas e modernas, hoje substituida pelos derivados da anilina e produzida artificialmente nos laboratorios. Dava no Oriente do velho mundo; com o sandalo, o ebano e outras madeiras, perfumes e especiarias, marfim e pedras preciosas, entrava no trato que, desde eras apartadas, mais ou menos ligava ao europeu o extremo continente asiatico.

Dentre os paizes fornecedores destes generos sobressahia a India. Já os livros mosaicos falam de Chavilah, terra do algodão, do lapis-lazuli e do ouro; as froas de Salomão traziam de Ophir macacos e pavões; uma rainha de Babilonia estendeu até o Indo suas excursões guerreiras; algumas daquellas regiões incorporou a seus dominios Dario, rei da Persia; vencedor da monarchia persa, o grande Alexandre guerreou em Pendjab e conquistando desceu o Indo até a foz. Por sua ordem, Nearchos entre

o delta do Indo e o Euphrates navegou e explorou a costa.

Antes de Alexandre, algum commercio era feito em navios dos Hindús, cuja remota assistencia em Socotór e no Yemen está demonstrada; a quasi totalidade dos generos transitava, porém, por via terrestre, passando de mão, consumindo ás vezes no percurso mezes e annos. A expedição victoriosa de Alexandre deu vida ás empresas mercantis, e abriu-lhes duas portas: a do golfo Persico, Euphrates e Syria, nos territorios em que Seleuco posteriormente fundou seu imperio; a do golfo Arabico, Nilo e Egypto, quota de Ptolemeu na partilha do mundo.

O reino de Seleuco, primitivamente o maior, pouco tempo conservou-se unido; agitado por guerras nas fronteiras, talado ou invadido por vizinhos mais ou menos barbaros, minado internamente por forças centrifugas incoerciveis, não pôde colher todos os proveitos de sua situação geographica. Couberam estes ao reino dos Lagidas, cuja politica previdente os inspirou na execução de um canal entre o Nilo e o mar Vermelho, na fundação de cidades em sua margem occidental, ligadas por estradas commodas ao trecho navegavel daquelle.

O commercio com o Oriente orçava por centenas de milhares de sestercios nas primeiras decadas do imperio romano, quando Hippalo, piloto hellenico do Egypto, descobriu as monções, e compassando a sahida e a chegada dos navios pelos movimentos atmosphericos, tornou mais breves e

portanto mais frequentes as viagens, até então desesperadoramente longas. Desde logo os navegantes passaram além da costa de Malabur, de Ceylão, ao golfo de Bengala, á Indonésia. Gregos foram por mar até a China, denominação trazida do Oriente por via maritima, como a de Cathay, ainda hoje vigente na Russia, veio por via terrestre.

As irrupções dos Barbaros na Europa occidental e o grande retrocesso economico decorrente dellas agiram violentamente sobre esta situação; as drogas da India continuaram apreciadas e consumidas no imperio romano do Oriente, livre das misérias e flagellos companheiros das invasões; nos destroços do imperio romano occidental desapareceram da circulação. O apparecimento do Islão, sua propaganda victoriosa pelas armas, suas conquistas realizadas de chofre em Asia, Africa e Europa, ao principio agiram de maneira igualmente fatal sobre o imperio byzantino. Emquanto grassou intensa e continua a guerra entre Christãos e Sarracenos, os poucos generos orientaes levados ao Mediterraneo transportavam-se em caravanas que iam do Indo ao Oxo e ao Caspio, donde seguiam para o mar Negro.

O commercio do Levante prosperou novamente quando o Kbalifado reuniu sob um só sceptro as terras de Ptolemeu e Seleuco, e installou-se primeiro em Damasco, depois em Bagdad. Emporio de primeira ordem tornou-se então Bassora; reanimaram-se as solidões seculares do Euphrates e do Tigre; os portos da Syria e do mar Negro coalha-

rati-se de navios; e como Byzancio dominava o Mediterraneo oriental com as suas armadas, voltou a sua importancia commercial e manteve-se. O Egypto decalita, principalmente depois de ter o canal do Nilo entulhado pelo khulifa Mansur, ao passo que a Syria se constituiu e continuou o grande mercado do Levante, até a era dos Cruzados. Só com a victoria final do Islão, e as conquistas dos sultões mamelucos a preponderancia voltou ainda uma vez ao reino antigo dos Pharaós, a mais opulenta e poderosa das nações musulmanas nos seculos XIII, XIV e XV.

João de Barros assim descreve a situação anterior aos grandes successos que deveriam modificar-la: «As mercadorias, que jaziam além da cidade de Malaca, assim como o cravo das ilhas de Maluco, noz e massa de Banda, sandalo de Timor, canfora de Borneo, ouro e prata do Liquio, com toda las riquezas, e especies aromaticas, cheiros, e policias da China, Java e Sião e de outras partes e ilhas a esta terra adjacentes, todos no tempo de suas monções concorriam áquella riquissima Malaca, como a um emporio e feira universal do Oriente, onde os moradores de estoutras partes a ella occidentes que se contém até o estreito do mar Roxo as iam buscar a troca das que levavam, fazendo commutação de umas por outras, sem entre elles haver uso de moeda... E como Malaca era um centro onde concorriam todos os navegantes que andavam nesta permuação, assim os da cidade de Calicut, situada na costa de Malabar, e os da ci-

dade de Cambaya, situada na enseada que tomou o nome della, e os da cidade de Ormuz posta na ilha Geru dentro na garganta do mar Persico, como os da cidade Adem, edificada de fóra das portas do mar Roxo, todos com a riqueza deste commercio tinham feito a estas cidades muy illustres e celebradas feiras. Porque não traziam sómente a ellas o que navegavam de Malaca, mas ainda os rubis e lacre do Pegu, a roupa de Bengala, aljófar de Calocará, diamantes de Narsinga, canella e rubis de Ceilão, pimenta e gengibre e outros muy generos de especies aromaticas, assi da costa de Malabar como de outras partes, onde a natureza depositou seus thesouros. E as que desta parte da India se ajuntavam em Ormuz, deixando allí a troca de outras as que serviram pera a parte da Turquia e da nossa Europa, eram navegadas por este mar Persico té a povoação de Batsora, que está nas correntes do rio Euphrates... no qual logar eram repartidas em cafilas, umas pera Armenia e Trabisonda e Tartaria, que jaz sobre o mar Maior; outras pera as cidades Halepo e Damasco, té chegarem ao porto de Barut, que é no mar Mediterraneo, onde as vendiam a Venezzeanos, Genovezes e Catellães, que naquello tempo eram senhores deste trato. A outra especiaría que entrava per o mar Roxo, fazendo suas escalas per os portos delle, chegava ao Toro ou a Suez, situados no ultimo sein deste mar, e daqui em cafilas por caminho de tres dias era levada á cidade do Cairo e dahi per o Nilo abaixo a Alexandria, onde as nações que

acima dissemos e carregavam para estas partes da Christandade, como ainda agora em alguma maneira fazem; e por qualquer destes dous estreitos que esta espezaria entrava nas terras da Arabia, quando vinha á sahida era per os portos do estado do Soldão do Cairo, cuja potencia antes de ser metida na coroa da casa ottomana dos Turcos, começava no fim do reino de Tunez, em aquelle cabo, o que ora os marcantes do Levante chamam Rasuasem e... acabava em uma enseada chamada por elles o golfo de Larazza, na qual distancia de costa pôde haver trezentas e sessenta leguas que contem em si muitos e mui celebres portos. (*Decadas* I, 8, 1.).

Entretanto renascia a vida maritima nas plagas do Mediterraneo. Venezianos principalmente desde o seculo IX navegavam para Constantinopla, e para Alexandria, donde trouxeram o corpo de S. Marcos, padroeiro e orago da republica. No mar Thyrrænnio Pisanos e Genovezes empenhavam-se em expulsar os Sarracenos da Corsega, da Sardenha, da Sicilia, das Baleares, ajudando a constituir-se a marinha catalã.

Ao terminarem as Cruzadas, as tres principaes potencias maritimas eram Venezianos, Genovezes e Catalães. Seus navios recolhiam os generos orientaes no mar Negro, na Asia menor, na Syria, no Egypto, e traziam-nos para os portos da Italia, da França e da Espanha, donde se distribuam entre os povos da Euepa, vencendo as gargantas dos Alpes, acompanhando o curso do Rhodano, do Danubio,

do Dniéper, evitando as asperzeas do Pyreneu, chegando por terra ao extremo Occidente. Os ribeirinhos do Mediterraneo não se afoitavam ainda ás coleras do Atlantico, nem os habitantes deste, excepto os Normandos, se atiravam além da simples navegação costeira. Ainda no seculo XV os Ingleses não passavam adeante de Bayonne (1).

As viagens repetidas no Mediterraneo formaram marinheiros peritos; a arte nautica forneceu-lhes embarcações capazes; a invenção da bussola permittiu-lhes fixarem em cartas exactas o aspecto das costas e apartarem-se dellas sem receio de se perderem nos plainos oceanicos; desde o seculo XIV Genovezes primeiro e logo depois Venezianos estabeleceram navegação regular entre o Mediterraneo e o Atlantico, com as naus da carreira de Flandres, o grande foco industrial em que se fiavam as las inglezas.

Collocada a meia distancia, Lisboa elevou-se á escala consideravel da carreira, graças á excellencia do seu porto. O exemplo, o contacto, a cobiça des-

(1) No seculo XV os Ingleses arriacavam ás vezes uma esquadra a Lisboa; sob Henrique VIII avangaram até Sevilha, mas sem se aventurarem mais avante no Mediterraneo; até esta epoca os productos orientaes, depois de ter atravessado a Asia e a Europa, chegavam á Inglaterra por intermedio da Hansa, liga de cidades livres dos mares do Norte e do Sulco, instituida para defender o commercio contra os piratas; sua capital era Bergen na Noruega (*Thorold Rogers. Interetation économique de l'histoire*, 262, 281, Paris, 1892). Isto não exclue viagens individuais ou collectivas, — basta lembrar a conquista de Lisboa; exclue apenas viagens habituaes e regulares, uma carreira em summa.

partaram no povo português o desejo de imitar os estrangeiros; vieram mestres de Ceuova; começaram e consummou-se rápida a aprendizagem; em poucos annos surgiu vigorosa a marinha portugueza. Os primeiros annos do século XV mostraram-na sólida e apta para as maiores empresas.

Coube ao infante D. Henrique, filho d'elrei D. João I, concebê-las e em parte realizá-las. Uma expedição a Ceuta (1415) levou-o á terra africana, quando apenas contava vinte e um annos de idade: desde então sua vida teve por objecto desavendar os enigmas do continente mysterioso, empresa para que lhe dava amplas recursos a opulenta ordem de Christo de que era grão-mestre.

A antiguidade classica foram conhecidas as ilhas Fortunadas ou Canárias. De Gregos e Cartaginezes conservavam longas viagens pelas costas africanas. Mas tudo se apagara da memoria. Os Portuguezes só conheciam a costa de Marrocos e entre elles corria o proverbio: «Quem passa o cabo Non tornará si ou non».

As primeiras expedições mandadas por D. Henrique revelaram ilhas que viajantes italianos, por conta propria ou do governo portuguez, tinham visitado e figurado em suas cartas maritimas alguns annos antes: Porto Santo, Madeira, Açores. O descobridor deste archipelago, frei Gonçalo Velho Cabral, diz-nos seu illustre contemporaneo Diogo Gomes ter passado em 1416 além do cabo Bojador, e descoberto as Terras altas, isto é, o Sahara. Si, porém, assim succedeu, nem por isso se quebrou o

encanto do cabo Bojador, finalmente vencido por Gil Eannes só em 1433/1434.

Com a montada do Bojador as empresas maritimas tomaram novo e decisivo alento. O littoral deserto, inhospito, orphão de portos, inqado de baixios, embuçado de bulções que lembravam e confirmavam as tradições sobre o mar tenebroso, foi conquistado durante dez annos, com tenacidade tanto mais admiravel quanto a sciencia do tempo dizia inhabitavel a zona torrida e qualquer passo adiante appropinquava os dominios da desolação e da morte. O premio de tantos esforços colheu-se no descobrimento do cabo Verde, realizado por Diniz Dias em 1445, demonstração palpavel da inanidade do saber antigo, nova era em que se rasgaram aos olhos passmos céos e terras maiores que os ambitos de qualquer cerebro de cosmographo.

A verdura tropical, a vida pallulante, ao contrario do que os livros annunciaram, produziram uma impressão profunda, ainda palpitante nas palavras de Diogo Gomes. «Isto tudo escrevo, diz este, com licença do serenissimo Ptolomeu, que explicou muito boas cousas sobre a divisão do mundo, mas em um ponto andou muito errado. Elle divide o mundo, que conhecia, em tres partes, que são a media habitada, a arctica não habitavel por causa do frio, e a tropica, inhabitavel por causa de seu ardor. Ora, achamos agora o contrario: innumeraveis povos negros habitam a zona equinocial e as arvores elevam-se a altura incrível, pois precisamente no Sul eleva-se a força e pujança da vegetação embora

as tômas sejam: estranhas. (Salva gratia illustrissimi Ptolemei. Et haec omnia invenimus in contrarium quia vidimus... Incam aequinoctialem habitantem de nigris ubi est tanta multitudo gentium quod impossibile est credendum. Et certe dico quod vidi magnam partem mundi sed nunquam similem istius).»

Sobrevieram então dúvidas sobre a afirmação de Ptolemeu quanto ao mar das Índias, que elle, prolongando a Africa até o polo austral, affirmava fechado ao Sul, como o Mediterraneo. Se-lo-ia effectivamente? O litoral africano umas vezes corria Norte-Sul como para confirmar o geographo alexandrino: outras de Oeste para Este desmentindo-o. Havia um problema geographico a solver: podersc-ia chegar á India depois de circumnavegar a Africa? Já em 1454 o infante D. Henrique parece tê-lo acreditado, pois uma bulla de Nicolau V, deste anno, faz-lhe doação das terras existentes entre o cabo Bojador e as Índias.

Motivos de maior monta que simples considerações geographicas incitavam a procurar solver o problema. Desde o seculo XII havia noticia de monarcha poderoso, rei e sacerdote, adepto da fé christã, inimigo temivel e victorioso dos sectarios de Mafoma. Prestre João reinava algures, além Tigre, no Cathay ou: China occidental, nos altiplanos da Abessinia, em todo caso na India, que India se reputava todo o territorio das margens occidentaes do mar Vermelho e do oceano Indico ao archipelago do Japão. Procura-lo, firmar com elle aliança, concertar uma acção commum em que Chris-

tãos do Levante e Christãos do Occidente, marchando ao mesmo tempo contra o inimigo hereditario, triturassem-no e varressem-no para sempre da face da terra, tudo isto promettia e pronunciava o bom exito da empresa afagada por D. Henrique depois de tomada Ceuta.

Mesmo si não se realizassem desde logo tantas esperanças, um caminho novo para as Índias significava a independencia a respeito do Egypto e da Syria, sua provincia; a dispensa, por consequente, de intermediarios sobranceiros e despoticos, cada vez mais incontentaveis, podia significar o estanco da corrente de metaes preciosos que desde Roma republicana fluíam para o Oriente, depauperando as nações européas, a ponto da economia occidental algum tempo rebaixar-se a simples permuta de géneros de que só lentamente recobrava.

D. Henrique morreu em 1460, deixando o litoral africano explorado até a serra Leão. Nos vinte annos que se seguiram o movimento retardou-se, comquanto não ficasse sustado. A subida de D. João II ao throno já se chegara ao cabo de Santa Catharina (2º S.).

D. Affonso V, em cujo reinado falleceu o infante, mandou as cartas geographicas dos Portuguezes a um geographo veneziano, frei Mauro, cujo mappa ainda hoje se conserva em Veneza; e frei Mauro, combinando as informações portuguezas sobre o litoral occidental com as dos viajantes e geographos sobre a costa oriental da Africa ainda além de Sofala (to ho parlato cum persona digna de fede,

cho afferma aver scorso cum una nave de India per raba de fortuna de traversa per zoni 40 fuora del mar d'India oltra el cavo de Soffala), concluiu que o mar indiano era oceano e não paúl (Oceano non stagnone), e nem uma duvida havia quanto ao ser navegavel da parte do Sul e Sudoeste.

Por D. João II, logo que ascendeu ao throno, foi mandado Diogo Cão a continuar os descobrimentos: na primeira viagem descobriu terras desde o cabo de Santa Catharina até o monte Negro; na segunda, em que morreu, descobriu do monte Negro até a serra Parda, onde choutou padões recentemente descobertos (cabo Cross, 21º 48'); ao todo trezentas e cincoenta leguas de costa, como então se calculou.

Em Agosto de 1486 foi enviada nova expedição composta de dois navios e uma naveta de mantimentos, commandada por Bartholomeu Dias. Começaram os descobrimentos de onde Diogo Cão os deixara e os foram continuando até na angra das Voltas serem atrados para o Oceano durante treze dias. Quando serenou o temporal navegaram para Este, esperando encontrar a costa dirigida de Norte a Sul, qual geralmente corria nas partes até então conhecidas. Como nada mais defrontassem que mares frios, feios e mortaes, carregaram para o Norte, onde afinal lhes surgiu a terra, na direcção inesperada de Oeste para Este.

Era experiencia commum entre os Portuguezes que um cabo indicava sempre modificação da linha litoranea; descobrindo agora modificação no rumo

da linha, tornou-se principal cuidado da companhia procurar o cabo em que ella começava. Por mais que o chefe da expedição quizesse ir para diante, apenas obteve dos companheiros perseverarem tres dias. Nelles a costa conservou-se quasi sempre Oeste para Este; só no ultimo ponto alcançado, o rio do Infante, hoje Great Fish-river (33º 30 S.), alvoreceu promissoria para N. E.

Voltaram. «Chegados ao ilhéu da Cruz, — informa João de Barros — quando Bartholomeu Dias se apartou do padrão que alli assentou, foi com tanta dôr e sentimento como se deixara um filho desterrado para sempre, lembrando-lhe com quanto perigo de sua pessoa e de toda aquella gente, de tão longe viram somente aquelle effeito, pois lhe Deus não concedera o principal».

Tomando do oceano Indico para o Atlantico, Bartholomeu Dias descobriu o cabo, o malfadado cabo ao Sul do continente, e chamou-lhe Tormentoso, em memoria das tormentas dos homens e dos elementos que por sua causa padecera. Melhor inspirado, D. João II chamou-lhe Boa-Esperança. De facto, o novo caminho das Indias estava achado: era só ligar as trezentas e cincoenta leguas de costa, em que foi calculado o descobrimento de Bartholomeu Dias, a Sofala (20º 12 S.) — 15 graus, não mais, de latitude, a distancia do Rio a Macció, — confiar-se aos ventos de Hippalo, deixar-se levar e trazer por elles, como se praticara desde tantos seculos. Depois de Sofala e dahi para o Norte en-

contrar-se-lam pilotos que tinham feito uma e muitas vezes a travessia para a Índia.

Si, porém, o vento, que desde a angra das Voltas ou bahia de Santa Helena, obrigou Bartholomeu Dias a amarrar-se no quadrante do Sudoeste, houvera durado mais alguns dias, elle teria descoberto terras brasileiras! Ajudou a descobri-las treze annos mais tarde, as ultimas por seus olhos vistas antes de encontrar a morte nas aguas revôltas do cabo que o immortalizou, — cabo da Boa-Esperança para os outros, para elle sempre das Tormentas.

2. A' influencia das especiarias sobre as viagens e explorações do oceano Indico e periphéria meridional da Asia corresponde a da seda no devassamento do interior do continente, de sua periphéria oriental e do oceano Pacifico.

Desde tempos remotos chegava aos ribeirinhos do Mediterraneo esse estofo peregrino, monopolio e segredo de um povo mysterioso, vagamente designado pelo nome de Seres; porém vinha de mão em mão, a intervallos espaçados, levando annos no transito, e si os consumidores ignoravam sua verdadeira procedencia, tão pouco os productores curavam do seu destino ulterior.

Mais de dois seculos antes da era christã os Seres remataram a celebre muralha, que os poz a coberto dos Nomades do Norte e enviou os Nomades para o Occidente; á sua sombra poderam concentrar-se, unificar-se, finalmente expandir-se além dos limites a si proprios traçados. Em 122

antes de Christo um seu general visitou a terra dos Yüeh-chih, Ephthalitas ou Indo-scytas, que das abas septentrionaes do Nan-chan, sua primitiva habitação, se transferiram á Bactria e a conquistaram. Quasi ao mesmo tempo suas tropas guerrearam em Ferghana. Um seculo depois de Christo o general Pan-Tschao extendeu o dominio de sua nação até o mar Caspio e fronteira do reino dos Parthas. Seres e Romanos entram pela primeira vez em contacto.

Já então os Seres conheciam os desviados caminhos por onde corria seu principal producto. Do extremo Oriente sahia por uma das duas estradas principaes: Pe-lu, estrada do Norte, ao Norte do Tien-schan, pela Dzungaria; Nan-lu, estrada do Sul, ao Sul do Tien-schan, pela Cashgaria. Depois de chegar á Asia central pelo Pe-lu ou pelo Nan-lu, a seda seguia para Antiochia Margiana (Merv), Ekatompylos, Ecbatana, e por Ktesiphon e Babilonia descia até a barra do Euphrates. Do golfo Persico circumnavegava a Arabia, subia o mar Vermelho até o golfo de Akabá, donde ia por terra á Syria. Na Syria era novamente tecida ou desfiada ou tinta, ou bordada, ou entretecida com outras mercarias, adaptada ao gosto occidental: gaze e damasco ainda recordam as modificações por que passava e os logares onde se faziam.

O commercio terrestre foi se animando. Dez a hize caravanas annuaes, compostas ás vezes de mais de cem parceiros, mal bastavam aos pedidos. Subitamente estancou, em 165 depois de Christo, quando



Avidio Cassio, general romano, tomou aos Parthas e destruiu os grandes emporios de Seleucia e Ktesiphon, ao mesmo tempo que se desencadeava a peste, consequencia da guerra. Sob o reinado do imperador Justino, no seculo VI, os Turcos, ainda não fanatizados pelo Islão, offerreceram-se por alliados do Imperio romano do Oriente e quizeram reabrir o cantinho antigo; mas suas propostas não foram comprehendidas ou foram desdenhadas, e o commercio por essa via se conservou trancado ainda annos e annos.

Contemporaneo da interrupção do trato terrestre com os Seres, Ptolemeu nos dá o itinerario de um Macedonio para Sera metropole, sobretudo notavel pela demasiada extensão que nollo fundido se attribuiu para Este ao continente asiatico, extensão que influju posteriormente sobre o modo de representar o globo terrestre e sobre a direcção dada aos descobrimentos geographicos. No fundo o que Ptolemeu e seus contemporaneos sabiam daquellas terras alongadas reduzia-se a muito pouco. «A região dos Seres, condensa Yule, era vasto e populoso paiz, tocando a Este o Oceano e os limites do mundo habitavel, extendendo-se a Oeste para Inaus, isto é, o Pamir. Os povos são civilizados, mansos, justos e frugacs, evitando collisões com os vizinhos, esquivos á conversação estreita, não avessos, porém, a negociar seus productos, de que a seda bruta é a principal droga; têm tambem estofos de seda, pelles finas e ferro de notavel qualidade».

Cerradas por terra, as communicações abriram-

se maritimas, entrando no systema commercial do mar Vermelho. Os navegantes prolongaram suas derrotas pelo Mediterraneo austral-asiatico e chegaram até Cartigara, em Annão; mais tarde alcançaram Cantão; aos povos então visitados chamaram Sinai ou Thinaí. A seda era o principal genero exportado pelos Chins; coraes, perolas, ambar, objectos de vidro, estofos preparados ao gosto occidental, nos quaes tambem entrava a seda de tornaviagem, representavam os principaes artigos de importação.

Este commercio, feito por navios occidentaes, avultou e prosperou muitos annos; pelo seculo IV começou a definhir até por fim extinguir-se; os navios occidentaes foram, porém, rendidos pelos juncos chinezes, alterosos, fortemente armados, guarnecidos de quatrocentos a seiscentos homens munidos de projecteis de naphtha contra os piratas. Na sua marcha para o Occidente chegaram até Aden e uma vez por outra enfiaram o mar Vermelho; o golfo Persico algum tempo chamou-se mar dos Chinezes. Mais tarde o trato maritime passou para as mãos dos Arabes.

Tambem as communicações terrestres se reabriram e, graças a ellas, propagou-se o christianismo, sob a fórma que lhe imprimira o patriarcha Nestorio. Nestoriano fez-se o povo dos Kheraitas, primitivamente habitantes das cabeceiras do Amur, donde os Khitan os repelliram para a grande volta do Hoang-ho: seu chefe, chamado Wang-Kan, é dos muitos elementos que entraram no vulto myste-

rioso do Preste João, figurado primeiro nas terras centrais da Ásia, antes de finalmente identificar-se com o dynasta de Abessinia. Por via terrestre chegou igualmente aos povos do Mediterraneo o conhecimento dos Khitan, ou Khitai, povos de origem turco-mongolica, como os Kheraitas, que no principio do seculo X começaram suas incursões na China, conquistaram-lhe o Norte, e fundaram o reino conhecido no Occidente pelo nome de Cathay (979 a 1123). A identidade da China e Cathay ou Scrica só se apurou no seculo XVII, graças ao jesuita portuguez Benedicto Góes.

Commercio marítimo com a China, commercio terrestre com o Cathay passaram por phases diversas ao influxo das constellações nacionaes e internacionaes: ora os Chins avançavam e recuava a gente occidental, ora dava-se o contrario; umas vezes o Celeste imperio apresentava-se unido, hospitaleiro, tolerante, outras fragmentado, segregado, rompia em manifestações fanaticas e hostis; as hordas entre os dois Turkestan e o Azof affluíam para Oeste ou refluíam para Este; e fermentação igual decompunha e recompunha a Arabia, a Persia, a Syria, o Egypto, a Europa, ao calor dos odios religiosos, dos antagonismos ethnicos, das pretensões dynasticas, das cobiças territoriaes e rivalidades mercantis.

No seculo XIII surgiram do centro da Asia os Mongões, e sob Dgenghis-Khaan, sob seus successores immediatos fundaram em poucas e decisivas campanhas um emporio enterreirado do Vistula ao

mar do Japão. Recebeu-os no Occidente um terror sagrado, — Tartari, non Tatari chamavam-lhes, insinuando suas affinidades diabolicas. Logo, porém, reconheceu-se haver lavrado muito de exaggero em taes terrores, e o pânico transformou-se em esperança quando se soube da existencia de numerosos Christãos entre elles, uns arrancados dos logares por onde passaram as hordas conquistadoras, e vivendo com ellas na melhor harmonia, negociando suas mercadorias, exercitando seus officios, vindos outros do Oriente, dentre os povos convertidos á confissão nestoriana. Na maioria não christã, longe de dominar o fanatismo caracteristico dos Sarracenos, sentia-se a indiferença completa, si não a tolerancia larga e a ausencia de quaesquer preconceitos sectarios.

Si os soubessem dirigir bem, os Mongões poderiam tornar-se auxiliares prestimosos e alliados da Christandade nas lutas contra o Islão. A ver si conseguiam qualquer coisa neste sentido, Innocencio IV mandou-lhes duas embaixadas de missionarios e mais tarde Luiz IX da França outras duas. Das embaixadas mandadas pelo papa, constituida uma de Franciscanos, outra de Dominicanos, chegaram a Karakorum, nas aguas do lago Baikal e capital do Grão Khaan, no Pe-lu, André de Longjumeau e Piano di Carpini; ao mesmo destino chegou Rubruquis, emissario do rei de França. O resultado afinal foi nem um para o fim immediato da missão; mas a Rubruquis e Piano di Carpini devem-se as relações de suas viagens, que pela pri-

meia vez revelaram ao Occidente as terras e os povos ignorados do grande continente. Dos emissarios, uns foram ou vieram pela Syria e Mesopotamia e Persia, outros pelos scythes do Sul da Russia.

Maior attenção que esses enviados pontificios e reaes pedem os Polos, nobres Venezianos, que demandavam o Oriente quando de lá tornava Rubruquis.

Niccoló e Maffeo Polo partiram em 1260 de Constantinopla para a Criméa, com joias byzantinas e pedras preciosas para vender entre os Khaans do Volga. Depois de fazer bons negocios, não puderam tornar pelo mesmo caminho, pouco seguro, em consequencia de guerras travadas entre duas hordas, e foram se internando além do Volga, do Ural, do Cuspis até Bokhara. Nesta cidade demoraram tres annos commerciando e aprendendo a lingua ratara; convidados para acompanhá-los pelos membros de uma embaixada expedida da Persia ao grão Khaan, acceitaram o convite, sendo os primeiros europeus a atravessar a grande muralha, os primeiros, pelo menos, cujo nome se conserva.

Era grão Khaan naquella tempo Kubilai, neto de Dgenghis-Khaan. Acolheu-os benignamente. Na volta deu-lhes por companheiro um enviado, que devia pedir ao papa homens doutos, aptos a ensinar o trivão e o quadrivio a seus povos. O emissario adoeceu na jornada. Maffeo e Niccoló chegaram sós ao Mediterraneo, ao porto de Lajaz, no anno de 1269.

Tentaram satisfazer os desejos do grão Khaan, mas não puderam. A séde pontificia vagara; a eleição demorou-se muito; dois frades, dados por Gregorio X depois de eleito, descoroçaram logo no principio da jornada. Finalmente partiram os dois Venezianos, levando consigo Marco Polo, nascido em 1254, filho de Niccoló.

Em Novembro de 1271 sahiram de Lajazo, atravessaram a Armenia, viram o monte nevado onde quedou inacessível a arca de Noé, passaram as montanhas dos Kurdas, tomaram o Tigre e por Mossul (rouz les draps à or et à soie qui se font en ce pays, s'appellent musolins, diz Marcos), Bagdad, Bassora, onde embarcaram, chegaram a Ormuz. De Ormuz atravessaram a Persia por Kerman e pelo deserto de Lud; em Badakshan, proximo das cabeceiras do Oxu, tomaram o caminho do Sul — Nan-lu, que os levou a seu destino.

Kubilai recebeu-os da melhor maneira, e principalmente a Marcos votou muita sympathia, deu provas eloquentes de confiança, incumbindo-lhe comissões importantes, entre outras a de governador de uma das provincias do Sul da China, durante tres annos. Só depois de uma assistencia de dezeseis annos puderam voltar os viajantes em companhia de uma princeza, que ia á Persia casar com Argun Khaan, sobrinho de Kubilai.

A viagem foi por terra de Kambalú (Peking) a Zaitun, no estreito de Fukien, donde continuou por mar, em treze navios providos por dois annos, em principios de 1292. Entre Cambodja e Tonkin

avistaram costa; pelo estreito de Malacca, Nicobares e Andamanes passaram á costa de Coromandel, pelo paiz dos Comari ao Malabar e finalmente á Ormuz. Depois de levar a princeza á corte, onde casou com outro, por seu noivo ter morrido, os illustres Venezianos tomaram o caminho de Bagdad para o Norte, atravessaram o planalto armenio e sahiram em Trebisonda, no mar Negro. Tocando em Negroponto (Eubéa) e Constantinopla, chegaram á Veneza em 1295, depois de um quarto de seculo de ausencia.

Em uma guerra entre Venezianos e Genovezes, Marco Polo armou á sua custa uma galera no combate de Curzola aprisionada (6 de Setembro de 1298). Levado para Genova, ditou a Rusticiano de Pisa sobre as suas aventuras e peregrinações um livro que se divulgou tão depressa quanto possível em tempo e paizes ainda não conhecedores da imprensa, e traduzido em todas as linguas deixou signaes indeleveis de sua passagem na historia e cartographia do extremo Oriente.

Em 1474, Paolo Pozzo de Toscanelli, sabio florentino, escrevia uma epistola, inspirada toda ainda em dizeres do narrador veneziano. Zaitun, onde este embarcou para tornar á patria, é «porto nobilissimo, onde carregam e descarregam umas cem naus grandes de pimentas, além de muitas outras naus que carregam as outras especiarias». Quinsay, onde Marcos esteve antes de embarcar, é «nobilissima e grande cidade, que tem de circuito cem milhas, que são vinte e cinco leguas, na qual existem dez pontes de pedra marmore, e seu nome

em nosso romance quer dizer cidade do Céu». Cypango, que elle não chegou a pisar, é «ilha fertilissima de ouro e pedras preciosas; os templos e casas reais são cobertos de ouro puro». Desde 1365, os Mandjus expulsaram os Mongóes da China; para Toscanelli continuava tudo, porém, no estado em que Marco Polo deixara: «esta patria é poderosissima, e ha nella muitas provincias e muitos reinos e cidades sem conta debaixo do senhorio de um principe, que se chama grão Khaan, o qual nome quer dizer em nosso romance rei dos reis, o assento do qual é o mais do tempo na provincia de Catayo».

A epistola de Toscanelli, dirigida ao conego Fernão Martins, seu amigo e valido do rei de Portugal D. Affonso V, datada de Florença a 25 de Junho de 1474, trata de assumpto mais interessante do que o fariam suppôr as vetustas informações bebidas em Marco Polo. Fôra consultado por ordem do rei de Portugal si haveria para a India um caminho por mar mais curto que o de Guiné feito até então pelos Portuguezes, aliás sem lograrem ainda chegar em terra tão desejada; responde e acompanha a resposta de uma carta semelhante ás usadas para navegar, debuxada por sua propria mão. Nella, commenta, «está pintado todo o fim do Poente, tomando desde Irlanda ao Austro até o fim de Guiné com todas as ilhas, em frente das quaes direito por Poente está pintado o começo das Indias com as ilhas e os logares aonde podeis desviar para a linha equinoctial, e por quanto espaço

a saber, em quantos leguas podeis chegar áquelles logares fertilíssimos e de toda maneira de especiarias e de joias e de pedras preciosas. E não vos maravilheis que chamo Poente donde nasce a especiaria, porque em continuação se diz que nasce no Levante; mas quem navegar ao Poente sempre achará as ditas partidas em Poente e quem fór por terra em Levante sempre achará as mesmas partidas em Levante».

O seu plano, Paulo Toscanelli fundava em theorias correntes desde a antiguidade classica: a esphericidade da terra, a identidade entre o oceano occidental da Europa e o oceano oriental da Asia, a pouca distancia entre as extremidades dos dois continentes. A distancia, pequena de si em principio, fora ainda encurtada com as numerosas ilhas espalhadas no intervallo pelas lendas phantasticas e tradições obscuras ou pela geographia systematica, sempre disposta a alardear mais saber do que realmente possuia. Dentre as ilhas avultavam a de Cypango, revelada por Marco Polo, a de Antilla, que um nosso illustre compatriota (?), por considera-

(2) A mysteriosa Antilla, diz Joaquim Caetano da Silva, longe de ser, como julga Hamibet, um mytho geographico, era e muy positivo mar de Sargasso, cuja circumscriptão, fraccão pelo primeiro que o assentou em mappa, deu ao a tomar-lhe por uma ilha. Prova-o conclusivamente o atlas composto em 1436 por Andrea Bianco, onde no proprio lugar em que a folha 5.<sup>a</sup> dissera *Ilha d'Antilla*, diz com exphase a folha 9.<sup>a</sup> *é mar de baga*, que vem a ser *mar de Sargasso*, porque o caracter especifico desta planta não as suas bolachinhas, n. que todos chamam bagas. E finalmente o mesmo uma illaen etymologia, revelada em 1638 por Guilherme Piso; porque a

ções muito ponderosas assimilha no mar de Sargasso, sem coniar as ilhas de S. Brandão, da Mãe de Satanaz, e as sete mil e tantas attestadas por Marco Polo.

Nem uma impressão causaram em Portugal os planos do illustre Florentino, a menos que a elles não se associe, como quer Varnhagen, o pedido e a concessão de algumas ilhas ao Occidente. Sua influencia foi enorme sobre um Genovez para lá atirado pelos azares da sorte: Christovam Colombo. Tãmanha e tão profunda que se pode dividir sua vida em dois periodos bem caracterizados: antes e depois da epistola e da carta geographica de Toscanelli (2).

domo Hollandez informa que ao mar de Sargasso nomeam os seus compatriotas *mar de Lantilla* e do dictionario Rouchi nos consta que naquella dialecto francez o nome de lantilla é *Antilla* (*Revue de Inst. Historico*, XXVI, 208, Rio, 1863).

O trecho do Piso a que se refere Silva é o seguinte: *Herba illa marina quae ab Hispanis Sargasso, a Nostratibus Stern-Kroost nomen accepit, Lenticula marina, licet improprie nominatur. Est enim non Alga sed arbuscula patulifera, pabulum longo, tenuibus caulibus gelatis et perpetuis scissis serratis satute rubris in glomus convoluta. Quae circa insulas Flandricas vulgo dictas (Apores) incerta quidem origines undiqueque fluitans, adeo magnam partem obsidet ut solum non satum ducatur et remissione vento marum navibus haud parvum faciat. Et quae idcirco ille tractus Oceanus Lenticularis, de Kerst Zee a Belgis ex Indis redeuntibus nomen accepit. (Cultura Fisanis, Historiae naturalis, lib. IX, cap. LXVIII, pag. 268, Amstelredami, 1658).*

(3) O original da epistola de Toscanelli não existe mais. A copia, publicada por Henry Harrisse, encontrada na bibliotheca Colombiana de Sevilha e empresta por letra de Colombo, não coincide com a traducção dada por Las Casas, da qual foram extrahidos os trechos acima. A carta maritima, como muito bem viu Sophus Ruge,

3. Christovam Colombo nasceu de família plebéia e pobre de Génova ou proximidades, pouco mais ou menos ao tempo em que Diniz Dias revelava ao mundo a existência do cabo Verde. Notas registadas nos cartórios de tabelliães mostram-no entregue á profissão de cardador ou tecelão de lã, que era a dos seus. De sua presença em Génova ou Savona ha vestígios até Agosto de 1473.

Si exercia continua e effectivamente o officio; si o interrompia em excursões mais ou menos rapidas pelo mar Ligurio e alhures; si em uma dellas visitou Chios e Tunis; si foi marinheiro morigerado ou corsario sem escrúpulos, ignora-se inteiramente: quanto se refere nos primeiros annos da existencia teve o cuidado de calar, muntar, confundir ou alterar de maneira a tornar impossivel distinguir-se qualquer nucleo de verdade no enredo.

Em fins de 1473 ou começo de 1474 transferiu-se para Portugal e começou suas viagens no Atlantico. Para o Norte assegurou ter passado da Inglaterra e das ilhas Feroë (Thule); para o Sul foi até a costa de Guiné. Parece ter residido uma temporada em Madeira ou Porto-Santo. Diz-se ter consultado as cartas geographicas de Bartholomeu

*deve ser identica ou quasi ao globo de Martin Behaim: é a primeira em que além da terra habida se procura representar as extensões oceânicas.*

Numa historia moderna expõem-se a ida de Colombo para fóra de Portugal pelo route destes documentos, tidos por segredo de estado (Helmolt, *Weltgeschichte* I, 353, Leipzig, 1890). Em geral os escriptores allemães mostraram-se mais ou menos infensos a Colombo.

Perestrello, seu affim, contemporaneo de D. Henrique; ter colhido noticias de Affonso Sanchez, piloto andaluz, que veio morrer em sua casa, depois de descobertas terras desconhecidas; mas nem umas nem outras puderam actuar sobre seu espirito si eram verdadeiras, pois em tal caso deram noticias de gentes e paizes iguaes aos posteriormente encontrados no continente occidental, e estes nem Colombo tentou descobrir nem os reconheceu depois de descobertos.

Em Portugal casou com Felippa Muniz, irmã de Pero Corrêa, donatario de Porto-Santo. Ali concebeu o plano cuja execução, immortalizando seu nome, abriu nova era para a intelligencia humana.

Por qualquer meio chegou-lhe noticia da epistola de Paulo Toscanelli acompanhada de uma carta maritima explicativa. Obteve cópia de ambas, do proprio autor, ainda vivo, si são autenticos os documentos adduzidos na biographia attribuida a seu filho D. Fernando. A epistola não podia offerecer grandes novidades a um leitor de Pedro Alinco e do mundaz Sir John Maundeville; só continha de nouvel a concisão e clareza no propôr e solver do problema. A carta nautica, pelo contrario, com as costas européas e africanas oppostas ás da Asia, com as distancias demarcadas, as ilhas figuradas em sua verdadeira posição, os pontos apropriados ao refugio contra as tempestades previamente escriptos, foi uma verdadeira revolução. Tal confiança lhe incutiu que nem as quatro viagens por elle proprio feitas, nem todas as expedições,

felizes ou mallogradas, publicas ou clandestinas, executadas por tantos navegadores, enquanto viverem, divergentes todas em seus resultados e refractarias ás affirmações do sabio Florentino, bastaram a abrir-lhe os olhos.

Bem imbuido nas idéas de Toscanelli, apresentou a uma junta convocada por D. João II, rei de Portugal, o traçado do novo caminho marítimo e mais breve para a India do que o procurado e não achado ainda no littoral africano.

Estribava-se em factos observados por pilotos: ilhas vistas muito além das Açores, pinheiros exóticos fluctuantes no meio do mar, taquaras peregrinas com gomos de capacidade descommunal, madeiras com incisões feitas por mão de homem, homens de côr e raça diferentes da Europa, achados mortos em embarcações desgarradas, diversos de quaesquer da Europa e da Africa, portanto asiaticos, isto é, Indios. A estes factos indicativos de terras proximas a Oeste, juntava considerações sobre a esphericidade do nosso planeta e sobre sua exiguidade. Marino Tyrio calculara a distancia da Espanha á India em quinze horas de tempo ou duzentos e vinte e cinco graus em arco: a distancia desconhecida a percorrer limitava-se, pois, no maximum, a 135º em arco ou nove horas em tempo. Na realidade era ainda menor, si se levasse em conta o archipelago do cabo Verde omitido por Marino, as terras orientaes, cujo fim ninguem vira ainda, o Cypango tão famoso desde Marco Polo, as sete mil quatrocentas e cincoenta e nove ilhas

arroladas por este no mar do Cim, e finalmente, a meia jornada, a Antilla ou ilha das Sete Cidades. Tudo isto rematava em moveis religiosos e impulsos mysticos, que com a idade cada vez mais se corroboraram. Indignava-o o dominio do istão sobre o Santo Sepulchro depois de tanto e tão generoso sangue christão vertido nas Cruzadas; pelo novo caminho viriam os recursos necessarios para o esmagamento do inimigo perpetuo da Christianidade. Avizinhava-se o fim do mundo: urgia empuhar os dominios da religião de Christo com os limites da Terra, para se cumprir a palavra do Evangelho. Seu nome mesmo, Christum ferens, o do bom gigante germanico, que um dia atravessou o rio com o menino Jesus aos hombros, proclamava a missão que lhe estava destinada *ad aeterno* (4).

Que pensaram D. Diogo, bispo de Ceuta, e os cosmographos mestre Rodrigo e mestre Josepe, incumbidos de examinar os planos colombineos, deste mixto de factos seguros, sciencia indigesta e mysticismo militante, deixaram em silencio os contemporaneos. João de Barros, que si não alcançou algum d'elles, poudo ainda encontrar as tradições vivas, chama ao grande navegador «homem fallador, glorioso em mostrar suas habilidades e mais fantastico de imaginações com sua ilha Cypango que certo no que diz».

(4) Christovam, diz Payson, é o nome da sexta-feira santa em allenda (Christ opter): é um santo etymologico, semelhante a Pascal, Noël, Toussaint, festas que em francez servem de nomes de baptismo. *History of the New-World called America* I, 172, n. Oxford, 1892.

Este juízo, exacto a respeito de alguns dos aspectos exteriores, encobre o que havia de intimamente genial em tão extraordinária individualidade. Suas propostas foram rejeitadas; elle, que para levallas a effeito, reclamava as maiores honras e prerogativas, teve de sahir ás pressas de Portugal, deixando mulher e filhos, como affirma, levando apenas um filho, Diogo, de cinco a seis annos de idade presumíveis. Talvez se visse embaraçado por dividas, como se pode concluir de algumas verbas pouco explicitas de seu testamento. Alguma coisa houve, pois em 1438 obteve um salvo-conducto de D. João II para poder voltar livremente <sup>(5)</sup>.

Entre 1484 e 1485, deu-se o seu exodo para as terras da Espanha, onde reinavam Fernando de Aragão e Isabel de Castella empenhados em extinguir os ultimos restos dos Mouros ainda existentes na península. A elles Colombo, cada vez mais convencido de suas idéas e crente em sua missão, apresentou-se offerecendo um mundo. Foram oito annos de luta constante, afinal coroados pela victoria. A 17 de Abril de 1492 assentou-se entre a corôa e Colombo que das terras a descobrir, elle teria o cargo vitalicio e hereditario de

(5) E por que por ventura teréis algum receio de nossas justias, resa o salvo conducto datado de Avis 20 de Março de 1488, por razão de algumas cousas a que sois obrigado, nos por esta carta vos seguramos pela vinda, estada e tornada que não sois prestes, reteudo, acusado, citado nem demandado por nem uma cousa, ora seja civil, ora seja criminal, de qualquer qualidade. (Navarrete, *Collección de los viajes y descubrimientos*, II, 6, Madrid, 1825).

almirante com privilegios iguaes aos do almirante-mór de Castella; que dellas seria vice-rei ou governador geral; que do ouro, prata, perolas, pedras preciosas e especiarias e quaesquer outras coisas e mercadorias perceberia o dizimo, tiradas as despesas; que em todos os negocios de commercio das ditas terras exerceria jurisdição por si ou por um tenente; que, si entrasse com um oitavo para as despesas de quaesquer futuras expedições, tocari-lhe-ia um oitavo dos lucros.

Quatro vezes veio Colombo ás terras encorporadas á humanidade por sua acção maravilhosa.

Na primeira (1492/1493) sahio com tres caravellas de Palos a 3 de Agosto e dirigiu-se a Gómera, nas Canárias, ultimo ponto então alcançado pela civilização européa. A 6 de Setembro engolfouse no Oceano desconhecido; a 12 de Outubro descobriu uma ilha, chamada Guanahani pelos Indigenas, S. Salvador pelo Almirante, hoje Watling, no grupo das Bahamas, pertencente á Inglaterra. Navegando para SO., foi dar á Cuba, cujo litoral septentrional perlongou algum tempo; passou á ilha a que deu o nome de Espanhola, hoje chamada Haiti, donde partiu para a Espanha.

Na segunda, (1493/1496) buscou ainda as Canárias; depois da ilha de Ferro, fez rumo mais ao Sul; descobriu as ilhas Dominica, Maria Galante, Guadalupe, e outras pequenas Antilhas, Portorico — a mais oriental das grandes. De Espanhola navegou para Cuba, percorrendo o litoral meridional até o ponto em que se julgou na península de Ma-



laça, — junto á ilha de Piñoa, onde a costa corre N. S. Na volta para Haiti descobriu a Jamaica.

Na terceira viagem. (1498-1500) expediu parte da esquadra de Gomera, e depois partiu de Santiago de Cabo-Verde, no intento de atravessar a linha para o hemisphero austral. Os ardores e as calmarias do Equador obrigaram-no a ater-se ao Norte, onde descobriu uma ilha, a da Trinidad, a mais meridional das Antilhas; o poderoso Orinoco, e, afinal, o continente. Perturbou-o o achado de um rio, cuja possança indicava terras maiores que as simples ilhas esperadas naquellas latitudes, e a unica explicação plausivel do facto com que atinou foi dizer que a terra não era uma esphera, porém uma p'ra; na p'ra havia um ponto mais saliente onde demorava o paraíso terreal, a cavalheiro das aguas do dilúvio. A estes lugares inacessíveis chegara agora.

O resultado da viagem não correspondeu a tão brilhante começo. Na Espanha encontrou a mais completa anarchia; não soube domá-la pela brandura, acirrou-a com arbitrariedades e violencias, por um de seus admiradores consideradas provas de que exercera na mocidade a profissão de corsario. Os clamores chegaram até a corte, resultando voltar preso e acorrentado para a Espanha.

A ultima viagem fez de 1502 a 1504. De Espanha foi á costa de Honduras e por ella desceu até o istmo do Panamá, sem ver, porém, um estreito que procurava e cuja necessidade sentia para chegar ás regiões, sempre annunciadas e sempre

plumasticamente longinquoas. Em Jamaica perdeu todos os navios e ficou um anno sem poder comunicar com o resto do mundo, a principio nem mesmo com a Espanhola, a tão poucos dias de distancia. Tornou em 1504. A 20 de Maio de 1506 falleceu em Valhadolid.

Todas as viagens descobridoras de Colombo tiveram por theatro as aguas do mar dos Caralibas. Nem um só instante duvidou ter chegada ás terras annunciadas por Toscanelli. Cuba, sempre reputou continente; uma parte do littoral cubano, peninsula de Malacca: em aguas cubanas comminou a pena de dez mil maravedis de multa e lingua cortada, ou lingua cortada e cem açoites, a quem duvidasse estar ali a terra de Mangi; um eclipse lunar observado de 14 a 15 de Setembro de 1494 deu-lhe uma longitude a O. de Cadix de 5 horas 23 m. (So<sup>o</sup> 45') isto é, 18<sup>o</sup> a mais da realidade; escrevendo ao papa em 1502, diz que Cypango é a Espanhola; ouvindo em sua ultima viagem falar vagamente de um mar do outro lado da terra no istmo do Panamá, confirmou-se mais na sua teimosia: andava no golfo de Bengala, do outro lado demorava a India anterior, só restava achar o estreito, isto é, o caminho para lá.

Enquanto Vasco Nunes de Balboa não descobriu em Setembro de 1513 o mar do Sul como lhe chamou, ou oceano Pacifico, nome por que o christmou Fernando de Magalhães, todo o mundo gyrrava pouco mais ou menos dentro do cyclo das idéas de Toscanelli assimiladas por Colombo. Ainda

em 1500 conungava nella Vicente Afiez Pinzon, companheiro do Almirante na memoravel expedição de 1493, commandante da *Niña*, a bordo da qual o descobridor tornou, depois de perdida a *Santa Maria* na costa do Haiti e Martin Alonso Pinzon, irmão de Vicente, separado, a descobrir por conta propria.

Vicente Afiez Pinzon, obtida licença para armar uma expedição, a 18 de Novembro de 1499 sahio de Palos com quatro caravellas, para Santiago de Cabo Verde. Nas licenças para descobrir excluíram-se as terras já anteriormente visitadas; por isso Vicente Afiez, primeiro entre os Espanhoes, afoitou-se alem da linha equinocial, em paragens não illuminadas pela estrella polar.

A 25 de Janeiro de 1500 a agua do mar appareceu turva, a sonda registou fundo de dezesseis braças, e a costa assomei proximo. Para ella velejaram, nella desembarcaram e tomaram conta da região em nome da corôa de Espanha, proclamando o feito em vozes altas, cortando galhos e entalhando nomes nos troncos das arvores, fazendo mouções de terra, bebendo agua, chantando cruzes. De gente viram simples pégadas: a este primeiro ponto chamaram Santa Maria de la Consolacion, hoje cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco.

Seguiram a costa á busca do Equador. Uma noite avistaram fogos e no outro dia pela manhã desembarcaram quarenta homens apparelhados e dispostos á peleja. Sahiram-lhes ao encontro trinta e dois indigenas armados de arcos e flechas, de

olhar torvo e attitudo ameaçadora, mais altos que Germanos e Pannonios. Pelejas não houve; affagos nem um resultado deram, e os Espanhoes tornaram para bordo: acharam estes que os rastros dos naturaes da terra eram o duplo dos dos pés de um dos seus.

Proseguindo, chegaram a um rio incapaz de caravellas. Homens armados foram a terra, onde viram alguns indigenas sobre um alto. As tentativas para trato pacifico não deram resultado. Um espanhol abaixou-se para apanhar qualquer objecto dourado atirado pelos indigenas; immediatamente estes o rodearam e mataram com mais viro vindos em seu soccorro, e apoderaram-se de um dos hotes.

Perlongando a costa para NO., deram em rio, antes mar de agua doce, descendo rapido de altas montanhas, incado de ilhas numerosas cheias de gente. Chamava-se Marañon, é hoje o Amazonas; as terras ao Este delle, Camamoro; as terras ao Occidente, Paricora, hoje Guayana. «E hallaron dentro del rio un macareo, diz Antonio Hernandez Colmenero, é estando surtos los navios, alzaba de golpe de la mar é el ruido que toia los alzó quatro brazas el navio.» Era a pororoca.

Do Amazonas seguiram perlongando a costa: o nome de Vicente Pinzon, dado a um rio, que foi disputado ao Brasil pela França, attesta ainda a sua passagem. De sua viagem levaram pau-brasil, a impressão de arvores tão collosaes que dezesseis homens não bastaram a abarcar-las e um sanú que

não resistiu á viagem, e Pedro Martyr descreve: *monstruosum animal vulpino rostro, cercopitheca cauda, vesperilionis auribus, manibus humanis, pedibus simiam simulantibus, quod natos iam filios alio gestat quocumque proficiscatur utero exteriore in modum magnæ crenonæ*.

E depois de tão longa viagem Pinzon com seus companheiros, como attesta Pedro Martyr de Angleria, considerou a costa como continente da Ilha do Ganges; depois de navegar pela costa de Paria mais de seiscentas leguas, julgaram-se além da cidade de Cutayo e da costa da Índia, além do Ganges, em outros termos, labutavam ainda no cyclo das idéas do Colombo e Toscanelli.

Chegada ao tempo da viagem de Vicente Pinzon e contigua aos logares percorridos, é a de Diego de Lepe, ao ponto de não ser facil distinguir bem as duas. Na opinião mais fundada é idêntica á segunda de Americo Vesputio.

Porto de partida no archipelago de Cabo-Verde foi a ilha do Fogo; rumo SO., duração da travessia quarenta e quatro dias; logares visitados: costas do Rio Grande do Norte a Pernambuco, além um pouco do cabo de Santo Agostinho, onde se observou a inflexão do litoral para Oeste. De Diogo de Lepe antes que de Pinzon parece proceder o nome de Rostro Hermoso dado talvez ao cabo de S. Roque.

4. Dominava os planos de D. João II o proposito de chegar ás terras do Preste João, locali-

zadas agora nos limites meridionaes do Egypto, fronteiras quasi dos descobrimentos de Diogo Cão. Bartholomeu Dias levou consigo na armada algumas negras, que deviam servir-se das immunições do sexo (podiam ficar seguras, diz João de Barros, porque como eram mulheres cozi quem os homens não recm guerra não lhas haviam de fazer mal algum) para alcançar, si possível, o reino sempre cubicado, sempre esquivo.

Ainda elle arcava contra os homens e a natureza conspirados, quando el-rei de Portugal mandou a Jerusalém frei Antonio de Lisboa e Pero de Montaroyo. Em Jerusalém, — discorria, — jaz o centro da Christandade; si Preste João segue a doutrina de Christo, sua gente lá ha de acudir. O calculo era rigoroso, e sahiu certo; mas os dois emissarios ignoravam a lingua arabe, não se atreveram a acompanhar os religiosos abexins, que de facto encontraram na Cidade Santa.

Novos enviados expediu D. João II de Santa-rém a 7 de Maio de 1487: Pero da Covilhã e Affonso de Paiva, ambos provavelmente senhores da lingua, o primeiro com certeza. Foram por Napoles a Rhodes, a Alexandria, ao Cairo, a Toro. Em Toro separaram-se: Affonso de Paiva partiu para a Abessinia e de sua viagem não deu conta precisa, por morrer no Cairo á volta; Pero da Covilhã foi por mar a Calcut, a Cananor, a Gôa, de Gôa a Sofala, ponto extremo da carreira de Malabar; de Sofala, por Aden, ao Cairo. Não achou, como esperava, seu velho collega, mas dois

outros mensageiros regios: Abrahão, rabbi natural de Beja, e Josepe, sapateiro de Lamego, vindo pouco antes de Bagdad, com frescas notícias do largo trato feito por via de Ormuz. Josepe devia levar para o reino as cartas e informações de Paiva e Covilhã; Abrahão fazer a jornada de Ormuz a Aleppo; Covilhã desencantar o Preste, si qualquer occurrencia houvesse estorvado Affonso de Paiva.

Mais uma vez Pero da Covilhã cortou as aguas do mar Vermelho e atravessou as portas das lagrimas para Ormuz. Dali Abrahão seguiu sua rota para a Syria, Pero da Covilhã retrocedeu para Oeste e deu na Abessinia. Bem recebido foi; mas não teve mais licença de sahir. Lá o encontrou mais tarde, em 1515, uma embaixada portugueza, velho, honrado, cheio de filhos. Tão pouco como a Bartholomeu Dias e a D. João II lhe coube entrar no descobrimento da India, que seus esforços tinham tornado possível e até facil, á altura de qualquer personagem somenos, capaz de levar treze graus de latitude de cabotagem, antes de encontrar pilotos praticos do oceano Indico.

Com todos estes subsidios, — a navegação franca do oceano Indico ao Sul de Sofala, attestada muitos annos antes por frei Mauro de Veneza; o extremo do continente africano attingido pela costa occidental, e a costa oriental inclinada promissoriamente para NE, como entreviu Bartholomeu Dias; Sofala, a aurifera, escala animada da carreira do golfo Arabico, do golfo Persico, de Malabar; a costa de Malabar, centro de irradiação de movimento

commercial incomparavel, como encontrara flagrante Pero da Covilhã (6), — com todos estes subsidios podia D. João II amadurecer calmo e desenfadado o remate da obra iniciada por D. Henrique.

Sua quietude foi perturbada por um acontecimento imprevisto. Em Março de 1493 entrou pela barra do Tejo acossada pelos temporaes uma caravella espanhola, a *Niña*, trazendo a bordo Christovam Colombo, o mesmo dos planos de viagem de Levante pelo Poente rejeitados pela junta nomeada para examina-los; o emigrado de Portugal, «insalutato hospite», deixando mulher e filhos; o do salvo-conducto de 1488. Descobriu as terras promettidas, blasonava; e provava-o até certo ponto, apresentando não especias, perfumes e estofos, alardeando homens evidentemente diversos dos brancos da Europa e dos negros da Africa.

D. João II mostrou desejos de velo. A entrevista deu-se a 9 de Março em Valparaíso, proximo de Santarém, el-rei correcto e fidalgo, o navegante orgulhoso de seus feitos, transbordante de sua superioridade, a corte humilhada, indignada, azeda do bom exito da empresa tanto como dos ares de triumpho e de victoria do tecelão e filho de tecelão assumpto a almirante de Castella. Alguns dos mais zelosos offereceram-se para mata-lo. Tudo passaria lisamente, segundo as leis do brio e do bom gosto:

(6) Os fechos de Covilhã encontraram finalmente um historiador condigno no conde de Ficalho, autor das admiráveis *Viagens de Pero da Covilhã*, Lisboa, 1896.

troca de palavras, rusga, um encontro, uma cutelada certeira.

Na conversa disse D. João II que Colombo entrara por terras a elle pertencentes, por força de tratados assentos com a Corôa de Espanha, por força de bullas anteriores da Curia Romana. A isto respondeu o descobridor não ter tocado em terras pertencentes á corôa portugueza, segundo ordens recebidas ao partir.

A maneira de ver do Almirante foi partilhada pelos reis da Espanha e pela Santa Sé. Em duas bullas, datadas de 3 de Maio de 1493, o Summo Pontifice concedeu á Espanha todas as terras por Colombo descobertas e por descobrir a Oeste «porque de todas as obras a mais agradável á Divina Magestade é que a religião christã seja exaltada e divulgada por toda parte; que a salvação da alma humana seja assegurada em todos os paizes, e as nações barbaras sejam subjugadas e convertidas á Fé Catholica».

Na segunda bulla *Eximie devotionis*, da mesma data, Alexandre VI refere-se a Portugal, mas para dizer que as concessões feitas á Espanha importam favores, privilegios, isenções, liberdades, poderes, immunições identicas aos concedidos áquelle reino. Só na terceira bulla, datada de 4 de Maio, attende um pouco ás pretensões de D. João, limitando as possessões dos dois monarchas por uma linha traçada cem leguas a Oeste de qualquer ilha dos Açores e do Cabo-Verde (Fabricando et constituendo unam lineam a Polo arc-

tico, scilicet septentrione, ad Polum antarcticum, scilicet meridiem sive terrarum firmam et insulas invenienda. sint versus Indiam, aut versus aliam quamcumque partem; quæ linea distet a qualibet insularum quæ vulgariter nuncupantur de los Azores et Cabo Verde centum leucis versus occidentem et meridiem).

Esta concessão mesmo foi implicitamente revogada em bulla de 25 de Setembro ainda de 1493, conhecida por traducção espanhola e por uma copia não autenticada de Solerzane, pois o original latino desappareceu, na qual se ampliou a doação feita á Espanha «a todas y cualesquier islas y tierras firmes halladas e por hallar, descubiertas y por descubrir, que navegando o caminando hacia el Occidente ó el Medio dia son ó fueron, ó aparecieren ora esten en las partes occidentales ó meridionales y orientales y de la India».

D. João II quiz mandar uma esquadra ás regiões novamente descobertas; propoz a divisão por um paralelo, em vez de um meridiano; expediui e recebeu embaixadas. A attitude de Alexandre VI chamou-o finalmente á conciliação. A 7 de Junho de 1494 as duas corôas assignaram em Tordesilhas um tratado fixando a linha divisoria a trezentas e sessenta leguas do archipelago de Cabo-Verde, infelizmente sem indicar a ilha de que devia partir a contagem, nem fixar a medida das leguas, pois a um grau no Equador correspondiam segundo as opiniões pouco seguras do tempo 14<sup>1/2</sup>, 15, 16<sup>2/3</sup>, 17<sup>1/2</sup>, 21<sup>1/2</sup> leguas. Peor ainda: conforme os in-

teresses de momento as duas côrtes variaram com o decurso do tempo no ponto de partida e na medida itineraria.

Em seguida ao tratado de Tordesilhas falleceu D. João II e succedeu-lhe D. Manuel, primo e cunhado, com razão singularizado pela antonomasia de Venturoso. Um dos seus primeiros cuidados foi continuar a obra de Bartholomeu Dias e Pero da Covilhã, incumbencia de que deu boa conta Vasco da Gama (1497/1499). Mandou tambem clandestinamente ás terras encontradas por Colombo? Não! Duarte Pacheco: «temos sabido e visto, escreveu em 1506 a D. Manuel, como no terceiro anno do vosso reinado do anno de Nosso Senhor de 1498 donde nos Vossa Alteza mandou descobrir a parte occidental passando além a grandeza do mar Oceano onde é achada e navegada uma tão grande terra firme com muitas e grandes ilhas adjacentes a ella que se estende a setenta graus de latitude da linha equinocial contra o polo arctico... e do mesmo circulo equinocial torna outra vez e vai além em 28 1/2 de latitude contra o polo antartico (?)». E até certo ponto confirma-se este dizer pela opinião corrente em Lisboa em Outubro de 1501, de que eram entre si contiguas as terras geladas desco-

(7) *Esmeraldo de Situ Orbis*, 7. Publicado pela primeira vez em Lisboa em 1892. Humboldt chama a isto uma adivinhação surpreendente à vista da ausencia de dos intermediarios. (*Examen critique*, IV, 263). Ultimamente tem-se procurado restabelecer os elos. Veja-se entre outros o livro de Jose Foribio Molina, publicndo em Santiago de Chile, sobre João Dias de Solis.

bertas pelos Portuguezes ao Norte com as Antilhas descobertas pelos Espanhóes e a terra dos Papaios descoberta mais ao Sul por Pedralvares Cabral, como veremos. Em todo caso, de taes viagens não transpirou então noticia nem se tem demonstrado qualquer influencia palpavel sobre as posteriormente feitas.

A volta de Vasco da Gama causou o maior enthusiasmo entre seus compatriotas. Colombo demonstrara seu descobrimento da India, apresentando homens diferentes dos Europeus e Africanos, insistindo sobre certas semelhanças nos nomes das localidades, como Cibão e Cypango; Vasco da Gama trazia tambem homens diferentes dos da Europa, da Africa e até dos apresentados por Colombo; trazia o cravo, a canella, o gengibre, todas as especiarias caracteristicas da India recebidas até então por meio de navios italianos; estivera em Calecut, e si não vira todos os logares e emporios famosos, sabia onde estavam e onde procuralos.

Urgiu mandar outra e mais forte armada a visitar novamente a India. Em Março de 1500 estava prompta a desferir a vela para o Oriente uma esquadra de treze navios, levando mil e duzentos homens d'armas, sob o commando de Pedralvares Cabral, de familia nobre e já assignalada nos descobrimentos de D. Henrique: frei Gonçalo Velho Cabral, o descobridor dos Açores e da Terra alta, era seu parente.

A 3 de Março, domingo, houve missa solenne, a que assistiu o rei, tendo sempre ao lado o chefe

da expedição na mesma cortina. Depois da missa foi benta uma bandeira da ordem de Christo, que estivera sobre o altar, e el-rei entregou-a a Cabral, juntamente com um barrete consagrado pelo papa. D. Diogo de Ortiz, bispo de Ceuta, prégou exaltando os membros da expedição: Pedralvares, de ascendentes tão illustres, Nicolau Coelho, o companheiro de Cama, levado outra vez ao scenario de seus triumphos, Bartholomeu Dias, o domador do cabo Tormentoso.

Depois da missa, seguiu el-rei para o Rostello, onde deu a mão a beijer e despediu-se de todos. Foi um dia de festas e alegrias. João de Barros descreve-o assim:

«A qual expedida geralmente a todos foi de grande contemplação, porque a maior parte do povo de Lisbon, por ser dia de festa e mais também celebrada por el-rei, cobria aquellas praias e campos de Belém, e muitos em barcas, que rodeavam as naus, levando uns, trazendo outros, assi ferviam todos com suas libré e bandeiras de cores diversas, que não parecia mar, mas um campo de flores, com a frol daquella mancebia juvenil que embarcava. E o que mais levantava o espirito destas cousas eram as trombetas, atabaques, sesters, tambores, fraucas, pandeiros; e até gaitas, cuja ventura foi andar em os campos no apascentar dos gados, naquella dia tomaram posse de ir sobre as aguas salgadas do mar, nesta e outras armadas que depois a seguiam, porque pela viagem de tanto tempo tudo os homens buscavam para tirar a tristeza do mar.

Com as quacs differenças que a vista e ouvidos sentiam o coração de todos entre prazer e lagrimas, por esta ser a mais formosa e poderosa estava armada que te aquelle tempo para tão longo deste reino partira (8).»

No dia seguinte, segunda-feira 9 de Março, sahio a esquadra de foz em fóra; sabbado, 14, entre oito e nove horas, achou-se entre as Canárias, em calma, obra de tres a quatro leguas á vista da Gran-Canaria; domingo, 22, foi vista a ilha de S. Nicolau do Cabo-Verde; segunda feira, 23, desgarrrou-se e não mais appareceu a nau de Vasco de Athaide, sem ahi haver tempo forte nem contrario.

Nas diversas navegações, até então feitas, notaram-se ventos muito mais constantes e galernos amaranando-se, do que chegando-se para o continente, cujas massas exerciam acção perturbadora. Cabral engolfou-se pelo mar, de longo, e encontrou a corrente equatorial, que desde a Africa despede suas aguas para as regiões fronteiras.

Terça-feira, 21 de Abril, encontraram varias hervas, signaes de terra que, no dia seguinte annunciada por aves chamadas fura-buchos assomou, á hora de vespéras, grande monte, muito alto e redondo, serras mais baixas ao Sul, terra chã com grandes arvoredos. Estava-se no oitavario da Paschoa: monte Paschoal chamou-se ao primeiro ponto avistado. Fundeou-se á noite em dezenove braças, á distancia de seis leguas da costa.

(8) Decadas I, 5, 1.

Quinta-feira, 23, a armada fez vela, com os navios pequenos sondando adiante, até as 10 horas lançarem ancora em direito da boca de um rio. Lançados bateis e esquifes fóra, foram todos os capitães á nau do capitão-mór. Que terra era aquella? Evidentemente a India, nem podia ser outra, pois entre a Europa e a Asia oriental havia um só mar. Nada mais simples do que verifica-lo: ali estava Nicolau Coelho, que já estivera na India: elle proprio iria tira-lo a limpo.

Nicolau Coelho tornou com resposta bem diversa da esperada; e no dia seguinte a armada velejou para o Norte, ao longo da costa, por umas dez leguas, até encontrar uma abrigada conveniente.

Sabbado, 25, penetrou-se na bahia, cujas vastas aguas podiam recolher mais de duzentos navios. Os capitães reuniram-se a bordo da capitanea; foram mandados a terra Nicolau Coelho, e, o que não é menos característico, Bartholomeu Dias. Si não eram Indios aquelles homens que andavam nus pela praia, como não se podia mais pretender depois do laudo de Nicolau Coelho, bem podiam ser qualquer casta de Negros: ninguém mais competente para decidillo do que Bartholomeu Dias. E não se taxe de absurda a confusão entre os indigenas ali presentes e os negros: antes do se encontrar um appellido geral para denomina-los eram chamados negros, — prova-o entre outras uma carta do padre Manuel da Nobrega, escripta em 1549 — e chamados com igual razão ou sem razão á com que depois ficaram e continuaram chamados indios.

O dia 26 de Abril era domingo de Paschoa. O capitão resolveu ouvir missa; numa ilha da vasta enseada, armou-se um esparavel; levantou-se um altar muito bem corrigido; nelle á parte do Evangelho esteve sempre alta a bandeira de Christo com que o capitão-mór sahio de Belém; cantou a missa em voz entoada frei Henrique, depois bispo de Ceuta, inquisidor de Portugal, em cujo tempo se queimou o primeiro judeu; com voz igual officiaram os padres e sacerdotes, que ali todos eram.

Depois da missa frei Henrique poz-se numa cadeira alta, a gente assentou-se na areia, á espera do sermão, que ia começar. Não era terra africana, não era terra indiana, a terra agora felizmente achada; era terra nova. Seu achamento conformara-se com o signal da Cruz, sob cuja obediencia viera a armada, a mesma Cruz recebida solennemente em Belém das mãos de um rei, fluctuando ali mesmo aos ventos de largo ao sol do Sul; seu nome estava de antemão dado, não havia outro a escolher, — ilha da Vera Cruz: — tal podemos imaginar a pregação do franciscano, filtrada nas palavras fugazes de Pero Vaz de Caminha, escripto nomeado para a feitoria de Calecut, ali presente.

Depois da festa houve conselho a bordo da capitanea, e venceu-se que se mandaria um emissario ao reino, levando a noticia do novo achamento, para Sua Alteza melhor mandar descobrir e saber de tudo melhor do que se podia fazer de passagem. Foi destacado para este fim o navio de mantimentos: a baldeação pelos outros navios e distribuição



dos generos nelle contidos occuparam os dias seguintes.

Segunda feira, 27, cortou-se um grande madeiro para fazer a cruz, que devia, chantada, attestar o descobrimento e a estadia dos Portuguezes. Quinta-feira, ultima de Abril, foram á cruz, que estava encostada a uma arvore junto a um pequeno rio que fenecia na praia; ajoelharam ante ella, beijaram-na, para os Indios perceberem quanto a acatavam.

Sexta-feira, primeiro de Maio, desembarcou a gente da armada com a bandeira de Christo, foi buscar a Cruz onde a deixara e trouxe-a com os religiosos e sacerdotes adiante cantando á maneira de procissão e plantou-a no lugar que mais conveniente pareceu. Ao pé da Cruz, em que antes se pregaram as divisas e armas reaes, armou-se altar; cantou a missa frei Henrique; commungaram o capitão-mór, alguns dos seus companheiros e os religiosos. Acabada a missa pregou outra vez frei Henrique: era dia de São Felippe e Santiago, apostolos.

A 2 de Maio a armada singrou para S. E. á procura do cabo da Boa Esperança; o commandante do navio de mantimentos, encarregado de levar a noticia ao reino, fez-se a seu rumo; dois degredados, deixados na terra, ficaram na praia chorando. Um d'elles serviu de lingua naquella parte e depois tornou ao reino: a cruz ainda durou algum tempo.

Da carta de Pero Vaz de Caminha, escripta a 1 de Maio, diploma natalicio lavrado á beira do

borço de uma nacionalidade futura, podemos colher algumas das impressões deixadas pelos successos de que se constituia historiadore.

A terra foi considerada uma ilha, por muitas razões. O rio abordado a 23 de Abril, o rio que desembocava em Porto Seguro, ambos de pouca agua, o segundo vadeavel com agua pela braga, e não mais largo que um jogo de mangal, mostravam pelo seu pequeno cabedal não pertencer a continente. O mesmo insinuava a ausencia de qualquer quadrupede entre os naturaes. Nem diziam coisa differente duas pontas de terra avistadas ao Norte e ao Sul, distantes entre si vinte e cinco leguas: era corrente na gente portugueza que os cabos indicavam modificação da linha litoranea: aquellas duas pontas, juntas á pobreza das aguas pluvias e á ausencia de mammíferos confirmavam o character insular da terra (?).

Desta Pero Vaz de Caminha admira sobretudo a vegetação: Os arvoredos são muitos e grandes e de infinitas maneiras... O arvoredo é tanto e tamanho e tão basto e de tantas prunagens, que não pôde homem dar conta.

Igualmente sympathica a sua attitudo a respeito dos indigenas: «De boos rostros e boos narizes, bem feitos... Ali verieis galantes, pintados

(?) Por motivos oppostos, Pero Alonso Nillo concluiu ter tocado em terra firme e não em ilha. *Animalia de quibus supra mentionem fecimus (curvos, apros, etc.) et multa alia quae in ulla insularum reperiantur, cominentem terram esse testantur* (Pedro Martyr, *Occupatio decadis priusae liber octavus*).

de preto e vermelho e quartejados assi pelos corpos como pelas pernas que certo pareciam assi bem; tambem andavam antrellos quatro ou cinco mulheres moças assi nuas que não parecia mal. Lhes nosso Senhor deu boos corpos e boos rostros como a boos homens... Non comen sinar deste inhame que aqui ha muito, e dessa semente e frutos que a terra e as arvores de si lançam, e com isto andam taes e tão rijos e tão nedios que o non somos nos tanto com quanto trigo e legumes comemos». Na explicação que nos dá do facto vibra uma ligeira nota de poesia. Depois de dizer que são esquivos como animaes montezes, esquivos como pardaes de cavadouro, acrescenta: «elles porem, contudo andam muito bem curados, e muito limpos, e naquillo me parece ainda mais que são como aves ou alimarias monterezes que lhe faz o ar melhor pena e melhor cabelo que ás mansas, por que os corpos seus são tão limpos, e tão gordos e tão formosos que não pode mais ser, e isto me fez presumir que non tem casas, nem moradas em que se colham, e o ar a que se criam os faz taes»...

5. As terras descobertas estavam habitadas de tribus diversas das até então conhecidas pelos Portuguezes. Não eram ellas menos diversas entre si, mas no meio de differenças golpeantes apresentavam notaveis pontos de profunda semelhança. Nem uma designação geral os comprehendia: os estrangeiros chamaram-lhes Negros, Brasis, Brasilienses, e por fim Indios, ultimo residuo de uma illusão

millenar, reverdecida por Colombo. Nos logares onde ainda hoje existem independentes e numerosos conhecem-nos por Bugres, como em S. Paulo, e em geral no Sul.

De seu passado fallecem monumentos. Sambaquis, serambis, ou ostréiras do litoral e do Amazonas; inscripções traçadas a tinta vermelha em rochas; pedras dispostas umas sobre as outras por modo que soam quando percutidas, nem um passo facilitam ao conhecimento dos indigenas no tempo anterior ao descobrimento.

O estudo das linguas pouco resultado apura. A maior parte perderam-se; de outras restam escassos glossarios; textos não possuímos de mais de duas ou tres (tupi, cariri, kiriri, bacari). Dellas pôde dizer-se mais ou menos o seguinte:

Apesar das divergencias de vocabulario, a grammatica é a mesma, tanto para a lingua geral, assim chamada por apparecer em quasi todos os pontos do litoral primeiramente estudados, como para as linguas travadas, de que se serviam muitas das populações do interior, chamadas Tapuias pelos que falavam a lingua geral.

Assim o nome apparece debaixo de duas fórmulas: absoluta, a menos usada e para algumas palavras não conhecidas em certas linguas; relativa, a mais commum, em que o nome vem precedido do possessivo, — bem entendido só quando o nome designa objecto susceptivel de ser possuido. Assim, em tupi ou lingua geral, *tub*, pae, é a fórmula absoluta; *xerub*, meu pae, *nderub* teu pae, *orub*, seu

pae: em bakaeri, lingua das travadas, *pepi*, canôa em absoluto; *iwepiri*, minha canôa; *iwipiri*, tua canôa, *enipiri*, sua canôa. O nome não tem genero, embora certas palavras designativas de parentesco mudem com o sexo do possuidor. O nome só admite numero em cosas emphaticas: assim em tupi *canã*, tanto diz mulher como mulheres; mas, si quizermos insistir sobre a pluralidade pôde empregar-se *canã retã*; em bakaeri *pehodo* é mulher ou mulheres, mas existem os plurais *pehodomodo*, *pehodomu*, e *pehodo*; *ama* diz tanto tu como vós; mas si se quizer insistir sobre a multidão, ha a palavra *ama-re-mo*.

O nome tem presente, passado e futuro; exemplo: em tupi *taba*, aldeia; *tapera*, aldeia que já foi; em bakaeri *ota*, casa, *otaburi*, casa que já foi. Em tupi e bakaeri os prefixos do passado podem tambem designar plural: dir-se-ia que para elles o nome designa um individuo exclusivamente, e desde que se estende a mais já passou. Alguns dos nomes passados da lingua geral ficaram em nosso falar commum: capoeira, manipuera, tambuera.

O verbo tem pouco desenvolvidos os tempos; podem tornar-se precisas as idéas do passado, presente e futuro, mas existe uma forma que a todos syncretiza. Os verbos intransitivos são verdadeiros nomes e declinam-se ajuntando lhes o possessivo; os verbos transitivos encorporam sempre dois pronomes, um sujeito, outro objecto, o que importa vozes muito variantes chamadas transições pelos grammaticos do periodo colonial. De supino e gerundios não ha falta, e com elles os missionarios

conseguiram traduzir mais ou menos os conceitos occidentaes alheios aos catechumenos. Conjugações ha duas: uma affirmativa, outra negativa.

A preposição pospõe-se ao nome. Nas palavras compostas, o adjectivo ora vem antes, como no cariri e nas linguas malpures, ora vem depois, como no tupi e no bakaeri; mas o nome traz sempre o possessivo da terceira pessoa; assim, em bakaeri: *pima-iwepiri*, capitão-sua-canôa, a canôa do capitão: *pepi-wimari*, canôa-seu-capitão, o capitão da canôa. A construcção da phrase não excedia geralmente a paitaxu. Geralmente apparece o sujeito em primeiro lugar, o objecto por ultimo. Não tinham verbo substantivo: para a predicação bastia pospôr o adjectivo ao nome: *secatã*, em tupi, significa eu sou bom; *maka iwakura*, aquelle é bom, em bakaeri.

Si da estrutura grammatical passarmos ao vocabulario, veremos as semelhanças esnaecerem, e avultarem divergencias que obrigam á separação dos indigenas em grupos bem definidos.

O primeiro grupo tratado pelos Portuguezes, que por isso desde logo estudaram a lingua e propagaram-na além de sua árca primitiva, é o dos Tupis.

Encontraram-nos em quasi todo o littoral desde o Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul, no médio Uruguay, no Paraná, no Paraguay e por Oeste até quasi os Andes (Chiriguanos), no baixo e no médio S. Francisco, na margem meridional do Amazonas; mais tarde appareceram em outros lo-

garças. Suas denominações locais entre outras são as seguintes: Tapes, Carijós, Tupiniquins, Tamoios, Temiminós, Tupinsens, Tabajaras, Rariguaras, Cacerés, Petiguares, Jurunas, Mauás, Mundurucús, Apicás. Às vezes uma só tribo tem mais de um nome: assim, os índios do Rio a si próprio chamavam Tupinambás e eram chamados Tamoios pelos de S. Paulo.

Entre o Rio Grande do Norte e o Rio Grande do Sul este grupo subdivide-se em tres secções menores: Carijós, Tupiniquins e Tupinambás. Seu centro de irradiação parece o Paraná, entre S. Paulo, Minas e Goyaz. Uns desceram o rio, outros foram para o NO., outros para Este. Os Tupis do Amazonas, Mundurucús, Mauás, Jurunas, provavelmente esgalharam do tronco common antes do descobrimento da America; os Tupinambaranas do Madeira, os Tupinambás do Maranhão e terras adjacentes emigraram depois de começada a colonização do Brasil. Diziam os do Maranhão que sua patria primitiva ficava no tropico do Capricornio (10).

O segundo grupo, com o qual os Portuguezes só amiudaram contacto no seculo XVII, é o dos Cariris ou Kikiris, (voz tupi, os cristonhos). Appa-

(10) En prenant lieu il convient sçavoir que les Indiens de Maragan tiennent que vers le tropique de Capricorne il y a un beau pays qu'ils appellent Cayeté, qui veut dire la grande forêt, par ce qu'en ce lieu il y a quantité de bois et de forêts remplies d'arbres d'une incroyable grosseur et admirable hauteur d'est là où ils habitent le passé (C. d'Abbeville, *Histoire de la mission des Pères Capucins en l'isle de Maragan*, cap. 43, Paris, 1614).

recem pelo interior desde o Paraguaçu e rio S. Francisco até o Parahibá; serras do Ceará e Parahibá guardam-lhes o nome. Variam os appellidos locais: Tremembús, Jucás, Jaicó, Icó, Curéma, Sucurú, etc. Pelo que contavam alguns, suas migrações partiram do Norte, de um lago encantado, que bem pôde ser o Amazonas (11). As tradições dos Tupinambás, quaes foram colhidas na Bahia e em Pernambuco, apresentam estas Tapuias como os primeiros moradores do littoral. Por Parahibá e Ceará deixaram os vestígios em nomes de rios do sertão ou da costa (Siridó, Sibiró, Siará, Choró (Siaró?), Siciá. A sua internação é ali contemporanea do descobrimento do Brasil. Que em alguns

(11) O erro em que estivestes até agora de ter que vossos antecessores, de quem procedeis, sahiram formados de uma grande lagoa que está da parte do Norte. Foi BERNARDO DE NUNES, *Katechismo Indiano da Lingua Kariri*, 194-195, Lisboa, 1709.

Os Hollandezes procuraram catechisar estes indios, mas nada conseguiram, assegura MOREAU, por causa das visões e demonios que os atormentavam. Entre elles viajou Roulou Baro, em cujo escripto se podem ler algumas de suas visões; descrevem-na ELIAS HERCKMANS. Alguns dos costumes e das crenças dos Kariris enumera o seguinte trecho do rarissimo livro do padre Mamiani:

Curar os doentes com asopro; curar de palavra ou com cantigas; pintar o doente de genipapo, para que não seja conhecido do diabo e o não mate; espalhar cinza á roda da casa aonde está um defunto para que o diabo dahi não passe a matar outros; botar cinza no caminho quando se leva um doente para que o diabo não vá atraz delle; estregar uma criança com pó do mato e lava-la com aloá, para que quando for grande seja bom caçador e bom bebedor; não sahir de casa de madrugada nem á noite para não se tugar com a bexiga no caminho; fazer viado, derramando no chão e varrer o alho da casa para correr com as bexigas (Luís Vigenio Mamiani, *Catechismo na lingua brasileira da nação Kiriri*, 84-85, Lisboa, 1698).

locares mais para o Norte é até posterior, se apura da memória de Maurício de Heriarte sobre o Maranhão. Para o Sul parece que se estendiam muito em outro tempo, como mostram as denominações tão características de Orobó na costa do Espírito Santo, as de Tremembés e Quiririm em S. Paulo. É possível que os Papanás, Guaytacás e Guayanás (12) representem seus rebentos meridionais; como também é que mais relações que com quaisquer outros tenham com os Maipures, arrolados no quinto grupo.

Hoje não resta mais tribu independente que se filie ao grupo dos Cariris, mas talvez ainda se saiba alguma coisa da língua em sertões de Pernambuco, nas proximidades de Villa Bella.

No terceiro grupo, chamado Gê por Mardius o Paulo Ehrenreich, figuram com o nome de Aymorés ao sul da Bahia, de Botocudos em Espírito Santo

(12) Ousidás... até que este nome deu a todos que no son guaraní puesto que tengan otro proprio, escrevia em 1612 Rui Diaz de Gusman, em sua *Argentina*, impressa e reimpressa muitas vezes em nosso século.

Em S. Paulo continuava-se a chamar Tupia aos Guayanás, e um largo com este nome adorna a bella capital. No fundo a controversia gira sobre um equívoco. Dizem uns: a prova de que os Guayanás eram tupia se encontra nos nomes das localidades vizinhas de Piratininga, todos explicaveis pela lingua geral. Dizem outros: sendo os nomes das localidades vizinhas a Piratininga explicaveis pela lingua geral, não podiam ser dados pelos Guayanás, taptias como affirmam Hans Staden, Thevet, Lery, Gabriel Soares, Kaxet, etc., tão taptias que os Guaranis do Rio Grande do Sul chamavam Guayand a todas as tribus alheias á sua parentela. O que se póde dizer a favor da primeira opinião existe numa memoria sólida e engenhosa de Theodoro Sampaio, publicada na revista do Museu Paulista em 1898.

e Minas, Apinagés no Maranhão, Eugres ou Sinklão em Santa Catharina. Não está definitivamente limitado e comprehende tribus que mais conviria apertar.

É opinião de Paulo Ehrenreich, — quem melhor estudou estes Indios, — que seu centro de migração foram Espírito Santo e Minas Geraes, onde avultam mais atrasados, simples apanhadores, em estado muito primitivo; seus representantes no interior encontram-se mais adiantados e progressivos. Seriam assim suas migrações no sentido de Este para Oeste, como seu desenvolvimento. Entretanto, parece mais provavel o contrario, isto é, que tenham vindo de onde ainda hoje são mais abundantes: entre Mearim, Tocantins e Araguaya. Prova-o sua distribuição, que vem terminar em cunha sobre o litoral; prova-o ainda melhor a inacção e a ignorancia dos Aymorés em frente do Oceano, a cujas ondas nunca se confiaram. Dos Gês os que maior área geographica povoaram foram os Cayapós, chamados Ibirajaras pelos Tupis e Búreiros pelos Portuguezes, por causa do porrete de que se serviam. Sua presença é attestada no varadouro de Camapuam, nas aguas do Paraná, nas do S. Francisco, no Araguaya, nas pontas do Xingú, no Tapajoz em meio dos Bacacris, que os rememoram entre seus alliados e bemfeitores.

Quarto grupo formam os Carahibas, chamados Pimenteiros em terras entre o S. Francisco e o Parahibá, Apiacás no Tocantins, Bacacris e Enaucucúas no Xingú, Crixanás, Pianagotos, Macuxis,

Acawoyos, Wanás no Amazonas e Guayana. Seu centro de dispersão, segundo Carlos von den Steinen, que primeiro revelou este grupo na pureza de suas linhas fundamentais, localiza-se entre o Madeira e o Tapajoz, donde emigraram principalmente para o Norte. Na Guayana travaram lutas encarniçadas contra os Maipures. Em algumas das Antilhas mataram todos os homens e apossaram-se das mulheres; por isso existem ali dois idiomas, o dos homens puro carahiba, o das mulheres puro maipure.

Quinto grupo são os Maipures de Gili, Nu-Aruak de Steinen, Aruás e Nheengabibas (denominação tupi -- os que falam mal) da foz do Amazonas, Wapixanas e Manaus da Guayana, Paramaris do Purús, Custenaús do Xingú, Guanás do Paraguay. De todos os grupos possui a área geographica mais dilatada, pois vai das Guayanas ao Paraguay, e ainda trasborda para os Estados vizinhos. Parecem ter partido do Norte; avultam hoje em maior numero no rio Purús.

Além destes cinco grupos mais consideráveis, outros se encontram menores, saltados umas vezes, como os de Guaytacá de Campos, constituindo nucleos mais vigorosos, como Guaycurús, Charrúas e Mínuanos em aguas platinas, Panos em aguas amazonicas. Vinham elles se encaminhando para terras brasileiras? Foram antes dellas rechaçados? O presente não sabe ainda responder, e a resposta póde esperar-se sem impaciencia, pois os cinco gru-

pos adduzidos abarcam a quasi totalidade do gentio precabralio.

Assim, tem-se em summa que os Tupis, do Sul, do rio Paraná provavelmente, pelo littoral e pelo interior chegaram até o Atlantico, os Andes e o Amazonas; os Cariris do Norte foram descendo o littoral, até que os Tupiniquins primeiro e depois os Tupinambás os foram tangendo para o sertão, rumo Este-Oeste, ao mesmo tempo que de Oeste para Este vinham os Gés afocinhar-se no Oceano entre Espirito Santo e Bahia; finalmente, os Carahibas comprimidos á esquerda pelos Maipures, que atravessaram o Amazonas, á direita pelos Gés, talvez acossados a seu turno pelos Tupis ou Cariris, dirigiram-se para o Norte, levando as devastações até o mar que guarda seu nome.

Notavam-se diferenças de incultura entre estes cinco grupos, e até entre as tribus do mesmo grupo: os Borocudos do rio Doce, por exemplo, estavam muito mais atrasados que os Suyás do Xingú, pertencentes, como aquelles, ao grupo Gés.

Entretanto, algumas feições positivas ou negativas eram communs a todos elles.

Não tinham metaes; não havia aqui boi, nem vacca, nem cubra, nem ovelha, nem galinha, nem outra nenhuma alimaria que costumada seja ao viver dos homens, na phrase de Camilla; não se aproveitavam de ovos e leite; alguns, que se poderiam chamar apanhadores<sup>(13)</sup>, viviam do que encon-

(13) Apanhadores, traducção do termo *Sammetoelker*, primeiro

travam, fructas, raizes, caracões, gafanhotos, formigas, vermes; outros estreavam na agricultura, plantando mandioca, aipim, milho, indubim; faziam fogo por fricção, e preparavam a alimentação moqueando-a ou assando-a em buracos feitos na terra. Muitas tribus não conheciam o sal; o uso da pimenta era geral. A procura do conducto vegetal cabia á mulher; o homem encarregava-se do conducto animal.

Predominava na alimentação o peixe, pegado em pequenosapparelhos como o puçá, em tapumes como o pari, em anzocs feitos de espinhos (Pindamonhangaba, o anzoleiro), flechado ou embarbacado por meio de certas hervas. Na caça, menos importante para a economia geral, a ponto de Vespucci dizer que os indigenas da costa não eram caçadores, serviam-se do arco e flecha, da palheta chamada *bybyé* pelos Cariris, da esgravatuna de flechas peçonhentas despedidas pelo sopro, de armadilhas ou mundéas para animaes mais reforçados. O abastecimento, obtido só por esforços individuais, era o mais irregular possível, um oscillar continuo entre o desperdicio e a inanición. Certo começo de trabalho colectivo temporario revela-se no posium ou motirão, ainda hoje praticado no interior, — batalhão na Bahia, junta ou adjunto no Ceará.

As armas apparentavam semelhança, em geral

introduzido por Link na ethnographia alemã (Wagner, *Lehrbuch der Geographie*, 1, 682, Hannover, 1906) corresponde aos Indios do curso dos nossos chronistas.

arco e flecha; mas no material do arco, na secção transversalmente tomada, no tamanho, no entalhe das extremidades, no modo de amarrar a corda, no empenamento das flechas, na inserção da ponta, cada grupo, si não cada tribu, divergia da outra, e um arco ou flecha encontrada acaso dizia logo ao Indio si estava entre amigos ou inimigos (14). Possuam geralmente canôas, de arvores excavadas ou de cascas de arvore, ou balsas de talo de buritis, por exemplo, ou de juncos e varas reunidas. Havia bucciros, de que os mais aproveitados pertenciam ao grupo Maipure (15).

Andavam nus, pintavam ou tatuavam o corpo, turavam os lobulos das orelhas ou o septo nasal, mas tudo segundo preceitos muito rigorosos, conforme a posição, a idade, o sexo, os fins religiosos: era seu modo de andarem fardados ou propiciar os maus espiritos. Já de longe dois Indios, á simples inspecção, sem trocar palavra, liam a historia um do outro no batuque, na penna enfiada á orelha, nas cisuras do corpo.

Os sentidos possuam extraordinariamente afiados, vista que na espumurada dos rins delectrava

(14) O estudo do arco e flechas dos indigenas do Brasil foi iniciado pelo doutor Hermann Meyer, chefe de duas explorações ás pontas do Xingú na sua monographia *Bogen und Pfeil in Central-Brasilien*, já traduzido em inglez pela Smithsonian Institution de Washington.

(15) O estudo da ceramica indigena, iniciado pelo inextinguivel Charles Frederic Hartt, foi essencialmente adiantado pelos brilhantes e profundos livros de Carlos von den Steinen, primeiro explorador scientifico do alto Xingú.

a esteira de canoas passadas dias antes, ouvidos que percebiam e interpretavam os mínimos rumores numerosos da floresta, olfato que subodorava os efluvios mais subtis. Sua intelligencia era inteiramente concreta; a memoria de grande tenacidade, guardando tradições antiquissimas, narradas nos mesmos termos, como que estereotypadas; existiam no estado mythopeico, e tinham muitos mythos em que tentavam explicar os phenomenos naturaes. Para os Bacacris o anno tem dias mais longos que outros, porque em certa estação o sol do occaso é carregado subterraneamente por um animal ligeiro, em outros por um animal tardo e lerdo.

Em seu systema religioso admitiam dois principios: Tupan entre os Tupis, Nakoei entre os Bacacris, nume luminoso, bom, indifferente, cujos favores não era mister conciliar; Anhang dos Tupis, Yamura dos Bacacris, numes tenebrosos, ciosos, vigilantes, sempre á espreita de offensas para castigar inexoravelmente, legião dos espiritos dos antepassados. Por elles furavam-se as orelhas dos meninos, pintavam-se os corpos ou untavam-se de azeite, sujeitavam-se as mulheres á dieta rigorosa durante a gravidez, penitenciavam-se os homens no chôco si alguma filha nascia, respeitava-se a vida de certos animaes, deixavam-se no mato dadas propiciatorias. A este cyclo de idéas se prendem suas concepções totemicas.

Representante visivel dos espiritos tenebrosos era o pajé ou piahi, que não podia mais morrer, por já ter morrido, assumia todas as formas, appa-

recia em todos os logares, sabia a lingua de todos os entes, vencia todos os estorvos, curava os doentes, dava ou tirava a saude, roubava e escondia a alma de quem o offendia, quando compadecido ainda lhe permitia viver mais algum tempo. O piahi encarnava o poder espiritual, os mortos governando os vivos, a espontaneidade repellido como crime, a tradição imperando ferrea, o homem escravo sem libertação possivel.

Ao lado deste, nada significava o pouco do poder temporal que restava. Algumas tribus, v. g. a dos Xavantes (Akuens), não tinham termo que significasse capitão ou regedor. Nos outros elle só valia enquanto se sujeitava á opinião dos companheiros. Si não, era facil elimina-lo ou eliminar-se; ainda mais facil deixa-lo e fazer bando á parte. Nada prendia no solo: as casas eram de palmas ou ramos que havia em toda parte; as roças eram de plantas annuas, cujo preparo não demandava utensilios complicados; naquella sociedade elementar a somma era exactamente igual ás parcelas e não maior, como entre povos cultos; por assim dizer dominava um estado gázoso em dilatação espontanea e permanente.

A pressão da guerra só e unicamente poderia sustenta-la, pois o provimento individual da alimentação, segundo o termo introduzido de Karl Buecher, não dava de si mais que o motirão; a guerra, porém, fazia-se como em caçada, sem plano, sem persistencia, conforme os caprichos, para roubar mulheres umas vezes, outras por motivos mais futeis.



E, uma vez começada, tornava-se hereditária. Exatamente porque um individuo resumia a tribo, quem o offendia, offendia a collectividade.

Dos prisioneiros feitos, uns ficavam escravos, outros eram devorados. No gosto pela carne humana destacavam-se os Tupis, que faziam o sacrificio com toda solennidade. Parece, porém, que o sacrificio já adquirira certo caracter symbolico; em logares occupados por inimigos, não tendo a que matar e comer, desenterravam os mortos e quebravam-lhes o craneo. Não seria este um meio de matar a alma do inimigo, de libertar-se de suas perseguições?

6. A 2 de Maio partiram a armada para a India, o navio de mantimentos para Portugal.

Pedr'alvares desde Porto Seguro proseguiu beirando a costa, acompanhou-a mais de quinhentas léguas; não lhe achando fim, convenceu-se de ter dado em terra firme e fez rumo para o cabo da Boa Esperança <sup>(16)</sup>. A 12 illuminou-se o céu com um cometa de longa cauda, que se conservou visível oito a dez noites; estendeu-se depois um bulcão que tudo obumbrou <sup>(17)</sup>. A 24 desabou uma

(16) De sopra del capo de Boa Speranza, verso garbin, hanno scoperto una terra nova, chiamano la terra de li Papaga, per esser li Papaga longi uno brazo e più, de vari colori, de li qual ni hanno visto dey iudichano questa terra esser ferma, perché cosseno per costa duo mila mia e più, ne mai trovorno fine. Carta escripta da Lisboa para Venetia em 27 de julho de 1501 por Domenico Pisani di Giovanni — na *Raccolta Colombiana*, parte III, vol. I, pag. 43/44.

tempesta tão furiosa que submergiu quatro navios, entre outros, o de Bartholomeu Dias; um desgarrou, subiu pela costa africana oriental, foi dar a Mogodoxó, — o de Pero Dias, irmão de Bartholomeu.

Reduzido agora a seis vasos, contincou Cabral a jornada e a 13 de Setembro chegou a Calecut. Os mercadores arabes, escaernentados com o procedimento de Vasco da Gama, indispuzeram os espiritos contra os Occidentaes.

Nada podiam estes permutar; tudo eram de longas e promessas; queriam prende-los até chegarem os navios do mar Vermelho para dar-lhes combate. A imprudencia ou complacencia do capitão-mór a proposito de um elephante de Ceilão que mandou tomar por Duarte Pacheco, ainda mais excitou a populaça. A 16 de Dezembro foi saqueada a feitoria, mortos trinta portuguezes, feridos vinte que conseguiram escapar; entre os feridos contava-se frei Henrique, entre os mortos quicá Pero Vaz de Caminha.

Cabral desaffrontou-se bombardeando dois dias o porto com mais violencia que efficacia. Em Cochim e Cananor obteve a carga desejada com a qual se fez de volta a 16 de Janeiro de 1501. Do-

(17) A este bulcão allude talvez Duarte Pacheco, testemunha presencial, nas seguintes palavras: compre que na ora em que virem alguns relampagos de luzil ou bulcam negro hamarem suas velas até passar o forço do tel vento porque se isto non fezerem coisa he que pôde lacontocer ha nrao em que topar se perder como já por nrao recado se perduron outras. *Esmeraldo*, 103. Seria este *mao recado* a causa do estracismo em que ficou Pedralvares?

mingo de Ramos (4 de Abril) dobrou o cabo da Boa Esperança; em 26 de Julho chegou a Portugal. Trazia apenas cinco dias primitivos navios, porque à volta por imprestável foi queimado o de Sancho de Tovar.

O navio de mantimentos seguiu de Porto Seguro para o Norte, naturalmente reconhecendo a costa de passagem. Talvez se encontrou com algum dos viajantes espanhóis aportados ao cabo de Santo Agostinho e imediações. Já chegara a seu destino em Setembro, pois na carta de Juan de la Cosa, a mais antiga que se conhece do Novo Mundo, concluída em Setembro de 1500, se encontra figurada a terra descoberta por Cabral.

D. Manuel tratou da exploração do país. Preparou-se uma armada de tres navios, commandados, segundo Gaspar Corrêa, por André Gonçalves, o mesmo emissário mandado de Porto Seguro a levar noticia do descobrimento. A partida deu-se em Maio de 1501 (18). A bordo vinha Amerigo Ves-

(18) A existência desta expedição de 1501 demonstra-se pelos seguintes documentos:

1) Scrive esso orator aver auto letere di Lisbona, di Zuán Francisco Ascaltato, cremonense, di 10 settembre avisa... e le caravale mandate l'anno passa a scoprir la terra di Pagagá o ver di Santa Croce a di 22 luna erano ritornate; o il capitano referiva aver scoperto piu de 2500 mja di costa nova, nè mai aver trovato fin di ditta enço et dite caravalla è venute carge de verzi et di canin, nè altre specie hanno portato etc. Carta de Santiago, 13 de Outubro de 1502, extractada nos *Diari de M. Santeo, Raccolta Colombiana*, parte III, vol. I, pag. 91.

2) Amerigo Vespucci aron qui tra pochi di, el quale à durato assai fatichè e à tuto pocho porritto, che pure meritava altro che

pucci, illustre florentino, que devia dar o nome a um continente revelado por outros. Suas epistolas contém as poucas noticias conservadas do feito.

Fizeram rumo ás Canarias, a cuja vista passaram sem demorar, perlongaram a costa africana até Bezequiche ou Bezenegue, hoje Gorée, pertencente á França. Ahí encontraram-se com Ped'alvaros, de volta da India; ahí nas praticas naturaes depois de tantos successos tragicos, combinaças as informaçõs de Vespucci, conhecedor das viagens espanholas, com as de Cabral, já conhecedor de quinhentas leguas da costa de Porto Seguro, pela primeira vez certamente definiu-se claro o caracter continental das novas terras desde os gelos polares deparados ao norte por Cortereal e Duarte Pacheco até as regiões de que Cabral não lograra ver o fim.

De Bezequiche partiram os exploradores SW  $1/4$  S., e navegaram mais de dois mezes sob um céu inclemente. «Quanto soffremos, escreve Vespucci a

Fordina: e' re di Portoghallo arendé te terre che lui dischopperse a veri christiani nuovi e sono obrigati a mandare ogni anno 6 navili e dischopirli ogni anno 300 leghe avanti, e fare una fortezza nel dischoperto e mantennela dotti 3 anni, e' primo anno non pagliano nulla, el secondo el 1/6, el terzo el 1/4, e fanno chento di portare verziño assai e schiavi e forse vi troveranno chosa d'altro profito. Carta de Piero Randinelli, de Savilha, 3 de Outubro de 1502, msc. da Bibliotheca Riccardiana, *Raccolta Colombiana*, parte III, vol. II, pag. 127.

3) Outra prova da expedição de 1501/1502 é a carta geographica que Alberto Cantino, orador estense, levou para a Italia e lá vendeu em Outubro de 1502, em que a costa do Brasil já está representada até o cabo de Santa Martha.

Lorenzo di Pier Francesco dei Medici, que perigo da naufragio e de corpo aguentamos, em que ansiedade de animo nos vimos, deixo á consideração dos que têm exacto conhecimento das coisas, e de que seja buscar o incerto e investigar o ignorado; e para dizer tudo em poucas palavras, acrescentarei que dos sessenta e sete dias que de continuo navegámos, quarenta e quatro tivemos de chuvas, trovões e raios: e tão escuro que nem viamos de dia o sol, nem de noite o sereno céu. O facto é que tanto augmentara em nós o medo, que havíamos perdido quasi toda esperanza de vida.

«No meio destas terríveis tormentas aprouve ao céu altíssimo mostrar-nos terra continental e novas regiões e outro mundo desconhecido, com o que tanto nos alegrámos quanto podem imaginar os que tenham experimentado varias calamidades e fortunas contrarias. No dia 17 de Agosto de 1501 surgimos na costa daquella terra agradecendo a Deus com solennes preces, celebrando uma missa cantada.»

O primeiro ponto encontrado recebeu do santo cuja festa se comemorava o nome, ainda vigente, de S. Roque. Dahi foi a armada beirando a costa, primeiro em rumo de SW. até o cabo de Santo Agostinho, dahi por deante rumo de SE. O ponto mais meridional alcançado apura-se mal das epistolas de Vesputio: uma carta de Alfrutadi, escripta de Lisboa a 10 de Setembro de 1503, faia em 2500 milhas, o que significaria 600 leguas além do cabo de S. Roque. Basta saber-se que como ponto

extremo figura no mappa de Cantino o cabo de Santa Martha; nos que immediatamente succedem desde Cananúa ou Cananor começa o anonymo dos logares; em 1505 Duarte Pacheco limitava a zona conhecida pelo paralelo de 28° 30' S. Dos nomes usados a este tempo dá a seguinte lista: muitos delles, como se verá, ainda subsistem; e seguem-se na ordem do calendario.

|  |    |    |
|--|----|----|
| Angra de S. Roque em trez grãos e trinta minutos .....                 | 03 | 30 |
| Santa Maria d'Arrabida em cinco grãos .....                            | 05 | 00 |
| O cabo de Santo Agostinho em oito grãos e quinze minutos .....         | 08 | 15 |
| O rio de S. Francisco em dez grãos .....                               | 10 | 00 |
| Aguada de S. Miguel em dez grãos .....                                 | 10 | 00 |
| Porto Real em quatorze grãos .....                                     | 14 | 00 |
| Angra de Todos los Santos em quinze grãos e quarenta minutos .....     | 15 | 40 |
| Porto Seguro em dezoito grãos .....                                    | 18 | 00 |
| O rio de Santa Luzia em dezoito grãos e vinte minutos .....            | 19 | 20 |
| A ilha de Santa Barbara em vinte grãos e vinte minutos .....           | 20 | 20 |
| O rio dos Arrefens em vinte e quatro grãos e quarenta minutos .....    | 24 | 40 |
| A ilha de Santa Crara em vinte e quatro grãos e quarenta minutos ..... | 24 | 40 |
| O cabo Feio (Frio?) em vinte e cinco grãos .....                       | 25 | 00 |
| A ilha de Fernahu em vinte e sete grãos .....                          | 27 | 00 |
| A ilha de Santo Amaro em vinte e oito grãos e trinta minutos .....     | 28 | 30 |

A Ilha d'Assenção em vinte e um grãos 21 00  
 Angra Fermosa em quinze grãos ..... 15 00  
 A Ilha de S. Lourenço (19) ..... 04 00

As impressões communicadas pela terra foram as mais vivas: «A terra daquellas regiões é fértil e amena, escreve Amerigo Vespucci, de muitos montes e morros e infinitos valles, e regada de grandes rios e fontes, coberta de extensos bosques, densos e apenas penetraveis, e povoada copiosamente de feras de todas as castas. Nella nascem sem cultura grandes arvores, as quaes produzem fructos deliciosos, e de proveito ao corpo e nada nocivos, e nem uns fructos são parecidos com os nossos. Produzem-se innumeraveis generos de arvores e raizes, de que fabricam pães e optimos mingaos, além de muitos grãos ou sementes não semelhantes aos nossos... Seria demasiado prolixo e descommedido si quizesse dar conta uma por uma de todas as coisas dignas de noticia e das numerosas especies e multidão de animaes. E verdadeiramente creio que o nosso Plínio não conseguiu tratar da millesima parte dos animaes, nem dos papagaios e outros passaros, os quaes naquelles paizes são de formas e côres tão variadas que o artista Policleto não conseguiria pinta-los. Todas as arvores são odoríferas, e produzem gommias ou oleos ou alguma

(19) A Ilha de S. Lourenço é pela posição a que hoje se chama de Fernando de Noronha, foi descoberta a 10 de Agosto de 1503, dia deste Santo Martyr. Veja-se a carta de Amerigo Vespucci a Pedro Soderini.

outro licor, cujas propriedades todas, si fossem conhecidas, não duvido que andariam todos sãos. E por certo que si o paraizo terreal existe em alguma parte da terra, creio que não deve ser longe destes paizes...»

Dos Brasis dá-nos o celebre viajante informações pouco mais completas, certamente muito menos penetrantes que as de Caminha; a maior novidade refere-se á anthropophagia, de que foram victimas alguns marinheiros. Descoberto já o cabo de S. Roque, tomada posse da terra em nome del-rei de Portugal, preparava-se a companhia para fazer agua e lenha, quando appareceu alguma gente em cima de um monte. Não houve signaes bastantes a fazelos descer; e os marinheiros tornaram para bordo, deixando na praia cascaveis, espelhos, avelorios. No outro dia os indigenas continuaram esquivos; dois Europeus com licença do capitão e ordem de tornar dentro de cinco dias, apromptaram-se com muita fazenda de resgate e desembarcaram. Quotidianamente vinha gente á praia, sem querer entrar em trato, até que, passada uma semana, vieram homens trazendo mulheres... «Vendo que não acabavam de tomar confiança, continúo o mesmo narrador, deliberámos enviar-lhes um dos nossos, mancho muito esforçado, e, para o segurarmos mais, ficámos nos bateis, e este foi ter com as mulheres, e chegando junto a ellas, metteram-no no meio de um grande circulo, e apallando-o attentamente se maravilhavam sobremaneira.

«Estando nisto vimos descer do monte uma

mulher que trazia um pau na mão, e chegando onde estava nosso christão lhe sahio por detraz e levantando o pau lhe deu um tão grande golpe que o estendeu morto; as outras tomaram-no logo pelos pés e o arrastaram para o monte; os homens correram para a praia e começaram a atirar com as setas, pondo a nossa gente em tal confusão que estando surtos com os batéis sobre fazeixas, nem um se atreveu a tomar as armas, por causa das muitas flechas, com que eram accommetidos. Nós disparámos quatro tiros de bombarda, que não acertaram; porém, ouvindo o estrondo, fugiram todos para o monte, onde já estavam as mulheres fazendo o christão em pedaços e assando-o em um grande fogo, que tinham accendido á nossa vista, mostrando-nos muitas porções delle e comendo-as; e os homens, fazendo-nos signaes, como dando-nos a entender que tinham tambem morio e comido os outros dois christãos.»

No meio da multidão de gentes e coisas novas, Vespucci não perdeu a cabeça, educada na frieza da mercatura... «Si eu me propuzesse a contar as coisas que vi nesta navegação, escreve a Soderini, não teria papel bastante; mas pôde-se dizer que nella não encontramos nada de proveito, excepto infinitas arvores de pau brasil, de canafistula, as de que se tira a myrrha e outras mais maravilhas da natureza, que seriam longas de referir...» A mesma opinião formou-se nos círculos directores de Portugal e D. Manuel livrou-se de cuidados arrendando a terra por tres annos.

Os arrendatarios, christãos novos entre os quaes figurava Fernão de Noronha, comprometiam-se a mandar annualmente seis navios, a descobrir annualmente trezentas leguas de terra, a maneira de que fizera Fernão Gomes em tempo de D. Affonso V, a fundar e manter uma fortaleza durante um triennio. No primeiro anno nada pagariam, no segundo pagariam um sexto, no terceiro um quarto. Contavam indemnisar-se por meio de pau brasil e escravos: *Forse vi trovaranno cose d'altro profitto*, escreve Piero Rondinelli, com quem estava de passagem em Sevilha Amerigo Vespucci (\*).

Que proveito poderia ser?

Pero Vaz de Caminha insinuara que a ilha de Vera Cruz seria boa pousada para as viagens de Calecut, e como tal encontra-se desde logo recommendada a João da Nova (21) expedido para a Índia ainda antes de Cabral tomado. Por que só pousada e não caminho? por que não procurar passagem pelo sul do continente, chegar em jornada mais rapida a Malacca, de que se ia percebendo cada

(20) O trecho de Rondinelli já atrás citado é tão importante que vale a pena repeti-lo: Amerigo Vespucci arerà qui fra pochi di, el quale d'altro pocho profitto, che pure vuolava altro che l'ordine: e' re di Portoghatio arerà la terra che lui dischoporse a certi Christiani nuovi, e sono ubbrigati a mandare ogni anno. 6. navilli e dischoprire ogni anno. 300 leghe avanti, e fare una forteza nel dischoperto e mantenerla dotti. 3. anni, e'l primo anno non paghano nulla, e'l secondo el 1/5, el terzo el 1/4, e fanno conto di portare veruno asai e schiavi, e forse vi troveranno chosa d'altro profitto. (*Raccolta*, p. III, vol. II, g. 121.)

(21) Varnhagen, *Historia geral* I, v.

vez mais a importância na vida económica do Oriente, á medida que augmentavam as noções sobre os povos, o commercio e a navegação indiennes? já não existiam os motivos que antes a isto se oppunham? (22).

Isto ponderaria Amerigo Vespucci aos christãos novos arrendatarios do paiz e que desde logo trataram de cumprir o ajuste. De facto em Maio de 1503 sahiram os seis navios (23). Nella vinha commandando, segundo parece, um navio, Amerigo Vespucci. Desde o principio estremeram e azedaram suas relações com o capitão-mór. A 10 de Agosto, por 3º S. avistaram uma ilha alta e deserta no meio do mar; o capitão-mór quiz reconhecê-la, e perdeu contra um cachopo, distante della quatro leguas, a capitanea, nau de trezentas toneladas, de que só a gente se salvou.

Por sua ordem, Vespucci foi á ilha ver si achava algum surgidouro em que pojassem todos. Achou

(22) Muitas opiniões houve nestes reinos de Portugal nos tempos passados sobre alguns litados acerca do descobrimento das Ethiopias, de Guiné, e das Indias; porque uns diziam que não curassem de descobrir ao longo da costa do mar e que melhor seria ir em pelo pego atravessando o golão até topar em alguma terra da India ou vizinha della e que por este via se encurtaria o caminho; outros disseram que melhor seria descobrir ao longo da terra, sabendo pouco e pouco o que nella ha e así sem temer e desconhecença, e cada provincia da que gente era para verdadeiramente saberem o lugar em que estavam por onde podiam ser certos da terra que iam buscar, porque da outra guisa não podiam saber a região em que estavam. *Duarte Pacheco, Esmeralda de situ orbis*, l. 2, c. 4.

(23) Diz Damião de Gus que o chefe desta expedição se chamava Gonçalo Coutinho. É bem possível.

bellissimo porto e deixou-se ficar á espera sem dar signaes de si. Passados oito dias, viu navegando uma nau, com a qual se juntou e foi á bahia de Todos os Santos, ponto marcado para a reunião de todos os navios, caso si dêsse por qualquer motivo dispersão. Ali esteve algum tempo. Depois fundou mais para o Sul uma fortaleza em que deixou vinte e quatro christãos com munimentos para seis mezes, doze bombardas e muitas outras armas; acompanhado de trinta homens penetrou umas quarenta leguas pelo sertão; carregou de pau-brasil e chegou a Lisboa em 18 de Junho de 1504.

Que fez o capitão-mór reduzido a tres navios? Até onde chegou, que demora teve, si fundou ou não a fortaleza do contrato, ignora-se. Parece certo que um navio estava de volta em fins de 1504 ou principios de 1505, e por elle se soube de tudo quanto passara e do procedimento do florentino. Por estas informações seria Amerigo Vespucci despedido do serviço portuguez, com o qual já em Setembro de 1502 se declarava descontente a Piero Rondinelli, porque el rei não lhe fizera as mercês que esperava; ou de Portugal sahio, insalutato hospite, com receio de qualquer castigo: alguma coisa grave occorreu entre 4 de Setembro de 1504, data de sua carta triumphal a Soderini, escripta de Lisboa, e 5 de Fevereiro do anno seguinte, data da carta de Sevilha em que Christovam Colombo o apresenta e recommenda a seu filho Diogo.

Foi renovado ao expirar o contrato de Fernão de Noronha?

Pode concluir-se isto do substancial relatório de Leonardo da Cha Masser, incumbido pela Senharia de Veneza de ir a Portugal «per veder et intendere quelle navegazioni di quello Serenissimo Re nell' India novamente navegata». Cha de Masser, que dois annos consumiu em sua missão, informava em 1506 estar o trato da nova terra vinculado a Fernão de Noronha, christão novo, por dez annos. Extrahia vinte mil quintaes de pau-brasil annualmente, por elles pagava quatro mil ducados á Corôa, e a Corôa compromettia-se a não deixar vir da India a preciosa madeira. A' terra nova mandava todos os annos homens e navios, acto muito natural, pois o quintal de brasil custava-lhe meio ducado e era vendido em Flandres dois e meio a tres (24).

(24) Item da tre anni in qua, che fu scoperto Terra Nova, della quale se traze ogni anno veridà da K. 20 milia, el qual veridà mossa sia stà talado da uno arbero molto grosso, el quito é molto peoso e grave: tamen non tenze in quella perfeccion come fa el nostro da Levante: niente da manco se ne spaza molto in Flandra, e de qui in Castilia et in Italia per molti lochi; el qual valle ducad 2 ½ in 3 li K., el qual veridà é appaltado per Firmando dalla Regna, cristian nova, per anni 10 da questo Serenissimo Re, per ducati 4,000 all'anno; el qual Firmando falla Regna manda al viaggio ogn'anno in detta Terra Nova le sue nave, et homeni a tutte sue spessa, con questa condition: che questo Serenissimo Re deveda che non ne sia fratto da qui avanti dell'India. El qual veridà, per quello si vado, fin condono qui a Lisbona, con tutte spese li sta per ducati ½ el K.; nella qual terra é tutte boschi da questo veridà. Se fa de Lisboa a li per oestro e pishin, da leghe 800. Publicação nas *Memoirs da commissão portugueza de contenario do descobrimento da America* por P. Ferragão, em appendice á Carta de D. Manuel ao rei Catholico, pag. 83/84.

Em 8 de Novembro de 1510 Pellegrino Venier escrevia de Palermo, noticiando a chegada de um mercador pisano, vindo de Lisboa com a noticia que el-rei de Portugal pensava em dar liberdade de navegar para as novas terras a quem lhe pagasse o quinto (25). Si a resolução foi desde logo levada a effeito, não se pode affirmar: tudo quanto se sabe é que em 1511 Fernão de Noronha figurava entre os armadores da nau *Bretoa*, mandada á terra nova para buscar brasil (26); que em 1513 Jorge Lopes Bixorda (27) tinha «trato do pau brasil que trazem desta terra de Santa Cruz».

Mais interessante que estas expedições de Christãos novos e mercadores, é a chamada armada de Dom Nuno Manuel.

Em 1513 D. Nuno Manuel, Christovam de Haro e outros obtiveram del rei licença para dois navios percorrerem as terras ainda desconhecidas. Para o Sul muito se adiantaram; descobriram um cabo, o de Santa Maria, á entrada do rio da Patria; navegaram por este acima até ver as duas margens se approximarem; descendo depois pela costa chegaram aos 40° S. ou isto entendeu o colono da ilha Madeira a quem devemos a noticia. Trouxeram pelles da Patagonia; houveram noticias de montanhas

(25) *Raccolta Colombiana*, parte III, vol. II, pag. 234.

(26) O livro da nau Bretoa foi publicado por Vauhagen na primeira edição da *Historia geral*, I, 427/432, e reimpresso na quarta do *Diario de Pero Lopes*, Rio, 1867.

(27) Damião de Góis, *Chronica do felicissimo rey D. Manuel*, p. 1.º, c. 56.

permanentemente cobertas de gelo, de um povo adiantado que morava nas serras, encontraram principalmente prata, metaes vindos deste povo por um rio que não viram, mas souberam ser affluente do Prata; sobretudo noticiaram o achamento de um estreito ao Sul do continente, a proximidade de Malacca, distante apenas seiscentas leguas, a existencia de Chinezes commerciantes e negociantes por aquellas latitudes.

Esta expedição, de tanto alcance, não desperçou attenção em Portugal. Della só temos informações por um colono da Maddeira, onde de volta chegou um dos navios a 12 de Outubro de 1514, escriptas a um amigo de Anuerpia. O escripto, confuso e pouco intelligivel, foi logo impresso na Alemanha e passou por tres edições. O cosmographo Johannes Schoener leu-o, traduziu-o em parte, figurou um estreito, segundo suas indicações, num globo que publicou em 1515. Dois annos antes, Vasco Nunes de Balboa descobriu o mar do Sul, o Oceano Pacifico. As duas descobertas completaram-se e fructificaram na circumnavegação do globo, iniciada por Fernão de Magalhães em 1519, continuada por João Lopes de Carvalho, o piloto da nau *Bretoa*, que consigo levou um fihinho tido em India do Rio de Janeiro, ultimada em 1522 por Sebastião del Cano. Assim, quando pareciam triumphantes as idéas classicas, inconcussa a identidade entre o oceano occidental da Europa e o oceano oriental da Asia, o elemento solido occupando muito maior parte do globo que o elemento

liquido, o Oceano como uma grande lagôa, na phrase de Duarte Pacheco, mandando pelas terras dentro braços que são mediterraneos, os mares encadeados no meio das terras, quando em 1514 o descobrimento de um estreito ao Sul tudo confirmava e documentava, veio o ardimento de Balboa descobrir um oceano e um continente, para os quaes não havia logar nem no saber antigo nem no saber contemporaneo.

As explorações do littoral N. E. além do cabo de S. Roque permanecem obscuras.

Em 13 de Julho de 1503, os reis catholicos recebiam noticia de que quatro navios portuguezes haviam tocado no paiz descoberto por Bastidas e levado muitos escravos e paus de tinta (28).

Existe um alvará de lembrança, passado a 16 de Janeiro de 1504 em favor de Fernão de Noronha, cavalleiro da casa real, doando conditionalmente «a nossa ilha de S. João que de ora novamente achou e descobriu cincoenta leguas a la mar da nossa terra da Santa Cruz». De ora não estava em logar de *se ora?* Fernão de Noronha, fidalgo da casa real, será o mesmo que Fernão de Noronha christão novo? e este deixaria seu telonio de argentario para expor-se aos perigos do mar, abeberar-se de poesia tropical, embevecer-se nas magnificencias do céu do Sul?

O nome de S. João dado á ilha pôde indicar

(28) Medina, *Juaz Dias de Solis, Estudo historico*, CXV, Santiago do Chile, 1897.



a passagem de alguém pela ilha em 24 de Junho; e com esta data combinam alguns nomes da costa fronteira transmitidos por Oviedo: São Miguel, Setembro; Todos os Santos, Novembro; rio da Natividade, Dezembro. Seria Fernão de Noronha o descobridor de toda a costa até o Pará ou Natividade? A tanto não chega o nosso saber, que se reduz todo a nomes nús: João Coelho, da porta da Cruz em Lisboa, Diogo Ribeiro, arauto del-rei morto pelos Indios, (Affonso Ribeiro, deixado em Porto Seguro por Cabral? e neste caso arauto não será synonymo de lingua?), Francisco Corso, Pero Corso.

Estevam Froes que cita estes nomes, e acompanhava os dois ultimos; assegura terem chegado suas explorações só a cento e cincoenta leguas ao sul do Equador. Com a caravela comesta de busano e broma, fazendo muita agua, com o leme quebrado, acolheram-se a Portorico e levados a S. Domingos foram submettidos a processo (22).

A terra descoberta por Cabral chamou-se primeiro ilha de Vera Cruz ou da Cruz (23) e como

(22) Carta escripta do S. Domingos 30 de Junho de 1514, e primeiramente publicada no *Descobrimento do Brasil*, do que escreve esta linha. Por erro de copia sahio Fernando em vez de Estevam — Cf. *Alguns documentos da Torre do Tombo*, 361. Esta questão dos Portuguezes presos em S. Domingos, baralhada por Varnhagen, pôde ser agora cabalmente resolvida, com os novos documentos publicados no livro da Torre do Tombo e o de Medina sobre Solis.

(23) Regimento dado a D. Francisco de Almeida em 5 de Março de 1505; que tome agua em Bezequiche, precisando-a, ou na ilha da Cruz, si no caminho que seguir se chegar a ella. Regimento

ponto que podia ser procurado ou devia ser evitado na derrota da India apparece em diversos documentos officiaes; chamava-se terra da Santa Cruz já em 1503 em seguida ás explorações que evidenciaram sua continentalidade. Pouco tempo apenas; o nome de terra do Brasil já apparece em 1503 e logo se generalizou e permaneceu até agora.

Alguns autores propuzeram extender a designação a todo continente; mais feliz foi a suggestão de Hyllacornilus ou Waidreemüller feita em 1507, de chamar-lhe America ou Amerige, em honra de Amerigo Vesputici (24). Acolhida desde logo na Lorena, onde surgiu, propagou-se pelos paizes vizi-

a Fernão Soares dado em 1507: E tomando a dita agua na costa de Bezequiche si, pelos tempos vos não servirem, invaseis a diante necessidade d'alguma mais agua, que esperamos em nosso Senhor que nam seja, porém acontecendo que assi fosse si vos achasseis pelo caminho que fizesses tam chegado á ilha da Cruz, poderis hir a ella e hy tomar agua e lenha que vos compir: e d'y farces logo voso caminho embora sem mais detença, e neste uso de idea a dita ilha ou nam fixarvos a vos que façaes o que mais uso de idea a dita ilha ou nam invaseis e fozesses abastado da dita agua, por vos poderdes poder nem do dito cabo, averianus por cusoado tomardes a dita ilha da Cruz, por nam fazerdes em vista caminho demora sem necessidade. *Alguns documentos da Arch. Nac. da Torre do Tombo*, 140, 163, Lisboa, 1892.

(24) No exemplar da *Cosmographie Introductio* de Hyllacornilus pertencente á Bibliotheca Nacional 15-54 o seguinte no verso da folha não numerada que se segue a aijj:

Nunc vero et haec partes sunt latius illustratae & illa quarta pars per Americum Vesputium (ut in sequentibus audietur) inventa est quod non videtur cuius jure vetat ab Americo innotare, sagnis ingenii viro Amerigen quasil Americi terra sive Americam dicenda: cum et Europa et Asia a mulieribus sortita sint nomina.

nhos, Alemanha, França, Flandres, e graças á imprensa conquistou o mundo. Os Espanhóes sós protestaram; Indias, Indias Occidentales, Novo Mundo persistiram em chamar ás terras de que foram descobridores. As mais antigas cartas espanholas com o nome de America estão no atlas de Thomaz Lopes impresso em Madrid em 1758.

Hondius, cartographo hollandez, extendeu ao Norte a designação creada para o Sul e distinguio as duas massas com o nome de America Meridional e Septentrional; depois da independencia dos Estados Unidos, a accepção da palavra tem ido se estreitando, e si ainda se diz America do Sul e America do Norte, em compensação americano sem mais nada hoje significa o cidadão da grande republica.

Poderia chamar-se á America latina Colonasia ou Colombindia, como tem sido lembrado; mas já passou e provavelmente não mais volverá a éra creadora dos nomes de continentes (32).

7 (\*). «Da grande péra sul-americana — situada entre 120 lat. N. e 55 lat. S. e que se estende mais do que qualquer outro continente pela região antartica, ao mesmo tempo possuindo a prerogativa physiographica de ser a parte do mundo que maior desenvolvimento de superficie ostenta na zona tro-

(32) Hugges, *Le grande del nome America*, Torino, 1893.

(\*) Escripto, a pedido do autor desta memoria, pelo doutor Emilio Augusto Goeldi, director do Museu Paraense, em sua rapida passagem pelo Rio no mez de Abril.

pica e sub-tropica do hemispherio meridional, o Brasil, exteriormente marginado pelo oceano Atlantico, occupa cerca de  $\frac{1}{4}$  em circumferencia e perto de metade em superficie. É a porção maior da Sul-America cisandina. E, como lhe cabe a primazia territorial no enorme terraco triangular, cuja hypotenusa, na cordilheira dos Andes, em sobranceiro peitoril se insurge contra o oceano Pacifico, comprehensivel se torna que a biogeographia moderna creando o reino neo-tropico, tinha de reservar assignalado papel a esta gigantesca parcella, que a sciencia conhece pelo nome de sub-região brasileira.

Com a sua enorme extensão territorial, tanto no sentido da latitude como no da longitude geographica, com a diversidade orographica (orla baixa da restinga litoranea, serras costeiras, planaltos e chapadas do sertão etc.); com as differenças climaticas, que necessariamente se devem fazer sentir quer em relação á latitude, quer em relação á elevação vertical e á maior ou menor proximidade da costa (clima oceanico e clima continental); e finalmente até com a diversidade da origem e idade geologica, que com crescente probabilidade devemos presumir para diferentes partes no Brasil actual, — comprehende-se logo tambem, por outro lado, que esta «sub-região brasileira» constitue, nas producções da natureza, um verdadeiro Protheu, incomparavelmente mais complexo do que as porções restantes do reino neotropico, quer saltadamente, cada uma por si, quer no seu conjunto.

Hoje, ao despontar do século XX, póde-se dizer

que o caracter essencial da fauna e da flora da sub-região brasileira já se deixa satisfactoriamente delinear, pelo menos nos seus contornos gerais e exteriores. A sciencia poderá na maioria dos casos informar si esta planta ou aquelle animal é andino, guayanense, argentino, ou si pertence á nossa sub-região. Mas não podemos dizer a mesma coisa quanto ao estado dos conhecimentos relativos á exacta distribuição interior. Ainda não passa da phase embryonaria todo o nosso saber hodierno acerca do problema: Como sub-dividir a nossa sub-região? Eis a tarefa do novo seculo.

Tres modalidades distinctas offerece o aspecto physionomico do extensissimo litoral do Brasil, ao visitante que tiver occasião de percorrê-lo pelo lado do mar, desde o extremo Sul até o longinquo Norte.

Desde o Rio Grande do Sul até a Bahia mais ou menos notará que a terra fime se descortina em animado quadro de montanhas e morros, de differente altura e variadas formas, embora a do cône mais ou menos estirado seja o feição predilecto. Acha a sua expressão typica sobretudo no trecho entre Rio de Janeiro e Espirito Santo. Devido á sua côr roxeada, tinta neutra, estes mamellos graniticos á distancia de algumas milhas assumem certo ar sombrio, grave, quasi oppressor por assim dizer; o navegante, ao passar, por exemplo, pelo cabo Frio, não conseguirá facilmente libertar-se desta impressão. Neste sentido ha um que de parecido com a physionomia de certos grupos de ilhas, solteiras no vasto oceano (Canarias,

Cabo-Verde). Mas, ao passo que nestas ultimas, ao approximarem-se, com o seu colorido de sepia ru-tinta, tão caracteristico dos funis vulcanicos e plutonicos, o sentimento tende a augmentar, — reconcilia e anima o aspecto das serranias do litoral do Brasil meridional vistas de perto. Viçosa e exuberante vegetação arborea envolve com sympathico tapete de um verde sadio e benefico o cimo, bem como aquelles lados do manto, que não se precipitam com fôrça por demais escarpada e ingreme ás profundezas submarinas. Dentre as arvores dicotyledonae são diversas Canellas que em certa predilecção escolhem taes culminancias, e diversas elegantes Palmeiras regularmente portiam tambem por um logar nestes elevados miradouros. Mas mesmo nos paredões quasi verticaes o olhar difficilmente percebe ainda fenda, greta, saliencia, onde não se postasse, com audaz galhardia, pelo menos algum ramilheco de Bromelias ou de Orchideas. Nisto vai um palpavel contraste com o caracter physionomico das supra-mencionadas ilhas vulcanicas, que com algumas poucas Gramineas, Cactos, Tamariscos arbustivos, etc., em vão lutam para entremear com algum salpico verde a monotonia e a nudez de sua roupagem torrida.

Da Bahia para o Norte muda o aspecto do litoral. Primeiramente alterando ainda, a pequenos trechos, com paredões pouco elevados de barro vermelho, mais a mais chegam a absoluto e incondicional predomínio as alvas praias arenosas, que em interminavel orla cingem a costa dos estados do

Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte, não sómente até o cabo de S. Roque, como ao longo do Ceará e do Maranhão; não perdem este predomínio, sinão, por assim dizer, no proprio porto da capital do ultimo estado. É o feudo secular da areia movediça, assumindo aqui a forma de praias extensas, planas e rasas, acolá a de dunas, com ora mais ora menos elevadas collinas. Monotona, melancolica é a impressão causada por esta paisagem, campo de batalha, onde contra o despotico regimen colico trava uma pobre e opprimida vegetação herbacea e arbustiva bem desigual: combate de existencia. São principalmente algumas Convolvulaceas rasteiras nas praias e alguns Murieys (*Byrsonima*) arbustivos no tope das dunas, que com particular tenacidade sustentam a acerba contenda, de successo variavel conforme as localidades e as estações do anno. Ao lado desta vegetação espontanea nota-se, por intervallos, efficaz intervenção humana, que com palmares, ora mais, ora menos extensos, de coqueiros da India veio dar a esta parte da costa um aspecto que ella não pôde ter adquirido sinão desde tempos historicos (no restricto sentido do termo relativo á historia do Brasil).

Do Maranhão ao extremo Norte do Brasil occorre a terceira modalidade physionomica, a matta littoranea adaptada á influencia das marés. O navegador parece estar presenciando o espectáculo de uma Fata Margana, quando desta costa vê emergindo no horizonte umas copas despregadas principalmente, ganhando successivamente e aos poucos

seu tronco cada uma, reunindo-se finalmente em compacto e ininterrupto debrum florestal, que discontuamente do mar surge e periodicamente é inundado ainda pelas ondas salzas. Na composição desta vegetação entram com indubitavel prepotencia o Mangal (formado pelo *Rhizophora*) e o Siriubal (formado pela *Avicennia*) — arvores, que, sem serem dotadas de excepcionaes encantos paesagistas (falta-lhes para isto copa sufficientemente compacta e densa), incomparavelmente agradam mais do que a severa monotonia das dunas arenosas, cuja alvura nivea acaba por martyriziar os olhos, quando banhadas profusamente pela intensa luz do sol tropical. Esta matta do litoral baixo, que tanto contrasta com o caracter physionomico das duas outras categorias descriptas e sitas mais para o Sul, permanece typica além da foz do Amazonas, por toda a Guayana, até o Oyapok.

Com encenação muito diversa surpreendemo-nos a natureza, si a viagem de exploração fór dirigida em outro sentido, no do litoral para o interior, rumo E — O. Em semelhante commettimento submettemo-nos primeiramente ao effeito de uma mudança assaz consideravel e abrupta de elevação vertical; com as linhas ferreas modernas temos occasião de trocar, em rapida successão de horas somente, a baixada quente, o torrido reconcavo, pela aragem fresca de alturas subalpinas, tendo vencido uma differença de nivel de 1.000 metros a mais. Claro é que o aspecto da natureza não será de todo o mesmo, si effectuarmos a viagem na altura do Rio

do Janeiro, ou na da Bahia, ou na do Ceará, mudando e substituindo-se os elementos constituintes, conforme a latitude; mas não deixa de ser notável que o effecto total varia relativamente pouco. Na baixada quente, na restinga, lá onde ella fór enxuta, arenosa, não manifestos signaes de bem-estar vegetaes como o Cajueiro, a Goiabeira, a Pitangueira, diversos Cactus de exquisita fôrma; nos brejos dominam as Coccolobas, o Piri (*Papyrus*), as Heliconias, de aromaticas flôres alvinicentes, ao lado do *Chrysodium*, com o seu pó de ouro na pagina inferior das frondes.

Luxuosa devôras é a vegetação em ambas as faldas da serraania que a variavel distancia no interior corre parallelamente ao contorno maritimo. Pertence ao mais bello que a natureza produz no territorio do Brasil.

Garridas Embaúbas, de folhas prateadas, muitas Melastomaceas de variegadas flôres, muitas graciosas Palmeiras, grandes umas, anãs outras, esbeltos Fetos arboreos destacam-se por sua frequencia, fôrmas e belleza no complicado conjunto vegetal, estuante aqui de um viço e vigor indomavel, o qual no mesmo grau sómente se observa na mata marginal dos grandes rios, attingindo o seu pino de intensidade na Hylaea frondosa do valle amazônico: aqui como lá ininterrupta, febril herbórea a faina de producção, sobre tudo de folhas, percussão bachanal da força creatriz num torrão visivelmente privilegiado.

Menos rico de pittorescos contrastes, de agra-

dáveis surpresas e attrahentes pontos de descanso para a vista é o aspecto geral da natureza do sertão, do vasto planalto do Brasil central: extensas áreas, com a pouca ou nenhuma movimentação de nível, cobertas de Gramineas rijas e pulhentas, aqui baixas e parcamente revestindo a crosta terrestre, lá elevando-se á altura de embaraçar a orientação ao viajante a cavallo, alternando com ilhas de um mato ralo, baixo, de vegetaes arbustivos ou de meio tamanho. Estranha impressão causam nos cerrados os galhos tortos, os troncos obliquos e curtos, as folhas, por via de regra, grandes e coriáceas, além da roupagem espinhenta ou lanuginosa das associações das características fôrmas vegetaes. Sem difficuldade reconheceremos aqui um apparelho protector contra as excentricidades do clima continental, acolá medida de precaução contra as investidas dos animaes herbívoros, que á procura de abrigo e sombra não podem deixar de frequentar assiduamente taes capões de mato.

Esboçados assim, em traço corrido, contornos geracs e côr de fundo daquillo que ha de fixo e immutavel na grandiosa tela da natureza brasileira, e alinhavada a moldura vegetal, resta-nos estudar a correlação com as manifestações da vida animal.

Na composiçõ da fauna da cima litoranea, comprehendida entre beira-mar e o pé das serras costeiras, entram diversos contingentes. Tudo que é producto do mar propriamente dito tem o cunho para o qual o qualificativo de «sul-atlantico» é talvez o que melhor convém, por caracterizar com

satisfactoria precisão não só a feição geographica, como também os laços de parentesco phylogeneticos. Basta apontar, por exemplo, entre os Invertebrados para os Molluscos, e entre os Vertebrados para os Peixes (falando-se, bem entendido, só das especies maritimas).

Outro contingente, assaz nitidamente circumscripto, é fornecido pela Ornis littoral, onde entre as Aves aquaticas existe pronunciado pan-americanismo. Da familia dos Pernaítos, por exemplo, ha grupos inteiros, como o que o povo aqui costuma designar, sob o termo, infelizmente por demais vago, de Massaricos, que os naturalistas do Canadá, dos Estados Unidos podem citar com igual direito como pertencentes á fauna dos respectivos paizes. Diversas Marrocas habitam igualmente as Antilhas. Gaivotas, Fragatas, Andorinhas do mar têm uma distribuição ás vezes incrivelmente vasta. No mundo alado dão-se ainda hoje periodicas migrações entre Norte e Sul do continente americano, quer do lado do Pacifico, quer do Atlantico, migrações cuja existencia, na verdade, só será percebida pelo naturalista profissional e cuja origem mysteriosa jaz no passado remoto de periodos geologicos anteriores. Este instincto migratorio existe tanto no pequeno peixe do rutilante Peixe-flor, como no do reforçado Caviao.

Deductos estes dois contingentes, ainda o resto da fauna do littoral não constitue conjunto de todo homogeneo. Olhando de mais perto, não tardaremos a reconhecer hospedes das serras cos-

teiras em villegiatura, por um lado visitantes do sertão central, e da zona dos campos, por outro. Diminuta relativamente é a fauna endemica e autochthone da baixada littoranea, e com difficuldade acharíamos uma unica forma animal mais vistosa e geralmente conhecida, que estivesse pienamente neste caso.

Quando muito poderíamos citar certo numero de Aves e alguns Repteis, sem excepção abaixo de meio tamanho.

Um facto digno de nota é que, tanto entre os Vertebrados como entre os Invertebrados, a natureza produziu formas particularmente adaptadas ao ambiente: ha Aves, Crustaceos, Insectos e Arachnides, cujo colorido concorda de tal modo com a arcia, que em posição de repouso não será facil descobri-los.

Sendo composta de selvícolas, mais ou menos severos e observantes, a maioria dos Mammíferos, Aves e Repteis característicos do Brasil, comprehendese que na zona das matras, tanto das serras costeiras como das margens fluviais, é onde acharemos condensada a parte mais expressiva do conjunto faunístico do paiz. Coincide, portanto, numa e mesma zona visivelmente o optimo de condições exteriores de existencia no reino vegetal com o optimo animal. Entre os Mammíferos são os Macacos, os Carnívoros, os Roedores e os Didelphos (Sarcus) aquelles aos quaes a vida no mato apraz melhor do que qualquer outra. Das 10 ordens, de que se compõe a aviação brasileira, são nada menos

do que 7 o que devemos qualificar como particularidades do mesmo modo de vida. E no mundo dos Invertebrados vemos que não se comportam de outra maneira os grupos moradores de terra firme. Na solitária vereda da floresta teremos a maior probabilidade de encontrar as *Itomias*, delicadas e hyalinas, o *Helicostium*, de variegados desenhos de preto, amarelo e encarnado, os esplendidos *Morpho* e *Cigol*, gigantescas Borboletas diurnas, que em gravibundo rythmo ostentam o brilho sedoso das suas azas celestes.

Interminavel a serie de tipos que offerece a passadeira moradora da mata. Si no Brasil cabe incontestavelmente a palma na riqueza ornithologica, alojando por si só perto de  $\frac{1}{6}$  de todas as especies de Aves do globo — nem uma outra parte da terra, nenhum outro paiz apresenta igual algarrismo — é a zona da mata, sobretudo, que constitue o genuino viveiro de semelhante thesouro. Comtudo desta incomparavel avifauna são talvez sufficientes tres tipos para determinar o característico essencial: a senhoril Ardea, o grotesco Tucano e o mimoso e petulante Beija-flor.

Nada menos do que 20 familias de Aves brasílicas revestem aquella roupagem sumptuosa, a que se chama a «grande gala tropical». Cerna medida avantajada de luz e calor favorece a apparição de cores vivas, e assim vemos reservado saliente papel á aviarin indigena na arena, onde todas as regiões tropicaes do globo debatem a primazia de belleza e opulencia para as suas produções. Cir-

cunstancia digna de attenção para o amigo da natureza é a predilecção com que a cor verde coincide dominante em certas familias de Aves: basta apontar, por exemplo, para a dos Papagaios.

Entretanto não se tardará em reconhecer a vantagem auferida por semelhante roupagem protectora no meio de um mar de copas frondosas da mesma cor.

E eis-nos outra vez na pista do mysterioso nexo causal entre o reino vegetal e o reino animal. A tendencia da vegetação para crescimento e desenvolvimento arboreo não podia deixar de imprimir tambem cunho peculiar á fauna a ella ligada por identidade de interesses. E, de facto, só por este prisma podemos comprehender o costume de tropador, habito tão frequente entre Mamíferos e Aves do Brasil, observado até em grupos e familias, cujos antepassados evidentemente eram feitos para a vida no chão. Significativos exemplos constitem entre os primeiros certamente as Preguiças, os dois Tamanduás menores, os Sarués e Cuicás. Nenhum dos Simios neotropicos se decide a abandonar sua arborea vivenda, sinão por momentos, por necessidade e ainda assim prodigo de recuo e com amplas medidas de precaução. Curioso exemplo entre as Aves forma, na ordem dos Pastores, a familia dos Formicariídes, da qual um ramo consideravel se desenvolve em sentido paralelo com a familia dos Picapous legitimos.

Mais pallida em colorido e fraca em força numerica é a fauna do sertão. Sumptuoso uniforme

de gala nos descumpanhos não seria desejável nem proveitoso. Para os animaes sertanejos é de mais vantagem sua roupagem branco-amarelada e monotonu, que no meio do capim se conserva neutra entre a cor do solo e o colorido da macoga torrada pelo sol.

Si por um lado, no litoral, é apparelho util a sua comprida, apropriada ao voo persistente, e por outro lado o pé trepador para o morador da mata, -- torna-se precioso dote para fórmas animaes que vivem correndo pelo solo uma perna comprida e capaz de corresponder a fortes exigencias. Ahí estão para attesta-lo a Seriemu, de alto cothurno, e a gigantesca Ema, Avestruz sul-americana.

O proprio Lobo brasileiro (*Chrysocyon jubatus*) munhiu-se, além de umas orelhas grandes, a modo de Chacal do deserto, de longas pernas a feição de Galgo.

Em Mamíferos terrestres o Brasil actual poucos pôde apresentar: a Onça pintada entre os Carnívoros, a Anta entre os Ungulados, o Veado gálheiro entre os Ruminantes, a Capivara entre os Roedores, o Tamandua-bandeira e o Tard-canastra entre os Desdentados. Productu autochthone do solo sul-americano parece unicamente o typo dos Desdentados (e talvez ainda o dos Roedores), que em precedentes epochas geologicas estranho florescimento assumiu. Dos typos superiores, porém, nenhum tornou aqui a sua origem; o material para os hodiernos representantes provém de diversas infiltrações, via America do Norte e pontes conti-

nuaes hoje sobreaguadas. Os mais valiosos animaes domesticos, como o Boi e o Cavallo, embora achassem condições notoriamente favoraveis em grande parte da Sul-America, não datam ainda da invasão européa. A Sul-America durante os quatro seculos decorridos contribuiu com um unico productu seu para o inventario internacional dos animaes domesticos: o Pato (*Cairina moschata*) que na sua indole semi-bravia ainda deixa perceber uma domesticção não consummada de todo.

Concluindo, diremos de passagem que para a sciencia não paira hoje mais a menor duvida de que o berço do genero humano não deve ser procurado em territorio americano».

#### FONTES DA HISTORIA DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

- I. SEPTIMO LIVRO DE LA SESTIMA NAVIGATION, primeira narrativa da viagem de Vicente Anes Pinzon escripta por Pietro Martire d' Anghiera, transmittida para Veneza a Domenico Maipiero em carta escripta da Espanha, em 1507, por Angelo Bernardino de Trevisan, reproduzida da *Raccolta di documenti e studi pubblicati dalla R. Commissione Colombiana pel quarto centenario dalla scoperta della America*, parte III, volume I, paginas 80/82.
- II. CONTINUA EL SECONDO, narrativa da viagem



de Pinzon ou Diego de Lepe, escripta por Ambrigo Vesputici em carta de Lisboa 4 de Setembro de 1504 dirigida a Pier Soderini, reproduzida da *Raccolta*, parte III, vol. II, paginas 153/160. — III. CARTA escripta a S. A. Dom Manuel, rei de Portugal, do Porto Seguro da ilha de Vera Cruz por Pero Vaz de Caminha, escrivão da feitoria que se ia estabelecer em Calecut, reproduzida segundo copia extrahida do original em 1876 para a Bibliotheca Nacional e Publica do Rio de Janeiro por João Pedro da Costa Basto, official maior da Real Torre do Tombo. — IV. CARTA de mestre Johannes artium et medicince bachalarius, escripta de Vera Cruz a D. Manuel em 1 de Maio de 1500, reproduzida segundo o fac simile dado por A. C. Teixeira de Aragão no *Centenário do descobrimento da America. Memorias da Comissão Portuguesa*, Lisboa 1892. — V. NARRATIVA da viagem de Pedralvares Cabral, enviada depois da sua volta da India por Giovanni Matteo Cretico, reproduzida da *Raccolta Colombiana*, parte III, vol. I, pag. 83/86.

#### VAZ DE CAMINHA E SUA CARTA

Estado crítico publicado no Livro de Ouro comemorativo do Centenario da Independencia Brasileira (Anuario do Brasil), como reprodução revista pelo autor do que se acha inserto na Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo 71, parte 2ª, 1908.

Muitos seculos jouve desdenhada ou esquecida a carta de Caminha, e a este acaso feliz se pôde, sem temeridade, attribuir sua conservação.

Cerca de 1790 descobriu-a em suas pesquisas o erudito historiador castelhano J. B. Muñoz, affirma Navarrete. Sem saber disto, alguém ainda desconhecido forneceu uma copia ao real archivo da Marinha do Rio de Janeiro. Della serviu-se Manoel Ayres do Casal para publica-la integralmente em 1817, no primeiro volume da *Corographia*, sahido dos prelos da impressão desta cidade. Ninguem mais digno de publica-la do que o verdadeiro creador da geographia nacional.

Nove annos depois desta edição *princeps*, appareceu outra em Lisboa, mais completa, cotejada pelo original, ao que se crê, no quarto volume das *Noticias ultramarinas*. Por julga-la demasiado accessivel, ou por outro motivo semelhante, o Instituto Historico excluiu da — *Revista Trimensal* — a carta de Caminha, só por instancia de Varnhagen estampada no tomo 40, parte segunda, quasi 40 annos depois de sua fundação.

Antes e depois desta, houve numerosas reimpressões, arroladas até certa época nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*. Dentre ellas cumpre destacar duas feitas em Lisboa para commemorar o cente-

nario colombino, uma pela Torre do Tombo, outra pela Academia das Sciencias.

A todas se avantajaria a do Instituto Historico Bahiano, em 1900, com a reproducção fac-similar do codice, uma transcriptão em linguagem da época e uma versão modernizada, si do livro constasse como foi obido o *fac-simile*, como 27 paginas delle correspondem ás sete folhas do original, quem se encarregou da paleographia, a quem se commetteu a versão moderna. Taes informações substituiriam com vantagem as estampas sem valor historico servidas em seu logar.

Nos *Annaes* tambem existe o rol das diversas traducções. Entre ellas figura uma em vernaculo, devida a João Francisco Lisboa.

Entendeu, com muita razão, o Timon maranhense, que nem todo mundo poderia orientar-se na prosa emaranhada do correspondente de D. Manuel e arvorou-se em sertanista. Seus conhecimentos de grammatica historica não davam, porém, para tanto, nem Ayres do Casal lhe fornecia um texto escoreito. As passagens cruciaes continuaram e continuam obscuras. Um commentario philologico feito por um entendido, ainda hoje é imprescindivel, hoje mais do que nunca. João Ribeiro deu o primeiro passo no *Fa Bordão*.

Quem era Pero Vaz de Caminha?

Nos livros de Castanheda e Damião de Góes lê-se que sahio de Lisboa nomeado escrivão da feitoria a fundar em Calecut.

Da carta do escrivão resulta que embarcára na capitanea. Tinha-o em grande conta Pedralvares, a ponto de admittir-lo a um conselho de capitães da frota, convocado para tratar de assumptos graves. Devia conhecer o monarcha de longos annos; de outro modo não se explica o tom familiar da epistola.

Conforme documentos divulgados por Sousa Viterbo, orçaria por 50 annos quando se deu o achamento de nossa terra, pois já era maior em 8 de Março de 1476, quando D. Affonso V, de cuja casa era cavalleiro, o nomeou mestre de balança da moeda da cidade do Porto, por morte do pai, ou quando o pai lhe quizesse ceder o logar. Este, Vasco de Caminha, protegido do Duque de Guimarães, occupou varios cargos fiscaes, entre outros o de recebedor-mór dos dinheiros de Tanger.

Não é impossivel que o filho mettesse alguma lanca em Africa; é mesmo verosimil que suas raras aptidões de observador já se tivessem exercitado em outras partes e em outros povos antes de attingir a mestria revelada a proposito dos Brasis: o reparo de que estes não eram circuncisios (fanados) pode bem resultar do contacto com populações musulmanas.

Caminha começou a escrever em 26 de Abril, depois de ficar decidido mandar um portador ao reino, com a noticia da terra novamente achada.

Foucas linhas bastam-lhe para a viagem de Lisboa ao Cabo Verde; ainda menos consagra ao resto do caminho, por este mar de longo, 660 ou

670 leguas, na estimativa dos pilotos, percorridas entre a ilha de S. Nicolau e a costa avistada na tarde de 22. Da marinagem e das singraduras deixou a conta aos entendidos. A 21 nota signaes de proximidade de terra, manifestados em ervas compridas como botelhos e rabos de asno, accrescidos na outra manhã pela passagem de aves chamadas fura-buchos, e afinal confirmados pela visão vespertina de serras e arvoredos longínquos. A 23 trata sobretudo de manobras, marcha, sondagens á cata de bom ancoradouro, afinal encontrado a 24.

Desde então a narrativa se expande, afflucm os pormenores, anima-se o scenario e o observador apparece, perspicaz e sincero.

« Bem certo creia que por aformosear nem afeiar haja de pôr mais que aquillo que vi e me parcou », assegura ao real amo, e cumpriu a promessa.

Afonso Lopes, incumbido de sondar a bahia desejada, apanhou dois indigenas em uma almadia, e levou-os com escuro á capitanea, onde Caminha os viu e desde logo os desenhou em traços vivos.

« A feição delles é screm pardos, maneira de avermelhados, de boos rostos e boos narizes, bem feitos; andam nus sem mesmo uma cobertura, nem escrimam nem uma cousa cobrir nem mostrar suas vergonhas, e estão a cerca em tanta innocencia como té em mostrar o rosto; traziam ambolos beijos de baixo furados e metidos por elles senhos ossos de osso branco... os cabellos seus são corredios e andavam tosquiados de tosquia alta mais que se sobrepenem, de boa grandura e rapados té por baixo

da sulapa, de fonte a fonte para detraz, uma maneira de cabelleira de pennas d'ave amarella, que seria da compridão de um coito mui basta e mui carada que lhe cobria o toutuço e as orelhas, a qual andava pegada nos cabellos penna e penna, com uma confecção branda como a cera e não era, de maneira que andava mui redonda e mui basta e mui igual que não fazia roingua mais lavagem para a levantar. »

Neste primeiro encontro, em que os gestos fizeram de unica linguagem, succederam-se os qui-proquós. Os indigenas portaram-se em geral indifferentes, repugnaram-lhes as comidas e vinho e, com maior razão, a agua de bordo. « Mostraram-lhes um papagaio pardo que aqui o capitão tráz; tomaram-no logo na mão e acenaram para terra como que os havia hi. Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram delle menção ». Mostraram-lhes uma gallinha: « quasi haviam medo della e não lhe queriam pôr a mão e depois a tomaram como espantados. » Maior interesse sentiram por contas de rosario e objectos metallicos, mas o tédio por fim superou, « e então atiraram-se assi de costas na alcatifa a dormir, sem ter nem uma maneira de cobrirem suas vergonhas... O capitão lhes mandou pôr á cabeça senhos coxins e o da cabelleira procurava assaz pola não quebrar, e lançaram-lhes um manto em cima e elles consentiram e jouveram e dormiram ».

Sabbado, 23, depois de fundada a frota, Caminha foi á terra em companhia de Nicolau Coelho. Os naturaes continuam a prender-lhe a curiosidade:

«Andavam alli muitos delles ou quasi a maior parte, que todos traziam aquelles bicos de osso nos beijos;... e andavam ali outros quartejados de corcos, saber delles a metade de sua propria côr, e a metade de tintura negra maneira de zuluada, e outros esquartejados d'escaques. Alli andavam entre elles tres ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabellos muito pretos compridos, pelas espaldas... Um era já de dias e andava todo por louçainha cheio de pennas pegadas pelo corpo que parecia asseteado como São Sebastião; outros traziam carapuças de pennas amarellas, e outros de vermelhas e outros de verdes, e uma daquellas moças era toda tinta de fundo acima daquella tintura...»

Domingo, 26, a missa da Paschoela, primeira dita no Brasil, num ilhéu da vasta bahia, não o absorve a ponto de fazer-lhe esquecer os naturaes da terra, cujos movimentos na praia fronteira nota durante o sacrificio incruento e a prégação de Fr. Henrique.

«Andava hi um que fallava muito aos outros que se afastassem;... este que os assi andava afastando trazia seu arco e setas, e andava tinto de tintura vermelha pelos peitos e espaldas e pelos quadris, coxas e pernas até abaixo, e os vasillos com a barriga e estomago eram de sua propria côr, e a tintura era assi vermelha que a agua não lha comia nem desfazia, antes quando sahia d'agua era mais vermelha».

Depois da missa «vieram logo todos los capitães a esta nau por mandado do capitão-mór, com os quaes

se elle apartou e eu na companhia, e perguntou assim a todos se nos parecia ser bem mandar a nova do achamento desta terra a vossa Alteza pelo navio dos mantimentos para a melhor mandar descobrir e saber della mais do que nós agora podiamos saber, por irmos de nossa viagem; e entre muitas fallas que no caso se fizeram, foi por todos ou a maior parte dito que seria muito bem e nisto concludiram.»

Desta conclusão procedeu a carta de Caminha, e procederiam a de Cabral e as de seus companheiros si o tempo as poupasse como a do modesto escrivão de feitoria que escreveu por proprio gosto, sem responsabilidade official, e por isso tanto nos deleita hoje, e afina pelas nossas predilecções e curiosidades. De passagem note-se que o nome de Paschoal dado ao primeiro monte entrevisto e o de terra de Vera Cruz parecem datar desta domingo e não de quarta-feira, 22. O facto de figurarem desde a primeira linha da missiva mostraria apenas como o baptismo era recente. A denominação de Paschoal explica-se pelo descobrimento no oitavario da Paschoa, a da terra pela bandeira de Christo, entregue por D. Manuel ao capitão-mór, antes da despedida em Belém. Sente-se em tudo isto a influencia de Fr. Henrique, guardião dos franciscanos. «Alli era com o capitão a bandeira de Christo com que sahio de Belém, a qual esteve sempre alta á parte do Evangelho. Acabada a missa desvestio-se o padre e poz-se em uma cadeira alta, e nós todos lançados por essa areia e prégoz uma

solemne e proveitosa pregação da historia do Evangelho, e em fim della tratou de nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o signal da cruz sob cuja obediencia vimos, a qual veio muito a proposito e fez muita devação. A historia das duvidas de Thomé, lida naquella solennidade, prestava-se a muitos desenvolvimentos opportunos.

O desembarque á tarde, depois do conselho de capitães, forneceu ensejo a novas observações: «Alli veriei galantes pintados todos de preto e vermelho e quartejados assi pelos corpos como pelas pernas que certo pareciam assi bem; tambem andavam entre elles quatro ou cinco mulheres moças assi nuas que não pareciam mal, antre as quaes uma com uma coxa do gijolho até o quadril e a nadega toda tinta daquela tintura preta e o al todo da sua propria côr; outra trazia ambolos gijolhos com as curvas assi tintas e tambem os collos dos pés... tambem andava hi outra mulher moça com um menino ou metina no collo atado com um pano não sei de que aos peitos, que lhe não pareciam se não as perninhas, mas as pernas da mãe e o al não traziam nem um pano».

Outro desembarque á segunda-feira, 27, serve a precisar mais as primeiras impressões: «Neste dia os vimos de mais perto e mais a nossa vontade, por andarmos todos quasi misturados, e alli delles andavam daquellas tinturas quartejados, outros de metades, outros de tanta feição como em panos de armar, e todos com os beijos furados, e muitos com

os ossos nelles, e delles sem ossos. Traziam alguns delles uns ouriços verdes d'arvores que na côr queriam parecer castanheiros, serão quanto eram mais e mais pequenos, e aquelles eram cheios de uns grãos vermelhos pequenos que esmagando-os entre os dedos fazia tintura muito vermelha da que elles andavam tintos, e quanto se mais molhavam mais vermelhos ficavam. Todos andam rapados até acima das orelhas e assi as sobrancelhas e pestanas; trazem todos as testas de fonte a fonte tintas da tintura preta que parece uma fita preta ancha de dous dedos».

A attenção prestada á gente conserva a mesma intensidade applicada aos artefactos, e para completar-se volta mais de uma vez ao assumpto. Assim a 24 menciona «ossos de osso branco da compridão de uma mão travessa e grossura de um fuso de algodão e agudo na ponta como furador; metemos pola parte de dentro do beijo, e o que lhe fica antre o beijo e os dentes é feito como roque de encaixar, e em tal maneira o trazem alli encaixado que lhes não dá paixão, nem lhes torva a falla, nem comer, nem beber». A 25 recorda: «todos traziam aquelles bicos de osso nos beijos e alguns que andavam sem elles traziam os beijos furados e nos buracos traziam uns espelhos de páu que pareciam espelhos de borracha, e alguns delles traziam tres daquelles bicos, saber, um na metade e os dous nos cabos». A 26: «trazia este velho o beijo tão furado que lhe caberia pelo furado um grão dedo poingar, e trazia metido no furado uma pedra verde ruim que

carava por fóra aquelle buraco, e o capitão (Pedro Álvares) lha fez tirar, e elle não sei que diabo falava e ia com ella para a boca do capitão para lha meter; estivemos sobre isso um pouco rindo e então enfadon-se o capitão e deixou-o...»

A almadia tomada por Affonso Lopes, a 24 volta-lhe á memoria no dia 26, á vista de uma jangada: «e alguns delles se moriam em almadias, duas ou tres que ali tinham, as quaes não são feitas como as que eu já vi; sómente são tres travessas atadas juntas». Ao lado das carapuças variegadas menciona «um pano de pennas de muitas cores, maneira de tecido assaz formoso». Quanto aos arcos «são pretos e compridos, e as settas compridas e os ferros dellas de cannas aparadas».

Preso á praia proxima, interrogava os que poderam penetrar nas aldeias. A 27: «Foram bem uma legua e meia a uma povoação de casas, em que haveria nove ou dez casas, as quaes diziam que eram tão compridas cada uma como esta nau capitanea e eram de madeira e das ilhargas de taboas e cobertas de palha, de rascada altura, e todos em uma só casa, sem nem um repartimento; tinham de dentro muitos esteiros, e de esteio a esteio uma rede atada polos cabos em cada esteiro, altas em que dormiam; e de baixo pera se aquecerem faziam seus fogos; e tinha cada casa duas portas pequenas, uma em um cabo e outra no outro; e diziam que em cada casa se colhiam trinta ou quarenta pessoas e que assi os achavam, e que lhes davam de comer daquella vianda que elles tinham, saber,

muito inhame e outras sementes que na terra ha...» A 28: «Muitos delles (indigenas) viam ali estar com os carpinteiros, e creio que o faziam mais por verem a ferramenta de ferro com que a faziam que por verem a cruz, porque elles não tem cousa que de ferro seja e cortam sua madeira e páos com pedras feitas como cunhas metidas em um pão entre duas talas mui bem atadas e por tal maneira que andam (ficam) fortes, segundo os homens que hontem ás suas casa (foram) diziam, por que lhas viam lá». Este *hontem* empregado aqui mostra quanto escreveu Caminha no domingo e na segunda, apesar da missa, do sermão, dos passeios por mar, do desembarque. Exactamente esta concentração mais avivou-lhe a memoria das coisas vistas.

O talento do observador refinava pela comparação constante e pela tendencia a reduzir tudo a algarismo. Habitos adquiridos no emprego de mestre de balança de moeda, obrigado a pequenos numeros e responsavel por frações minimas?

Compara tudo: o corpo e os membros da gente desta e de sua terra, a almacega e a cêra, o urucú e as castanhas, as contas indigenas e as sementes de aljaveira, os rostos de uns e outros individuos, (chegando por duas vezes a concluir que eram irmãos), as aves que passam voando. «Enquanto andavamos nesta mata a cortar a lenha, atravessavam alguns papagaios por essas arvores, delles verdes e outros pardos, grandes e pequenos, de maneira que me parece que haverá nesta terra muitos, pero eu não veria mais que *nove ou dez*, outras aves

então não vimos, sómente algumas pombas seixas, e pareceram maiores em boa quantidade ca as de Portugal; alguns diziam que viram rôlas, mas eu non as vi». A 29: «trouveram papagaios e outras aves pretas quasi como pégas si não quanto tinham o bico branco e os rabos curtos».

Um trecho já aproveitado acima pôde ser repetido como exemplo do modo por que apurava os conhecimentos e a boa fé com que reconhecia sua ignorancia: «Tambem andava ali outra mulher moça com um *menito* ou *menina* no collo, atado com um pano não sei de que, que não lhe pareciam senão as perninhas».

A conta, o peso, a medida são-lhe, por assim dizer, imprescindíveis: conta as aves que passam, estima em cinquenta a cinquenta e cinco annos a idade de um velho que encontra, *ouça* a largura e o fundo de um rio, aponta as sondagens, calcula quantos vasos caberiam na bahia, dá as distancias guardadas pelos esquifes num passeio ao longo da praia, avalia pela costa o comprimento da terra nova.

Não pára nas exterioridades e, segundo sua promessa, conta o que lhe pareceu. Convence-se da falta de senhor, isto é, de pessoa acatada e temida, regosija-se com a ausencia de idolos, tão favoravel ao futuro da catechese; indica a ausencia de circuncisão; nota a indifferença, a ingratidão apparente dos naturaes, a esquivança instinctiva seguida logo de confiança indiscreta. «Tomavam logo uma esquiviza como montezes... Logo

de uma mão para outra se esquivavam como pardaes de cevadouro, e homem não lhes ousa de fallar riço por se mais não esquivarem, e tudo se passe como elles querem pelos bem amansar... Os outros dous que o capitão teve nas mãos, a que deu o que já dito é, nunca aqui mais pareceram, de que tiro ser gente bestial e de pouco saber e por isso são assim esquivos; elles, porém, contudo, andam muito bem curados e muito limpos e naquillo me parece ainda mais que são como aves ou alimarias montezas, que lhes faz o ar melhor penna e melhor cabello que as mansas; porque os corpos seus são limpos e tão gordos e tão fermosos que não pôde mais ser, e isto me faz presumir que non tem casas nem moradas em que se colham e o ar » que se criam os faz tales. Nem nós até agora, não vimos nem-umas casas nem maneira dellas». Isto pensava a 26; a existencia de casas foi conhecida só a 28 de Abril.

A convivencia despertou cada vez mais a sympathia pelos filhos da terra e é-lhes favoravel o seu juizo final. «Certo esta gente é boa e de boa simplicidade, e imprimir-se-a ligeiramente nelles qualquer cunho que lhe quizerem dar, e logo Nosso Senhor deu boos corpos e boos rostos como a boos homens e elle que aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa. E, portanto Vossa Alteza, pois tanto deseja accrescentar na Santa fé catholica, deve entender em sua salvação, prazêr a Deus que com pouco trabalho será assim. Elles não lavram nem criam, nem ha aqui boi nem vacca, nem cabra nem



ovelha, nem gallinha, nem outra nenhuma alimaria que costumada seja ao viver dos homens; nem comam senão desse inhame, que aqui ha muito, e dessa semente (abaty) ou milho e frutos que as arvores de si lançam; e com tudo isso andam taes e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto com quanto trigo e legumes comemos».

Caminha não seria do seu tempo si consagrasse largas paginas á descripção da natureza, mas escreveu o bastante para mostrar que também vibrava a estas emoções.

«Esta terra, senhor, me parece que da ponta que mais contra o Sul vimos até a outra que contra o Norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nella bem vinte ou vinte e cinco leguas por costa. Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, dellas vermelhas e dellas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia parma e muito chã e muito fremosa; pelo sarão nos pareceu do mar muito grande, porque a estender othos não podíamos ver senão terras e arvoredos que nos parecia mui longa terra. Nella até agora não podemos saber que haja ouro nem prata nem uma cousa de metal, nem de ferro, nem lho vimos; pero a terra em si é de muitos bons ares, assi frios e temperados como os de ante Douro e Minho, porque neste tempo de agora assi os achavamos como os de lá; aguas são muitas infindas; em tal maneira

é graciosa que querendo a aproveitar dar-se-a nella tudo per bem das agoas que toma».

Uma lacuna e bem notável sente-se na epistola de Vaz de Caminha: o sol ardente, o luar, as constellações novas, tão diversas das do hemisphério septentrional, não lhe arrancam uma referencia sequer. A sua ignorancia de siggraduras e marinhas se estenderia aos phenomenos astronomicos? Entretanto estas questões interessaram pelo menos os pilotos da frota, e mestre João, bacharel de artes e medicina, transmittiu o eco enfraquecido dos debates.

A carta de mestre João, também datada de 1 de Maio e descoberta por Varnhagen, deu azo a Joaquim Norberto para levantar o problema da casualidade ou proposito no descobrimento do Brasil. Explicou-o mais tarde com sua bonomia resignada e sua ironia ligeiramente melancolica a quem isto escreveu: apenas quiz semear duvidas. Estas duvidas no além-mar transformaram-se, por assim dizer, em certezas, e hoje é quasi dogma ali que o descobrimento do Brasil não foi fortuito, em outros termos foi fingido; pensam até alguns que o verdadeiro descobridor se chamava Duarte Pacheco, o Achilles lusitano.

Caminha de nem um modo suffraga esta these: a de Fr. Henrique convenceu-o e mais de uma vez em tudo vê a mão divina. Os partidarios do descobrimento proposital deviam pesar bem as occurrencias do conselho dos capitães reunidos a 26 de abril. Pedralvares «perguntou assim a todos se

nos parecia ser bem mandar a nova do achamento desta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos para a melhor mandar descobrir e saber della mais do que nós agora podíamos saber, por irmos de nossa viagem e entre muitas fallas que no caso se fizeram foi por todos ou a maior parte dito que seria muito bem e nisto concurdiram». Tão pouco fundamento assiste aos panegyristas de Duarte Pacheco: só a leitura desatenta do *Esmeraldo* permite transferir para aquem da equinocial viagens e descobrimentos realizados nas altas latitudes do hemispherio do Norte. A dicotomia salta aos olhos.

Outra applicação não menos curiosa deu um illustre historiador argentino á longa-lenga confusa de mestre João. Luis L. Dominguez serviu-se della para declarar apocrypha a carta de Caminha, em um artigo publicado por *La Biblioteca*, Buenos Aires, 1897.

«Los Portugueses (diria melhor os Brasileiros, a quem toca mais de perto), miran con respeto sacramental la carta detallada y proliza de Pedro Vaz de Caminha, secretario de Cabral, en que da al rey minuciosos pormenores de la tierra y de los indios recogidos en los cinco días que allí se demoraran.

El desembarco tuvo lugar el 26 de abril; la carta es del 1.º de mayo de 1500. Probablemente fué escripta muchos años después de esta heccha; y este juicio se confirma leyendo la descripción auténtica de este viaje, escrita por un piloto portugués y publicada por la Academia de Ciencias de Lisboa en la colección de *Noticias Ultra-marinas*, tomo 2,

y la carta del cirujano español de la expedición de Cabral, Johannes Emenelaus, publicada por Varrhagen.

La sencillez y rudeza de estas cartas de testigos y actores contrasta con el estilo limado y la narración llena de pormenores que solo podian conocerse después de una residencia en aquel país desconocido».

Nem Caminha era secretario de Cabral, nem desembarcou só a 26 de abril, nem demorou apenas cinco dias, mas isto pouco importa. Si o piloto portuguez passou ligeiro pelos dias de Porto Seguro, explica-se isto pelo facto de occupar-se da viagem inteira de Pedralvares. A importancia dos successos da India, as perdas de navios, o saque da feitoria, o bombardeio de Calicut, etc., obscureceram o idyllio brasileiro. Todo o essencial da carta de Caminha apparece na relação anonyma, ás vezes em termos quasi identicos, e sua chronologia tem tanto de rigorosa como a do piloto de inexacta, o que, aliás, não merece reparo especial, pois um escrevia ao compasso do successo, o outro narrou-o mais de um anno depois. O piloto, sem colorido embora, mas com precisão incontestavel, abunda em «pormenores que solo podian conocerse después de una residencia en aquel país desconocido». Mestre João não podia da-los, todo embueido em astrolabios e mappa-mundi, e, além disso, diante de «una pyerna que tengo mui mala que de una cosadura se me ha fecho una chaga mayor que la palma de la mano».

De resto, o original em papel e caracter do tempo, conserva-se ainda na Torre do Tombo, sem jamais ter despertado a minima duvida em quantos o manusearam. Enfim, qualquer diploma fabricado visa sempre uma demonstração ou um interesse. Que demonstração se pode encontrar na carta do viajante e que interesse della deduzir?

A 2 de Maio partiram os onze navios, logo reduzidos a quasi metade por uma tempestade na passagem de Boa Esperança, donde approaram a Calecut. A 12 de Dezembro foi ali assalhada a feitoria e mortos quasi todos os portuguezes nella encontrados.

Pero Vaz de Caminha foi um delles quicá; em todo caso, morreu na India, em serviço del-Rei, segundo uma carta regia de 3 de Dezembro de 1501.

Isto força-nos a retroceder.

Quando Caminha tomou a penna na bahia de Porto Seguro, sabia approximadamente o que ia dizer e com toda a precisão o que ia pedir. «E pois que, Senhor, é certo que assi neste cargo que levo como em outro qualquer outra cousa que de vosso serviço for, Vossa Alteza ha de ser de mim mui bem servido, a ella peço que por me fazer singular mercê mande vir da ilha de S. Thomé Jorge d'Osouro, meu genro, o que della receberei em muita mercê» — taes suas ultimas linhas.

A explicação é patente: Jorge d'Osouro fôra degradado para a ilha de S. Thomé, e o sogro pedia para elle indulto real. Os documentos publicados por Sousa Viterbo tornam muito provavel a conclusão. Cerca de 1491, Jorge d'Osouro foi junta-

mente com outros apossar-se á força de uma igreja, erradamente considerada vaga, e accusam-no de ter roubado pão, vinho e galinhas e outras coisas que poderiam valer mil e trezentos rcaes. Pelo mesmo tempo deu feridas em um clérigo «scilicet, uma pela cabeça, e outra por um braço e outra pelo pescoço e tres feridas pequenas pelas costas». Por estes crimes andou homisiado cinco ou seis annos até que, desistindo as partes, D. Manuel o perdoou a 16 e 17 de Janeiro de 1496. Talvez o casamento com a filha de Pero Vaz seguisse a estes perdões.

Si D. Manuel o fez tornar de S. Thomé ou si lá succumbiu ao clima pesilento, ignora-se. Apenas sabemos que em 3 de Dezembro de 1501 El-Rei fez mercê do cargo de mestre de balança a Rodrigo d'Osouro, «neto de Pero Vaz de Caminha, que ora falleceu na India onde o enviamos, confiando delle que *tanto que for de idade* para isso o fará bem e como a nosso serviço e bem das partes pertence, e querendo lhe fazer graça e mercê, visto como o dito seu avô morreu em nosso serviço.» *Tanto que for de idade...* teria então cinco annos, si Jorge d'Osouro casou logo depois de Janeiro de 1496.

Fallecendo Rodrigo, succedeu-lhe em 1530 Pero Vaz, seu irmão, que 10 annos mais tarde renunciou o logar em Francisco Pereira.

A existencia destes Osouros seria mais uma prova da autenticidade da carta de Caminha, si realmente podesse ser posta em duvida. Segundo informação verbal de Vieira Fazenda, houve Osouros no Rio, alguns com a pecha de christãos novos.

**HISTORIA PATRIA**

Nas fronteiras de Parahiba e Pernambuco o continente attinge sua maior expansão oriental, e a costa do Brasil reparte-se em duas secções bem definidas de aspecto e direcção: a costa de Sudoeste, a costa muito tempo chamada de Leste-Oeste. As diferenças naturaes entre os dois trechos inflairam tambem sobre o curso dos acontecimentos historicos.

O emissario de Cabral, mandado a levar noticia da terra novamente achada, chegou á Europa antes de Outubro, pois ao descobrimento dos Portuguezes já se refere o mappa de Juan de la Cosa. D. Manuel tratou de organizar uma armada, incumbida de explorá-la por menor. Consta de tres navios, comandados por André Gonçalves, si este foi realmente o portador da nova do descobrimento (1); a bordo servia de cosmographo o florentino Amerigo Vespucci. Partiu de Lisboa em Maio de 501; junto a Bezequiche encontrou Pedralvares que tornava do Oriente; amarrando-se depois para Oeste, avistou o novo hemispherio em Agosto.

---

(1) Esta noticia deve-se a Gaspar Corrêa, cuja autoridade ficou profundamente abalada depois do estudo de Hümmerich sobre Vasco da Gama.

O primeiro ponto descoberto chamou-se cabo de S. Roque, do nome do santo cujo era o dia. Rumo de Sudoeste descobriram-se e nomearam-se bahias, cabos, rios, ilhas. Alguns nomes perduram ainda: cabo de Santo Agostinho (28 de Agosto), rio de S. Francisco (4 de Outubro), bahia de Todos os Santos (1 de Novembro), cabo de S. Thomé (21 de Dezembro), rio de Janeiro (1 de Janeiro de 1502), angra dos Reis (6 de Janeiro), ilha de S. Sebastião (20 de Janeiro), São Vicente (22 de Janeiro); perderam-se outros; outros passaram a designar localidades diversas daquellas a que a principio foram applicados. Até onde acompanharam a costa de SW? Ignora-se, que as affirmativas de Vespucio se prestam a mais de uma interpretação. Em todo caso não perderam de vista a serra do Mar.

A armada exploradora largou degradados e levou animaes domesticos, dos que os indigenas chamavam *mimbabo* na lingua geral. Suas informações serviram de base ao contrato firmado por tres annos entre a corôa, Fernão de Noronha e alguns christãos novos, estabelecendo a obrigação de explorarem a costa, concedendo-lhes o monopolio do commercio, definindo os direitos a pagar á fazenda real.

Como consequencia do arrendamento partiu nova armada em 1503, composta de seis navios: devia, entre outras coisas, ver si encontrava novo caminho para as Indias.

Já sabiam os Portuguezes que chegaram á ver-

dadeira India, donde traziam as especiarias e outras drogas preciosas, por cujo amor se atiraram a tão longas aventuras; sabiam que Colombo não alcançara os reinos de seus sonhos, e isto estavam evidenciando as gentes atarradas deste lado do Atlantico, tão diversas dos povos do Grão Khan e de Zaitun e Cypango, e de suas riquezas apre-goadas por Marco Polo.

Ignoravam, porém, a existencia do oceano Pacifico; criam no predominio no espaço das partes solidas sobre a massa liquida do planeta; achavam o plano de Toscanelli (\*) plausivel e exequivel; tomaram as terras de Colombo e Pedralvares por guardas avançadas do continente oriental, queriam e esperavam um estreito, que os levaria adiante, sem passar pelo cabo das Tormentas. Resurge agora e precisa-se a idéa de chegar á India rumo SW, mais tarde realzada por Fernando de Magalhães, circumnavegando o globo.

A armada commandada por Gonçalo Coelho perdeu dois navios proximo da ilha ulteriormente chamada de Fernão de Noronha. Sciñdia-se então em duas flotilhas: uma, sob o commando de Vespucio, demorou na ilha infesta, passou depois á bahia de Todos os Santos e ao cabo Frio, onde carregou de pau brasil e dali tornou para o reino, sem mais inquirir da sorte dos companheiros; outra seguiu para o Sul, onde Gonçalo Coelho esta-

(2) Recentes trabalhos de Vignaud sobre Toscanelli não trazem dados novos á questão, que Sophus Ruge, podemos dizer, exgotou.

cionou bastante tempo, sem aliás dilatar os confins do conhecido, segundo parece. Ha quem ligue a este branco o nome de Carioca.

Outros navios continuaram a procurar o Brasil na vigencia do arrendamento. Uma armada merece particular menção: a de D. Nuno Manuel, valido e collaço del rei, socio de Cristobal de Ilaro. Mandada em 1513, perlongou a costa de SW até um inunense estuario tido pelo estreito suspirado, avançou pela Patagonia e levou para Europa noticias de serras nevadas e paizes abundantes de ouro. O rio da Prata deve seu nome a um machado de metal pela armada de D. Nuno Manuel encontrado em suas ribeiras.

Escassiam muito as noticias das explorações da costa de Leste - Oeste. João Coelho, (João de Lisboa dos primeiros mappas?), Pero Corso, Esteven Froes estiveram por aquellas bandas. Onde? quando? Ignora-se mesmo si as explorações partiram de S. Roque para o Amazonas ou do Amazonas para S. Roque, como a que se attribue a Vicente Anes Pinzon e João Solis em 508.

Durante todo o seculo XVI as duas secções do littoral ficaram segregadas, e assim continuaram de facto enquanto não houve navegação a vapor.

Estas explorações todas provaram que o Brasil era improprio para ser logo trafegado. A população indigena, rala e rude, não apresentava centros de consumo nem de produção. Não era terra para

commercio, mas para agricultura; a colheita exigia prévia sementeira.

Fernão de Noronha e seus socios começaram a cortar pau brasil, e cortaram em tanta quantidade que, com pouco, o territorio trocou o nome de Vera Cruz ou Santa Cruz pelo que ainda conserva. Descobriu-se que os Brasis como os Africanos bem podiam servir de escravos. Animaes vivos, como saguis, macacos, araras (algum tempo chamou-se ao Brasil terra dos Papagaios), pelles, algodão, pimenta completaram os carregamentos. Provavelmente foram aqui deixados alguns animaes como gallinhas, porcos e cabritos, e talvez tentadas algumas plantações. Si tiverem razão os que combatem o indigenato da bananeta, esta planta deve ter vindo desde as primeiras expedições, tão vasta é a area em que geographicamente se distribue. Talvez se refira a estas éras primitivas um vago boato sobre a prohibição da cultura do gengibre. Tambem a cana de assucar foi introduzida desde o começo.

Navios destinados ao Oriente aqui passaram a fazer aguada e lenha, a refrescar ou a aguardar melhor tempo para dobrar o cabo da Boa Esperança, sempre tormentoso. Soldados desertaram indrizados pelas seducções de vida livre, degradados remetteram-se do reino e até da India. Naufragos, frequentes na costa pouco conhecida, forneceram outro contingente. Para facilitar as cargas de navios, de uma a outra viagem ficaram feitores, que, com espelhos, avelorios e sobretudo objectos metallicos, obtiveram dos retardatarios homens da

idade de pedra penetrassem no sertão á procura de pau vermelho, transportando-o a hombros para o littoral. Estampas quasi contemporaneas representaram este espectaculo.

Fundaram-se feitorias. Podemos imagina-las galpões mais ou menos espaçosos, assentes no meio de uma estacada para evitar surpresas, tendo por mobilia algumas arcas e caixotes contendo os generos de resgate. A installação summaria permitia mobilizal-as como simples barracas, apenas havia noticia de outro ponto mais vantajoso, ou surdia qualquer receio ou desconfiança. Mais tarde estes estabelecimentos chegaram a ter artilharia.

As relações entre indígenas e alienigenas variavam com as latitudes. Na costa do Rio Grande do Norte a primeira expedição de 501 entrou logo em conflicto com a gente da terra, provavelmente Pediguares. Em outros pontos a cordialidade durou mais tempo. Na gazeta allemã portadora de noticias da armada de D. Nuno, lê-se que, ainda em 15-14, homens e mulheres embarcaram alvorçados para além-mar, onde pensavam deparar a terra da promissão. A historia desses primitivos tempos embuça-se em legendas obscuras, conservadas em roteiros e mappas coevos, que picam a curiosidade e soltam a phantasia: rio dos Refens, bahia dos Innocentes, angra dos Negros, terra dos Fumos, bahia da Traição, etc. Que innocentes? Que negros? Que traição? Que fumos?

A anarchia sobreveio naturalmente, pela volatilização dos instinctos sociaes dos immigrados, e

pela atracção da massa de selvajaria alastrando por todas as regiões accessiveis. As relações com as cunhãs, de que logo nasceram filhos, chamados mamalucos; a presença e ajuda em guerras de umas tribus contra outras; a assistencia aos festins anthropophagos marcam o processo regressivo dos colonos. Houve alguns que mataram gente no terreno, ataviados á moda dos indios, segundo seus ritos, informam os Jesuitas; houve-os que trincaram carne humana, confirma Léry; um no Rio Grande do Norte furou os beiços e as orelhas, affirma Gabriel Soares. Alguns raros, arremedos de sobrehomens, dominaram as vizinhanças: João Ramalho, o bacharel de Cananéa, e, com muito menos força, Camamurú (3).

A anarchia fermentou com mais violencia quando appareceram os Francezes. A primeira viagem autentica, a de Binot le Paulmier, de Conneville, em 503, juntaram-se outras e outras, tantas

(3) En esta vaya hallamos un portuguez que avia veynte e cinco años que estaba allí entre los indios y con él otros seis ó siete portugueses que avian quedado allí de una armada de Portugal que se avia perdido en aquella costa y este portuguez me dió de lo que tenía que es la comida de aquella tierra, harina de un palo que dicen yuca y algunas batatas y raíces de apio y harto poco y allí cierta gente de la que yo llevaba saltó en tierra y los indios los pusieron qual su madre los parió y aun segun despues suhe estubieron para los comer sino fuera por un otro hidalgo portuguez que estava allí que lo estorbó al otro, porque es peor que los indios y come carne humana. Isto escrevia em 35 Juan de Mori, companheiro de Simão de Alcaçava: o documento está impresso ás pag. 217-224 do livro de Morla Vicuña — *Estudio historico sobre el descubrimiento y conquista de la Patagonia y de la tierra del Fuego*, Leipzig, 1903.



que não cediam em numero ás dos Portuguezes; e como não tinham de pagar direitos á corôa, nem precisavam de licença dos arrendatarios, e seus navios iam directamente ás costas normandas ou flamengas, proximas dos centros populosos onde as drogas do Brasil encontravam mais accitação, as viagens dos Francezes sahiam mais proveitosas e prejudicavam seriamente aos mareantes e mercados de Portugal.

Rebentaram conflictos entre os representantes dos dois povos estrangeiros, e os Indios formaram ao lado de cada um. A favor dos *Mairs*, isto é, dos Francezes, combatiam os Tupinambás (Potiguara, Tamoios); pelos *Perús*, isto é, Portuguezes, declararam-se os Tupiniquins (Tabajaras, Pierres vortes dos Francezes). Aquelles demandavam de preferencia o litoral pernambucano, como prova a denominação de *bois de Fernambouc*, dado ao pau brasil. Si Peruhipe, rio bahiano, quizesse dizer agua dos Perús, poder-se-ia concluir que estes referiam as plagas descobertas por Cabral. A hostilidade entre os Tupinambás e os Perús persistiu durante o correr de todo o seculo XVI, e só terminou com as devastações terriveis de Bento Maciel nas bronhas do Maranhão e Pará, nos primeiros lustros do seculo seguinte.

A inimizade e os conflictos entre Francezes e Portuguezes proseguiram com vario successo. Já em 1514 D. Manuel mandava á França queixar-se contra as invasões dos entrelopos em seus dominios ultramarinos. Quando D. João III subiu ao throno

em 21 verificou que o Brasil, a principio fonte de renda, nada mais produzia para a Corôa. Reclamações repetidas, negociações secretas, peitas de altos funcionarios resultaram em promessas não cumpridas. Impunha-se attitudo mais energica. Em 27 resolveu-se mandar uma armada de guarda-costa ás ordens de Christovam Jaques.

Castelhano ao serviço de Portugal, Christovam Jaques já estivera no Brasil os ultimos tempos, ainda por mandado de D. Manuel. Encarregado de pesquisar metaes, chegara até o rio da Prata, onde alguns companheiros de Solís confirmaram as noticias das riquezas transandinas, primeiro transmittidas á Europa na armada de D. Nuno Manuel. Prometteu-lhes tornar dentro em pouco tempo. De viagem para o reino fundou uma feitoria em Pernambuco (\*), que aturou alguns annos, talvez de 22 a 30.

Sob o novo reinado, Christovam Jaques reclamou os premios prometidos por D. Manuel, si sua expedição desse resultado; aborrecido das delongas, offereceu-se ao embaixador de Carlos V em Evora, para tomar novamente o serviço de Es-

(\*) O que se afirma aqui sobre C. Jaques resulta de uma carta de Juan de Cúñiga, embaixador espanhol, datada de Evora, 27 de julho de 1524, e primeiramente publicada por José Toribio Medina em sua *monographia de Solís*. O embaixador não cita o nome do viajante, mas todos os documentos conhecidos attestam a presença de Christovam Jaques no rio da Prata antes de 1526, e a existencia da feitoria fundada por elle em Pernambuco antes da chegada de Caboti; dahi a necessidade de identificar o anonymo de 24 e o comandante da armada de 27.

panha, si lhe compensassem os cincoenta mil maredis de certos reguengos que destructava em Portugal.

Afinal ponde vir novamente ao Brasil, mas com objecto muito differente do que pretendia, — não a devassar minas, mas a guerrear Francezes.

De uma nau e cinco caravellas constava a armada de seu commando que em meados de 27, aportou a Pernambuco. Uma caravella tornou logo dali carregada de pau brasil. Com as outras viajou para o Sul, travando combates sempre victoriosos contra os Francezes, um delles na bahia de Todos os Santos, segundo tradição conservada por Gabriel Soares. Grandes crueldades andam associadas á sua memoria: enterrava prisioneiros até o pescoço para alvo de pontaria; entregava-os á voracidade dos anthropophagos, perjuro de promessas feitas sobre a hostia consagrada. Nestas historias deve entrar muito exagguo, si effectivamente ainda conduziu para o reino trezentos prisioneiros, como parece. Tambem pode ser que o numero dos Francezes fosse muito maior do que imaginamos. Em 28 Antonio Ribeiro assumiu o commando da armada de guarda-costa.

Christovam Jaques, que em 24 affirmava ao embaixador espanhol não existir coisa de proveito no Brasil, tiradas as minas do Prata, expoz no reino em 529 um plano de colonização da terra. Do facto conhecido e attestado por Diogo de Gouvêa ignoram-se as circumstancias. Talvez as queixas,

fundadas ou não dos Francezes, se oppuzessem á accitação da proposta de seu ferreinho perseguidor.

Em todo caso a idéa de colonizar as terras descobertas por Pedralvares andava por assim dizer no ar. Apresentou-a ao mesmo tempo alguém que nunca viera ao Brasil: o irmão do capitão-mór de S. Miguel, João de Mello da Camara (\*), descendente de uma familia de illustres navegadores, como lembrava em carta a D. João III: «porque a ilha da Madeira meu bizavô a povoou, e meu avô a de São Migel, e meu tío a de São Tomé e com muito trabalho e todas de geito que ve, e eu espero parecer-lhe nisso, pois no mais as caronymas dos reis passados dou em prova, e se nã conhecera de

(5) Uma carta de Diogo de Gouvêa, vulgarizada por Varnhagen em suas *Primeiras negociações diplomaticas*, p. 135, datada de 29 de Fevereiro (sic) de 1532, diz que tres annos antes se offereceram a povoar o Brasil o irmão do capitão da ilha de S. Miguel com dois mil moradores e Christovam Jaques com mil. Isto fixa a data em fins de 1529, começo de 1530. O nome do capitão de São Miguel, Varnhagen apuroa logo: o de seu irmão, encontrado em livros de historia açoiana, apparece agora pela primeira vez. A carta de João de Mello foi primeiramente publicada por Sousa Viterbo. *Trabalhos nauticos dos portuguezes nos seculos XVI e XVII*, Lisboa, 1898, que a precede das seguintes linhas:

“A carta que em seguida publicamos tem dois graves defeitos: o não ter data nem indicar o lugar onde foi escripto, o que faz com que nos pareça ainda mais prolixa e obscura. Indubitavelmente, é dos meados do seculo XVI e desconhamos que se referia a alguma lava de gente que partisse dos Açores ou da Madeira a povoar o Brasil. Não podemos saber com certeza quem seja o signatario João de Mello da Camara, que faz uma importante referencia aos serviços de seus antepassados. Um delles, seu bisavô, povoou a Madeira; seu avô a de S. Miguel, e seu tío a de S. Thomé. Aqui estão já tres fios meito aproveitaveis para nos guiarem neste labyrintho em estudo

mi o que digo nã commetterá tal empreza ne' menos estes omes me escolherá pera isso, ne' qizerão gastar suas fazendas e aventurar suas pessoas comygo».

Qual o plano de Mello da Camara? «Por em duas viagens mui moradores e pessoas taes e obrigarme a iso a minha propia custa e despesa daqy a myl e tresentas llegoas, a ganhar lhe huma terra de que nã tem nenhum proveito e pode ter muito e povoar-lha e conquistarlha de muitas gentes que tem e mui gerceiras».

E continúa: «cu o quero servir sem gastar de sua fazenda nenhuma cousa, e porque os omens que comygo hão de ir são de muita sustancya e pessoas muy abastadas, e que podem cõsigo llevar muitas egoas, cavallos e gados e todallas cousas necessarias para fructificamento da terra, e são taes que pera a conquistarem e sujigarem em nenhuma

---

mais demorado. Em todo caso, a carta merete não ficar no esquecimento dos archivistas e sob mais rigoroso exame deve ser interessantissimo". *Trabalhos nauticos*, 1, 215.

O bisavô que povoou a ilha da Madeira foi João Gonçalves Zarco; o avô que povoou a ilha de S. Miguel foi Ruy Gonçalves da Camara, terceiro donatário da ilha, desde 1474 a 1497; o tio que povoou a ilha de S. Thomé deve ter sido Felippe de Mello. João de Mello da Camara, filho de João (Rodrigues ou Gonçalves) da Camara, quarto donatário de S. Miguel, e de D. Ignez da Silveira, metteu-se frade de Alcobaca, mas depois obteve bullas e provisões apostolicas, para passar á ordem de Santiago. Nas demandas a que allude a carta publicada por Sousa Viterbo, obteve sentença favoravel, e entrou em accordo com o irmão Ruy Gonçalves, quinto donatário, a 12 de Agosto de 1532. Pode-se consultar sobre a familia os livros de Gaspar Fructoso, Antonio Cordeyro, Caetano de Sousa, o *Archivo dos Açores*, etc.

parte saberia buscar outros que mais para iso fossem e nã sã omens que estimem tão pouco o serviço de vosa alteza e suas honras que se contentem com terem quatro indias por mancebas e comerm dos mantimentos da terra como faziam os que della agora vieram, que escs são os que lla querem tornar por moradores e outros taes».

A allusão é clara a Christovam Jaques, a quem João de Mello da Camara em outros pontos se refere com acrimonia, insistindo bem em que elle Camara é nacional, o que não teria sentido si Christovam Jaques tambem o fosse.

A proposta de Camara não se deu andamento: o Brasil continuou entregue a homens que se contentavam «com terem quatro indias por mancebas e comerm dos mantimentos da terra».

Esta expressão lapidar resume mais de trinta annos de nossa historia.

## II

Que era a vida segura e conversavel, instituida por Martim Affonso nas praias de São Vicente e nos campos de Piratininga?

Ao começar o seculo XVI, Portugal labutava na transição da idade média para a era moderna. Coexistiam em seu seio duas sociedades completas, com sua hierarchia, sua legislação e seus tribunacs; mas a sociedade civil não professava mais a superioridade transcendente nem se sujeitava á dependencia absoluta da igreja, despida agora de muitas de suas historicas prerogativas, obrigada a reduzir suas pretensões.

O estado reconhecia e acatava as leis da igreja, executava as sentenças de seus tribunacs, declarava-se incompetente em quaesquer litigios debatidos só entre clerigos, só punia um ecclesiastico si, depois do degradado, lhe era entregue por seus superiores ordinarios, respeitava o direito de asylo nos templos e mosteiros para os criminosos cujas penas eram de sangue, abstinha-se de cobrar impostos do clero.

A igreja dominava soberana a familia pelo baptismo, tão necessario á vida civil como á salvação da alma, pelo casamento que podia permitir,

sustar ou annullar com impedimentos dirimentes, pelos sacramentos distribuidos atravez da existencia inteira, pela excommunhão que incapacitava para todos elles, pelo interdicto que separava communidades inteiras da communicação dos santos, pela morte, permittindo ou negando suffragios, deixando que o cadaver descansasse em logar sagrado junto aos irmãos ou apodrecesse nos monturos em companhia dos bichos; dominava pelo ensino, limitando e definindo as crenças, estremando o que se podia do que não era licito aprender ou ensinar.

Contra ella, na esphera estreita ainda em que firmara sua competencia, depois de lutas com o papado e com o clero indigena, o estado empregava o placet para os documentos emanados do solio pontificio, os juizes da corôa para resguardar certos orgãos essenciaes ao exercicio normal da soberania plena, as leis de amortização para limitar-lhe as acquisições prediaes, as temporalidades para abater certas resistencias. Em compensação, repartia sua jurisdicção com o outro poder em casos por isto chamados *mixti fori*, prestava o braço secular para executar, até por morte violenta, os condemnados pelo juizo ecclesiastico, duramente castigava certos actos só porque a igreja os considerava peccaminosos, em summa o mesmo que hoje os interesses economicos ou fiscaes pesavam então inspirações religiosas e considerações ecclesiasticas.

Apesar de tudo occorriam frequentes attritos entre a igreja e o estado, aquella disposta a abrir o menos possivel mão de suas attribuições antigas,

este conquistando ou assumindo sempre novas attribuições, para arcar com os problemas crescentes, legados onerosos do regimen medieval, exigencias inadiaveis de uma situação transformada pelo commercio fortalecido, pelas communicações amiadadas, pela industria renascente, pela renovação intellectual, pela circulação metallica em luta contra a economia naturalista, rasgando horizontes mundiaes.

Como, o papa, cabeça da sociedade religiosa, o rei tornara-se o sujeito juridico da sociedade civil; na qualidade de senhor absoluto, seus poderes não admittiam fronteiras definiveis, invocados como um principio de equidade superior, como remedio a casos exceptionaes, graves e imprevistos. De outros poderes susceptiveis de definição, podia fazer uso mais ou menos completo e aliena-los em parte.

Era direito real bater moeda, crear capitães na terra e no mar, fazer officios de justiça, do infimo ao pino da carreira, travar guerra, chamando o povo ás armas com os mantimentos necessarios. Para seu serviço tomava carros, bestas e navios dos subditos; pertenciam-lhe as estradas e as vias publicas, os rios navegaveis, os direitos de passagem de rios, os portos de mar com as portagens nelles pagas, as ilhas adjacentes ao reino, as rendas das pescarias, das marinhas, do sal, as minas de ouro, prata e quaesquer outros metaes, os bens sem dono, os dos malfetores de certos crimes. El-rei concentrava toda faculdade legislativa, os votos das Côrtes só valiam com o seu assenso e enquanto lhe apraziam, pois as disposições mais precisas podia

dispensar, especificando-as; juizes e tribunaes eram delegações do throno.

Abaixo do rei estava a nobreza, numerosa em familias como nas distincções que separavam umas de outras, comprehendendo desde os senhores donatarios, com honras, coutos e jurisdicção, e os grãos-mestres das ordens militares, cujo mostrador o rei houve por bem afinal assumir, até simples cavalleiros e escudeiros. Seu poderio fôra grande; agora contentava-se com o monopolio dos cargos publicos, com o papel saliente nos tempos de guerra ou nos conselhos da corôa, com a situação privilegiada nas questões penaes, em que o titulo de nobre defendia dos tormentos ou acarretava diminuição de pena. A nobreza não era uma casta exclusiva; davam para ella varias portas, entre as quaes as das letras.

Abaixo da nobreza acampava o povo, a grande massa da nação, sem direitos pessoais, apenas defendidos seus filhos por pessoas moraes a que se acostavam, lavradores, mecânicos, mercadores; os de mór qualidade chamavam-se homens bons, e reuniam-se em camaras municipaes, órgãos de administração local, cuja importancia, então e sempre somenos, nunca pesou decisivamente em lances momentosos, nem no reino, nem aqui, apesar dos esforços de escriptores nossos contemporaneos, illudidos pelas apparencias fugazes ou cogados por idéas preconcebidas.

Abundavam pessoas moraes a que o povo se podia filiar, — corporações limitadas como as de

modedores e bombardeiros, collectividades maiores como os cidadãos do Porto. Os privilegios inherentes a estes foram outorgados a varias cidades do Brasil, Maranhão, Bahia, Rio e S. Paulo pelo menos; pelo que encerram dão bem a idéa de direitos regateados a quem tinha para soccorrer-se a mera qualidade de ser humano.

A estes felizes cidadãos do Porto concedeu D. João II:

que elles não fossem mettidos a tormentos por nenhuns maleficios que lhessem feito, commetido e commettessem e fizessem dahi por diante, salvo nos furtos e daquellas qualidades e nos modos em que o devem ser e são os fidalgos do reino e senhores;

que não podessem ser presos por nenhum crime sómente sobre suas monagens e assim como o são e devem ser os ditos fidalgos;

que podessem trazer e trouxessem por todos os seus reinos e senhorios quaes e quantas armas lhes aproovessem de noite e de dia, assim offensivas como defensivas;

que não pousassem com elles nem lhes tomassem suas casas de moradas, adregas, nem cavallariças, nem suas bestas de sella, nem outra nenhuma cousa de seu contra suas vontades e lhes catassem e guardassem muito inteiramente suas casas, e houvessem com ellas e fora dellas todas as liberdades que antigamente haviam os infanções e ricos homens;

que os serviços agrícolas só fossem á guerra com os patrões.

Abaixo do terceiro estado havia ainda os servos, escravos, etc., cujo direito unico se cifrava em poderem, dadas circumstancias favoraveis, passar á classe immediatamente superior, pois, comquanto rentes as separações, as classes nunca se transformaram em castas.

Os tres braços do clero, da nobreza e do povo, convocados em occasiões solenns e a intervallos arbitrarios constituíam as Côrtes. Meramente consultivas ou por igual deliberativas? Liquidem entre si este ponto os eruditos de além-mar; fóra de duvida é que só valeram emquanto os reis consideraram reinar como um officio e precisaram de recursos pecuniarios.

A prosperidade e o povoamento do Brasil provaram fataes a esta veneravel instituição. Por uma coincidência nada fortuita, reuniram-se as ultimas Côrtes em 1697, quando o ouro das Geraes começava a deslumbra o mundo, e só reviveram com a revolução franceza, as guerras napoleonicas e a independência de facto do Brasil, trasladada para aqui a séde da monarchia portugueza.

Em 1527 a somma total dos fogos em todo o reino andava por duzentos e oitenta mil quinhentos e vinte e oito; dando a cada um destes o numero de quatro individuos, a população do reino seria naquella anno de um milhão cento e vinte e dois mil cento e doze almas. Com este pessoal exiguo, que não bastava para enche-lo, ia Portugal

povoar um mundo. Como conseguiu-lo, sem tomar «mulheres da terra por mancebas»?

A agricultura estava atrasada. Damião de Côes, que conhecia os trabalhadores agrícolas de Portugal, como proprietario que era em Alemquer, sua terra natal, explicando, em 1541, á opinião letrada da Europa a razão dos atrasos da agricultura em Portugal e Espanha, faz-lhe saber que «a fertilidade espontanea do solo é tamanha que a maior parte do anno os escravos e os homens pobres se podem sustentar lautamente de fructos silvestres, mel e ervas, o que os faz pouco propensos á agricultura». Não estava essa gente disposta a atirar-se logo á mandioca e contentar-se com os mantimentos da terra? como lhe reprochava indignado João de Mello da Camara.

De todos estes elementos da vida segura e conversavel, já nos disse Pero Lopes quaes Martin Affonso implantou nas virgens plagas paulistas; deu terras em sesmarias, criou camaras, nomeou alcaides, tabelhões e juizes, com que cada um ficou senhor do seu, vestiu as injurias particulares, etc.

Fundadas as duas villas, Martin Affonso tomou o parecer das pessoas que para isso eram sobre o proceder mais ajustado á situação, e concordou-se tornarem os navios para o reino á vista do seu lastimoso estado, levando a gente do mar, para não ficarem percebendo soldo sem prestar serviços, e comendo os poucos mantimentos. O capitão-mór aguardaria a volta de Pero Lobo e Francisco de

Chaves, com os quatrocentos escravos carregados de ouro.

Quarta-feira 22 de Maio, uma hora antes do sol se pôr, sahio Pero Lopes do porto de São Vicente; a 24 pelo meio dia entrou na bahia de Guanabara. A espera da *Santa Maria das Candeas*, o preparativo de mantimentos para tres mezes tornaram todo o mez de Junho. Só a 2 de Julho partiu a armada, reduzida agora a dois navios: o galeão *S. Vicente* e a nau tomada aos Francezes, para a qual Pero Lopes logo se passou. A 18 entravam na bahia de Todos os Santos. Durante deze dias de demora, cafetaram-se os altos dos navios, tomaram-se mantimentos, fizeram-se outras coisas necessarias; passada revista á gente propria para lutar em combates apurou-se que eram cincoenta e tres.

Proseguiram a 30 de Julho. As aguas corriam para o Norte; a 4 de Agosto estavam na ilha de S. Aleixo. «Demorava-me ao Norte, e como me cheguei a ella vi hũa náu que estava surta entre ella e a terra: parecia ser mui grande: logo me deci da gavoa, e mandei fazer prestes a artilharia e mandei fazer sinal ao galeão que vinha por minha popa, e em chegando-se a mym lhe disse que pusesse a artilharia em ordem e se fizesse a gente prestes por que si a náu que estava na ilha surta fosse de França, avia de pelejar com ella».

Era effectivamente franceza a nau? Houve peleja? O diário interrompe-se aqui para só continuar tres mezes mais tarde: «Segunda-feira 4 dias do mes

de Novembro da era de 1532 parti do porto de Pernambuco com o vento da terra». As outras informações que se estendem até sabbado 23, com as quaes termina a narrativa, nem uma referencia fazem aos successos. Fundado em documentos desconhecidos ainda, assegura Varnhagen que Pero Lopes tomou uma fortaleza ali estabelecida pelos Francezes e deixando-a guarnecida de gente sua ás ordens de um Paullos Nunes, fez-se de vela para Portugal, levando consigo duas naus francezas que tomara, alguns indios e trinta e tantos prisioneiros.

Dois documentos, um dos quaes contemporaneo, narram o successo por modo tão differente que póde haver duvida si em Pernambuco praticou uma ou duas proezas o irmão de Martin Afonso.

Segundo o primeiro, Bertrand d'Ornesan, barão e senhor de Saint-Blancard, armou em Marselha uma nau chamada *La Pélerine* com muitas peças, cento e vinte homens de armas, e mandou-a a resgatar em Pernambuco. Depois de tres mezes de viagem, appproximadamente em fins de Fevereiro ou Março de 31, chegaram os nautas a seu destino, venceram em terra seis portuguezes que lhes resistiram ajudados pelos indios, fundaram uma fortaleza, que lhes custou quatro mil ducados, e estabeleceram proveitoso commercio com o gentio. A nau, bem carregada de mercadorias, estimadas pelo dono em sessenta e dois mil e trezentos ducados, — cinco mil quintaes de pau brasil, trezentos quintaes de algodão, trinta de pimenta, seiscentos papagaios já falando um pouco de francez, tres mil pelles de



leopardos e outros animaes, trezentos macacos, oleos medicinaes e até minério de ouro (et de mina auri que purificata ut decebat ter mille ducatos reddisset) — fez-se de vela, e a viagem correu placidamente até Malaga, onde arribou por falta de mantimentos. Estava ali uma armada portugueza que recebeu muito bem os Francezes, deu-lhes os alimentos de que precisavam, sahio em sua companhia do porto, sempre com as maiores demonstrações de carinho e amizade. Tudo aleivel! A 15 de Agosto, os Portuguezes assaltaram *La Pélerine*, tomaram-lhe a carga, aprisionaram-lhe a gente, mandaram a todos para Portugal, onde ficaram presos. El-rei, ao saber da noticia, armou tres naus para irem tomar em Pernambuco a fortaleza ali deixada, o que Pero Lopes conseguiu, (circa menssem decembris dicti anni millessimi quingentesimi primi), depois de bombardeada dezoito dias.

O outro documento, incorporado na *Historia* de frei Vicente do Salvador, concluida em 1627, é evidentemente contemporaneo, ou quasi contemporaneo, tantas as particularidades nelle contidas.

Tambem segundo frei Vicente, Pero Lopes de Sousa partiu directamente da Europa, e comquanto o chronista não declare o numero de navios, vê-se que deviam ser tres.

A chegada, da ilha de Itamaracá partia uma nau franceza carregada para a França, contra a qual mandou uma caravella muito veleira (a caravella era um pensamento, assegura frei Vicente). Como a nau franceza estava sobrecarregada, «posto

que alojou muita parte da carga de pau brasil, emfim foi alcançada e querendo se pôr em defesa, lhe tirarão da nossa hum pelouro de canôa, que a colheu de proa a pôa e a desengançou de huma banda e lhe matou alguns homens, com o que se renderão os mais, que erão trinta e cinco entre grandes e pequenos, e a nau com oito peças de artilharia...» Outras duas caravellas, commandadas por Alvaro Nunes de Andrada e Sebastião Gonçalves de Arvellos, tomaram uma nau que vinha de França com munições e resgates aos Francezes.

Rendida a fortaleza, grande parte da guarnição foi morta, por motivos em que o barão de Saint Blancard e a fonte de frei Vicente variam.

Em vez de combinar os documentos vistos por Varnhagen e ainda desconhecidos, o protesto de Bertrand d'Ornesan e o informante de frei Vicente, deixemo-los com todas as discordancias aos investigadores futuros.

Em summa, interessa-nos sómente saber que a feitoria de principio fundada por Christovam Jaques ainda desta vez resurgiu das cinzas.

Esbatidos pela distancia e deformados pela re-tentiva, decennios mais tarde os successos narrados e os que vão sobrevir assim se espelhavam na alma de um indio pernambucano:

«Vi o estabelecimento dos Perós em Pernambuco e Potyú. ...No principio os Perós não faziam sinão resgatar, sem querer se habituar de outro modo. E neste tempo dormiam livremente com

as filhas de nossos semelhantes de Pernambuco e Potyú, que o tinham por grande honra.

«Depois disseram que cumpria que se habituassem com elles, e precisavam fazer fortaleza para guarda-los e construir cidades para morarem todos juntos, fazendo parecer que não desejavam ser si não uma nação. Depois fizeram-lhes entender que não podiam tomar suas filhas desta sorte, que Deus lhes prohibia servir-se dellas a não ser por casamento, e que não deviam com ellas casar si não fossem baptisadas e para faze-lo era necessario ter Pays (Padres).

«Fizeram, pois, vir Pays, os quaes plantaram cruzes, começaram a instrui-los e depois a baptisalos. Persuadiram-lhes mais que não podiam passar sem escravos nem os Pays tão poucos para o serviço caseiro e trabalharem para elles, o que se foi obrigado a dar-lhes. E não contentes de escravos tomados na guerra, quizeram ainda ter seus filhos e afinal cativaram a nação com tamanha tyrania e crueldade continuamente exercidas sobre nossos semelhantes, que a maior parte dos que restavam foram como nós obrigados a largar a terra.»

Assim desafogava junto aos Francezes do Maranhão em 1612 o venerando Momboré Ouassou «aagé de plus de neuf vingts ans (6)».

(6) Claude d'Abbeville, *Histoire de la mission des Pères Capucins en l'isle de Maragnan*, 149, v. 130. Paris, 1614. Deste livro raro, e nunca reimpresso, ha uma traducção de Cesar Augusto Marques, Maranhão, 1874.

Por extravios de originaes deixam de sahir as notas, que se referiam ao capitulo 50 da *Arte de Jurar*, e diversos livros e titulos das *Ordenações Manuelinas*, as obras de Gama Barros sobre *Administração publica em Portugal*, a de S. S. Costa Lobo sobre a *Historia da Sociedade em Portugal no seculo XV*, *Processo criminal br.* por João Mendes de A. J., no *Orbe Seraphico Brasilico de Jaboatão*, parte indita, 784-786, Rio, 1802, etc.

## SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

Rua Capistrano de Abreu, 48

RIO DE JANEIRO

BRASIL

Fundada em 11 de Setembro de 1927

## ESTATUTOS DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

Art. 1.º — Sob a denominação de SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU, fica constituída, nesta Cidade, uma sociedade formada pelos abaixo assignados, amigos e discipulos de João Capistrano de Abreu, no proposito de prestar-lhe homenagem a sua memoria.

Art. 2.º — A Sociedade receberá, devidamente relacionadas, dos herdeiros de João Capistrano de Abreu, a Bibliotheca e Archivo desta, que ella se obriga a guardar e conservar, sem nenhuma remuneração por esse serviço, bem como a entregal-os e restituil-os aos mesmos herdeiros, ou a quem os represente legalmente, no caso de dissolução da sociedade.

Art. 3.º — A Sociedade promoverá:

a) — a edição de trabalhos inéditos e cartas-missaivas, e a re-edição de obras já publicadas de João Capistrano de Abreu;

b) — a tradução e publicação das obras dos viajantes e sabios estrangeiros, que percorreram o Brasil.

Art. 4.º — A Sociedade publicará quaisquer trabalhos e documentos de valor, relativos a assumptos brasileiros, anotados e commentados.

Art. 5.º — A Sociedade criará premios para as investigações, contribuições e obras consideradas de merito, referentes á Historia, Ethnographia, Ethnologia e Linguistica Brasileira, com o fim de incentivar os respectivos estudos.

Art. 6.º — Cada um dos socios effectivos e fundadores contribuirá para os despesas sociaes com a mensalidade de 10\$000, paga adiantadamente por trimestre, semestre ou anno, á vontade do contribuinte, constituindo-se o fundo da sociedade com o saldo das contribuições, rendas e donativos eventuaes.

Paraphrasis unico. — O atraso de um anno no pagamento das contribuições, importará em renuncia ao logar de socio, abrindo-se vaga.

Art. 7.º — O numero de socios será limitado — não podendo exceder de 110 effectivos e 10 honorarios ou correspondentes — e as vagas serão preenchidas por eleição da assembleia da Sociedade e proposta da Comissão Executiva, havendo preferencia para os premiados pela propria Sociedade.

Art. 8.º — Os membros da Sociedade não respondem subsidiariamente pelas obrigações contrahidas, expressas ou tacitamente, em nome della.

Art. 9.º — A Sociedade será administrada por uma Comissão Executiva, composta de 12 socios, que será designada em assembleia geral e exercerá suas funções durante tres annos.

Art. 10.º — Os membros da Comissão Executiva serão escolhidos entre os socios versados em estud. a historicos, geographicos, ethnographicos ou linguisticos, além de um representante masculino da familia de Capistrano de Abreu, que deverá ser um dos membros da Sociedade.

Art. 11.º — A Comissão Executiva distribuirá entre seus membros, de accordo com os conhecimentos especiaes de cada um, os respectivos trabalhos, como também os encargos de administração, e escolherá um de seus membros para a direcção geral dos serviços.

Art. 12.º — O membro da Comissão Executiva encarregado geral dos serviços representará a Sociedade em juizo ou fora d'elle, em suas relações com terceiros e poderá vacillar entre os socios um, para exercer as funções de thesoureiro, e outro, para os serviços de Secretaria.

Art. 13.º — Uma Assembleia Geral terá lugar no dia 23 de Outubro de cada anno, anniversario do nascimento de Capistrano de Abreu, e as demais assembleias socios se realizarão por livre convocação da Comissão Executiva.

Art. 14.º — No caso da dissolução da Sociedade, o patrimonio desta, com excepção da bibliotheca e archivo a que se refere o artigo 2.º dos Estatutos, passará a instituição congénere, que se destine aos mesmos fins.

Art. 15.º — Para o caso previsto no artigo anterior, bem como para reforma destes Estatutos, será preciso o voto expresso da maioria absoluta dos membros da Sociedade.

## COMISSÃO EXECUTIVA DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABRÉU

1927-1930

(SOCIOS FUNDADORES)

PAULO PRADO  
31, avenida Hygienópolis (S. Paulo)

JOÃO PANDA CALOGERAS  
422, rua Voluntarios da Patria (Rio de Janeiro)

JAYME COELHO  
42, rua Custodio Serrão (Rio de Janeiro)

MIGUEL AARLIADO LEBEA  
428, praia de Botafogo (Rio de Janeiro)

ARMANDO DE ABEY  
50, rua do Corcovado. (Rio de Janeiro)

M. SAM ALI  
215, estrada da Saudade. (Petropolis — Estado do Rio)

RODOLPHO GARCIA  
86, rua Real Grandeza, casa V (Rio de Janeiro)

ARMANDO PEREIRA  
97, rua Payandú (Rio de Janeiro)

THEODORO SAMPARO  
22, Imdeira de São Bento (Bahia)

AFONSO DE E. TAYNAY  
Museu do Ypiranga (S. Paulo)

R. ROQUEMONT PINTO  
Museu Nacional (Rio de Janeiro)

EUGENIO DE CASTRO  
28, rua Pereira da Silva (Rio de Janeiro)

HERACLITO DOAGNOSTINI  
PERSOURMERO  
21, rua Cópia  
RIO DE JANEIRO

MEMBROS  
DA  
**SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU**

(FUNDADA EM 11 DE SETEMBRO DE 1927)

ADRIANO DE ABREU — (sócio fundador)  
50, rua do Corcovado — Rio de Janeiro

AFONSO DE E. TAUNAY — (sócio fundador)  
Museu do Ypiranga — Estado de S. Paulo

AFRÂNIO FREYRE — (sócio fundador)  
97, rua Foyssandú — Rio de Janeiro

ALEXANDRE DE FARIAS  
122, praia de Flamengo — Rio de Janeiro

ALEXANDRE FANCHER  
Chateau d'En — França

ALCANTARA AMOROSO LIMA  
148, rua d. Marianna — Rio de Janeiro

ALCANTARA BEZERRA  
Arquivo Nacional — Rio de Janeiro

ALEXANDRE JOSÉ MACHADO LIMA SOBRINHO  
Redação do "Jornal do Brasil" — Rio de Janeiro

ALFREDO BILLY JUNIOR  
Congresso Estadual — São Paulo

ALFREDO FUIOL  
S.A. rua S. Bento — S. Paulo

AMERICO LINDOLF  
41, rua de S. Salvador — Rio de Janeiro

ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO  
13, rua Benjamin Constant — S. Paulo

- ANTONIO BAPTISTA PEREIRA  
Jockey Club — Rio de Janeiro
- ANTONIO FELIX DE BULHÕES  
90, rua Pereira da Silva — Rio de Janeiro
- APRILIO NACHELA  
Sta. Antonio do Machado — Estado de Minas Geraes
- ARIBS BRASIL  
Melo — República del Uruguay
- ASSIS CHATEAUBRIAND  
O "Jornal" — 12, rua Rodrigo Silva — Rio de Janeiro
- AUGUSTO DE LIMA  
432, rua Marquez de S. Vicente — Rio de Janeiro
- ADRIANO LOPEZ DE SOUZA  
Bibliotheca Nacional — Rio de Janeiro
- BARÃO DE RAMOS CALVO  
228, Campo de S. Christovão — Rio de Janeiro
- BARÃO DE STUART — (sócio honorário)  
Fortaleza — Estado do Ceará
- BACULO DE MAGALHÃES  
17, rua Paulino Fernandes — Rio de Janeiro
- BRAS DO AMARAL  
54, rua Monte Alegre — Rio de Janeiro
- BRUNO BAUGER  
26, sob. Praça Visconde de Mauá — Santos — Est. do S. Paulo
- CANDIDO MARCANHO DA SILVA RONDON  
1502, rua Marquez de S. Vicente — Rio de Janeiro
- CARLOS MALHEIRO DIAS — (sócio correspondente)  
152, rua Buenos Aires — Rio de Janeiro
- CARLOS MIGUEL DELGADO DE CARVALHO  
107, rua Senador Vergueiro — Rio de Janeiro
- CARLOS WERNICK  
74, rua Pinheiro Guimarães — Rio de Janeiro
- CASSIUS BERLINCK  
Bibliotheca Nacional — Rio de Janeiro
- CÉSAR LOPES  
Estação da Cortêas — Estado do Rio de Janeiro

- CESAR RABELO  
183, rua do Cosme Velho — Rio de Janeiro
- CLEMENTE BLANDINENBERG  
Estação de Vassouras — Estado do Rio de Janeiro
- COLOMBO DE A. FORTUZA  
102, rua S. Ferreira — Rio de Janeiro
- CONDE DE AFFONSO CELSO  
36, rua Machado de Azevedo — Rio de Janeiro
- CONSTANÇO ALVES  
124, (casa 2), rua do Cosme Velho — Rio de Janeiro
- DOMINGOS CORREIA  
58, rua Senador Vergueiro — Rio de Janeiro
- DUALMA FORJAZ  
Escola Normal — S. Paulo
- DUALMA GUIMARÃES  
Serviço Geológico — Rio de Janeiro
- EGGARD RAJA GABALIA  
532, praia do Flamengo — Rio de Janeiro
- E. ROQUETTE PINTO — (sócio fundador)  
Museu Nacional — Rio de Janeiro
- EDUARDO DE CASTRO REBELLO  
80, (casa 16) rua Real Grandeza — Rio de Janeiro
- ELOY DE SOUSA  
Grande Hotel — Largo da Lapa — Rio de Janeiro
- ESTYLO DE MONTENEGRO  
Cuyabá — Estado do Mato-Grosso
- EUGENIO DE CASTRO — (sócio fundador)  
98, rua Pereira da Silva — Rio de Janeiro
- EVARESTE BLANCHIER  
161, rua Joaquim Martins — Rio de Janeiro
- F. X. GUIMARÃES NATAL  
23, rua Almirante Tamandaré, 6.º andar — Rio de Janeiro
- FERNANDO RAJA GABALIA  
425, rua das Laranjeiras — Rio de Janeiro
- F. BRUNY  
34, rua S. José — Rio de Janeiro

- FRANCISCO MENDES DA ROCHA  
Dba de Paqueta — Rio de Janeiro
- FRANCISCO ROCHA LACÔA FILHO  
40, rua David Culpista — Rio de Janeiro
- FRANCISCO SA  
67, rua Almirante Tamandaré — Rio de Janeiro
- FRANCISCO SA FILHO  
22, rua Esteves Junior — Rio de Janeiro
- GALILEO FERREIRO  
106, rua Libero Sadaré — S. Paulo
- GUARA ARANTA  
23, praça Floriano Peixoto, 2.ª — Rio de Janeiro
- GUSTAVO BARROSO  
83, rua St. Ferreir — Rio de Janeiro
- GUSTAVO LEESE  
835, rua N.ª S.ª da Copacabana — Rio de Janeiro
- HANNEMANN GUTMANN  
Collegio Pedro II — Rio de Janeiro
- HELIO LERO  
Ministerio das Relações Exteriores — Rio de Janeiro
- HENRIQUE CASTROGIANO DE SOUTA  
Natal — Estado do Rio Grande do Norte
- HERRALDO DOMINIKER — (sócio fundador)  
22, rua Chile — Rio de Janeiro
- ILDEFONSO ALBANO  
Consulado do Brasil em Havana
- ISIDRO DE ALMEIDA E SILVA  
425, praça do Estaleiro — Rio de Janeiro
- JACY MONTEIRO  
59, rua de S. Januario — Rio de Janeiro
- JAYME COELHO — (sócio fundador)  
42, rua Custodio Serrão — Rio de Janeiro
- JERONYMO FIGUEIRA DE MELLO  
Embaixada do Brasil em Roma — Italia
- JOAQUIM DE CARVALHO FONSECA  
31, rua Visconde de Pirajá — Rio de Janeiro

- JOAQUIM LACERDA DE ABREU  
23, rua d. Varediana — S. Paulo
- JOÃO LUCIO D'ARZEU — (sócio honorario)  
21, Avenida de Bernes — Lisboa — Portugal
- JOÃO ESTRELA CALOGERAS — (sócio fundador)  
422, rua Voluntarios da Patria — Rio de Janeiro
- JOSÉ AUGUSTO VINHASS  
Revista Maritima Brasileira — Rio de Janeiro
- JOSÉ DO CARMO MONTE  
205, praça do Flamengo — Rio de Janeiro
- JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES  
rua da Consolação — S. Paulo
- JOSÉ CARLOS DE MATOS PEREIRA  
Fortaleza — Estado do Ceará
- JOSÉ DA COSTA SENNA  
122, rua Conde de Irajá — Rio de Janeiro
- JOSÉ DE MENDONÇA  
80, rua Curvello — Rio de Janeiro
- JOSÉ PARES BRANCO  
24 (1.ª andar), rua General Camata — Rio de Janeiro
- JULIANO MOREIRA  
286, Avenida Pasteur — Rio de Janeiro
- JURIO CONCEIÇÃO  
844, rua Consolidação Nobilis — Santos — Estado de S. Paulo
- JULIO MESQUITA FILHO  
Redação do "Estado de S. Paulo" — S. Paulo
- LEON SOARES  
16, rua das Magnolias (Caven) — Rio de Janeiro
- MALAN D'ANGELO  
136, rua Visconde Silva — Rio de Janeiro
- MANOEL BOMFIM  
336, rua Barata Ribeiro — Rio de Janeiro
- MANUEL CECILIO PEREIRA DA SILVA  
54, rua das Palmeiras — Rio de Janeiro
- M. PAULO FILHO — (sócio correspondente)  
Redação do "Correio da Manhã" — Rio de Janeiro

M. MOTA  
Fortaleza — Estado de Ceará

MARIO BISHUNO — (sócio honorário)  
Biblioteca Nacional — Rio de Janeiro

MIANE DE VASCONCELLOS  
Ministerio das Relações Exteriores — Rio de Janeiro

MIGUEL ABRIGADO LIMA — (sócio fundador)  
428, praia de Botafogo — Rio de Janeiro

MIGUEL CALMON DU PIN e ALMEIDA  
284, rua S. Clemente — Rio de Janeiro

MIGUEL CALGECER  
16, Avenue La Bourdonnais — Paris — VII ar. — France

MIGUEL COITO  
280, praia de Botafogo — Rio de Janeiro

MIRTON FLANCO  
Fazenda Botafogo — Vargem Alegre — Estado do Rio de Janeiro

MOZART MONTEIRO  
14, rua Rodrigo Silva — Rio de Janeiro

PAUL RIVER — (sócio correspondente)  
França

PAULO PRADO — (sócio fundador)  
31, Avenida Higienópolis — S. Paulo

PEDRO LÉO VELLOSO  
Ministerio das Relações Exteriores — Rio de Janeiro

PEDRO GOMES  
Ministerio das Relações Exteriores — Rio de Janeiro

PEDRINHO MONTE  
110, rua Bella Vista — Petrópolis — Estado do Rio de Janeiro

RAMIRO BERNARD DE CASTRO  
Câmara dos Deputados — Rio de Janeiro

RAUL NUN PEREIRA  
1074, rua Saldanha Marinho — Petrópolis — Estado do Rio de Janeiro

RENE DE CASTRO THIELLES  
40, rua 15 de Novembro — S. Paulo

ROBERTO MOTA  
Câmara dos Deputados — Rio de Janeiro

ROBERTO MOTA DA CUNHA PEREIRA  
38, rua d. Marianna — Rio de Janeiro

RODOLFO GARCIA — (sócio fundador)  
58, (casa V) rua Real Grandeza — Rio de Janeiro

RODRIGO OCTAVIO  
38, rua das Palmeiras — Rio de Janeiro

RODOLFO DE CARVALHO  
409, rua S. Clemente — Rio de Janeiro

SAM ALI — (sócio fundador)  
215, Estrada da Saudade — Petrópolis — Estado do Rio de Janeiro

TAMBO FRAGOSO  
57, rua David Camplata — Rio de Janeiro

THEODORO SAMPAIO — (sócio fundador)  
22, ladeira de S. Bento — S. Salvador — Estado da Bahia

TOMAS MONTEIRO  
204, rua Bella Vista — Petrópolis — Estado do Rio de Janeiro

VICENTE LUCIANO CARNEIRO  
234, rua Voluntários da Pátria — Rio de Janeiro

VIRGILIO BARROSA  
8, rua da Alfândega — 2.º andar — Rio de Janeiro

WASHINGTON LUIZ PEREIRA DE SOUSA  
Palácio Guanabara — Rio de Janeiro

WALLS (H. G.) — (sócio correspondente)  
Inglaterra



PREMIO "CAPISTRANO DE ABREU" DE 1928

"*Anchieta na Capitania de S. Vicente*", de Antônio de Alcântara Machado

"*Os companheiros de d. Francisco de Sousa*", de Francisco de Assis Carvalho Franco.

HOMENAGEM

PADRE JOSÉ MANUEL MAGALHÃES \* 24 de setembro de 1928.

LEONARDO DE BILHÕES \* 25 de dezembro de 1928.

JOSÉ CARLOS DE MOURA BRAGA \* 31 de dezembro de 1928.

GUSTAVO DE MOURA \* 28 de fevereiro de 1928.

RAJUL DUNLOP \* 31 de maio de 1929.

PAUL GROSSAC \* 26 de junho de 1929.

EDICAO DA  
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU  
MANDADA IMPRIMIR POR  
F. BRIGUIET & Cia.  
NA TYP. DO ANNUARIO DO BRASIL  
EM OUTUBRO DE 1929

Fundação Joaquim Nabuco 0770

Biblioteca Central Blanche Knopf  
Rua Dois Irmãos 92 - Apicurus

Abreu, J. Capistrano de João  
Capistrano de

O descobrimento do Brasil

98 1" 1500" / A162d

(26/85)

Prove que cede honrar os seus compromissos devolvendo com pontualidade este livro à Biblioteca.